

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Título: Desafios da vida pós prisão: O estigma prisional e a readaptação à vida extramuros- o estudo de dois casos.

Nome do candidato(a): Margarida Madruga Das Neves Silva Damas

Mestrado em Sociologia

Orientador(a): Doutor António Pedro Dores, Professor Auxiliar com Agregação
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2021



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Título: Desafios da vida pós prisão: O estigma prisional e a readaptação à vida extramuros- o estudo de dois casos.

Nome do candidato(a): Margarida Madruga Das Neves Silva Damas

Mestrado em Sociologia

Orientador(a): Doutor António Pedro Dores, Professor Auxiliar com Agregação
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2021

Agradecimentos:

Apesar de ser difícil sumarizar estes últimos meses, e o nível de enriquecimento a nível pessoal resultante, reconheço a necessidade de agradecer a ajuda que me foi dada.

Agradeço a ajuda do Professor António Dores por ter, desde logo, aceitar orientar este trabalho, e por me ter possibilitado crescer enquanto cientista social, ajudando-me a olhar para o mundo social sem as lentes socialmente instituídas, e acima de tudo, por me ajudar a ver para além do individual e do tipicamente aceitável.

Agradeço a ajuda dos participantes do meu estudo, em concreto ao “Artur” e ao “Bruno”, pois sem os mesmos não conseguiria ter aprendido a complexidade do estigma prisional. Agradeço a disponibilidade e a paciência para as nossas conversas, e por me terem ajudado a perceber que o diferente é meramente uma questão de perspetiva e distância.

A título mais distante, mas sempre presente, agradeço à minha família, pelo apoio incondicional, mesmo em situações de incompreensão, sem eles não teria conseguido esta realização pessoal.

Resumo:

A reclusão é concebida na lei portuguesa como *ultima ratio* do sistema penal, servindo a ressocialização do agente criminal e a proteção da sociedade. No entanto, a realidade patenteada nos índices de reincidência expõe um problema estrutural na readaptação pós-prisão.

A vida extramuros significa para o ex-recluso, nos primeiros anos após saída, um processo de readaptação à vida fora dos estabelecimentos prisionais, ultrapassando o impacto negativo do encarceramento. Este exige a criação de uma identidade temporária, para uso em reclusão e cristalizada socialmente no registo criminal, estigmatizando. O estigma condiciona a possibilidade de readaptação pós-pena, a um nível pessoal, familiar e profissional.

Para perceber de que forma o estigma prisional condicionou a vida extramuros e qual a sua ligação a outros eventuais estigmas prévios, desenhou-se um plano metodológico intensivo, visando explorar as potencialidades da noção de estigma. Levantaram-se histórias de vida de 2 ex-reclusos, ambicionando analisar as relações entre a situação prévia à reclusão e a adaptação à vida extramuros, explorando formas de mitigar o estigma.

Apesar de limitados pela quantidade de casos, os dados recolhidos evidenciaram uma continuação da punição extramuros. Os efeitos do estigma prisional revelaram-se diferentes para os sujeitos de estudo, objetiva e subjetivamente. A relação entre a experiência pessoal e social prévia e a intensidade do estigma revelou-se um campo a explorar. A reconhecida criminalização da pobreza deve ser reelaborada tendo em conta, o abandono familiar, escolar, sistémico e estrutural de crianças, que para além de pobres são traumatizadas pela respetiva experiência de vida.

Palavras chave: Estigma Prisional; Readaptação pós prisão; Reinserção social; Criminalização da pobreza; Desigualdades sociais;

Abstract:

Incarceration is a last resort measure for the Portuguese law, that must fulfill the resocialization of the criminal agent and protect the general society. However, the reality displayed by the recidivism rates exposes a structural problem on the adaptation post-prison.

Life post-prison means for the former inmate, on the first years after-release, a process of readaptation to a life besides the prison facility, surpassing the negative impact of incarceration. Incarceration demands the creation of a temporary identity, used during the sentence, that becomes socially crystallized on the criminal record, stigmatizing. This stigma constrains the possibility of readaptation post-prison at a personal, familiar and professional level.

To understand how prison stigma constrains former inmates and, its connections to others, eventual, previous stigmas, an intensive methodical plan was drawn, aiming to explore the potentialities of the concept of stigma. Life histories were collected from 2 former inmates to understand the relationship between their previous circumstances and their readaptation after prison, exploring ways of alleviating the stigma.

Despite limited by the quantity of cases analyzed, data showed a continuum of punishment, outside prison. The effects of prison stigma emerged as different, on objective and subjective levels, for the studied cases. A relationship between personal and social experience prior to imprisonment and the intensity of the stigma felt afterwards, appeared as a field to explore. The concept of criminalization of poverty must be re-elaborated, considering different levels of structural and institutional abandonment of children, that besides being poor, are traumatized by their own experiences.

Key Words: Prison stigma; Post-prison adaptation; Inmate reentry; Criminalization of poverty; Social inequalities;

Glossário de siglas:

APAR- Associação Portuguesa de Apoio ao Recluso

CP- Código Penal

DGRSP- Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais

EP- Estabelecimento Prisional

Índice

Resumo:	i
Abstract:	iii
Introdução:	1
I. Revisão da Literatura	2
1. A prisão e a sociedade:	2
1.1. O sistema penal português na lei:	3
2. Relações da vida pré e pós prisão:	4
3. O estigma:	5
3.1. A estigmatização como punição extrajudicial: a colateralidade da reclusão:.....	7
3.1.3. Nível Interpessoal: rejeição e aceitação do estigma:	11
3.1.4. Nível institucional: (Re) Inserção laboral dificultada?	12
3.2. Mitigar o estigma: alguma literatura sobre readaptação bem-sucedida:	13
II. Metodologia	14
1. Objetivos, hipóteses e questões de partida:	14
2. Material e métodos:	14
2.1 Caracterização do estudo:	14
2.2 Painel de entrevistados:	15
2.2.3. Instrumentos:	16
2.2.4. Procedimentos de recolha:	17
2-2-5. Limitações:	18
III. Análise dos Resultados:	19
1. Procedimentos de análise:	19
1.1. A vida narrada: os diferentes percursos e discursos:.....	19
1.1.1 Retrato de duas trajetórias de vida:	19
Artur- “não cumpri uma pena de prisão por ser um bandido”:.....	19
Bruno – “eu ou estou morto ou estou preso”:	20
1.1.2 A diferença dos meta-discursos:	21
2. As trajetórias de vida e o estigma:.....	21
2.1. Artur- a história contada:	22
A inserção prévia:.....	22
O crime e a pena:.....	22
O pós pena:	23
O estigma:	24
Contágio:	24
2.1.2 Artur- a história analisada:.....	25
2.2. Bruno- história contada:	26

Inserção prévia:	26
O crime e a pena:	27
O pós pena:	28
O estigma:	29
Contágio:	30
2.2.2. Bruno- história analisada:	30
2.3. Síntese:	32
3. Discussão dos resultados:	33
1V. Conclusão:	37
Fontes e legislação:	41
Bibliografia:	43
ANEXOS:	53
Anexo A: guião da 1ª entrevista:	54
Anexo B: guião da 2ª entrevista:	56
Anexo C: guião da 3ª entrevista:	58
Anexo D: transcrição integral das entrevistas com “Artur”:	59
Anexo E: transcrição integral das entrevistas de “Bruno”:	82
ANEXO F: dados do contacto exploratório:	128
Anexo G: cronologia de vida de Artur	131
Anexo H: cronologia de vida de Bruno	133
Anexo I: micro análise de Artur	135
Anexo J: micro análise de Bruno	139
Anexo L: tabela síntese dos dados das entrevistas narrativas	143

Introdução:

Vários estudos, sociológicos e criminológicos, identificam efeitos nefastos do sistema prisional, a nível pessoal, social, familiar e comunitário das pessoas reclusas. A pena de prisão é geralmente reconhecida como inútil, desde a sua criação, para cumprir os propósitos legais de prevenção de crime a que se propõe (Foucault, 2009). Porém, continua a ser utilizada, e apesar de a lei penal tentar encontrar alternativas ao seu uso, a sua efetividade não se vê substituída.

Em Portugal a reclusão é, na lei, uma medida de última *ratio*, usada para garantir a efetivação dos fins das penas, nomeadamente a ressocialização funcional do agente criminal e a proteção da sociedade geral. A nível internacional como nacional, os elevados números da reincidência sinalizam uma falha estrutural no sistema de justiça criminal. Os estudos que usam análises qualitativas desta realidade mostram as vantagens de considerar que a punição não acaba com o fim formal da pena. Esta, de facto, estende-se extramuros, tanto pelas condições precárias em que as pessoas ex-recluídas, na sua maioria, já viviam e são forçadas a continuar a viver, como pelo impacto negativo do registo criminal, que cristaliza um estigma social de perigosidade e inferioridade social. Este estigma aloca-se na pessoa previamente recluída como uma identidade desacreditável, que tem o potencial de ser escondida- por forma a mitigar as suas consequências sociais, mas também pode ser revelada a qualquer momento, mantendo uma tensão permanente na identidade social pública das pessoas criminalmente estigmatizadas. Apesar de poder ser camuflada, a marca prisional e o estigma consequente, não deixam de ser sentidos por quem enfrenta a transição prisão-liberdade, afetando a nível pessoal, relacional, familiar e estrutural, podendo bloquear o progresso funcional da pessoa previamente recluída fora do estabelecimento prisional. Porém, considerando a natureza discriminatória, prática, da aplicação da lei penal, traduzindo a tendência de criminalizar a pobreza (Wacquant, 2000-b), o estigma resultante da prisão parece desenvolver relações complexas com outras condições da vida da pessoa recluída que sinalizem marginalidade.

O estudo exploratório aqui apresentado partiu do questionamento sobre os detalhes do funcionamento do estigma prisional e concluiu haver relações evidentes entre este estigma e outros estigmas relacionados com a pobreza, as falhas emocionais decorrentes da vida das crianças em famílias destruídas agudizadas com o alheamento das escolas para incluir crianças em dificuldades especiais.

I. Revisão da Literatura

1. A prisão e a sociedade:

A prisão reclama para si a humanização e modernização da punição (Foucault, 2009,p. 217), apresentando-se como uma forma de valorização da liberdade humana(Leite, 2011), não se concebendo, atualmente, alternativa ao seu uso (Garland, 1993,p.23). Apesar da expectativa social, legalmente reforçada, as taxas de encarceramento não apresentam uma relação causal direta com as taxas de crime reportado (Mauer,2001; Garland, 2001-a). Assiste-se a um encarceramento de diferenciação e segregação social (Wacquant, 2000b). A não correspondência entre os números do crime e do encarceramento evidencia que, a prisão transcende funções penais, desempenhando funções sociais, públicas e encobertas da consciência social (Crewe, 2016), reforçando outros sistemas de dominação social.

Enquanto pena principal do mundo moderno, a prisão expressa que o ato desviante, ajuizado como criminal, merece um castigo de suspensão de liberdade, simultaneamente promotor de uma segunda oportunidade para a pessoa condenada (Leite, 2011), protegendo também a sociedade. A pena, assumida como pagamento simbólico do crime, em tempo de prisão (Hattery & Smith, 2010), simboliza a desadequação temporária do sujeito condenado para habitar livremente o mundo social, sinalizando e segregando formalmente o desvio (Kensey, 2007). A prisão, que Goffman (1968) considera organizar-se totalitariamente¹, evidencia, física e simbolicamente, a barreira socialmente imposta à participação das pessoas estigmatizadas na vida social ordinária, refletindo o poder estatal de controlar e punir os corpos (Moran, 2012).

A nível simbólico, a pena, por via do estigma que lhe é associado, sustenta na sociedade a ideia da pessoa condenada como sujidade para o corpo social puro, a higienizar, diferenciando pessoas no tempo e espaço (Riggs, 2015). A prisão e o seu simbolismo elaboram, nas práticas de discriminação sociais e estatais, por diferenciação e categorização. Criam, formalmente, os sujeitos delinquentes e criminosos, distinguindo-os conceitualmente dos cidadãos cumpridores, o que mobiliza emoções fortes- de repulsa ou pertença (Dores, 2010). A categorização simbólica, inerente à linguagem² e à sociedade, refletida na estrutura prisional, permite ao sistema manipular, pela inclusão e pela exclusão, as categorias sociais e, as margens das sociedades (*ibid*). Mobiliza-se a lei como um instrumento de controlo socialmente construído (Kuhn & Agra, 2010, p.30). Contrariamente aos princípios doutrinários anunciados, a aplicação da lei é discriminatória, diferenciando o seu impacto consoante a classe de pertença (Mauer, 2003),

¹Define-se instituição totalitária como “local de residência (...) de um grande número de indivíduos, colocados na mesma situação, isolados do mundo exterior (...), onde a vivência se dá por regras estabelecidas” (Goffman, 1968, p.41). A prisão é uma das instituições totalitárias definidas por Goffman, servindo à retenção de quem causa perigo social intencionalmente;

²A linguagem social é consequencial para a diferenciação social, coordenando a ação social por processos de construção, interpretação e transmissão de significado (Denver, Pickett & Bushway, 2017). Esta reflete-se numa moralidade partilhada, potenciando um controlo social à distância (Melossi, 2008, p. 183);

reforçando e perpetuando desigualdades socio estruturais, em manifesto prejuízo para as populações e comunidade mais desfavorecidas. Apesar de, politicamente negado, como objetivo, a prisão³ legitima exclusão⁴, cisando formalmente o mundo social, entre o bom e o mau (Cambessie, 2002), moldando seletivamente relações e comportamentos sociais (Wacquant, 2009). A prisão modela todos os setores sociais, reconstruindo identidades. A cisão imposta pelo sistema prisional organiza a base da hierarquia social (Crewe, 2016), potenciando o seu fechamento.

O tempo passado entre muros disciplina e marca, física e emocionalmente, o corpo e a identidade das pessoas, operacionalizando o poder de segregação e controlo sociais, incorporando-os nos condenados e quem com eles convive, vítimas passivas de dominação simbólica (Moran, 2012).

1.1. O sistema penal português na lei:

Num estado de direito democrático, a pena é direito e dever da pessoa condenada, devendo potenciar a sua reintegração funcional (Leite, 2011). A letra da lei portuguesa define a reintegração do sujeito criminal e a defesa da sociedade como fins últimos e exclusivos das penas⁵ (Núncio, 2019), assumindo o Estado o compromisso de criar condições para a sua concretização. As penas devem prover a pessoa condenada das condições necessárias para a sua ressocialização⁶(Gomes, 2008), refletindo uma política criminal hasteada em humanidade, tolerância e justiça (Leite, 2018). A lei nacional reconhece o potencial dano da prisão, recorrendo à mesma em última *ratio* (Antunes, 2013, p. 13) para promover as capacidades psicossociais da pessoa condenada, evitando que o tempo intramuros a despoje de utilidade e vitalidade, ambicionando evitar reincidência criminal e estigmatização (Leite, 2018).

A reinserção, processo idealmente promovido durante a pena⁷, inicia-se na transição da prisão para a liberdade (Ferreira, 2017). Materializa-se nos momentos pós prisão, pela ressocialização⁸, princípio jurídico que expõe a interação- entre a pessoa previamente reclusa e a comunidade (Leite, 2018). Apesar da letra da lei plasmar a função reintegradora da pena, a realidade dos altos níveis de reincidência⁹ nega-a para a grande maioria dos casos, um problema estruturante do próprio sistema de

³A prisão é central para a soberania do Estado, formalizando categorias que sustém divisões materiais e simbólicas (Wacquant, 2009);

⁴Ao excluir, rejeita-se uma pessoa/grupo da comunidade ordinária, atribuindo-lhe um estatuto marginalizado (Xiberras, 1993). A exclusão nunca é absoluta, integrando-se num contínuo integração-desintegração;

⁵Crf. artigo 40º Código Penal Português e conforme expresso na Lei 55/2020;

⁶ A ressocialização/reinserção é um processo triárquico entre- o Estado, a sociedade e o cidadão delinquente- criando condições que permitam, ao último, escolher viver sem cometer crimes, mitigando fatores sociais criminógenos (Gomes, 2008). Trata-se de fomentar uma ligação, material e simbólica, a um compacto social normativo;

⁷ Pelo tratamento penitenciário, provendo o recluso de competências psicossociais úteis à vida normativa;

⁸A transição prisão-liberdade é sentida, aproximadamente por 5000 sujeitos libertados anualmente dos EPs portugueses (Fonte: estatísticas da DGRSP);

⁹Os dados de reincidência nacional são escassos, expondo uma lacuna da sistematização do sistema (Barbosa, 2012). Dados de 2003, segundo o III relatório da Provedoria da Justiça mostravam 50% reincidência. Os números da reincidência criminal, ao assumirem que a prisão reforçou os valores negativos do condenado, surgem como um indicador de falência prisional (Julião, 2016);

penas em toda a parte. A atuação do sistema é enviesada para uma das pontas da estrutura social (Reiman & Leighton, 2010), reforçando a marginalização socioeconómica, pelo bloquear normativo, estigmatizante, de oportunidades de vida (Dennis, Tewkbury & Jones, 2014).

2. Relações da vida pré e pós prisão:

A prisão avoca um ambiente altamente estruturado e regulado (Goffman, 1968), requerendo, por isso, uma adaptação dos internados às suas rotinas. À saída, requer-se uma nova adaptação, por forma a gerir o retorno ao caos da vida social ordinária e os efeitos pessoais e sociais da institucionalização¹⁰, criando um stress de transição (Western, Braga, Davis & Sirois, 2015). A readaptação à vida pós prisão é complexa (Price, 2016), caracterizando-se pela adaptação a um mundo social deixado em pausa, entretanto alterado, e a uma nova identidade pós-prisional, passando de criminoso recluso a cidadão ex-recluso (Ahmed & Ahmad, 2015). O entendimento da vida pós-prisão requer uma compreensão das dificuldades que a antecederam pois, ao sair, a pessoa retorna às condições pessoais, sociais e materiais que havia deixado. As circunstâncias pré-encarceramento são, frequentemente, vividas em debilidade de integração social¹¹, sendo isso um fator de risco para o envolvimento criminal (Núncio, 2019), e acima de tudo, para o encarceramento, funcionando ainda como destino transgeracional (Gray, 2002).

O sistema prisional português alberga uma população com inserção social frágil, pois “poucos [são] escolarizados, [muitos são] nada qualificados, com escassas competências sociais e reduzida interiorização de valores e regras de conduta [normais] (...) chegam à idade adulta sem nunca terem estado socialmente inseridos” (Núncio, 2019, p. 27). A precariedade¹² está sobre representada nas instituições penais (Swan, 2016) ilustrando o reforço das desigualdades promovido pelo sistema criminal. Estas desigualdades-de recursos e existenciais (Therborn, 2012)- evidenciam que, antes da reclusão, as pessoas já estavam envolvidas por características sociais potencialmente estigmatizantes (Harris, Evans & Beckett, 2010), estando à margem do social *mainstream* e seus mecanismos integradores (Soulet, 2000). A condenação criminal cristaliza desigualdades prévias, social e institucionalmente produzidas, formalizando a rejeição socio-estrutural de certas categorias sociais, subordinando-as ao poder dominante, representado também no sistema de justiça (Dores, 2010). A associação, quase indissociável, da reclusão e da precariedade social, ilustra a inadequação pragmática do objetivo da reinserção legalmente prescrito à população prisional, tipicamente proveniente de meios desfavorecidos (Wacquant, 2000a).

¹⁰A institucionalização descreve o processo pelo qual os reclusos são modelados e transformados pelo contexto institucional onde são forçados a viver, incorporando as normas prisionais nos seus hábitos, formas de pensar, sentir e agir (Haney, 2002);

¹¹Etimologicamente, integrar trata de tornar completo, tornando um elemento admitido num membro legítimo (Queloz, 2000);

¹²Sinalizando desajuste e fratura social, a população prisional caracteriza-se por: pobreza, baixa escolaridade, instabilidade residencial, ancestralidade não caucasiana, problemas aditivos, desordens mentais e doenças infecciosas (Tyler & Brockmann, 2017)

Após o término da pena, as pessoas ficam, habitualmente¹³, numa posição ainda mais desfavorecida (Hallet, 2012), mantendo e reforçando a sua posição social marginal, ficando esta bloqueada espacial, cultural e economicamente pela exclusão prévia (Rodger, 2013), cruzando a criminalização, marginalização e a estigmatização.

A prisão, como mais um evento de vida negativo, despoleta uma espiral cumulativa de desvantagens, agravando precaridade prévia, erigindo barreiras pessoais, sociais e institucionais, em grande medida, resultantes da marca prisional (Woods, 2019).

São geralmente conhecidas como estigma, as marcas prisionais que funcionam como etiqueta, colocando o seu portador numa posição frequentemente irremediável, a nível individual e institucional (Hattery & Smith, 2010). Considerando o desfavorecimento social prévio à pena, para a pessoa previamente reclusa, cria-se um estigma multidimensional.

3. O estigma:

A pena de prisão impacta na vida da pessoa que a experiencia, e no seu círculo próximo, marcando-os (Murray, 2007). A realidade punitiva é horizontal e contínua, ultrapassando os muros prisionais. A punição difunde-se pela sociedade (Wacquant, 2010), mudando a sua forma, fonte e manifestações. A punição social propicia uma imagem estereotipada das pessoas previamente reclusas, caracterizando-as em abstrato como viciosas e perigosas, não merecendo, por isso, confiança social (Austin, 2004). Esta representação social circula, criando à pessoa ex reclusa uma identidade social manchada, denominada de estigma, sinalizando não servir à plenitude da aceitação social (Goffman, 1988).

O estigma¹⁴, enquanto atributo desacreditador e depreciativo, desafia a humanidade percebida do seu portador, marcando-o como defeituoso (Crocker & Quinn, 2003), atribuindo-lhe uma característica diferenciadora de inferioridade, de impureza, de defeito e de perigosidade (Dovidio, Major & Crocker, 2003). O estigma é uma crença partilhada, dinâmica e contingente ao espaço e tempo, de cariz contextual e relacional (Strangor & Crandall, 2003), refletindo a estrutura cultural dominante, fundamentando-se nas regras normativas que definem o aceitável, normal e expectável (Siqueira & Cardoso, 2011).

¹³Esta posição faz referência ao recluso tipicamente tratado pela literatura: o recluso desfavorecido. Porém, nem todas as pessoas previamente reclusas encontram défices de integração prévios e de recursos à saída, não precisando de ser ressocializadas para viverem em sociedade;

¹⁴Etimologicamente, o estigma refere-se a sinais corporais pelos quais se evidenciava aspetos negativos sobre o estatuto moral do seu portador, marcando-o como ritualmente poluído (Goffman, 1988);

O consolidar da estigmatização é processual (Link & Phelan, 2001), começando na distinção¹⁵entre o “eu” e “tu”, marcando individualidade e coletividade e seguindo os valores dominantes. As pessoas categorizadas como “diferentes” do expectável são conhecidas por desviantes, motivando rejeição social, concretizando-se em interações sociais por oposição (Dores, 2010). O estigma cristaliza uma diferença, aparentemente intransponível, efetivando estereótipos negativos¹⁶e discriminação (Pescosolido, Martin, Lang & Olafsdottir, 2008). O grupo estigmatizado é percebido como ameaçador, legitimando uma identidade social¹⁷desvalorizada e despersonalizada.

A estigmatização é contingente ao *locus* de poder¹⁸, desempenhando um papel histórico na imposição de sistemas de disciplina social e punição (Tyler, 2020), disfarçando uma dominação socialmente embutida (Crocker & Major, 1989). O poder legitima a diferenciação, institucionalizando-a, seguindo as normas dos grupos decisores. O estigma¹⁹assinala um traço, definido socialmente como indesejável (Biernat & Dovidio, 2003), aplicado como uma etiqueta redutora, definida por processos de socialização (Deux & Ethier, 1998). A etiqueta desacreditadora, quando interpretada à luz da linguagem e normas culturalmente impostas, resulta num *master status* (Toyoki & Brann, 2014). A pessoa estigmatizada passa a ser percebida, exclusivamente, pela sua identidade desacreditada²⁰, culminando na sua dissociação comunitária (LeBel, 2012). A exposição social do estigma potencia hostilidade social, diminuindo a solidariedade social aí investida (Crandall, 2003).

O estigma sente-se em diferentes níveis²¹, destacando-se o individual, o interpessoal e o estrutural/institucional. O nível estrutural normaliza o estigma (Hatzenbuehler, 2018), perpetuando os seus efeitos ao legitimar normas discriminatórias, cristalizando destinos de inferioridade social por atuações institucionais que, limitam o acesso pessoal a direitos e oportunidades (Oliveira, 2016). O estigma, ao diferenciar, erige barreiras entre pessoas que, de outra forma, pertenceriam à mesma

¹⁵O Homem categoriza diferenças, culturalmente estipuladas, para se orientar socialmente (Deschamps & Devos, 1998). O estigma integra uma rede de crenças, atitudes e comportamentos definidos pela estrutura dominante (Jussim, Palumbo, Chatman, Madon & Smith, 2003), virtualizando identidades;

¹⁶A estigmatização requer processos cognitivos de estereotipização, criando emoções negativas (preconceito), legitimando discriminação (Corrigan & Rao, 2012). A reação social negativa identifica o estigma social;

¹⁷O Homem é portador de diversas identidades sociais, em grande parte, dependentes do seu contexto situacional (Goffman, 1959). Estas identidades são geridas pelo Homem, adaptando as suas aparências e consequências, por forma a cumprir as expectativas sociais (*ibid*);

¹⁸O poder define as normas e seus opostos, validando a representação social do desviante (Lucas, Ho & Kerns, 2017). O estigma é uma forma de violência classificatória do *locus* de poder, desvalorizando pessoas, locais e comunidades (Tyler, 2020).

¹⁹Dependente de marcas redutoras, percebidas em interação, que podem ser: deformações do corpo, culpas de caráter e pertença tribal (Goffman, 1988);

²⁰A posse de uma característica desviante, pode assumir um simbolismo tal, que indivíduos “normais” extrapolarão dessa característica o conjunto da identidade do “desviante” (Xiberras, 1993);

²¹A nível individual referem-se processos cognitivo-comportamentais despoletados em resposta ao estigma. A nível interpessoal refere-se discriminação. O nível estrutural ilustra as condições societais, normas culturais e políticas institucionais que constroem as oportunidades do estigmatizado (Hatzenbuehler, 2018);

comunidade (Austin, 2004), constringendo oportunidades de vida. O estigma assume uma vertente pública e outra internalizada²² (Chui & Cheng, 2013), denotando impacto grupal e individual ²³.

3.1. A estigmatização como punição extrajudicial: a colateralidade da reclusão:

O estigma é uma realidade para pessoas que tenham contactado com o sistema de justiça (Rains, Kitsuse, Duster & Freidson, 2003). As acusações e as condenações criminais comportam uma carga estigmatizadora. A prisão marca os presos com uma credencial negativa, emocional, social e administrativa, afetando as suas, geralmente já reduzidas, oportunidades de vida, impondo-se como colateralidade²⁴ do encarceramento (Visher, Lavign & Travis, 2004) e, dificultando a readaptação pós-pena. Há autores que questionam a não intencionalidade (Bauman, 2011) do estigma prisional, suscitando a possibilidade de a perpetuação da marginalidade ser um dos objetivos do sistema²⁵ criminal (Dores, 2010). A reclusão sinaliza, a nível social, alegadas e potenciais fraquezas de carácter (Goffman, 1988) dos condenados²⁶, responsabilizando-os pela sua criminalidade e precariedade (Moore, Stuewig & Tangney, 2016). O estigma prisional, coloca à pessoa alvo uma identidade desacreditável²⁷ (Goffman, 1988), criando-lhe uma face metafórica, relegando-o a uma posição ética distinta (Bauman, 2011). Reforça-se um descrédito estrutural (Keene, Smoyer & Blankenship, 2018), encurralando o/a ex-recluso/a numa vida hiper controlada (Ortiz & Jackey, 2019), mas, ao mesmo tempo, disfuncional, doentia pessoal e socialmente.

A identidade criminal é, em grande medida, definida pelo rótulo de perigosidade associado à prisão, institucionalizado pelo sistema estatal, refletindo uma noção historicamente construída da criminalidade²⁸ (Gomes, 2008), fortemente influenciada pelos *media*, moldando a voracidade da punição (Wacquant, 2009). Demoniza-se a figura do condenado, habitualmente cruzado com a figura do pobre e louco, reforçando a imagem estereotipada de pessoas previamente reclusas, enfatizando as suas falhas, aprofundando o dividir simbólico predestinado (Hancock & Mooney, 2013).

A estigmatização prisional, eminentemente simbólica, age excluindo (Ferreira, 2017) a nível multidimensional²⁹. A exclusão material e simbólica da sociedade normalizada dificulta a integração social pós-pena. A permeabilidade social à interação com pessoas estigmatizadas é reduzida, impedindo

²²O estigma público não determina auto-estigma (Crocker & Quinn, 2003);

²³Membros de grupos estigmatizados podem nunca ter sofrido estigma pessoalmente (Chui & Cheng, 2013);

²⁴A colateralidade expõe efeitos não intencionais, contingentes à estrutura social e a desigualdades prévias de direitos e oportunidades, agravando as mesmas (Bauman, 2011);

²⁵A teoria do *labelling* sustenta que a condenação marca socialmente o sujeito, potenciando a sua autoidentificação criminal, limitando oportunidades legítimas, empurrando para desvio secundário (Rains et al., 2003);

²⁶A prisão formalmente organizada pela prisão, promove os ex reclusos a um grupo de estatuto, traçando um conjunto de oportunidades de vida e condições de inserção semelhantes (Visher, Lavign & Travis, 2004);

²⁷Pois a marca prisional pode não ser física ou conhecida socialmente;

²⁸Ideia originária de C. Lombroso, que assumia o Homem criminoso como quantitativamente e qualitativamente diferente do Homem normal (Jacquard, 1993);

²⁹Nomeadamente: exclusão de atividades de produção, de consumo, de envolvimento político e interação social (Murray, 2007);

a troca, material e simbólica, entre a pessoa ex reclusa e a sociedade, quebrando o seu vínculo de pertença (Xiberras, 1993).

O estigma prisional dificulta que a pessoa possa ser apreciada noutros papéis que não o de desviante, limitando a sua transição pós-prisional para papéis sociais convencionais estigmatizados³⁰ (Soothill, Fitzpatrick & Francis, 2014). O perdurar da etiqueta criminal agrava³¹ a marginalidade da pessoa condenada, formalizando-a como “cidadã de segunda”, prejudicando a sua reputação social (Caputoo-Leive, 2018) e, por conseguinte, o seu capital simbólico³², legitimando como profecias que se auto realizam desigualdades na distribuição de recursos³³ (Bourdieu & Wacquant, 2013). Ao tomar as pessoas pelas diferenças socialmente definidas, as marginalizadas permanecem *outsiders* (Xiberras, 1993).

A marca prisional é complexa, estando o seu impacto dependente do contexto e, podendo ser escondida pelo seu portador (Durnescu, 2018). A reclusão restringe o acesso a oportunidades (Keene et al., 2018), sendo uma violência simbólica³⁴ e física do sistema penal- de efeitos lentos e difusos espaço-temporalmente (Barnwell, 2019), somando-se a uma multidimensionalidade prévia de estigmas³⁵. Gera-se fenómenos de sequências geracionais de criminalização, dificultando a quebra dos ciclos simbólicos e pragmáticos da estigmatização penal.

O estigma prisional não atinge todas as categorias sociais, pois a etiqueta criminal descreve, maioritariamente, comportamentos típicos de populações economicamente vulneráveis (Gray, 2002), expondo uma tendência de criminalizar a pobreza (Reiman & Leighton, 2010). Esta tendência continua pós-pena. Pessoas condenadas de estrato económico médio e alto parecem ficar imunes à etiqueta imposta, pois têm a sua identidade social ancorada em papéis convencionais, não tendo as características sociodemográficas do “criminoso típico” (Askew & Salinas, 2019). O estatuto social pode neutralizar o estigma e seus efeitos (Dias & Cruz, 2013).

3.1.1. Impactos do Estigma Prisional na vida Pós Prisão:

A distância física entre a prisão e a “liberdade” mascara o verdadeiro caminho a ser percorrido para uma readaptação de sucesso, tratando-se de um longo trajeto de obstáculos ramificados que continuam a punição, incluindo por estigmatização social, e podem favorecer a reincidência criminal.

³⁰A definição pelo passado criminal pode estender-se muitos anos pós pena. Apesar da sociedade aceitar a proposição de mudança individual, não o reconhece face a pessoas condenadas (Rose & Clear, 2002);

³¹A lei é discricionária. A prisão é um destino mais provável para os *underclass* (Western et al., 2015);

³²O capital simbólico codifica-se no capital jurídico, monopolizando a definição oficial das identidades (Wacquant, 2009);

³³A estigmatização amplifica desigualdades já existentes, impondo-se a sujeitos com pouco poder (Tyler, 2020);

³⁴Enquanto efeito de subordinação a estruturas de poder escondidas que mantêm e reproduzem dominação social (Colagnori, 2010);

³⁵Nomeadamente: o estigma da pobreza, da baixa educação, do baixo estatuto socioeconómico e do consumo de drogas (Petersila, 2001);

O estigma evidencia, essencialmente, a condenação social da pessoa, juridicamente, confirmada como desviante (Rasmensenm, 1996), acompanhando a punição temporário com um estatuto social de longo termo, dificultando a participação social ativa das vítimas, excluindo os *ex* reclusos, deixando-os na margem (Xiberras, 1993). Apesar do estigma ser contagioso (Goffman, 1988), as mais prementes consequências são sentidas pelo seu portador (Travis & Visher, 2005), sendo que a sua natureza, iminentemente, contextual, compreende uma diferenciação dos níveis de impacto, nomeadamente um nível pessoal, considerando o impacto do estigma para o *self* do sujeito (Winnick & Bodkin, 2008), um nível interpessoal, expondo a tendência societal de fraca aceitação de pessoas condenados (Berg & Huebner, 2011), e um nível institucional, evidenciando barreiras no acesso laboral (Facile, 2009). Estes níveis interlaçam-se numa rede de desafios que, em conjunto, tornam a saída da prisão um momento de quebra e superação (Visher & O'Connell, 2012). O estigma é experienciado numa multitude de formas (Swim, Cohen & Hyers, 1998), sendo marcador de experiências negativas no quotidiano (Byrne, 2000).

3.1.2. Nível Pessoal: a gestão de uma identidade social danificada:

A decisão condenatória empurra a pessoa para um mundo disruptivo, caracterizado pelo cisma entre o “nós” e “eles” (Sykes, 2007, [1958]), criando um mundo artificial de regras e rotinas. Ao sair, a pessoa ex-reclusa precisa de se reajustar à sua nova identidade, aprendendo a viver num mundo que evoluiu sem ela (Jacquard, 1993), e que a caracteriza pelo passado estigmatizado (Farral, Hough, Maruna & Sparks, 2011).

A pessoa ex-reclusa reconhece a estigmatização como consequência da sua estadia prisional (Winnick & Bodkin, 2008). Porém, não é apenas uma vítima passiva da estrutura social, sendo ativa na forma como se apresenta socialmente, criando, reparando e descartando ou reproduzindo identidades sociais (Toyoki & Brann, 2014). A pessoa previamente reclusa, num esforço para manter a sua autoestima e suporte social, desenvolve estratégias limite de gestão identitária, gerindo o seu estatuto e reprovação pública, mobilizando dinamismo identitário (Moya, 1998). A pessoa, socialmente estigmatizada, responde à rotulação que recebe, podendo aceitar, rejeitar, apropriar ou modificar a sua identidade social, definindo os limites de quem é (LeBel, 2008). Destacam-se na literatura a internalização, a indiferença e a indignação/tentativa de educação³⁶ como respostas face ao estigma.

A internalização das atitudes desacreditadoras depende, em grande medida, da partilha de ideais culturais semeados pela socialização entre o grupo estigmatizado (Austin, 2004), ocorrendo geralmente numa lógica processual³⁷ de auto desvalorização e descompensação emocional (Corrigan & Rao, 2012).

³⁶A tentativa de educação empodera, podendo ocorrer a nível individual ou grupal (Byrne, 2000);

³⁷Processo com diferentes fases: estigma percebido, concordância com o estigma, estigma internalizado, antecipação de estigma. Independentemente da internalização do estigma, a sua perceção prevê antecipação (Moore, Tangney & Stuewig, 2016) A maioria dos condenados não internalizam as etiquetas desviantes, justificando e minimizando o seu comportamento;

A concordância subjetiva com o estigma é visível no grupo de ex-reclusos (Moore, Tangney & Stuewig, 2016): o registo criminal merece censura mesmo entre os presos, no quadro de processos complexos de reconciliação das experiências negativas com identificação grupal. A internalização do estigma requer a aceitação dos estereótipos negativos como descritivos pessoais, fomentando afastamento de interações sociais que possam julgar a pessoa, limitando a amplitude da sua ação social (Barrett & Swim, 1998). A limitação relacional prejudica a desistência criminal (Winnick & Bodkin, 2008), levando a pessoa estigmatizada a agir em conformidade com o que crê ser a sua identidade predestinada (Cusson, 2011, p. 99). A internalização do estigma prisional tende a ser multidimensional, cruzando diferentes características socialmente desvalorizadas (Chui & Cheng, 2013), fraturando o sujeito das expectativas sociais integradoras (Xiberras, 1993), promovendo dependência institucional. A internalização do estigma potencia a procura de pessoas compassivas, capazes de o compartilhar sem desconforto³⁸, evidenciando a natureza relativa do estigma (Siqueira & Cardoso, 2011).

A estigmatização social não tem de corresponder à auto estigmatização (Major & Schonade, 2017). A pessoa pode reconhecer o estigma face a ex reclusos, mas não o internalizar (LeBel, 2008), reconstruindo a sua identidade sem se sentir afetada (Winnick & Bodkin, 2008), diferenciando-se dos desviantes. As pessoas que negam a identidade desviante legal e socialmente associada à condenação, resistem a interpretações negativas das suas ações, racionalizando-as (Dias & Cruz, 2013), neutralizando a vergonha e o estigma, não se deixando condicionar em demasia pela imagem estereotipada de criminoso (Askew & Salinas, 2019).

A gestão da marca prisional é manipulável devido à sua potencial invisibilidade³⁹, requerendo o desenvolver de estratégias de *coping*⁴⁰, modos práticos de ultrapassar as limitações (Miller & Myers, 1998). Muitos portadores de cadastro criminal sofrem-no em segredo, vivendo presos em vergonha, sinalizando estigma a quem os rodeia (Barnwell, 2019), eventualmente de um modo intergeracional. A gestão do estigma depende da antecipação de situações discriminatórias⁴¹, sendo o objetivo evitá-las (Swim, Cohen & Hyers, 1998). O evitamento social e o segredo ambicionam prevenir a descoberta da estadia prisional (Phillips & Lindsey, 2011), funcionando como uma gestão de informação, requerendo uma atenção constante (Quinn, 2017), surgindo como uma forma ativa de evitar discriminação.

A escolha de partilhar com outros a identidade criminal, evidencia que o sujeito é responsável pelo definir da sua identidade social (LeBel, 2008), escolhendo quando, como, onde e a quem revelar o seu

³⁸ Este reagrupamento pode ser uma forma de reinserção, mas sob uma identidade que perpetua exclusão (Xiberras, 1993). A identificação com o grupo estigmatizante pode ligar a rejeição grupal ao mau estar pessoal (Kyprianides, Easterbrook & Cruwys, 2019);

³⁹A reclusão pode marcar fisicamente, porém a invisibilidade do estigma promove a sua internalização (Moran, 2012);

⁴⁰O sujeito desenvolve estratégias de *coping* num contínuo reativo-reativo (Gahnander, 2020), destacando: o segredo, a partilha seletiva e a transmissão didática (Corrigan & Rao, 2012);

⁴¹Os sujeitos avaliam as pistas sociais e ambientais antes de decidirem discutir questões criminais (Askew & Salinas, 2019). Muitas vezes a antecipação do estigma impede a interação normativa;

passado. A revelação do passado criminal alivia a ansiedade provocado pelo guardar de um segredo que pode ser descoberto a qualquer momento, proporcionando eventualmente uma sensação de domínio da situação, porém sob o risco de criar as condições de potencial discriminação individual e coletiva (Chui & Cheng, 2013). O estigma, interiorizado ou não, prejudica o bem-estar da pessoa (Hatzenbuehler, 2018), podendo esta sobrevalorizar as experiências negativas ou minimizá-las, pois o *self* é mais do que o reflexo das opiniões sociais (Quinn & Crock, 1998).

3.1.3. Nível Interpessoal: rejeição e aceitação do estigma:

O Homem realiza-se em sociedade. No entanto, o estigma imposto a pessoas condenadas, expõe-nas como seres atávicos, opostas à sociedade e à sua vontade de interação (Jacquard, 1993), relegando-os imaginariamente para esferas de vida antissociais (Cusson, 2011). Os riscos de exclusão vão a par da falta de apoio social para ultrapassar as dificuldades especiais da vida pós-prisão (Seitar & Kadela, 2003), quer pela dificuldade em reestabelecer velhas relações, quer em estabelecer novas relações (Brown & Ross, 2010). O estigma prisional⁴² prejudica a vida relacional da pessoa, obrigando-a a gerir o conhecimento social da condenação (Rasmensenm 1996). O estigma caracteriza-se por atitudes de afastamento e discriminação por iniciativa do seu portador e dos que o rodeiam (Leverentz, 2011), afetando a reconstrução do capital social e simbólico da pessoa em transição.

O estereótipo de violência e perigo associado a ex-reclusos gera medo social, promovendo ostracização e vergonha desintegradoras (Yoder & Farkas, 2017). O conhecimento da estadia prisional propicia reações polarizadas, definidas por rejeição, medo e despersonalização⁴³ (Ahmed & Ahmad, 2015), restringendo as potenciais interações da pessoa no seu trajeto pós-prisão (Berg & Huebner, 2011). As relações pré-reclusão, destacando as familiares, sofrem por contágio (Massoglia, Remster & King, 2011). No entanto, estas relações são cruciais para ultrapassar as dificuldades pós-prisão⁴⁴, reconectando a pessoa em transição à solidariedade social (Hattery & Smith, 2010), procurando espaços seguros, desejavelmente, livres de estigmatização (Lebel, 2012). Aquando da tentativa de fomentar novos relacionamentos, o estatuto de ex-recluso, soma-se a estatutos prévios descredibilizantes, reduzindo em quem se encontra com a pessoa estigmatizada a vontade de procura de informação social complementar⁴⁵ (Murray, 2007). O cadastro pesa na receção social, levando a que se prefira evitar interagir socialmente (Riggs, 2015), podendo frustrar a pessoa estigmatizada, afastando-a ainda mais da sociedade *mainstream* (Thompson, 2004).

⁴²“Enquanto sociedade (...) estamos habitualmente muito prontos para condenar e julgar quem apresenta um passado criminal” (Soothill et al. 2014, p. 88);

⁴³Ao despersonalizar, reduz-se o sujeito a estereótipos de identidade grupal (Deschamps & Devos, 1998);

⁴⁴Os laços familiares promovem controlo social informal e apoio emocional, potenciando reestruturação identitária e autoeficácia (Bahr, Harris, Fisher & Armstrong, 2010). No entanto, a população reclusa caracteriza-se por destruturação familiar (Petersila, 2001);

⁴⁵Mais evidente aquando de contacto social com desconhecidos;

O estigma não é tratado da mesma maneira por todos os grupos sociais. Apesar do registo criminal ser uma fonte de marginalização, este pode ser desvalorizado quando a pessoa não encaixa na imagem de “criminoso” (Askew & Salinas, 2019). Em meios marginalizados, por outro lado, o cadastro pode não criar estigma a nível pessoal e interpessoal (Cunha, 2002).

3.1.4. Nível institucional: (Re) Inserção laboral dificultada?

O estigma prisional perpetua processos de marginalização (Mcara & Mcvie, 2011), amplifica as dificuldades de integração social (Davis, Bahr & Ward, 2012), prejudica das hipóteses de reintegração da pessoa nas atividades nucleares da vida adulta, nomeadamente ao nível do (re)ingresso laboral (Tarlow, 2011).

A tentativa de (re)inserção laboral de ex-reclusos caracteriza-se por uma dupla desvantagem, que, combina as frequentes fracas competências laborais e educacionais com a falta de vontade, disponibilidade e prontidão⁴⁶ dos empregadores em contratar pessoas cadastrados (Gunnison & Helfgot, 2013). O cadastro reduz a atratividade da pessoa enquanto trabalhador⁴⁷, dificultando a sua estabilidade e progressão laboral (Hattery & Smith, 2010),⁴⁸. O background check por empregadores é feito para evitar problemas ou para reduzir salário e outras responsabilidades laborais e resulta em meio de discriminação. Esta tendência discriminatória em combinação com o corte social que a prisão promove, cria um cruzamento entre a saída prisional e o desemprego, culminando bidireccionalmente em pobreza e marginalidade (Petersila, 2001), sendo especialmente notório em jovens reclusos, cuja integração laboral era, desde o início, deficitária. A dificuldade de inserção laboral agrava-se pela polarização do mercado (Western, 2002), criando a noção dos ex-reclusos como pessoas desnecessárias, substituíveis e dispensáveis (Hallet, 2012), relegando-os à precariedade laboral⁴⁹ e inferioridade social (Walker, Hempel, Unnithan & Pogrebin, 2014). A população previamente reclusa passa a ser mão-de-obra desvalorizada e utilizada sem restrições, ostracizada sistematicamente de papéis sociais valorizados (Wacquant, 2000b), promovendo trabalhos de subpobreza e aumentando a probabilidade de exploração.

A pessoa ex-reclusa é forçada a viver nas margens do mercado de trabalho regulado, caindo na economia informal (Western, 2002), tendo piores condições laborais e salariais ao longo da vida (Western & Pettit, 2002). A trajetória laboral de um ex-recluso é redirecionada pelo estigma (Western, 2002), sedimentando um padrão de desvantagens cumulativas. A reclusão segrega socialmente de forma

⁴⁶Podem existir sanções acessórias que restrinjam o acesso a certas vagas laborais (Berg & Huebner, 2011);

⁴⁷Um empregador tem 33 a 50% menos probabilidade de considerar um sujeito ex recluso a um posto de trabalho, comparado com alguém detentor de qualificações semelhantes, mas não cadastrado (Maroto, 2015);

⁴⁸O cadastro sinaliza menor confiabilidade e produtividade (Tarlow, 2011), gerando suspeição;

⁴⁹Definida por trabalho pouco regulado, instável, em regime de *part-time* e com baixa remuneração (Western, 2002).

institucionalizada (Hattery & Smith, 2010), moldando as redes e recursos disponíveis sujeitos aos presos, fechando portas essenciais para readaptações de sucesso (Cusson, 2011), agravando as suas posições sociais mais frágeis na estrutura social.

3.2. Mitigar o estigma: alguma literatura sobre readaptação bem-sucedida:

A transição prisão-liberdade cria vulnerabilidade para o sujeito que a enfrenta (Bahr et al., 2010), tornando difíceis tarefas sociais, que a maioria das pessoas assume sem pensar e com naturalidade (Woods, 2019). Entre as tarefas a desenvolver conta-se as de mitigação, e potencial erradicação, dos estigmas sentidos, nomeadamente os produzidos institucionalmente. As principais instituições que ligam pessoas adultas à sensação de normatividade são a família e o trabalho (Berg & Huebner, 2011). A família é crucial para o processo de readaptação pós-pena (Visser, Lavign & Travis, 2004), mitigando o impacto do corte social criado pela prisão, promovendo a ligação das pessoas a redes sociais pró-sociais, permitindo oportunidades de outra forma inacessíveis, incluindo no mercado laboral, potenciando o capital social do ex-recluso (Hattery & Smith, 2010). Os laços familiares podem minimizar os efeitos do estigma, provendo, idealmente, um ambiente de aceitação, compreensão (Lebel, 2012), e de reestruturação. A parentalidade pode assumir um papel de destaque na transição, motivando para o abandono criminal, pois cria na pessoa, agora empenhada em proteger o/a filho/a, uma vontade de mudança para prover um modelo de referência positivo para este/a (Sampson & Laub, 1993).

O emprego é identificado como um *turning point* (*ibid*), provendo a vida de rotina e sentido. A (re)colocação laboral potencia uma reconstrução identitária, sinalizando, a título social, vontade de mudança, revitalizando assim, o capital social da pessoa em transição. O emprego fornece rendimento legítimo (Leverentz, 2011) e, aumenta os custos do envolvimento criminal (Durnescu, 2018).

O quebrar do estigma prisional revitaliza a confiança pessoal e as ligações sociais (Berg & Huebner, 2011), o que é necessário para a reintegração funcional na vida adulta extramuros. A pessoa previamente reclusa enfrenta uma pluralidade de estigmas, combinando os próprios das suas circunstâncias de vida prévias, com o estigma do registo criminal, que as agrava e cristaliza. No entanto, se devidamente apoiada e, sendo ativa na gestão da sua identidade, a pessoa estigmatizada, poderá eventualmente ser capaz de quebrar o seu ciclo de desvantagens.

II. Metodologia

A regularidade internacional das estatísticas da reincidência, superiores ao que seria aceitável para firmar que o regime penitenciário cumpre as finalidades legalmente designadas, contrasta com a reduzida disponibilidade de análises sobre a experiência subjetiva de quem vive a reincidência⁵⁰. Esta constatação expõe a necessidade de completar visões quantitativas (Farral et al., 2011), legitimando a consideração do ponto de vista da pessoa que vive a identidade “deteriorada” (Goffman, 1988). A metodologia qualitativa ao privilegiar o acesso à subjetividade das pessoas rotuladas (Esteves, 1998), adapta-se melhor a uma análise compreensiva da vida pós prisão.

1. Objetivos, hipóteses e questões de partida:

A delimitação de objetivos gerais e específicos de estudo equilibra a investigação, interconectando as ações tomadas no seu decorrer (Marconi & Lakatos, 2002). Como objetivo geral ambiciona-se, neste estudo- explorar o impacto do estigma prisional no trajeto de readaptação à vida pós-prisão. Mais concretamente, pretende-se compreender o estigma decorrente da pena de prisão, a sua ligação às circunstâncias de vida das pessoas ex-reclusas, e seu impacto no reajuste à vida no exterior. Enquanto corolário desta pretensão surgem objetivos específicos, nomeadamente: perceber a atuação do estigma prisional enquanto bloqueio de acesso a oportunidades de vida a nível pessoal, familiar, social e profissional(a); Compreender as interações existentes entre diferentes estigmas na vida pós prisão e sua ligação à vida pré prisão (b); Compreender a gestão pessoal da identidade estigmatizada imposta pela prisão (c); Aferir o impacto interpessoal da estigmatização (d); Explorar formas de transpor o estigma e ter sucesso na readaptação à vida extramuros (e).

Considerando o exposto, coloca-se como hipótese: o estigma prisional acumula a outros estigmas, dificultando ainda mais o processo de integração social na transição prisão-liberdade. Colocam-se algumas questões de investigação, nomeadamente: -“Será o estigma sentido por pessoas ex reclusas resultante da reclusão, ou de um défice de inserção prévio?”- “De que forma o estigma prisional impactou a trajetória de vida da pessoa previamente reclusa, e seu círculo, e qual a sua ligação a outros estigmas?”- e -“De que forma a inserção prévia condiciona a readaptação à vida pós prisão?”-.

2. Material e métodos:

2.1 Caracterização do estudo:

O presente estudo seguiu uma metodologia qualitativa, visando aceder a realidades subjetivas sobre assuntos sociais complexos e invisíveis (Marshall, 2013), adotando uma abordagem exploratória, orientando a pesquisa num sentido interpretativo e construtivista. Recolheram-se e traçaram-se

⁵⁰O desinteresse cognitivo na vida pós-prisão é evidenciado pela diferença de investimento público na prisão face aos serviços de reinserção;

trajetórias de vida para compreender o estigma, como obstáculo da vida pós-prisão, partindo de realidades singulares (Toledo & Snaishi, 2009). Visou-se compreender intensivamente as dinâmicas sociais em que se enquadram o estigma prisional, e seu impacto nas necessidades de readaptação à vida pós-prisão, explorando a realidade vivida dos entrevistados. Procedeu-se bifasicamente à realização de entrevistas, partindo da ideia de pluralidade de estigmas. Ambicionou-se interpretar sociologicamente as histórias vividas de atores sociais, frequentemente esquecidas, eventualmente representadas pelos perfis sociais dos entrevistados.

Partiu-se de um contacto exploratório, utilizando entrevistas não estruturadas responsivas, aferindo por fontes primárias, a adequação da literatura analisada ao contexto dos casos estudados, orientando reconstrução teórica e metodológica.

O segundo momento concretizou-se em entrevistas narrativas, também designadas de histórias de vida⁵¹, enquanto entrevistas em profundidade para recuperar identidades e subjetividades, mapeando o presente pelo recontar do passado (Brannen, 2013). Os entrevistados, assumidos como sujeitos biográficos, constroem conhecimento pelas suas visões do mundo (Megias, Garcia & Arcos, 2017), partilhando conteúdo e significado (Leskela-Karki, 2018). As histórias de vida permitem dar voz a pessoas, geralmente marginalizadas (Chongo, Chase, Lavoie, Harder & Migrone, 2018), potenciando uma compreensão profunda do vivido e sua interpretação (Lim, 2011), redefinindo as fronteiras além das quais se situa o “outro” (Esteves, 1998). Selecionaram-se as entrevistas narrativas para contextualizar as condições estigmatizantes pós-prisão pelo passado (Gorashi, 2008), explorando a hipótese de pluralidade de estigmas, captando mudanças numa lógica de evolução pessoal (Rubin & Rubin, 2012). Adaptou-se o método proposto por Seidman (2006, p.16) para a realização de entrevistas em profundidade.

Procura-se contribuir para o conhecimento científico sobre a realidade da vida pós-prisão, e, por conseguinte, potenciar o conhecimento académico sobre o estigma prisional e seu impacto à readaptação pós-prisão. Visa-se descortinar as complexas interações entre diferentes estigmas prévios à reclusão, a prisão e o reajustamento à vida em liberdade na vida dos ex-reclusos em análise.

2.2 Pannel de entrevistados:

Os participantes do estudo dividiram-se pelas duas fases enunciadas, sendo que, em ambas os contactos foram feitos via redes sociais, e isto, porque em contacto com a Associação Portuguesa de Apoio ao Recluso (APAR), foi sugerido divulgar o estudo num grupo de apoio a pessoas condenadas. Os participantes mostraram interesse no estudo, despoletando contacto posterior.

⁵¹A história de vida, ao partir do ponto de vista do ator social, torna-o central para compreender e interpretar a sua realidade (Poupart, 2012), expondo pela narração pessoal da transição e evolução pessoal o impacto do preconceito social (Brannen, 2013);

Na fase exploratória, selecionaram-se 2 entrevistados, um do sexo feminino e um do sexo masculino. Ambos se encontravam na faixa etária dos 30-40 anos, estando ambos em liberdade há cerca de um ano, tendo ambos cumprido penas por tráfico de droga. Os dados recolhidos guiaram um afinar teórico e consequente construção metodológica, expondo que a readaptação pós-prisão difere entre homens e mulheres. Na fase seguinte focalizou-se a análise na população masculina, pois o testemunho feminino evidenciou, confirmando a literatura, que a realidade reintegrativa feminina é distinta⁵². O foco na população masculina visou compreender o cruzamento de diferentes estigmas a nível social, económico e legal e seu impacto pós libertação.

Para as entrevistas narrativas selecionaram-se 2 participantes masculinos. O primeiro participante, doravante nomeado de Artur, tem 31 anos, estando em liberdade há 2 anos. Artur foi condenado, aos 23 anos, a cumprir pena de 6 anos e 4 meses, por tráfico de droga, efetivando o seu cumprimento aos 27 anos. Passados 2 anos de reclusão foi-lhe concedida a possibilidade de cumprimento em vigilância eletrónica. Artur assume ser correto, maduro, estruturado, educador, conhecedor, de médio-alto estatuto social e conhecido pelo sucesso no desporto. Para Artur, o crime foi um erro de miúdo, não se identificado com a vida criminal. O segundo participante, doravante nomeado de Bruno, tem 29 anos e, é etiquetado pelo sistema prisional como reincidente, cumprindo segunda reclusão. Foi institucionalizado aos 14 anos e recluso aos 18, para cumprir 6 anos e 9 meses por crimes predatórios. Esteve 2 anos no exterior, antes de perder a liberdade, cumprindo, à data das entrevistas, 5 anos e 7 meses por furto qualificado. Aquando dos contactos, Bruno encontrava-se em licença de saída prolongada. Bruno sente-se revoltado com o sistema e com a vida que foi levado a viver, apresentando um histórico familiar marcado por violência doméstica e toxicod dependência. Bruno anseia pela liberdade para refazer a sua vida longe do crime, ambicionando dar o exemplo e condições ao filho.

2.2.3. Instrumentos:

O primeiro momento de recolha efetivou-se numa entrevista não diretiva exploratória, guiada apenas por uma questão inicial, nomeadamente, “Como define a sua vida desde que saiu da prisão?”. As perguntas subsequentes foram adaptadas aos discursos desenvolvidos pelos entrevistados. Assumiu-se grande abertura na estrutura das perguntas por forma a explorar, o mais profundamente possível, a estruturação que os participantes atribuíam à sua vida pós-prisão.

O segundo momento ambicionou criar tempo e espaço para os entrevistados escolherem contar a sua história, adaptando o método proposto por Seidman para entrevistas em profundidade (2006), focando no passado, tema em análise e ligação reflexiva do passado com o presente. Construíram-se 3

⁵²A população feminina foi excluída da análise, pois representa uma pequena porção da população prisional, e porque a análise da realidade reintegrativa feminina implicaria a consideração do papel da maternidade (Carlen, 2007), o que levantaria novas questões, que os constrangimentos temporais não permitiram;

guiões⁵³, que idealmente se dividiriam por três entrevistas, porém a realidade das mesmas, possibilitou a junção do segundo e do terceiro guião. Os guiões foram desenhados para orientar as entrevistas, mas não pré-determinaram a interação. A primeira entrevista incidiu sobre a vida prévia à reclusão de forma cronológica, ambicionando perceber alguns efeitos prisionais e crenças prévias sobre a prisão.⁵⁴

A segunda entrevista⁵⁵ incidiu sobre a realidade pós-prisão, destacando a estigmatização. As questões, relativas ao estigma foram adaptadas de um estudo de 2016 que analisou a interseção entre o estigma da reclusão e o do HIV (Swan, 2016). Na sua parte final, integrou-se perguntas de reflexão no significado, por forma a cumprir o propósito autorreflexivo do método narrativo⁵⁶, possibilitando que os participantes ganhassem coerência de si (Lim, 2011).

2.2.4. Procedimentos de recolha:

Considerando as restrições de deslocação existentes à data, as entrevistas realizaram-se por vídeo chamada⁵⁷, cujo áudio foi gravado para posterior transcrição. As entrevistas decorreram em Março, adaptando à disponibilidade dos participantes, garantindo que estes teriam tempo para partilhar a sua história. Relembrou-se, no início das entrevistas, o objetivo do contacto, a regra do anonimato e a possibilidade de não resposta, ambicionando criar um espaço interativo onde o sujeito se sentisse seguro. O assumir do contacto, como meio de recolha de dados académicos, validou as entrevistas enquanto atos de comunicação com um fim determinado, contemplando vertente verbal e simbólica (Duarte, 2004). A dimensão simbólica das entrevistas acautelou-se atentando à linguagem não verbal e, pela escuta ativa, observando e analisando as respostas corporais dadas às perguntas e às próprias narrações. Considerando que os dados recolhidos estão ao abrigo do anonimato, o consentimento foi aferido oralmente em todas as entrevistas realizadas.

⁵³Os guiões dividiram-se em temas, subtemas e perguntas exemplo, criando uma estrutura conversacional. As questões ambicionaram envolver o participante, adotando grande abertura;

⁵⁴Incluíram-se os temas: *Background*; Apoios/Recursos; Presença de estigmas e Efeitos prisionais. O *Background* dividiu-se em: estruturação familiar, trajeto escolar, trajeto laboral, inserção comunitária, dificuldades e auto percepção. O tema Apoios/Recursos dividiu-se em: sistema social, mundo laboral e integração. A Presença de estigmas subdividiu-se em: percepção de inferioridade, eventos discriminatórios e bloqueio de acesso. Para os Efeitos prisionais: quebras e mudanças (consultar Anexo A);

⁵⁵Contemplaram-se os temas: Gestão do cadastro e informação prisional; Impacto prisional; Discriminação; Relações sociais; Inserção laboral; Família; Identificação grupal; Ultrapassar o estigma. O tema Gestão do cadastro subdividiu-se em: escolha de partilha/segredo e consequências da escolha. O Impacto prisional subdividiu-se em: dificuldades pessoais e efeitos de institucionalização. A Discriminação dividiu-se em: discriminação vivida, discriminação internalizada e discriminação esperada. As Relações sociais dividiram-se em: relações prévias e novas relações. A Inserção laboral subdividiu-se em: procura, dificuldades e trajeto. A Pertença grupal subdividiu-se em: partilha de credencial. Ultrapassar o estigma subdividiu-se em instituições importantes e necessidades (consultar Anexo B);

⁵⁶O guião apresentou 4 questões: reflexão sobre o passado; significado da prisão; reflexão de estigma prisional; expectativa de futuro (consultar Anexo C);

⁵⁷Reconhecendo os benefícios das entrevistas presenciais pela interação entrevistador-participante (Irani, 2019), selecionou-se a vídeo conferência, oferecendo vantagens distintas (Gray, Wong-Wiley, Rempel & Cook, 2020) ao permitir uma conversação em tempo real com emissão e receção de informação áudio-visual (Archibald, Ambagsherr, Casey & Lawless, 2019). Acedeu-se à dimensão não verbal da interação, promovendo confiança, ultrapassando distâncias geográficas;

2-2-5. Limitações:

Experienciaram-se algumas dificuldades, pois as entrevistas narrativas são, acima de tudo, relacionais (Bochner & Riggs, 2014), ilustrando o risco de analisar o fenómeno social por uma pessoa com quem se pode criar uma relação (Poupart, 2012). Clarificou-se o papel da investigadora⁵⁸ e sua subjetividade face ao narrador, aquando do primeiro contacto realizado, explicitando o objetivo de compreender a realidade pós-prisão, evitando usar a noção estigma, por forma a não condicionar os discursos. As entrevistas foram desafiantes, pois apesar do contacto inicial escrito, não havia sido realizado contacto visual, causando algum constrangimento. Destacou-se a vontade dos entrevistados em partilharem as suas histórias, pois apesar da abertura da primeira questão, estes agarraram-se de forma inesperada⁵⁹ à mesma, criando uma narração longa, onde falaram livremente. Apesar desta abertura ter originado uma narração ininterrupta, tal dificultou o colocar das questões idealizadas, pois mesmo admitindo o guião como ferramenta, a forma como os participantes se envolveram na narração, dificultou o colocar de perguntas pertinentes ao estudo, pois poder-se-ia desvalorizar os discurso desenvolvidos, tendo-se adotado um equilíbrio. As histórias de vida, resultando de memórias, associações e significação (Lummins, 2003), criaram testemunhos parciais⁶⁰ embutidos em significado.

Ao conduzir as histórias de vida encontrou-se uma dupla subjetividade, pois estas são um processo de narração em que o “herói” é o próprio narrador, apresentando a sua interpretação e ordem dos factos (Esteves, 1998), dificultando a sua interpretação neutral. No entanto, tal não retira a validade do método e, por conseguinte, da pesquisa realizada, assumindo a vertente de significação pessoal como uma potencialidade.

Encontraram-se dificuldades de ordem mais prática, em concreto, na construção do painel de entrevistados. Apesar de existirem, em território nacional, várias instituições de apoio a pessoas previamente condenadas, o contacto para a realização do estudo foi rejeitado por estas. Para mais, o receio de participar, devido a envolvimento criminal presente, inviabilizou a participação de mais 2 pessoas previamente reclusas.

⁵⁸Sendo despoletada pela investigadora, a entrevista, enquanto fonte oral, não tem existência prévia, expondo a investigadora como central para a sua produção, garantindo que a história seja contada em certas condições (Brannen, 2013), dando autonomia para o entrevistado contar a sua história através da forma como se vê, e como vê o mundo, devendo legitimar este exercício. Tal realizou-se ajustando as perguntas e a linguagem corporal ao discurso desenvolvido. As entrevistas surgiram como produção conjunta desenvolvida entre o narrador e a investigadora, envolvendo investimento emocional de ambas as partes (Brandão, 2007);

⁵⁹A narração ininterrupta combinada com a linguagem corporal (nervosismo e procura de validação) refletem efeitos da vida prisional. Expõe-se uma desadequação dos sujeitos de estudo a uma comunicação equilibrada, interpretando tal como um sintoma de institucionalização. Os entrevistados transmitiram ansiedade, e acima de tudo, vontade de partilhar as suas histórias e opiniões, compensando o isolamento prisional. A narração incidiu desmesuradamente na experiência prisional, apesar de tal não ter sido questionado, evidenciando a dificuldade de conceber a vida sem fazer referência aos muros prisionais;

⁶⁰Evidenciado pelo ignorar de alguns aspetos em detrimento de outros, denotando lapsos de memória A entrevista biográfica depende da subjetividade biográfica, o narrador escolhe o que partilha, organizando a trajetória pelos seus próprios moldes (Brannen, 2013);

III. Análise dos Resultados:

1. Procedimentos de análise:

Iniciou-se a análise dos dados pela transcrição integral das entrevistas⁶¹, redescobrimos informações esquecidas das anotações realizadas, fornecendo uma imagem fidedigna do discurso dos participantes. Conforme mencionado, as entrevistas exploratórias guiaram o elaborar metodológico da presente investigação, sendo, por isso, analisadas previamente às entrevistas narrativas⁶², que se apresentam como núcleo do trabalho. Uma vez transcritas as entrevistas, procedeu-se à sua leitura em profundidade e, conseqüente anotação. Construíram-se cronologias⁶³ para Artur e Bruno, tornando gráfico os seus trajetos de vida. Analisaram-se os dados seguindo a proposta da *Grounded Theory* de Lejeune (Lejeune, 2011), concomitante com o método de análise da narrativa. Realizou-se, num primeiro momento, uma microanálise⁶⁴ por forma a neutralizar pressupostos pessoais face aos dados. Em seguida, etiquetaram-se⁶⁵ as entrevistas, fazendo um esforço reflexivo sobre a vivência relatada dos entrevistados. Analisaram-se as propriedades das etiquetas para construir categorias de análise, funcionais e conceituais. Estas categorias permitiram ganhar um novo conhecimento sobre os dados recolhidos, servindo à análise em profundidade dos mesmos.

1.1. A vida narrada: os diferentes percursos e discursos:

Ambicionou-se compreender a complexidade do fenómeno social da estigmatização prisional. Para tal, enfatizou-se a unicidade da ação humana (Megias, Garcia & Arcos, 2017), por forma a aceder à realidade social incorporada e interiorizada (Brandão, 2007).

1.1.1 Retrato de duas trajetórias de vida:

Artur- “não cumpri uma pena de prisão por ser um bandido”:

Artur é natural de Almada, onde reside. Viveu com os pais até estes se divorciarem, ficando com a mãe. A mãe tinha uma relação positiva com o filho, porém não fornecia um ambiente regado ou estruturado, culminando no insucesso escolar de Artur. Face aos chumbos consecutivos, o pai de Artur decidiu fazer do filho um homem, levando-o a viver consigo, inculcando-lhe estrutura e rotinas, que tanto

⁶¹Apresenta-se a transcrição integral em anexo (Anexo D e Anexo E);

⁶²Destaca-se a distinção simbólica entre a prisão e o exterior, enfatizando a dificuldade de lidar com as injustiças prisionais. Face à vida pós prisão, destacam-se dificuldades nos primeiros tempos pós saída, evidenciando síndrome de institucionalização. Algo notório foi a vontade de refazer a vida, enfatizando o trabalho e o apoio familiar. Face ao trabalho ficou explícito a discriminação por força do registo criminal, ilustrando a dependência de apoios estatais. O discurso feminino centrou-se no falhar no papel de mãe (consultar Anexo F);

⁶³Apresentadas em anexo (consultar Anexo G e Anexo H);

⁶⁴Realizou-se uma análise palavra a palavra de algumas frases interessantes, construindo-se relatórios teóricos (Anexo I e J);

⁶⁵A etiquetagem quis “descobrir os tijolos elementares de uma teoria em processo de elaboração” (Lejeune, 2011, p.85). Combinou-se etiquetas “in vivo” com etiquetas criadas pela investigadora;

valorizava. A vontade de seguir o pai, levou Artur ao boxe, onde encontrou sucesso, alargando os seus contactos. A fama e exposição ao luxo, em conjunto com as influências dos pares, iludiram Artur, começando a ajudar amigos no tráfico de droga, criando contactos de compra e venda. Apesar de trabalhar e receber mesada, Artur dispôs-se a ajudar os amigos a obter dinheiro “fácil”, como diz, participando em tráfico de drogas ilícitas. Foi condenado com 23 anos pelo Tribunal Coletivo de Almada, que Artur diz ter “mão pesada para o tráfico”. Começou a cumprir a pena 4 anos mais tarde, no Estabelecimento Prisional (EP) de Alcoentre. Durante o decurso do processo-crime, Artur estabilizou a sua vida, deixando o crime. Foi cumprir a pena a que foi obrigado, aproveitando para tirar um curso profissional. Passados 2 anos de pena, foi-lhe concedida vigilância eletrónica. Quando saiu da prisão, teve algumas dificuldades iniciais de readaptação. Garante que a pena não o afetou, pois tinha tudo estabilizado quando a iniciou. Reconhece a existência de preconceitos contra ex-reclusos, mas diz que nunca se sentiu discriminado, assumindo ser reconhecido, por onde passa, como uma pessoa digna. Por regra não partilha o cadastro. Não se define pelo que consta do mesmo. Atualmente sente-se inserido a nível laboral, familiar e social, trabalhando como vendedor de automóveis.

Bruno – “eu ou estou morto ou estou preso”:

Bruno é natural de Loulé, onde passou a sua infância, num bairro social. Viu os seus pais separarem-se, vivendo a violência doméstica e toxicod dependência dos mesmos. Aos 7 anos de idade emigrou com a mãe para a Alemanha. Revoltado por ter sido afastado dos seus irmãos e amigos, faltava às aulas. Começou a delinquir, praticando pequenos furtos e incivildades, com vizinhos e colegas de escola. Foi rejeitado pela mãe e institucionalizado aos 14 anos num centro de detenção. De volta a Portugal, foi recebido por uma irmã, começando a trabalhar com 16 anos na construção civil. A irmã obrigava-o a entregar todo o salário. A revolta, por se sentir usado pela irmã, depois do que já tinha vivido, levou-o a deixar o trabalho. Voltou ao mundo do crime, traficando e furtando. Os conflitos familiares levaram-no à vida sem abrigo, aos 17 anos. Aos 18 anos foi preso preventivamente, e posteriormente condenado. Ao sair da prisão, desprovido de dinheiro e de apoios, voltou ao crime quase de imediato. Pouco depois, ao descobrir que ia ser pai, mudou-se para Rio Maior para acompanhar o filho recém-nascido, tendo deixado o crime, sem deixar os hábitos de consumo de drogas ilícitas anteriormente adquiridos. Recebeu muitos “nãos” devido ao seu cadastro. Inclusive no acesso a apoios estatais, o registo criminal foi pretexto para recusas, uma situação que acha normal e razoável. Acredita que o cadastro define quem uma pessoa pode ser, gerindo o seu pelo segredo e partilha seletiva. Atualmente, em liberdade condicional, quer ajudar o filho, confidenciando receio de este estar, ou vir a ser discriminado por sua culpa. Planeia deixar Portugal pelo medo de ser condenado injustamente, pois conhece como isso se passa com outros cadastrados.

1.1.2 A diferença dos meta-discursos:

A forma como os dois entrevistados usaram as suas vozes foi sintomática do que tentaram transmitir: decorre de duas formas profundamente distintas de ver o mundo e a si próprios nele. Tais formas de entender o mundo decorrerão, claro, do carácter de cada um e também dos apoios sociais e emocionais que, desde criança, marcam de forma contrastante não só a vida, mas também as explicações que ambos ofereceram.

Artur contou a sua vida como uma história de sucesso, usando a sua voz, não apenas para partilhar a sua história, mas também para contar outras que conheceu, formulando uma opinião face ao sistema prisional. Assumiu-se como *expert*, expondo a prisão como um mundo diferente, mas estruturalmente semelhante à sociedade em geral. Relatou uma versão melhorada de si, enquanto membro reconhecido da sociedade, evidenciando a “distância entre o narrador, no momento em que narra e o próprio no momento em que viveu a história” (Santana, 2020, p.219). Expôs-se como o recluso que ultrapassou o crime, a prisão e o estigma, distanciando nisto da generalidade dos seus antigos companheiros prisionais. Repela a identidade desviante e, para isso, manifesta acompanhar o preconceito comum contra reclusos e criminosos.

Bruno expôs a sua vida como uma história trágica de fatalismo, definida por faltas emocionais e de proteção na infância, e por tentativas frustradas de as sinalizar através de “revoltas” infantojuvenis. Posicionou-se como vítima do abandono familiar, do sistema prisional e dos preconceitos dos empregadores e do Estado. Colaborou com a investigação, usando-a para denunciar a produção social da dependência de crianças e jovens pela institucionalização e pela falta de satisfação da necessidade de validação social. Poupança a família de comentários negativos proporcionais às responsabilidades parentais e fraternais.

Posicionou-se como *outsider* social, aceitando a identidade desviante como própria, mostrando a contradição entre esta e o valor que atribui ao papel social de pai. Confrontado com o papel parental, deixou de priorizar expressar a sua “revolta” e estabeleceu uma estratégia de integração social, que sabe ser muito difícil, na esperança de proteger o filho dos tipos de abusos que sofreu. Procura quebrar a transmissão transgeracional⁶⁶ das desvantagens sociais.

2. As trajetórias de vida e o estigma:

Reconstruíram-se, assim, sintética e verbalmente, as duas trajetórias de vida dos ex-reclusos entrevistados, evidenciando os constrangimentos estruturais sentidos. Os trajetos de vida reconstruídos ilustraram que, o ser humano apesar de livre, tem oportunidades balizadas pela sua herança hereditária (Santana, 2020) e pela vinculação a ordens supra pessoais, conectando a institucionalização à

⁶⁶ Há estudos que referem a existência de uma geracionalidade multidimensional do crime e da reclusão, ligando-se à de pobreza familiar, declínio residencial e instabilidade parental (Ng, Sarri & Stoffreger, 2013);

internalização de identidade sociais mais ou menos estigmatizadas (Regatierí, 2019). Os entrevistados fizeram interagir diferentes contextos, destacando a integração pré prisão, a pena e a (re)integração pós-pena, conferindo-lhes pesos distintos.

2.1. Artur- a história contada:

A inserção prévia:

Artur sempre teve uma vida que considera ser de luxo, vivendo o seu pai do boxe de competição. Assistiu ao divórcio dos seus pais aos 6 anos de idade, porém relata que estes mantiveram uma boa relação. Artur tinha um círculo de amigo vasto, mas de diferente condição financeira, contando que o seu pai os ajudava:

“sempre tive tudo do bom e do melhor, e o meu pai até tirava os miúdos da rua, os meus amigos, levava-os todos lá para casa (...), eu era o menino riquinho que tinha tudo, mas eu só me dava era com malandros”.

Artur passou a sua infância na rua, assumindo ter sido um “terror” na adolescência, só fazendo asneiras, inclusive pequena delinquência. Explicou que assim se sentia adulto, antecipando a idade biológica e a social, como é típico dos desejos juvenis (Moffit, 1993). Na escola reprovou o 7º e 8º ano, mas relembra experiências positivas. Entrou no boxe aos 16 anos, por influencia do pai e com o desejo de o seguir, encontrando sucesso:

“aos 18 anos fui (...) campeão nacional, o sucesso na escola, entre as miúdas (...), os amigos (...) quando me conheciam era logo” Fogo, temos um campeão nacional”.

Artur assume que o seu sucesso desportivo e a exposição ao luxo consequente, criaram em si, um desejo de ostentação. Algo semelhante ao que procuravam amigos seus dedicados ao tráfico de droga, que via ficarem impunes. Foi capturado aos 21 anos e condenado em primeira instância aos 23, tendo na altura desistido do crime. Após a condenação, enquanto aguardava os recursos interpostos em sua defesa, Artur continuou a sua vida. Manteve, quando pode, a condenação em segredo dos amigos e vizinhos, admitindo que, quem soubesse ficaria a pensar mal dele. Enquanto os seus recursos corriam, Artur começou um curso superior de desporto que não concluiu, tirando um curso profissional de ação social, voltando a uma vida feliz e preenchida.

O crime e a pena:

Artur não assume a responsabilidade pelo crime pelo qual foi condenado, não o considerando grave. Evita a palavra crime para contar a sua história, contando a sua ilegalidade como um erro, justificando-se pela imaturidade. Normaliza o seu erro normalizando o crime, expondo-o como solução para fazer face a frustrações económicas. Artur conhecia pessoas condenadas, mas a prisão nunca ocupou espaço nos seus pensamentos, assumindo-se integrante da sociedade *mainstream*, e não de redes antissociais.

Quando foi ordenado a cumprir a sua pena, fê-lo com maturidade, entregando-se voluntariamente, distinguindo-se objetivamente das pessoas detidas e socialmente vistas como criminosas, pois:

“eu cumpri uma pena de prisão por ter sido condenado a tal, não por ser um bandido, por ser rotulado de bandido ou criminoso”

Artur racionaliza a pena de prisão, assumindo-a como o “castigo dos criminosos”. Durante a pena, e por reconhecer o sofrimento causado pelo tempo prisional, decidiu ocupar-se, tendo trabalhado, tirado um curso e participado em sessões da APAR, cumprindo as regras da prisão. Recorda os extremos do meio prisional, tendo conhecido pessoas más, mas também pessoas boas que cometeram erros, categoria onde se coloca. Lidou com pessoas anormais, relatando a normalização da violência em certas vidas, das quais se distanciou. Recebeu apoio familiar, o que diz não ser comum aos reclusos que conheceu, crendo que tal impediu que fosse tão marcado quanto eles pela prisão. Reconhece que os mais desfavorecidos o são também na prisão. Considera isso uma das falhas das prisões, na sua missão de diminuir o crime. Acredita que tal circunstância é apenas um sintoma de uma falha maior. Artur desvaloriza a pena sofrida, rejeitando os seus efeitos. Apesar de negar ter sido afetado pela pena, reconhece não ter saído “normal” da mesma.

O pós pena:

Artur saiu em regime de vigilância eletrónica um ano antes do seu meio de pena. Diz que o estado de “semiliberdade” o ajudou na transição da prisão para a liberdade, provendo-lhe regras a cumprir. Negou que à saída tivesse sofrido por disrupção relacional a nível familiar e de amigos, porém identificou efeitos pessoais nocivos das rotinas prisionais, dos quais não quis falar:

“quando saio as coisas desmoronaram um bocadinho, mas rapidamente vieram ao seu encontro”

Ao voltar para casa, foi bem recebido pela família e amigos, arranjando colocação laboral de imediato, numa empresa de um patrocinador desportivo seu. Essa, era aliás uma condição para passar ao regime de vigilância eletrónica. Reconheceu que o seu reingresso laboral resultou dos seus conhecimentos sociais, negando ter sofrido discriminação laboral. Para Artur, a família e bases desportivas prévias de inserção foram cruciais, destacando a estabilidade financeira e residencial, distinguindo-se das histórias de reincidência que conheceu. Sente-se integrado em razão da vida pré-pena. Artur denuncia o abandono da Reinserção, tendo esta também falhado o seu acompanhamento, não cumprindo a expectativa de orientação. Sente que os reclusos são abandonados à saída, e que, sem recursos, acabam num ciclo criminal. Admite a inevitabilidade do rótulo prisional, aceitando-o. Porém não o sofreu pessoalmente como outros reclusos, pois pela demora do seu processo, as poucas pessoas que souberam da situação habituaram-se à ideia, ajudando a promover boa receção comunitária, de que

beneficiou. Artur expôs a transição prisão-liberdade como um processo adaptativo que requer apoio e estruturas familiares, destacando necessidades de integração, formação, informação e reeducação. Acredita que, conseguindo integrar-se, a pessoa previamente reclusa merece uma segunda oportunidade para levar uma vida honesta, colocando o ônus da reinserção nesta.

O estigma:

Artur reconhece que a prisão deixa uma marca social vinculada pelo preconceito:

“Nós olhamos, “Olha aquele já esteve preso”, e ou pouco ou muito (...) e vamos sentir alguma repulsa”

Artur naturaliza o estigma prisional, assumindo o recluso como perigoso, frisando não se identificar, a nível pessoal ou social, como ex-recluso. Reclama que, nem todos os condenados são criminosos. Conta nunca se ter sentido discriminado pelo cadastro, dizendo que as pessoas o conhecem a si e à sua verdadeira identidade, sendo por essa definido. Por regra, não partilha o seu passado criminal, mantendo-o em segredo, não o considerando uma informação essencial. Assume que, por vezes partilha o seu cadastro, porém apenas com pessoas importantes para si, de forma progressiva e no momento certo. Diz que partilhar o seu passado prisional com pessoas novas tem um efeito de repúdio, pois estas apenas conhecem a realidade prisional pelos media, contado que:

“eu quando conheço alguém não digo, -“Olha tive preso!”-, -“Mau?!!”-, ficam de pé atrás”.

Pelo que viu e que lhe foi contado, afirma que pessoas previamente reclusas têm oportunidades de vida distintas, que resultam de uma combinação da prisão com a falta de recursos familiares, laborais e materiais, algo que diz não carecer, postulando que a pena não o afetou. Acredita que quem cria o rótulo é a pessoa e não a instituição prisional. Há, portanto, a capacidade individual de desmistificar o estigma:

“o rótulo que eu acho que devo ter (...) é uma pessoa que era nova, cometeu um deslize (...), entregou-se como homem (...) provou que não era delinquente (...) tem uma vida digna, é uma pessoa de respeito, socialmente aceite”

Artur conserva a sua imagem convencional e normativa, assumindo que pelo trabalho quebra a imagem social de criminoso, apesar de acreditar ser sempre um “ex”.

Contágio:

Artur não encontra efeitos da pena na sua vida pessoal ou social, apesar de ter perdido algumas amizades, o que diz ser normal. Reconhece que a sua família sofreu emocionalmente com a reclusão, tendo

colocado tensão financeira na mesma. Nega que esta tenha sofrido discriminação, pois a reclusão foi ficando sob sigilo.

2.1.2 Artur- a história analisada:

Artur apresenta um trajeto pré-prisão conotado pelo conforto material e aceitação social. Artur define-se, essencialmente, pelo seu sucesso no boxe, evidenciando um sentido de confiança social, controlando as suas emoções por um processo de auto monitorização afetivo (Wacquant, 1995). A sua inserção positiva contrasta com a sua condenação, motivo pelo qual se mostra ambivalente a assumir a responsabilidade da mesma. Não se define como criminoso, não considerando o tráfico um problema criminal. Artur tenta, sempre que possível, distanciar-se, simbólica e materialmente da realidade criminal, racionalizando as suas ações para mitigar a culpa, pessoal e social, das mesmas (Dias & Cruz, 2013).

Durante a pena, ao assumir ter cumprido as regras prisionais, Artur adotou uma estratégia de auto valorização, fortificando e validando a sua identidade normativa (*ibid*), querendo ilustrar pertencer à sociedade exterior e não à sociedade prisional, recusando aceitar a identidade desviante como um descritivo pessoal. Ao afirmar que não se identifica, nem se sente, um ex-recluso, mas sim uma pessoa digna que passou por uma reclusão, Artur patenteia uma distinção social entre a população criminosa e a população digna, perpetuando o estigma associado ao mundo prisional. A sua posição evidencia um preconceito reconhecido e aceite face à população prisional, ilustrando efeitos práticos das institucionalizações de pessoas no seio da sociedade *mainstream* (Regatierí, 2019). Como esta, Artur aceita e internaliza os estigmas próprios do sistema criminal e protesta quando eles são aplicados a si, ou a alguém próximo.

Ao assumir repulsa face a ex-reclusos, Artur evidencia repugnância moral, confirmando a proposta freudiana de conceber o estranho animalisticamente, alimentando-se o preconceito de uma forma primitiva de pensar (Sallum, 2020).

Artur recorda a prisão como um local diferente, mas estruturalmente semelhante. Reconhece que os mais desfavorecidos extramuros, também o são intramuros. Denuncia corrupção e um uso das populações marginalizadas pelo sistema prisional, expondo a tendência social de criminalizar a pobreza. Sem o explicitar, Artur evidencia que a prisão se integra num esquema punitivo e de controlo social estrutural (Wacquant, 2012), dirigindo o seu impacto às margens sociais, reforçando-as e reproduzindo-as. Apesar de querer mostrar pertencer ao mundo normal, Artur evidenciou ter, também, sido marcado pela institucionalização prisional (Haney, 2002), em concreto pelas dificuldades de lidar com a desregulação horária. Assume que a vigilância eletrónica o ajudou a adaptar-se à vida pós-pena, não dando conta do que isso representa no aspeto de alongar da rede penal para lá dos muros das prisões (O' Malley, 2010).

Artur acredita que o seu cadastro não o afetou ou afetará, evidenciando uma capacidade pessoal e social de neutralizar⁶⁷ a etiqueta de desviante imposta (Dias & Cruz, 2013). Refere-se ao efeito protetor do estatuto socioeconómico mais alto face ao estigma criminal (Askew & Salinas, 2019). Artur resiste às interpretações negativas de si, usando o estigma prisional para validar a sua superioridade social (Coleman, 2006). Apesar de conseguir neutralizar, a nível pessoal e social, o estigma, Artur reconhece que, por muito que se mude, a pessoa é sempre perseguida pelo seu passado. Por esse motivo, decidiu adotar o segredo e partilha seletiva como técnicas de gestão da sua identidade estigmatizada. Ao adotar o segredo como estratégia, demonstra, tacitamente, vergonha de ser definido pelo seu cadastro, marcando estigma a nível pessoal (Dores, 2018). Ao recorrer ao segredo, Artur usa a invisibilidade da sua estadia prisional para ilustrar o seu desejo de pertença e reconhecimento na sociedade *mainstream*. Artur antecipa o estigma, expondo que este condiciona o seu comportamento social, agindo o seu cadastro como um incómodo potencial que requer atenção constante para ser gerido.

Artur confirmou a importância do capital social para a transição prisão-liberdade (Hattery & Smith, 2010), expondo a importância das redes normativas construídas a montante da reclusão, gerando estas oportunidades, de outra forma inacessíveis. O reconhecimento dos conhecimentos sociais prévios evitarem discriminação laboral, confirma que o estigma, a nível interpessoal, tem maior impacto aquando do contacto com pessoas desconhecidas. Artur continuou a ser definido pelos seus papéis sociais prévios à condenação, em concreto pela sua identidade de desportista de sucesso, e não pela identidade criminal que a condenação impõe (Massoglia et al., 2011), relembrando que o tempo, face aos eventos estigmatizantes, fornece possibilidades de dissipar o estigma (Denver et al., 2017).

Artur expôs a expectativa dos serviços de reinserção aprovisionarem apoio, acompanhamento e orientação, percebendo o Estado pela sua vertente assistencialista. A realidade contrapôs esta crença, expondo um Estado punitivo, e serviços de reinserção que abandonam e potenciam um ciclo criminal. Ao assumir a importância do acompanhamento estatal para a quebra do ciclo criminal, Artur evidencia reconhecer que, na sua maioria, os ex reclusos, por si, não conseguem integrar-se funcionalmente na sociedade extramuros. Para Artur, a sua reclusão foi uma aprendizagem, um azar que teve de ultrapassar e pelo qual não foi socialmente condenado. Mostrou o mundo do boxe profissional e a sua família como espaços de proteção (Wacquant, 2002), onde o estigma não surtiu efeitos discriminatórios.

2.2. Bruno- história contada:

Inserção prévia:

Bruno cresceu num bairro social, sofrendo quebra e violência parental, contando ter vivido num ambiente instável caracterizado por toxicodependência. Não gostava da escola, até porque não tinha

⁶⁷A técnica de neutralização assumida por Artur expõe a sua integração na sociedade *mainstream*, pois representa, acima de tudo, um partilhar de moralidade coletiva (Melossi, 2008);

acompanhamento parental para o auxiliar, chumbando 3 vezes no 1º ano, preferindo ficar a brincar no bairro. Emigrou, aos 7 anos de idade, com a sua mãe para a Alemanha, onde se sentiu sozinho, revoltando-se contra a sua família, começando a furtar pequenas coisas. Na Alemanha, frequentou 3 escolas, sendo sucessivamente expulso pelo seu absentismo e comportamento violento. Acabou institucionalizado por 1 mês num centro de detenção, após o qual, com 15 anos, retornou a Portugal. De volta ao bairro, a viver com uma irmã, passava o tempo na rua com amigos, delinquindo com eles:

“a gente andávamos todos aí, era fumar ganza aí nos cantos de Loulé (...) era roubar carros”

Aos 16 anos foi trabalhar para a construção civil, como pintor, dando o que ganhava à irmã. Deixou o trabalho, começando a furtar, situação que não foi condenada pela irmã que recebia frutos dessas atividades. Aos 17 anos, por conflitos familiares, acabou na rua, furtando agora para sobreviver, radicalizando os consumos e tráficos de droga.

O crime e a pena:

Bruno assume a culpa dos seus crimes, reconhecendo o dano causado pelos mesmos. Sendo uma criança aquando da reclusão, não conhecia o mundo do crime, distinguindo-se dos “criminosos a sério” que veio, depois, a conhecer na prisão. Bruno assume que a sua reclusão poderia ter sido evitada se tivesse sido ajudado, pela sua família e pelo Estado, acreditando que a institucionalização lhe poderia ter proporcionado um trajeto de vida distinto.

Bruno reconhece o crime como solução para problemas financeiros, assumindo-o como o destino provável no seu meio de origem, famílias destruídas a viver em bairros sociais. Naturaliza o crime face ao abandono do Estado. Bruno passou por vários estabelecimentos prisionais, nos quais não teve visitas, ocupação laboral ou escolar, licenças de saída ou apoios externos. Entrou com 18 anos no sistema prisional, pedindo várias vezes transferência para o EP escola, em Leiria, que sempre lhe foi negada. Pelo abandono, familiar e institucional, viveu revoltado e desorientado, recorrendo à economia informal para sobreviver. Relembra experiências traumáticas de violência, aprendendo o crime como ofício, pois:

“quando a gente entramos para um EP, a gente vamos para a escola. Cada EP é como se fosse uma faculdade (...) eu fui para as faculdades para aprender a ser criminoso”

Bruno foi etiquetado pelo sistema prisional como recluso delinquente extremamente perigoso, impedindo a sua “progressão de regimes”. Sentiu-se injustiçado e violentado pelo *staff* prisional. O abandono e violência sentidos aumentaram a sua revolta, levando-o a aceitar a prisão como a sua vida, pois:

“chegou a um ponto em que eu disse, “Olha esquece, isto aqui é a minha vida”, mentalizei-me que a cadeia ia ser o resto da minha vida por anos, eu desisti de viver”

Bruno assume que a sua primeira reclusão estragou a sua vida. Atualmente, carrega a etiqueta de recluso reincidente, o que já o prejudicou perante a administração prisional. Na prisão vê “tristeza”, reconhecendo que esta fabrica criminosos, atribuindo-lhe funções que não as publicitadas oficialmente, mas que não são segredo: a universidade do crime.

O pós pena:

Bruno saiu aos 5/6 da pena, desprovido de recursos financeiros e apoio familiar. Relembra não ter ficado em choque à saída, o que viu ocorrer a alguns dos seus pares, destacando o seu desejo de abandonar o recinto prisional. No entanto, ficou desorientado por ter saído sem ajuda. Retornou ao Algarve, ficando a viver com uma amiga, e voltou ao crime. Pouco depois, ao descobrir que ia ser pai, tentou normalizar a sua vida. Mudou-se para Rio Maior, vivendo em quartos alugados, onde acompanhou o filho, tirou a carta de condução e trabalhou. Bruno foi acompanhado mensalmente pelos serviços de reinserção, aos quais não atribui importância, recordando ter sido empurrado para apoios burocráticos ineficientes, pois:

“fui ao senhor da reinserção social em Faro, [eu] disse “O quê que eu posso fazer, ajude-me, preciso de arranjar trabalho, o quê que eu tenho de fazer?” (...) ele disse “Vai ai ao centro de emprego e vai tratar daquilo para receberes do Estado”.

Deveria ter sido acompanhado pela Comissão de Apoio a Toxicodependentes, mas foi rejeitado. Alegaram que a sua dependência não era urgente, decisão que Bruno aceitou. Conforme disposto nas injunções de liberdade condicional, Bruno notificou o Tribunal de Execução de Penas da sua situação residencial e laboral, no entanto continuou a ser definido pelos crimes:

“para eles só interessa aquilo que eu cometi, os crimes que eu cometi (...), de resto mais nada”

Durante os dois anos que estive em liberdade, reconheceu em si algumas diferenças, tendo menor capacidade de confiar nas pessoas. Reconheceu a sua revolta e a sua maldade, sentindo dificuldades em construir relações sem ser por interesse. Ganhou motivação para deixar o crime, atribuindo ao filho um papel crucial, apesar das dificuldades na relação com a ex-companheira. Bruno reconta dificuldades de reingresso laboral, já antecipadas durante a pena, pois sabia que o cadastro criminal discriminaria, o que diz entender, pois:

“quando viram o relatório foram muito sinceros para mim, disseram, “Epá, desculpa, mas porque tu és ex recluso (...), não te vou dar trabalho (...)” Eu não vou [es]tar a criticar porque entendo (...), é difícil confiar numa pessoa que já esteve presa”.

Bruno conseguiu dois contratos de trabalho, ambos em empresas industriais que não pediam registo criminal, construindo uma vida “normal”. Aceita ficar limitado a empregos que não requeiram a apresentação do cadastro, citando a construção civil como opção, tendo um amigo na área que lhe arranjará trabalho. Apesar de considerar trabalhar com o seu amigo, Bruno reconhece que o cadastro o limitará, ambicionando sair de Portugal, tentando ultrapassar as poucas oportunidades que encontrou, pois:

“e o registo, eu vou pedir e [es]tá lá, [es]tá lá a dizer que eu sou ex recluso, isso não desaparece, 5 ou 15 anos (...). O quê que eu faço durante esses 5 anos (...), com o meu registo a dizer que eu sou um ex recluso?”

Bruno reconhece a dificuldade do processo de readaptação pós-pena, acreditando ser tarefa do ex-recluso integrar-se no mundo que deixou. Denuncia abandono do Estado, que apesar de se mostrar disponível para ajudar, não o faz. Destaca o trabalho, a parentalidade e a força de vontade para ultrapassar a transição prisão-liberdade.

O estigma:

Bruno reconhece que um ex-recluso não é visto como normal pela sociedade, dizendo que o normal é estar socialmente inserido, distinguindo entre pessoas de bem e criminosos. Admite que o preconceito social sobre reclusos legitima a violência intramuros, partilhando histórias de discriminação, em variados contextos, nomeadamente no acesso a apoios financeiros, contando que foi olhado de lado e ignorado na prisão como no trabalho e nos serviços públicos. Relembra rejeição por medo, quando revelou o seu cadastro, o que diz compreender. Assume que, em parte, o Estado e os media reforçam a ideia do ex-recluso como alguém perigoso, a ser temido, contando que:

“deixou de falar comigo, por (..) receio, é normal, (..)eu compreendo isso (...) sou isto, sou ex detido (...) as pessoas têm medo”

Bruno justifica o tratamento social que recebe pelos maus-tratos que infligiu à sociedade, apresentando a discriminação que sofre como uma segunda condenação:

“[es]tão me a condenar duas vezes (...) eu vou levar a mal essas pessoas porquê? (...) estão inseridas na sociedade e são pessoas normais, eu não. Eu tenho um registo criminal grande (...), as pessoas vão ter sempre medo”

Pelas experiências de discriminação, Bruno avalia e antecipa reações. Adota como regra o segredo, usando a possibilidade de camuflar a marca prisional, reconhecendo estar limitado nas suas relações. Em meios “requintados” nunca partilha o seu cadastro, fazendo-o somente com pessoas que o

compreendam, encontrando conforto nos pares criminais do bairro social. Bruno conta que quando o seu cadastro fica público, é definido exclusivamente pelo mesmo, sendo desvalorizado enquanto cidadão, homem e pai. Receia ser perpetuamente definido pelo cadastro, e por isso injustamente condenado:

“eu vou ser condenado, mesmo que não tenha sido eu a cometer o crime, eu vou ser condenado devido ao meu passado, e esse é o meu grande medo aqui”.

Contágio:

Bruno conta que a prisão quebrou a relação com a mãe do seu filho, tendo a sua presença na vida deste negada pelo tribunal, que comunicou, a título decisório, que este não deveria visitar o pai na prisão pois, um pai recluso não precisa de ver o filho. Bruno assume que o seu estatuto já prejudicou o filho, pois sabia que este sofria de violência doméstica, mas os seus pedidos de ajuda foram ignorados pela CPCJ. Receia que, ao crescer o filho seja discriminado, confessando que na sua escola pensam que o pai trabalha fora. Não revela a verdade por crer que tal afetaria o crescimento, as escolhas e as oportunidades do filho. Para evitar que tal aconteça, Bruno planeia emigrar para sinalizar uma mudança de vida, evitando que o filho ouça falar de si e do que fez, tanto na rua como na prisão. Deseja providenciar uma vida melhor ao filho, desejando afastá-lo do crime e da prisão.

2.2.2. Bruno- história analisada:

Bruno contou um trajeto de rejeição familiar, evidenciando desejo de pertença e estabilidade familiar em contraponto à herança geracional de violência e desfavorecimento económico-social (Mccord, 1999) que viveu. O envolvimento criminal de Bruno superou as suas necessidades económicas, ao mesmo tempo que, exprimia os sentimentos de revolta por um sistema social que não compreende e cujas consequências punitivas não conseguiu evitar (Soulet, 2000). Os seus problemas escolares, mostraram como a instabilidade familiar não minimizada pela escola, eventualmente foi reforçada, ilustrando como a rejeição escolar⁶⁸ condiciona o contacto futuro com outras instituições normativas (Queloz, 2000). Bruno expõe o crime ⁶⁹como normal no seu meio, expondo os processos que conduzem à criminalização da pobreza⁷⁰. Evidencia-se que nem toda a sociedade é alvo, por igual, do aparato penal, atingindo essencialmente comunidades marginalizadas (Pitts, 2013). Este reconhecimento conjugado com o conforto das relações com os pares do bairro⁷¹, expõe-no como uma subcultura, adaptando as normas conforme as condições disponíveis no mesmo (Cunha, 2002), mitigando os efeitos pessoais e

⁶⁸ Sustenta-se a importância da escola para a mitigação de delinquência juvenil, pois esta serve de espaço contendor e regulador, fornecendo uma aprendizagem das normas e regras sociais (Núncio, 2019);

⁶⁹ A criminalidade distribui-se “desigualmente conforme a hierarquia dos interesses fixada no sistema socioeconómico e conforme a desigualdade social entre os indivíduos” (Santana, 2020, p.221);

⁷⁰ A criminalização da pobreza não evidencia que a população pobre cometa mais crime, mas sim que esta é mais perseguida pela justiça, tendo maior probabilidade de ser detetada e, por conseguinte, condenada (Min, 2012);

⁷¹ A identificação grupal mitiga a rejeição, mas promove a internalização do estigma (Kyprianides et al., 2019);

interpessoais do cadastro. Bruno não concebe assertivamente o impacto do seu passado no presente. Não sente capacidade de se autonomizar em relação ao estigma. A fraca inserção social age de forma auto estigmatizadora, permitindo dominação simbólica, danificando a sua noção de autovalor.

Bruno acreditava na função de cuidado do Estado, esperando auxílio, assistência e orientação. Na realidade, o Estado expropriou-o da sua liberdade e inserção, quebrando a função assistencialista pela punição (Rains et al., 2003). Ao crer que a institucionalização, enquanto jovem em risco, melhoraria a sua condição social, Bruno fixa uma impotência pessoal para melhorar autonomamente a sua vida, fixando, de modo incorporado, dominação simbólica (Bourdieu & Wacquant, 2013). A dominação cristalizou-se formalmente em meio prisional, com o registo criminal. Bruno sofreu de abandono institucional, a somar à rejeição familiar. Acabou por internalizar a exclusão sistemática de que foi alvo, tornando-se dependente do sistema (Haney, 2002), nunca se integrando na sociedade extramuros.

O seu trajeto pós-prisão caracterizou-se por uma ostracização sistemática (Wacquant, 2000-b), expondo o cruzar da prisão com apoios estatais, diferenciando a população, enviesadamente, por valores impostos de moralidade (Wacquant, 2009). Reflete-se que, os recetores de apoios estatais e de penas de prisão, são ambos recrutados dos mesmos setores marginalizados da classe não qualificada, pertencendo às mesmas famílias e aos mesmos bairros (Wacquant, 2014).

O acompanhamento da reinserção ficou atravancado pelo estigma, que a ser estrutural, mitiga a vontade de auxílio, promovendo a reincidência como falha pessoal, quando na verdade é sistemática. Bruno, teve à saída da prisão a sua primeira oportunidade de viver como um adulto num contexto não institucional (Western et al., 2015). Sem apoio e sem estrutura pessoal e social, não evitou a reincidência.

Bruno, aceita o estigma prisional, naturaliza-o e internaliza-o, excluindo-se a si próprio de um mundo onde crê não pertencer (Xiberras, 1993).

Bruno mostrou o impacto do estigma na vida pós-prisão, bloqueando o seu progresso funcional na vida adulta. Ao recorrer ao segredo para gerir o seu passado criminal, Bruno usa a sua “invisibilidade” para usurpar um lugar no mundo da normalidade (Xiberras, 1993), refletindo a pressão da normalidade para a população estigmatizada (Bergin & Westwood, 2003). Bruno diferencia a gestão do seu cadastro consoante as suas relações sociais, evidenciando a complexidade do estigma prisional, combinando no mesmo várias características sociais indesejadas. Bruno evidenciou que, o maior impacto sentido do cadastro foi, porventura, no mercado de trabalho: o registo criminal exclui-o de muitas opções. Confirma-se que o registo criminal, em conjunto com fracas competências educacionais empurra para a precariedade laboral, limitando o sujeito a trabalhos instáveis e com baixa remuneração. O impacto estrutural do registo criminal contribui, diretamente para o regular dos setores mais baixos do mercado laboral, fazendo-o coercivamente (Wacquant, 2000-b). Bruno, ao aceitar ficar relegado a trabalhos irregulares e sem estabilidade contratual, evidencia que o impacto da criminalização da pobreza computa

a imposição do trabalho precário como uma obrigação cívica, para quem está preso na parte inferior da estrutural social (*ibid*).

O registo criminal desempenha funções sociais. Nomeadamente, produz o receio de condenação injusta, criando identidades próprias de bodes expiatórios promovidas pela reclusão, canalizando frustração, raiva e agressão sociais para uma vítima, neste caso Bruno, ex-recluso, pobre e dependente (Gorringe, 2002). Esta função patenteia profundos desequilíbrios de poder, explicando porque o Estado também promove rejeição e exclusão social, cristalizando precariedade e culpa. O Estado e os media reforçam o imaginário social, alimentando preconceitos sociais, confundindo a insegurança e a sensação de insegurança, canalizando ansiedades para as imagens estereotipadas dos delinquentes de rua (Wacquant, 2009). Bruno denunciou um processo de reinserção traumático, que o lembrou da sua falta de oportunidades estruturais, encontrando a reincidência num cruzamento das armadilhas da pobreza com o crime (Petersila, 2001).

Bruno ilustrou que a anormalidade relacional imposta pela reclusão, quebra famílias (Turney, 2014), prejudicando, de forma inevitável o seu filho. Bruno ao querer emigrar, reconhece a fatalidade transgeracional, marcada por pobreza, dependências e dificuldades de integração que viveu, querendo evitar que isso passe para o filho. A esperança colocada na emigração pode ser exagerada, negligenciando a realidade estigmatizada do imigrante, especialmente quando não especializado (Bauman, 2011). A dificuldade de Bruno reagir perante a sua situação social vai em par com a sua impotência para mudar a sua trajetória negativa de vida, simbolizando o estigma estrutural que afeta outros em situações parecidas.

Bruno destaca a importância da motivação para deixar o crime, enfatizando a parentalidade, confirmando-a como *turning point* (Sampson & Laub, 1997), redesenhando a sua trajetória (Matsueda & Heimer, 1997), ligando-o à convencionalidade, potenciando mudanças comportamentais.

2.3. Síntese:

As trajetórias de Artur e Bruno⁷²unem-se pela condenação criminal e consequente reclusão, expondo, por um lado, dinâmicas de auto-demarcação face ao conjunto abstrato da população reclusa (Cunha, 2003). Por outro, expõem um impacto distinto do registo criminal. Artur com um trajeto de inserção pessoal e interpessoal, nega ter sido afetado pela pena, a nível pessoal e interpessoal. Reconhece e aceita o estigma, mas não o internaliza como parte do seu *self*, criando estratégias reativas para o gerir, quando afetado. Bruno descreveu uma inserção frágil, marcada por vitimação, dependências e debilidades económicas, cristalizada por rejeição familiar, escolar e estatal. Adota a identidade desviante como

⁷² Apresenta-se em anexo uma tabela de síntese dos dados recolhidos (Anexo L);

própria, querendo mudá-la por forma a ser validado como bom pai. Descobriu na reintegração laboral um cruzamento de desvantagens, que o conduziu ao desemprego, perpetuando instabilidade económica e residencial. Bruno diferencia a partilha do seu cadastro, cruzando o estigma prisional com o estigma da pobreza, do consumo de drogas, da falta de educação e da habitação social.

3. Discussão dos resultados:

As trajetórias descritas mostram que a punição se estende extramuros. Por um lado, devido às consequências biológicas e sociais da institucionalização. Criam dificuldades readaptativas, maiores nos primeiros tempos pós-libertação. Por outro, a realidade punitiva estende-se pelas técnicas de controlo penal e pelo efeito discriminatório do registo criminal.

Nos casos apresentados, a realidade punitiva pós-pena mostrou impactos, objetivos e subjetivos, distintos do estigma prisional. Cada caso revelou-se diferente do outro. Isso sugere haver uma ligação, potencialmente, causal entre a experiência pessoal e social prévia à reclusão e a intensidade do estigma. A uma experiência de sucesso (“um campeão”) contrapõe-se uma experiência de trauma (“revolta”), com impacto na resiliência individual e social ao estigma prisional, independentemente do caráter pessoal de cada um.

Artur e Bruno integram-se, ambos, numa espacialidade urbana desfavorecida. Porém, a família de Artur contrariou o desfavorecimento que o rodeava pelo desporto, enquanto Bruno ficou retido nos abandonos sucessivos que sofreu. Estas diferenças refletiram-se na estadia prisional e, também na trajetória pós-pena.

A experiência prisional, também ela, reforça e cristaliza desvantagens socioeconómicas prévias. Tanto Artur como Bruno, deram conta de ter sentido um tratamento prisional diferenciado em desfavor das pessoas oriundas das categorias inferiores da estrutura social, refletindo-se nos próprios. Por exemplo, a organização prisional ajudou Artur, um homem inserido socioeconomicamente, mas abandonou Bruno, um jovem desprovido de inserção e recursos pessoais. O impacto diferencial da reclusão comportou uma marca distinta. Nos casos em apreço, Bruno ficou fisicamente marcado⁷³ pela passagem prisional, o que não ocorreu da mesma maneira com Artur.

O estigma prisional é complexo, parecendo não resultar apenas da instituição prisional, mas ser cristalizado e reforçado por esta, fixando uma desvalorização pessoal e social prévia, dificultando a readaptação funcional à liberdade.

⁷³A marca física colocou-se por ossos e dentes partidos e tatuagens faciais, inscrevendo-se no corpo de Bruno. O corpo, enquanto meio pelo qual a pessoa é socialmente percecionada (Grytten & Måseide, 2005), condiciona a forma como o estigma se agarra e seu impacto (Gahander, 2020);

Encontraram-se efeitos do estigma em diferentes níveis, destacando, conforme proposto pela literatura, os níveis pessoal, interpessoal e estrutural.

A nível pessoal, o estigma criou contradições identitárias, resultantes, em ambos os casos, da tensão sentida pelo aceitar pessoal do estigma imposto. Ativado ou não, evitado ou não, o estigma tem efeitos práticos na apresentação subjetivas dos sujeitos ex-reclusos em sociedade.

Tanto para Artur como para Bruno, o estigma prisional foi assumido como negativo e prejudicial, motivando estratégias de demarcação face ao conjunto abstrato dos criminosos e reclusos. Criaram estratégias protetoras para gerir o estigma, como o associar-se à APAR como uma forma de apoiar o empoderamento pessoal. Os ex-reclusos em análise usaram a invisibilidade⁷⁴ do estigma, recorrendo ao segredo e à partilha seletiva, escolhendo o que, com quem, e quando partilhar a informação sensível, retendo controlo, ainda que problemático, sobre a respetiva apresentação identitária. Confirmou-se, nestes casos, que a gestão do estigma funciona num contínuo reativo-pró-ativo, com vista a mitigar as suas consequências pessoais (Gahander, 2020). Os dados recolhidos sustentam a distinção entre auto-estigma e estigma público (Corrigan & Rao, 2012), pois Artur, consciente do estigma grupal, ignorou a sua marca, e, ao contrário, Bruno, inscreveu-a em si. Confirma-se o auto-estigma como especialmente danoso, culminando numa desvalorização pessoal íntima, promovendo a internalização da culpa ontológica revelada pelo desfavorecimento (*ibid*). Neste nível, o estigma teve um efeito diferenciado, sinalizando a importância dos papéis sociais prévios à reclusão para o autoconceito pós-prisional de cada um.

A nível interpessoal, o estigma revelou-se pelas atitudes sociais que Artur e Bruno, enquanto ex-reclusos, enfrentaram. Destacam-se as atitudes de suspeição, receio e rejeição, que atingiram, de formas diferentes os sujeitos de estudo, condicionando os respetivos comportamentos sociais (Pachankis, 2007). O estigma diferenciou-se consoante as relações sociais, expondo a sua natureza contextual. O estigma prisional não surte os mesmos efeitos pessoais e interpessoais no bairro social⁷⁵, confirmando que este serve como um espaço interpessoal de proteção e dignidade (Cunha, 2003), não fosse ele próprio estigmatizado. O impacto interpessoal do estigma não se cingiu à pessoa condenada. É extensão e estendeu-se às respetivas famílias (Phillips & Gates, 2011). Em ambos os casos, as famílias recorrem ao segredo para gerir a marca prisional do familiar, tentando protegerem-se a si e ao familiar em transição, confirmando a experiência de vergonha familiar⁷⁶ da reclusão (McCan & Lubman, 2018). O

⁷⁴No caso de Bruno, com a ajuda da moda das tatuagens, que deixaram de ser apanágio dos cadastrados;

⁷⁵O bairro social é replicado e replica-se na prisão (Cunha, 2002), criando dependência institucional nos seus residentes (Wacquant, 2008);

⁷⁶O segredo familiar da reclusão promoveu experiência de vergonha geracional, alongando os efeitos simbólicos do estigma, propiciando a sua aceitação (Barnweel, 2019);

impacto interpessoal do estigma diferenciou-se pela posição social e condição económica dos sujeitos de estudo e das respetivas famílias, e recursos consequentes.

A nível estrutural, o impacto do estigma efetivou-se nos condicionamentos para acesso laboral e a apoios estatais. Na tentativa de reintegração laboral, o impacto do estigma diferenciou-se, pois, o registo criminal excluiu as pessoas previamente reclusas dos mercados regulares, afetando a sua estabilidade social e residencial. Confirmou-se o *background check* como uma forma de discriminação (Harris & Keller, 2005), mesmo quando as condenações não relevam para o cargo a ocupar. O estigma suscita uma suspeita de caráter pessoal, independente das relações interpessoais: é subjetivo e com efeitos práticos estruturais.

O estigma mostrou impactos a um nível mais societal, agravando suspeitas e penas⁷⁷, potenciando que a pessoa, mesmo após ter findado a sua pena, continue a ocupar o lugar de culpado, cobrindo as ineficácias e os disfuncionamentos dos órgãos de controlo social formal (Fitzgerald, 2009). Porém, este papel de culpado “cola-se” melhor a quem se assemelhe ao “criminoso típico”, evidenciando um efeito diferenciado do registo criminal pela condição social.

Este efeito diferenciado, parece refletir o que Loic Wacquant (2000b) denominou de criminalização da pobreza⁷⁸. Segundo alguma literatura, estas diferenças transcendem a criminalização da pobreza, evidenciando uma socialização que demoniza o delinquent, combinando um foco mediático⁷⁹ com mecanismos sociais que impedem a inserção de uma franja das populações desfavorecidas (Dores, 2018), normalizando a sua penalização. Tal formaliza-se desde cedo, pela falta de cuidados emocionais na infância, rejeição escolar e familiar, culminando em institucionalização (*ibid*). Assim, não só nem todas as pessoas têm probabilidade de serem reclusas, como nem todos os desfavorecidos têm a mesma probabilidade de etiquetagem.

Para mais, aquando da saída prisional, a minimização carcerária dos recursos disponíveis, nomeadamente pessoais, sociais, materiais e simbólicos, condicionou os trajetos de readaptação. Estes recursos expuseram a uma distribuição desigual de recursos próprios da condição social de quem recebe. Como esperado, mais recursos sociais e económicos facilitaram a transição (Hallet, 2012),

⁷⁷Formalmente, tal acontece pelo instituto jurídico da reincidência, consagrado nos artigos 75º e 76º do CP, agravando a moldura concreta da pena. Esta figura legal assume que o agente, previamente condenado, não foi totalmente ressocializado (Julião, 2016). A reincidência mancha, formalmente, o agente por 5 após a declaração da extinção da pena, agindo como uma dupla sanção (Pêcego & Silveira, 2013);

⁷⁸Fala-se de um controlo panótico (Wacquant, 2012), que incide, desproporcionalmente, em espacialidades estigmatizadas, cristalizando desqualificação social (Paugam, 2000);

⁷⁹Evidencia-se o impacto da mediatização do crime na atitude face ao mesmo. Pelo dramatizar de emoções e distinções normativas, os media amplificam a sensação do crime (Gerr, 2003), focando um delinquent marginal, reforçando a ideia deste ser diferente e de merecer um destino de marginalidade (Cottle, 2006), o que foi reconhecido pelos sujeitos de estudo;

possibilitando maior disponibilidade de papéis sociais. Destacam-se relações familiares⁸⁰, provendo apoio e local de retorno. Mesmo em casos de destruturação familiar, os laços existentes ajudaram a readaptação. No caso de Bruno, releva-se a importância da parentalidade, no caso a sua, criando vontade de mudança, especialmente com vista à quebra de desvantagens geracionais. O trabalho surgiu como um desejo da vida pós-prisão, para quebrar a identidade social de desviante.

A realidade social, individualizada nos trajetos apresentados, ilustrou a divisão, simbólica e material, entre duas condições sociais. Contrapôs-se um trajeto de aceitação a um trajeto de exclusão, ambos, condicionados pela posição estrutural, cristalizada antes da reclusão e reforçada por esta. A prisão dissimula a violência estratificadora da organização social (Dores, 2018-b), cristalizando estigma para organizar, simbolicamente, a sociedade (Doise, 1998). Ilustra-se assim, que o poder estatal, apesar de publicitar garantir a todos, sob todas as circunstâncias, segurança material, vital e existencial, o faz de forma enviesada⁸¹, garantindo as desigualdades de poder estruturais (Wacquant, 1993) e de oportunidades pessoais e de integração nos processos de integração social mais comuns (Dores, 2018). O efeito desse enviesamento detetado nos dados, evidencia uma ligação bidirecional entre a prisão e a marginalidade, conhecida como universidade do crime, garantindo internalização da precariedade estrutural de uma parte importante da população (Wacquant, 2014), baralhando a distinção entre ex-ofensor e não-ofensor (Geiger, 2006).

O estigma prisional é socialmente representado como uma repugnância social, praticada mesmo por sujeitos estigmatizados (Dores, 2018), legitimando a perpetuação de desigualdades crônicas, estruturais, como se fossem meras características pessoais (Tyler, 2020).

Analisar a vida pós-prisão expõe as dinâmicas pelas quais, o poder social ecoa, assegurando sistemas de disciplina social e punição, por via de violência simbólica e material, de efeitos difusos e indiretos para toda a sociedade. O estigma prisional e a natureza normativamente enviesada do funcionamento das instituições criminais-penais, garantem que a relação entre a pobreza, o desfavorecimento social e o encarceramento inibe veleidades de mobilidade ascendente (Min, 2012), favorecendo a manutenção inquestionada do *status quo* (Coleman, 2006).

⁸⁰Os pais dos reclusos, quando se interessam por estes, podem ativar capital social, facilitando o retomar de papéis sociais esperados no mundo laboral;

⁸¹ Sugere-se um enviesamento sistémico, no sentido das instituições criminais não se apresentarem como iguais para todos, protegendo os grupos mais favorecidos, em detrimento dos menos desfavorecidos. Esta tendência corrompe a atuação do sistema de justiça em todas as fases de um processo-crime;

1V. Conclusão:

A análise realizada, sugere o interesse em mobilizar conceitos chave referidos, na literatura sociológica, como estigma e desigualdades sociais, a que se deve acrescentar o estudo das relações complexas entre si. Neste sentido, apresentar-se-ão as conclusões principais da presente investigação, cruzando-as com as hipóteses da literatura. Apesar da fragilidade das conclusões decorrente do diminuto número de trajetórias analisadas, as evidências produzidas, reforçam, adensam e complexificam os conceitos mobilizados.

A punição legal, mostrou-se criminalizadora, direcionando-se maioritariamente à base da hierarquia social. Isso reflete-se na organização prisional que, em vez de, potenciar o ultrapassar de défices psicossociais, agrava-os. Deteriora, sobretudo os casos de fraca inserção, criando obstáculos suplementares à criação do vínculo material e simbólico do agente à sociedade, e seus mecanismos de integração. Portanto, a função ressocializadora das penas, nos casos em que funcione, terá de ser capaz de contornar as desigualdades socioeconómicas reforçadas pelas consequências dos processos criminais e penitenciários.

Terminada a pena, os seus efeitos continuam. No imediato, há dificuldade de abandonar as rotinas prisionais, e as limitações relacionais e existenciais resultantes das mesmas. O impacto do registo criminal é complexo pela sua potencial invisibilidade, apresentando efeitos contextuais, que podem condicionar a pessoa a nível pessoal, interpessoal e institucional. O impacto do cadastro foi, em grande medida, circunscrito pelos recursos disponíveis para o contrapor, ecoando problemas socioeconómicos. Refletem-se aí, as consequências sistémicas de uma inserção social frágil ou negativa, agravada eventualmente por abandonos, também sistémicos. A precariedade estrutural, onde o crime surge como opção de sobrevivência, é um resultado estrutural do funcionamento das sociedades modernas. Podem reforçar-se desvantagens socioeconómicas, emocionais, escolares geracionais, com as desvantagens criadas pelas prisões, dificultando ainda mais a sua superação. O registo criminal, ao combinar-se com outros problemas sociais, pessoais e económicos é acompanhado pela exigência de o sujeito reconhecer ficar limitado a um papel oficial de culpado, dificultando, sobretudo nas pessoas com menos recursos sociais e económicos, o estabelecer de bem-estar pessoal e familiar.

Dito isto, o estigma prisional pode ser mitigado. A pessoa ex-reclusa é ativa na gestão da sua vida. Apesar de estar limitada pelas oportunidades herdadas, pode conseguir, sobretudo se devidamente apoiado, mitigar o seu desfavorecimento social. É isso que sugere a mobilização da experiência de vida para, enquanto pai, evitar as desvantagens dos filhos, fazendo disso um motivo de sentido para a própria vida.

A literatura, sociológica e criminológica, sustenta que a transição prisão-liberdade comporta dificuldades em vários níveis, afetando a pessoa em transição e sua família (Moore & Tangney, 2017).

A tentativa do ex-recluso, retomar a identidade prévia que havia deixado, ou de construir uma nova, potencia ambivalências identitárias, que se intensificam com as expectativas de discriminação pós-pena. No presente estudo, encontraram-se contradições pessoais resultantes da tensão entre retomar os papéis sociais prévios, ou encontrar novos papéis a cumprir. A transição de papéis dependeu dos recursos pessoais e sociais disponíveis, ultrapassando a dualidade recluso/ex-recluso, expondo as diversas identidades sociais dos casos em análise. A realidade discriminatória do estigma é reconhecida e foi antecipada, motivando estratégias de proteção e de gestão identitária identificadas, tanto ao nível do ex-recluso em transição como da sua família.

A nível estrutural, a marca prisional pode bloquear o acesso a diferentes serviços (Wacquant, 2010), dos quais a literatura destaca apoio social, trabalho e habitação, limitando a disponibilidade dos recursos necessários para o bem-estar pessoal e familiar. Sendo assim entendido, o estigma prisional dificulta a readaptação pós-pena pois, solidifica as barreiras que inibem a desistência criminal. As trajetórias em análise evidenciaram barreiras no reingresso laboral. Porém, ilustraram igualmente que, o estigma bloqueia, diferenciadamente, consoante os recursos disponíveis, o acesso a serviços sociais e ao mercado de trabalho. O impacto do estigma, radicado no registo criminal e na ausência de currículo durante o período de internamento em prisão, potencia as representações de quem foi condenado por ter cometido um crime como perigoso, justificando a sua múltipla penalização, judicial e social, contribuindo para a pecha da reincidência que caracteriza as estatísticas prisionais. Gera-se a crença social do ex-recluso ser culpado pela sua sina, negligenciando a necessidade de substituir as falhas assistenciais e estruturais que possa ter sofrido por apoios praticamente efetivos, distanciando-o dos mecanismos sociais integradores, promovendo desigualdades crónicas.

As representações sociais dos sujeitos em análise, mostraram que o estigma é concebido e internalizado pelas suas vítimas como uma responsabilidade pessoal, reconhecendo que o registo criminal deve, legitimamente, gerar suspeição social. As suspeitas e consequentes bloqueios de acesso a recursos básicos, a par da irresponsabilização social na produção das desigualdades estruturais, socioeconómicas, mas também jurídicas e penitenciárias, impedem a mudança das desvantagens pré-prisão, dificultando a conexão às estruturas socioeconómicas e sociais necessárias para uma participação social ativa pós-prisional (Thompson, 2004). O estigma prisional pode criar uma profecia que se auto cumpre pois, a reação social negativa e os bloqueios institucionais reformam os processos de segregação social existentes e criam novos, potenciando a desvalorização pessoal dos ex-reclusos, muitos deles futuros presos.

O impacto diferenciado do estigma para a readaptação pós-prisão, expõe a dualidade reinserção-inserção. Reforçam-se mutuamente, suportado pela tendência de criminalizar a pobreza (Wacquant, 2012). O estigma cristaliza-se em pessoas com menos recursos de poder para se defenderem e que

combinem as desvantagens jurídicas com as pessoais, sociais e económicas. Desta forma, o sistema penal mascara desigualdades sociais estruturais, dificultando a sua mudança.

A presente investigação, mostrou duas realidades desfavorecidas, mas distintas, contrapondo um trajeto de aceitação a outro de rejeição. Encontrou-se maior impacto do estigma, quanto maiores e mais estruturais as desvantagens prévias à reclusão. Sustenta-se a centralidade das condições pré-pena para a compreensão da readaptação pós-prisão, confirmando nos casos em análise, uma transcendência da pobreza estrutural (Min, 2012). Para um trajeto de fraca inserção, a prisão inscreve-se num contínuo de desfavorecimento, encurralando a pessoa condenada na precariedade laboral e residencial.

O estigma não parece radicar da prisão, mas sim ser cristalizado pela mensagem simbólica que esta reforça, favorecendo a produção e reprodução do desvio e da marginalidade. Confirma-se o que é citado na literatura como falha das prisões, pela inviabilidade de estas ajudarem a cumprir a expectativa doutrinária da prisão de conseguir reformar e reintegrar, contrariando a estratificação social (Wacquant, 2002). Reafirma-se a ineficácia do princípio de reinserção (Amaro, 2019), não só pela falta de inserção prévia, mas também devido ao abandono sistémico pós-pena, combinado com a marca prisional. Segundo Garland, tudo isto é agravado por uma cultura de exclusão e intolerância, definida por maiores interesses de controlo social do que de provisão social (2001-b, p.180-181). Coadjuvam-se sanções culturais, legais e sociais com mitos, agravando um ciclo cumulativo de desvantagens e discriminação (Bryne, 2000) para uma população estruturalmente desfavorecida, aumentando o controlo, mas diminuindo a tolerância sobre esta. A atuação do sistema de justiça diferencia-se, pois nem todas as pessoas desfavorecidas experienciam uma sociedade punitiva (Dores, 2018). Os dados recolhidos evidenciaram, um impacto diferenciado do contacto com o sistema de justiça criminal nos estratos mais baixos, consoante os recursos materiais e existenciais destes. Este impacto diferencial condiciona a pessoa estruturalmente desfavorecida, que parece ser preparada, desde tenra idade, para ocupar um papel de culpada e desviante. A problemática da reinserção social pós-prisão situa-se, fundamentalmente, ao nível dos processos de desigualdade e dominação, radicados da tríade poder-desigualdades-vulnerabilidade (Queloz, 2000). Cria-se um sistema de exclusão, docilizando e subordinando as pessoas nas posições mais desprotegidas, gerindo uma população duplamente excluída (Xiberras, 1993). A falta de inserção crónica, prova uma violência limitadora, criando vítimas passíveis de sujeição mais ou menos voluntária a uma racionalidade dominante.

O presente estudo ilustrou como, nas duas trajetórias analisadas, a reclusão impacta diferenciadamente, a vida das pessoas com quem se cruza, e seus círculos próximos, marcando-as. Sinaliza um percurso balizado para a franja mais desfavorecida da sociedade, ficando retida numa mobilidade traçada (Cunha, 2002). A prisão e os serviços de reintegração reforçam, no plano prático, uma incapacitação social, dificultando os esforços para estabelecer uma integração nos mecanismos sociais que permitam adotar papéis sociais, expectados pela cultura dominante. A prisão surge como

uma instituição de cruzamento, onde a rejeição prévia se formaliza, material e simbolicamente, dramatizando uma barreira socialmente definida entre um “eles” e um “nós”, solidificando desigualdades materiais, existenciais e vitais.

O estigma prisional, mais do que um obstáculo burocrático resultante do registo criminal, é uma marca judicial socialmente e pessoalmente incorporada (Dores, 2018). Embute-se nas linguagens social, política e académica, que ao ser essencial para coordenar a ação social potencia inércia societal, potenciando uma violência dissimulada como legítima e, por isso, pouco problematizada.

Fontes e legislação:

Código Penal Português- Decreto lei 48/95, Diário da República n.º 63/1995, Série I-A;

Decreto lei 55/2020 de 12-8-2020. Diário da República nº n.º 156/2020, Série I;

Estatísticas da DGRSP- disponível em:

https://dgrsp.justica.gov.pt/Portals/16/Est%C3%A1tisticas/%C3%81rea%20Prisional/Anuais/2019/quadro_13.pdf?ver=2020-04-29-150126-060

Bibliografia:

- Ahmed, A. & Ahmad, A. (2015). Prison, stigma, discrimination and personality as predictors of criminal recidivism: Preliminary findings. *Journal of Social and Development Sciences*, 6(2), 20-29;
- Amaro, F. (2019). Criminologia e reinserção social. In F. Amaro & D. Costa, *Criminologia e Reinserção social*, 1ª edição, pp. 1-20, Lisboa: Pactor;
- Antunes, M. (2013). *Consequências jurídicas do crime*. 2ª Edição. Lisboa: Coimbra Editora;
- Archibald, M., Ambagtsheer, R., Casey, M. & Lawless, M. (2019). Using ZOOM videoconferencing for qualitative data collection: Perception and experiences of researchers and participants. *International Journal of Qualitative Methods*, 18, 1-8;
- Askew, R. & Salinas, M. (2019). Status, stigma and stereotype: How drug takers and drug suppliers avoid negative labelling by virtue of their “conventional” and “law-abiding” lives. *Criminology and Criminal Justice*, 19(3), 311-327;
- Austin, R. (2004). “The shame of it all”: Stigma and political disenfranchisement formerly convicted and incarcerated persons. *Columbia Human Rights Review*, 36, 171-192;
- Bahr, S., Harris, L., Fisher, J. & Armstrong, A. (2010). Successful reentry: What differences successful and unsuccessful parolees?. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 54(4), 667-692;
- Barbosa, A. (2012). *Fatores Preditivos da reincidência: Análise de uma amostra aleatória dos reclusos portugueses do sexo masculino*. (Dissertação de Mestrado não editada) Faculdade de Psicologia da Universidade do Minho, Portugal;
- Barnwell, A. (2019). Family secrets and the slow violence of social stigma. *Sociology*, 53(6), 1111-1126;
- Barrett, L. & Swim, J. (1998). Appraisal of prejudice and discrimination. In J. Swim & C. Strangor (eds), *Prejudice: The target's perspective*, 1ª edição, pp. 11-36, California: Academic Press;
- Bauman, Z. (2011). *Collateral damage: Social inequalities in a global age*. (1ª ed.), Cambridge: Polity Press;
- Bazemore, G. & Stinchcomb, J. (2004). A civic engagement model of reentry: Involving community through service and restorative justice. *Federal Probation*, 68(2), 14-24;
- Berg, M. & Huebner, B. (2011). Reentry and the ties that bind: An examination of social ties, employment and recidivism. *Justice Quarterly*, 28(2), 382-412;
- Bergin, J. & Westwood, R. (2003). The necessities of violence. *Culture and Organization*, 9(4), 211-223;
- Biernat, M. & Dovidio, J. (2003). Stigma and stereotypes. In T. Heatherton, R. Kleck, M. Hebl & J. Hull (eds), *The social psychology of stigma*, 1ª ed., pp. 88-126, New York: The Guilford Press;
- Bochner, A. & Riggs, N. (2014). Practicing narrative inquiry. In P. Leavy (ed), *The oxford Handbook of qualitative research*, 1º ed, pp. 195-222, New York: Oxford University Press;
- Bourdieu, P. & Wacquant, L. (2013). Symbolic capital and social classes. *Journal of Classical Sociology*, 13(2), 292-302;
- Brandão, A. (2007). Entre a história vivida e a história contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica. *Configurações*, 3, 83-106;
- Brannen, J. (2013). Life story talk: Some reflections on narrative in qualitative interview. *Sociological Research Online*, 18(2), 1-11;

- Brown, M. & Ross, S. (2010). Mentoring, social capital and desistance: A study of women released from prison. *The Australian and New Zealand Journal of Criminology*, 43(1), 31-50;
- Byrne, P. (2000). Stigma of mental illness and ways of diminishing it. *Advances in Psychiatric Treatment*, 6, 65-72;
- Cambessie, P. (2002). Marking the carceral boundary: Penal stigma in the long shadow of prison. *Ethnography*, 3(4), 535-555;
- Caputo-Leive, D. (2018). Learning to be a “safe” ex con: race, symbolic violence and discipline in prisoner reentry. *Contemporary Justice Review*, 21(3), 233-253;
- Carlen, P. (2007). A reclusão das mulheres e a indústria de reintegração. *Análise Social*, 42(185), 1005-1019;
- Chongo, M., Chase, R., Lavoie, J., Harder, H.G & Migrone, J. (2017). The life story as a tool for qualitative research: Interviews with HIV positive indigenous male. *International Journal of Qualitative Methods*, 17, 1-10;
- Chui, W. & Cheng, K. (2013). The mark of an ex-prisoner: Perceived discrimination and self-stigma of young men after prison in Hong Kong. *Deviant Behavior*, 34(8), 671-684;
- Colagnori, C. (2010). Symbolic violence and the violation of human rights: continuing the sociological critique of domination. *International Journal of Criminology and Sociological Theory*, 3(2), 388-400;
- Coleman, L. (2006). Stigma: An enigma demystified. In Lennard Davis, *The disability studies reader*, 2ª edição, New York: Routledge, pp. 141-152;
- Corrigan, P. & Rao, D. (2012). On the self-stigma of mental illness: Stages, disclosure and strategies for change. *Canadian Journal of Psychiatry*, 57(8), 464-469;
- Cottle, S. (2006). Mediatized rituals: Beyond manufacturing consent. *Culture & Society*, 28(3), 411-432;
- Crandall, C. (2003). Ideology and lay theories of stigma: The justifications of stigmatization. In T. Heatherton, R. Kleck, M. Hebl & J. Hull (eds), *The social psychology of stigma*, 1ªed., pp.126-150, New York: The Guilford Press,
- Crewe, B. (2016). The sociology of imprisonment. In Y. Jewkes, B. Crew & J. Bennet (eds), *Handbook on prisons*, 2ª ed., pp , London: Routledge;
- Crocker, J. & Quinn, D. (2003). Social stigma and the self: Meanings, situations and self-esteem. In T. Heatherton, R. Kleck, M. Hebl & J. Hull (eds), *The social psychology of stigma*, 1ªed., pp. 153-183, New York: The Guilford Press;
- Crocker, J. & Major, B. (1989). Social stigma and self-esteem: The self-protective properties of stigma. *Psychological Review*, , 96(4), 608-630;
- Cunha, M. (2002). *Entre o bairro e a prisão: Tráfico e trajetos*. (1ª ed). Lisboa: Fim de Século-Edições;
- Cunha, M. (2003). O bairro e a prisão: A erosão de uma fronteira. In J. Branco & A. Afonso (eds), *Retóricas sem fronteiras*, 1ªed., pp. 101-109, Lisboa: Celta,;
- Cusson, M. (2011). *Criminologia: Só pelo conhecimento se pode evitar a criminalidade*. (3ªed), Alfragide: Casa das Letras;
- Davis, C., Bahr, S. & Ward, C. (2012). The process of offender reintegration: Perceptions of what helps prisoners reentry society. *Criminology and Criminal Justice*, 13(4), 446-469;
- Deaux, K. & Ethier, K. (1998). Negotiating social identity. In J. Swim & C. Strangor (eds), *Prejudice: The target's perspective*, 1ªed., pp. 301-323, California: Academic Press;

- Dennis, A., Tewkbury, R. & Jones, R. (2014). Beyond basic needs: Social support and structure for successful offender reentry. *Journal of Qualitative Criminal Justice and Criminology*, 1(2), 39-67;
- Denver, M., Pickett, J. & Bushway, S. (2017). The language of stigmatization and the mark of violence: Experimental evidence on the social construction and use of criminal record stigma. *Criminology*, 55(3), 664-690;
- Deschamps, J. & Devos, T. (1998). Regarding the relationship between social identity and personal identity. In S. Worchel, F. Morales, D. Páez & J. Deschamps (eds), *Social identity: International perspectives*, 1ªed., pp. 1-13, London: Sage Publications;
- Dias, T. & Cruz, J. (2013). Abordagem do *labelling* e infrações económicas e financeiras. In J. Cruz, C. Cardoso, A. Leite & R. Faria (eds), *Infrações económicas e financeiras: Estudos de criminologia e direito*, 1ªed., pp. 105-117, Coimbra: Coimbra Editora;
- Doise, W. (1998). Social representations in personal identity. In S. Worchel, F. Morales, D. Páez & J. Deschamps (eds), *Social Identity: International perspectives*, 1ªed., pp. 13-24, London: Sage Publications;
- Dores, A. (2010). *Espírito de proibir*. (1ªed). Lisboa: Argusnauta;
- Dores, A. (2018). Who are the prisoners?. *Revista Crítica Penal y Poder*, 14, 113-128;
- Dores, A. (2018,b). *Instituições e organizações: o caso das prisões*. Apresentado em Na era da pós verdade? Esfera pública, cidadania e qualidade da democracia no Portugal contemporâneo, X Congresso Português de Sociologia, Covilhã;
- Dornescu, I. (2018). The five stages of prisoner reentry: Toward a process theory. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 62(8), 2195-2215;
- Dovidio, J., Major, B. & Crocker, J. (2003). Stigma: Introduction and overview. In T. Heatherton, R. Kleck, M. Hebl & J. Hull (eds), *The social psychology of stigma*, 1ªed., pp. 1-30, New York: The Guilford Press;
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisa qualitativa. *Educar*, 24, 213-225;
- Esteves, A. (1998). Metodologias qualitativas: Análise etnográfica e histórias de vida. In A. Esteves & J. Azevedo (eds), *Metodologias Qualitativas para as ciências sociais*, 1ªed., pp. 41-48, Porto: Instituto de Sociologia;
- Facile, A. (2009). Basic challenges to prisoner reentry. *Sociology Compass*, 3(2), 183-195;
- Farral, S., Hough, M., Maruna, S. & Sparks, R. (2011). Life after punishment: Identifying new strands in the research agenda. In S. Farral, M. Hough, S. Maruna & R. Sparks (eds), *Escape routes: Life after punishment: Contemporary perspectives on life after punishment*, 1ª ed., pp. 1-21, New York: Routledge;
- Ferreira, R. (2017). *A experiência prisional na reinserção social: Uma análise comparativa entre grupos de reclusos adultos e adultos*. (Dissertação não editada em Crime, Diferença e Desigualdade), Universidade do Minho, Portugal;
- Fitzgerald, M. (2009). “The usual suspects”: Analyzing the use of past criminal convictions in the criminal justice system. *The Westminster International Law and Theory Centre*, 3, 1-20;
- Foucault, M. (2009). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. (36ª ed.), Rio De Janeiro: Editora Vozes;
- Gahnander, R. (2020). “Sharks in the fish tank”: Secrets and stigma in relational desistance from crime. *British Journal of Criminology*, 60, 1302-1319;
- Garland, D. (1993). *Punishment and modern societies: A study in social theory*. (1ªed.), Chicago: The University of Chicago Press;

- Garland, D. (2001, a). The meaning of mass imprisonment. *Punishment & Society*, 3(1), 5-7;
- Garland, D. (2001, b). *The culture of control: Crime and social order in the contemporary society*. (1^a ed.), USA: The University of Chicago Press;
- Geiger, B. (2006). The case of treating ex-offenders as a suspect class. *California Law Review*, 94(4), 1191-1242;
- Goffman, E. (1959). *The presentation of the Self in every day life*. 1^aed.), London: Pinguin Books;
- Goffman, E. (1968). *Asiles*. (1^aed.), Paris: Editions de Minut;
- Goffman, E. (1988). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. (4^a ed.), Rio de Janeiro: Editora Guanabara;
- Gomes, I. (2008). *Da Prisão à liberdade: Reinserção social de ex reclusos*. (Dissertação de Mestrado não editada em Sociologia), ISCTE-IUL, Portugal;
- Gorashi, H. (2008). Giving silence a chance: The importance of life stories for research on refugees. *Journal of Refugee Studies*, 21(1), 117-132,
- Gorringe, T. (2002). The prisoner as scapegoat: Some skeptical remarks on present penal policy. In T. O'Connor, N. Pallone (orgs), *Religion, the Community, and the Rehabilitation of Criminal Offenders*. 1^a ed., pp. 243-251, New York: Routledge;
- Gray, L., Wong-Wylie, G., Rempel, G. & Cook, K. (2020). Expanding qualitative research interviewing strategies: ZOOM video communications. *The Qualitative Report*, 25(5), 1292-130;
- Gray, T. (2002). The rich get richer and the poor get prison: An overview of the book by Jeffrey Reiman. In T. Gray (ed), *Exploring Corrections: A book of readings*, 1^aed. pp.25-29; Boston: Ally and Bacon;
- Greer, C. (2013). Crime and media: Understanding the connections. In C. Hale, K. Hayward, A. Wahadiu & E. Wincup, *Criminology*, pp.143-168, Oxford University Press: Oxford;
- Grytten, N. & Máseide, P. (2005). “What is expressed is not always what is felt”: coping with stigma and the embodiment of perceived illegitimacy of multiple sclerosis. *Chronic Illness*, 1, 231-243;
- Gunnison, E. & Helfgot, J. (2013). *Offender reentry: Beyond crime and Punishment*. (1^aed.), Colorado: Lyenne Rienner Publishers;
- Hallet, M. (2012). Reentry to what? Theorizing prisoner reentry in the jobless future. *Critical Criminology*, 20, 213-228;
- Hancock, L. & Mooney, G. (2013). Beyond the penal state: Advanced marginality, social policy and anti welfarism. In P. Squires & J. Lea (eds), *Criminalisation and Advanced marginality: Critically exploring the working of Loic Wacquant*, 1^a ed., pp. 107-128, Bristol: Policy Press;
- Haney, C. (2002). The psychological impact of incarceration: Implications for post-prison adjustment. In J. Travis & M. Waul (eds), *Prisoners once removed: The impact of incarceration and reentry on children, families and communities*, 1^aed., pp. 33-63, Washington DC: The Urban Institute Press;
- Harris, A., Evans, H. & Beckett, K. (2010). Drawing blood from stones: Legal debt and social inequality in the contemporary U.S. *American Journal of Sociology*, 6(115), 1753-1799;
- Harris, P. & Kimberly, H. (2005). Ex-offenders need not to apply: The criminal background check in hiring decisions. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 21(1), 6-30;
- Hattery, A. & Smith, E. (2010). *Prisoner reentry and social capital: The long road to reintegration*. (1^a ed.), Plymouth: Lexington Book;

- Hatzenbuehler, M. (2018). Structural Stigma and health. In B. Major, J. Dovidio & B. Link (eds), *The oxford handbook of stigma, discrimination and health*, 1ªed., pp- 105-121, New York: Oxford University Press;
- Irani, E. (2019). The use of videoconferencing for qualitative interviewing: opportunities, challenges and considerations. *Clinical Nursing Research*, 28(1), 3-8;
- Jacquard, A. (1993). *Un monde sans prisons?*. (1ªed.), Paris:Éditions du Seuil;
- Julião, E. (2016). Reincidência criminal e penitenciária: Aspectos conceituais, metodológicos, políticos e ideológicos. *Revista Brasileira de Sociologia*, , 4(7), 265-293;
- Jussim, L., Palumbo, P., Chatman, C., Madon, S. & Smith, A. (2003). Stigma and self fulfilling prophecies. In T. Heatherton, R. Kleck, M. Hebl & J. Hull (eds), *The social psychology of stigma*, 1ªed., pp.374-418, New York: The Guilford Press;
- Kyprianides, A., Easterbrook, M. & Cruwys, T. (2019). “I changed and hid my old ways”: How social rejected identities shape wellbeing among ex-prisoners. *Journal of Applied Social Psychology*, 49, 283-294;
- LeBel, T. (2008). Perceptions and responses to stigma. *Sociology Compass*, 2(2), 409-432;
- Lebel, T. (2012). Invisible stripes? Formerly incarcerated persons’ perspective of stigma. *Deviant Behavior*, , 33(2), 89-107;
- Leite, A. (2011). Execução da pena privativa de liberdade e ressocialização em Portugal: Linhas de um esboço. *Revista de Criminologia e Ciências Penitenciárias*, 1(1), 1-34;
- Leite, A. (2018). Ressocializar hoje? Entre o mito e a realidade. *Revista do Ministério Público*, 156, 75-119;
- Leskela-Karki, M. (2008). Narrating Life stories in between the fictional and the auto biographical. *Qualitative Research*, 8(3), 325-332;
- Leujene, C. (2011). *Manual de análise qualitativa: Analisar sem contar nem classificar*. (1ª ed.), Lisboa: Edições Piaget;
- Leverzentz, A. (2011). Barriers to reintegration. In L. Gideon & H. Sung, *Rethinking corrections: Rehabilitation, reentry and reintegration*, 1ª ed., pp. 359-382, California: Sage Publications ;
- Lim, H. (2011). The life history interview: Researching the dynamics of ethnic minority women in Britain. *Enquire*, , 4(1), 1-21;
- Link, B. & Phelan, J. (2001). Conceptualizing stigma. *Annual Review of Sociology*, 27, 363- 385;
- Lucas, J., Ho, H. & Kerns, K. (2018). Power, status and stigma: Their implications for health. In B. Major, J. Dovidio & B. (eds), *The oxford handbook of stigma, discrimination and Health*, 1ªed., pp- 69-84, New York: Oxford University;
- Lummins, T. (2003). Structure and validity of oral evidence. In R. Perks & A. Thomson (eds), *The Oral History Reader*, 1ª ed., pp. 273-283, New York: Routledge;
- Keene, D., Smoyer, A. & Blankenship, K. (2018). Stigma, housing and identity after prison. *The Sociological Review Monographs*, 66(4), 799-815;
- Kensey, A. (2007). *Prison et récidive: De peines de plus en plus longues: la société est-elle vraiment mieux protégé?*. 1ªed., Paris: Armand Colin;
- Kuhn, A. & Agra, C. (2010). *Somos todos criminosos?*. (1ªed.), Alfragide: Casa das Letras;

- Major, B. & Schamder, T. (2018). Stigma, social identity threat and health. In B. Major, J. Dovidio & B. Link (eds), *The oxford handbook of stigma, discrimination and Health*, 1^aed., pp. 85-103, New York: Oxford University;
- Marconi, M. & Lakatos, E. (2002). *Técnicas de pesquisa*. (5^a ed.), São Paulo: Editora Atlas;
- Marshall, M. (2013). Sampling for qualitative research. *Family practice*, 13(6), 522-552;
- Massoglia, M., Remster, B. & King, R. (2011). Stigma or separation? Understanding incarceration-divorce relationship. *Social Forces*, 90(1), 133-156;
- Matsueda, R. & Heimer, K. (1997). A symbolic interaction theory of role transitions, role-commitments and delinquency. In T. Thornberry (ed), *Advances in Criminological Theory: Developmental theories of crime and delinquency*, 1^a ed., pp. 163-213, New York: Transaction Publishers;
- Mauer, M. (2001). The Causes and consequences of prison growth in the United States. *Punishment and Society*, 3(1), 9-20;
- Mauer, M. (2003). Invisible punishment: Block housing, education, voting. *Joint Center for Political and Economic Studies*, 3-4, disponível em: <https://www.sentencingproject.org/wp-content/uploads/2016/01/Invisible-Punishment-Policies-Irrational-Counterproductive.pdf>
- McCan, T. & Lubman, D. (2018). Stigma experience of families supporting an adult member with substance misuse. *International Journal of Mental Health Nursing*, 27, 693-701;
- Mcara, L. & Mcvie, S. (2011). Youth Justice? The impact of system contact on patterns of desistance. In S. Farral, M. Hough, S. Maruna & R. Sparks (eds), *Escape Routes: Contemporary perspectives on life after punishment*, 1^aed., pp. 81-106, New York: Routledge;
- McCord, J. (1997). Alcoholism and crime across generations. *Criminal Behavior and Mental Health*, 1999, 9, 107-117;
- Megias, P., Garcia, M. & Arcos, P. (2017). Life stories as a biographic-narrative method: How to listen to silenced voices. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 237, 962-967;
- Melossi, D. (2008). *Controlling crime, controlling society: Thinking about crime in Europe and America*. (1^a ed.), Polity: Cambridge,
- Mercer, D. & Reichamn, J. (2006). Scapegoat, spectacle and confessional: Close encounters with sex offenders and other species of dangerous individuals. In T. Mason (ed), *Forensic psychiatry: Influences of evil*, 1^a ed., pp. 207-231, New Jersey: Humana Press;
- Miller, C. & Myers, A. (1998). Compensating for prejudice: How overweight people (and others) control outcomes despite prejudice. In J. Swim & C. Strangor (eds), *Prejudice: The target's perspective*, 1^aed., pp. 191-218, California: Academic Press;
- Min, L. (2012). Homelessness, poverty and incarceration: The criminalization of despair. *Journal of Forensic Psychology Practice*, 12(5), 439-456;
- Moran, D. (2012). Prisoner reintegration and the stigma of prison time inscribed on the body. *Punishment & Society*, 14(5):564-583;
- Moffitt, T. (1993). Adolescent-limited and life-course-persistent antisocial behavior: A developmental taxonomy. *Psychological review*, 100(4), 674-701;
- Moore, K., Stuewig, J. & Tangney, J. (2016). The effect of stigma on criminal offenders functioning: A longitudinal mediational model. *Deviant Behavior*, 37(2), 196-218;
- Moore, K., Tangney, J. & Stuewig, J. (2016). The Self-stigma process in criminal offenders. *Stigma Health*, 1(3), 206-224;

- Moore, K. & Tangney, J. (2017). Managing the concealable stigma of criminal justice system involvement: A longitudinal examination of anticipated stigma, social withdrawal and post-release adjustment. *Journal of Social Issues*, 73(2), 322-340;
- Moya, M. (1998). Social Identity and interpersonal relationships. In S. Worchel, F. Morales, D. Páez & J. Deschamps (eds), *Social Identity: International perspectives*, 1ªed., pp. 155-165, London: Sage Publications;
- Murray, J. (2007). The cycle of punishment: Social exclusion of prisoners and their children. *Criminology and Criminal Justice*, 7(1), 55-81;
- Ng. I., Sarri, R. & Stoffreger, E. (2013). Intergenerational Incarceration: Risk factors and social exclusion. *Journal of Poverty*, 17(4), 437-459;
- Núncio, M. (2019). A Intervenção promotora da reinserção social da população reclusa. In F. Amaro & D. Costa (eds), *Criminologia e Reinserção Social*, 1ª ed., pp. 21-41, Lisboa: Pactor;
- Oliveira, S. (2016). (In) Visível para quem? Um olhar sobre o estigma internalizado e qualidade de vida em pessoas com doença mental. (Tese de Doutoramento não editada em Psicologia), ISCTE-IUL, Portugal;
- O'Malley, P. (2010). *Crime and Risk*. (1ªed.), Los Angeles: Sage Publications;
- Ortiz, J. & Jackey, H. (2019). The System is not broken, it is intentional: The prisoner reentry industry as deliberate structural violence. *The Prison Journal*, 99(4), 484-503;
- Pachankis, J. (2007). The psychological implications of concealing a stigma: A cognitive-affective-behavioral model. *Psychological Bulletin*, 133(2), 328-345;
- Paugam, S. (2000). A desqualificação social. In M. Soulet (ed), *Da não integração: Tentativas de definição teórica de um problema social contemporâneo*, 1ªed., pp. 107-136; Coimbra: Quarteto Editoria;
- Pêcego, A. & Silveira, S. (2013). Antecedentes e reincidência criminais: Necessidade de releitura dos institutos diante dos novos paradigmas do direito penal. *Revista Justiça e Sistema Criminal*, 5(9), 183-198;
- Pescosolido, B., Martin, J., Lang, A. & Olafsdottir, S. (2008). Rethinking Theoretical approaches to stigma: A framework integrating normative influences on stigma. *Social Science & Medicine*, 67(3), 431-440;
- Petersila, J. (2001). Prisoner Reentry: Public safety and reintegration challenges. *The Prison Journal*, 81(3), 360-375;
- Pitts, J. (2013). The third time as farce: What happened to the penal state?. In P. Squires & J. Lea (eds), *Criminalisation and advanced marginality: Critically exploring the work of Loic Wacquant*, 1ªed., pp.61-87, Bristol: Policy Press;
- Phillips, S. & Gates, T. (2011). A conceptual framework for understanding the stigmatization of children of incarcerated parents. *Journal of Child and Family Studies*, 20, 286-294;
- Phillips, L. & Lindsey, M. (2011). Prison to society: A mixed method analysis of coping with reentry. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 55(1), 136-154;
- Poupart, J. (2012). A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In J. Poupart, J. Deslauriers, L. Grouxl, A. Laperrière, R. Mayer & A. Pires (eds), *A Pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos*, 1ªed., pp.215-236; Brasil: Vozes;

- Price, J. (2016). Serving two masters? Reentry task Forces and justice Disinvestment. In W. Martin & J. Price (eds), *After Prison? Freedom, Desencarceration and Justice Disinvestment*, 1ªed., pp. 77-98, London: Lexington Books;
- Provedor de Justiça. (2003). *As nossas prisões*. (III Relatório). Lisboa: Provedoria da Justiça;
- Queloz, N. (2000). A não integração, um conceito que remete fundamentalmente para a questão da coesão e ordem sociais. In M. Soulet (ed), *Da Não-Integração: Tentativas de definição teórica de um problema social contemporâneo*, 1ª ed., pp. 183-199, Coimbra: Quarteto Editoria ;
- Quinn, D. & Crock, J. (1998) Vulnerability to the affective consequences of the stigma of overweight. In J. Swim & C. Strangor (eds), *Prejudice: The target's perspective*, 1ªed., pp.125-143, California: Academic Press;
- Rains, P., Kitsuse, J., Duster, T. & Freidson, E. (2003). The labelling approach to deviance. *Journal of Research in Special Education Needs*, 3(2), 116-128;
- Rasmensen, E. (1996). Stigma and self-fulfilling expectations of criminality. *Journal of Law and Economics*, 39, 519-544;
- Reiman, J. & Leighton, P (2010). *The rich get richer and the poor get prison: Ideology, class and criminal justice*. (9ª ed.), New York: Routledge;
- Regatierí, R. (2019). Teoria da ação e teoria dos sistemas em Talcott Parsons e Jurgen Habermas. *Estudos de Sociologia*, 25(2), 189-212;
- Riggs, R. (2015). Reflections on institutional work and boundary crossing: Prison, free society and prisoner reentry. *Dialitec Antrophology*, 39, 433-442;
- Rodger, J. (2013). Loic Wacquant and Nobert Elias: Advanced marginality and the theory of the de-civilizing process. In P. Squires & J. Lea (eds), *Criminalisation and Advanced marginality: Critically exploring the working of Loic Wacquant*, 1ª ed., pp. 87-106; Bristol: Policy Press;
- Rose, D. & Clear, T. (2002). *Incarceration, reentry and social capital: Social networks in balance*. In proceedings of the From Prison to Home Conference, 30-31 January, US: Urban Institute;
- Rubin, H. & Rubin, I. (2012). *Qualitative interview: The art of hearing data*. 3ª ed., United States of America: Sage Publications;
- Sallum, A. (2020). A representação simbólica do nojo em tempos de isolamento social. *Investigação Filosófica*, 11(2), 117-126;
- Sampson, R. & Laub, J. (1993). *Crime in the making: Pathways and turning points through life*.(1ªed.), Cambridge: Harvard University Press;
- Sampson, R. & Laub, J. (1997). A Life Course theory of cumulative disadvantage and the stability of delinquency. In T. Thonberry (ed), *Advances in Criminological Theory: Developmental theories of crime and delinquency*, 1ªed., vol.7, pp.132-162, New York: Transaction Publishers;
- Santana, R. (2020). *Retratos do trabalho penitenciário: O consensualismo como nova forma de submissão social*. (Tese de Doutoramento não editada em Sociologia) Universidade de Coimbra: Faculdade de Economia, Portugal;
- Seidman, I. (2006). *Interviewing as Qualitative research: A guide for researchers in education and the social sciences*. (3ª ed.), New York: Teachers College Press;
- Seitar, R. & Kadela, K. (2003). Prisoner reentry: What works, what does not, and what is promising. *Crime & Delinquency*, 49(3), 360-388;
- Siqueira, R. & Cardoso, H. (2011). O Conceito de estigma como processo social: Uma aproximação teórica a partir da literatura norte americana. *Imagonautas*, 2(1), 92-113;

- Soothill, K., Fitzpatrick, C. & Francis, B. (2014). *Understanding Criminal Careers*. (2ªed.), New York: Routledge,
- Soulet, M. (2000). Pensar a exclusão nos dias de hoje: Não integração ou desintegração?. In M. Soulet (ed), *Da Não-integração: Tentativas de definição teórica de um problema social contemporâneo*, 1º ed., pp 9-2, OCoimbra: Quarteto Editoria;
- Strangor, C. & Crandall, C. (2003). Threat and the social construction stigma. In T. Heatherton, R. Kleck, M. Hebl & J. Hull (eds), *The social psychology of stigma*, 1ªed., pp. 62-87, New York: The Guilford Press;
- Swan, H. (2016). A Qualitative examination of stigma among formerly incarcerated adults living with HIV. *Sage Open*, 6(1), 1-9;
- Swim, J., Cohen, L. & Hyers, L. (1998). Experiencing everyday prejudice and discrimination. In J. Swim & C. Strangor (eds), *Prejudice: The target's perspective*, 1ªed., pp. 37-60, California: Academic Press;
- Sykes, G. (2007). *The society of captives: a study of maximum prisons*. (Ed. Revista), New Jersey: Princeton University Press;
- Tarlow, M. (2011). Employment barriers to reintegration. In L. Gideon & H. Sung (orgs), *Rethinking corrections: Rehabilitation, reentry and reintegration*, 1ª ed., pp 329-358; California: Sage Publications;
- Therborn, G. (2012). The killing fields of inequality. *International Journal of Health Services*, 42(4),579-589;
- Thompson, A. (2004). Navigating the hidden obstacles to ex offender reentry. *Boston College Law Review*, 45(2), 255-306;
- Toledo, L. & Snaishi, G. (2009). Estudo de caso em pesquisas exploratórias qualitativas: Um ensaio para a proposta de protocolo de estudo de caso. *Revista FAE*, 12(1), 103-119;
- Toyoki, S. & Brann, A. (2014). Stigma, identity and power: Managing stigmatized identities through discourse. *Human Relations*, 67(6), 715-737;
- Travis, J. & Visher, C. (2005). *Prisoner reentry and crime in America*. (1ª ed.), New York: Cambridge University Press;
- Turney, K. (2014). Stress proliferation across generations? Examining the relationship between parental incarceration and childhood health. *Journal of Health and Social Behavior*, 55(3), 302-319;
- Tyler, E. & Brockmann, B. (2017). Returning home: Incarceration, reentry, stigma and the perpetuation of racial and socioeconomic health inequalities. *The Journal of Law, Medicine & Ethic*, 45(4), 545-557;
- Tyler, I. (2020). *Stigma: The machinery of inequality*. 1ª ed., Lonson: ZedBooks;
- Visher, C. & O'Connell, D. (2012). Incarceration and inmate's self perception about returning home. *Journal of Criminal Justice*, 2, 40, 386-393;
- Visher, C., Lavign, N. & Travis, J. (2004). *Returning Home: Understanding the challenges of prisoner reentry- Maryland Pilot Study Findings from Baltimore*. Urban Institute, Justice Policy Center;
- Yoder, J. & Farkas, M. (2017). Unique challenges of reentry for convicted sex offenders. In S. Stojkovic (ed), *Prisoner Reentry: Critical issues and policy directions*, 1ªed., pp. 13-84, New York: Palgrave Macmillen;
- Wacquant, L. (1993). On tracks of symbolic violence: prefatory notes to Bordieu's State Nobility. *Theory, Culture & Society*, 10, 1-17;

- Wacquant, L. (1995) The pugilist point of view: How boxers think and feel about trade. *Theory & Society*, 24(4), 489-535;
- Wacquant, L. (2000- a). The new “peculiar institution”: On the prison as a surrogate prison. *Theoretical Criminology*, 4(3), 377-389;
- Wacquant, L. (2000- b). *Prisões da Miséria*. (1ªed.), Oeiras: Celta Editora;
- Wacquant, L. (2002). *Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. (1ª ed.), Rio de Janeiro: Relume Dumará;
- Wacquant, L. (2008). The body, the ghetto and the penal state. *Qual Sociol*, 32, 101-128;
- Wacquant, L. (2009). *Punishing the Poor: the neoliberal government of social insecurity*. 1ª ed., USA: Duke University Press;
- Wacquant, L. (2010). Prisoner Reentry as myth and ceremony. *Dialect Anthropology*, 34, 605-62;
- Wacquant, L. (2012). The wedding of workfare and prison force in the 21 st century. *Journal of Poverty*, 16(3), 236-249;
- Wacquant, L. (2014). Marginality, ethnicity and penalty in the neo liberal city: An analytic cartography. *Ethnic and Racial Studies*, 2014, 37(10), 1687-1711;
- Walker, A., Hempel, L., Unnithan, P. & Pogrebin, M. (2014). Parole reentry and social capital: The centrality of homelessness. *Journal of Poverty*, 18(3), 315-334;
- Western, B. & Pettit, B. (2002). Beyond crime and punishment: Prisons and inequalities. *Contexts*, 1(3) 33-43;
- Western, B. (2002). The impact of incarceration in wage mobility and inequality. *American Sociological Review*, 47, 526-546;
- Western, B., Braga, A., Davis, J. & Sirois, C. (2015). Stress and hardship after prison. *American Journal of Sociology*, 120(5), 1512-1547;
- Winnick, T. & Bodkin, M. (2008). Anticipated stigma and stigma management among those to be labelled “ex-con”. *Deviant Behavior*, 29(4), 295-333;
- Woods, S. (2019). *Between somewhere and nowhere: Navigating the liminal space of prisoner reentry*. (Monografia de licenciatura em Sociologia não editada), Syracuse University: USA;
- Xiberras, M. (1993). *As teorias da exclusão: Para uma construção do imaginário do desvio*. 1ªed., Lisboa: Instituto Piaget;

ANEXOS:

Anexo A: guião da 1ª entrevista:

1ª entrevista- foco no passado- *Life story focused*: clarificar anonimato; reassegurar que é um espaço de partilha e abertura mas com respeito pelo seu espaço e tempo; colocar a hipótese de perguntas; expor possibilidade de desistência ou não resposta; lembrar período a que as perguntas se referem)

Tema	Sub temas	Questões exemplo
Background	Estruturação familiar	Conte-me um pouco da sua infância e adolescência, desde a vida familiar, à vida comunitária, ao seu trajeto escolar?
	Trajeto escolar	Onde morava? Alguma vez sentiu desconforto em partilhar a sua zona de residência?
	Auto perceção	A sua vida adulta, antes de ser detido, como a descreve? Como se descreveria a si próprio?
	Inserção comunitária	Sentiu algumas dificuldades no seu passado, durante o seu crescimento?
	Dificuldades	
Apoios e recursos	Sistema social	Antes da reclusão, o que significava mais para si? Que pessoas eram mais importantes para si?
	Mundo laboral	Como descreveria o seu trajeto laboral?
	Integração social	Sente que antes de ser recluso estava de alguma forma bem integrado no meio social?
Presença de estigmas	Perceção de inferioridade	Alguma vez sentiu que era tratado de forma diferente daquele que acha que merece? Consegue exemplificar alguma situação?
	Bloqueio de acesso	
	Eventos discriminatórios	Alguma vez teve algum serviço bloqueado por ser, ou teve dificuldades em ter o serviço por força da sua condição social?
Efeitos prisionais	Quebras e mudanças	Acha que a sua estadia prisional mudou algo em si, e nas pessoas à sua volta? Que opinião tinha sobre a prisão e em concreto as pessoas reclusas

GUIÃO FINAL ORDENADO:

- 1- Conte-me um pouco sobre o seu passado, antes de ter sido detido? Não perguntar- posso perder o controlo
- 2- Como foi a sua infância e adolescência?
- 3- Como foi a sua vida familiar com os seus pais ou cuidadores?
- 4-Como se relacionava com a sua família?
- 5-Onde morava?
- 6- Quem eram e o que faziam os seus vizinhos da altura?
- 7- Como eram as suas amizades? (Quem eram os seus amigos e o que faziam?)
- 8- Conte-me um pouco sobre o seu trajeto escolar? (Dava-se bem na escola? Os seus amigos davam-se bem na escola? Com quem ia para a escola? Alguma vez chumbou?)
- 9- Já tinha trabalhado antes de ser preso? Quer-me contar um pouco o seu trajeto (Sim)/ Mas por não conseguir ou não tinha ainda esse objetivo?(Não) Era a sua fonte de rendimento?
- 10- Durante este tempo pré reclusão, sentiu algumas dificuldades, a nível familiar, relacional, económico ou pessoal?
- 11- Antes da reclusão, o que significava mais para si? Que pessoas eram mais importantes para si?
- 12- O que acha que o levou a ter problemas com a justiça?
- 13- Alguma vez sentiu vergonha ou receio de partilhar, com pessoas estranhas a sua zona de residência, ou de revelar o seu trabalho ou de mostrar os seus amigos? Porquê? Como resolveu a questão?
- 14- Alguma vez sentiu que era tratado de forma diferente daquele que acha que merece? Consegue exemplificar com alguma história ou situação concreta? Porque acha que aconteceu?
- 15- Acha que alguma vez teve o seu acesso a algum serviço bloqueado por ser quem é/ou pela sua condição social?
- 16- Para sumarizar um pouco, como se descreveria a si e à sua vida antes de ter sido preso?
- 17- Se me tivesse de resumir, como diria que o seu trajeto chegou à prisão?
- 18- Acha que a sua estadia prisional mudou algo em si, e nas pessoas à sua volta?
- 19- Que opinião tinha sobre a prisão e em concreto as pessoas reclusas?

Anexo B: guião da 2ª entrevista:

2º Entrevista- o estigma na vida pós prisão

Tema	Sub-tema	Questões exemplos
Gestão do cadastro e informação prisional	Escolha de partilha/secredo Consequências da escolha	Que estratégia usou para gerir o seu cadastro? É algo que partilha ou prefere esconder? Que consequências sentiu que advieram da sua decisão? (dimensão contextual)
Discriminação	Discriminação vivida Discriminação internalizada Discriminação esperada	Já alguma vez sentiu que o facto de partilhar a sua reclusão mudou a forma como foi tratado? Já sentiu que as pessoas o definiam pela sua condenação? Como acha que a pena afetou a sua família? Acha que pessoas que cumpriram penas de prisão têm oportunidades iguais às outras?
Relações sociais	Relações prévias Novas relações	Como é que a sua família reagiu à sua saída? Como ficaram as suas relações sociais? As pessoas que o conheciam sabiam da sua reclusão? Como reagiram ao vê-lo de volta? Quando tenta criar novas relações tem receio em partilhar o seu passado?
Inserção laboral	Procura Dificuldades Trajeto	Como foi a sua busca por trabalho e o seu trajeto laboral? Sentiu-se de alguma forma prejudicado por ter um RC?
Pertença grupal	Partilha de credencial	Sente que a prisão deixou alguma marca em si? Como é que se passou a ver a si próprio desde então?
Ultrapassar o estigma	Instituições importantes Necessidades	- O que o ajudou a se readaptar à vida cá fora? 14- O que acha que o poderia ter ajudado, ou que ainda o pode ajudar?

GUIÃO FINAL ORDENADO:

- 1- Conte-me um pouco como foi a sua vida após ter saído da prisão?
- 2- Sentiu dificuldades a nível pessoal com a transição prisão-liberdade? Como se readaptou? Para onde foi viver?
- 3- Sente que a prisão deixou alguma marca em si?
- 4- Como é que se passou a ver a si próprio desde então?
- 5- Como é que a sua família reagiu à sua saída?
- 6- Que estratégia usou para gerir o seu cadastro? É algo que partilha ou prefere esconder? Que consequências sentiu que advieram da sua decisão? (dimensão contextual)
- 7- Como ficaram as suas relações sociais? As pessoas que o conheciam sabiam da sua reclusão? Como reagiram ao vê-lo de volta?
- 8- Já alguma vez sentiu que o facto de partilhar a sua reclusão mudou a forma como foi tratado? Já sentiu que as pessoas o definiam pela sua condenação?
- 9- Quando tenta criar novas relações tem receio em partilhar o seu passado?
- 10- Como foi a sua busca por trabalho e o seu trajeto laboral? Sentiu-se de alguma forma prejudicado por ter um RC?
- 11- Alguma vez sentiu o acesso bloqueado a algum serviço por motivo do seu RC?
- 12- O que esperava encontrar quando saísse? Como achava que ia ser recebido e que se ia integrar?
- 12- Como acha que a pena afetou a sua família? Tem receio que eles venham a ser discriminados? Como acha que vai gerir isso?
- 13- O que o ajudou a se readaptar à vida cá fora?
- 14- O que acha que o poderia ter ajudado, ou que ainda o pode ajudar?
- 15- Acha que pessoas que cumpriram penas de prisão têm oportunidades iguais às outras?

Anexo C: guião da 3ª entrevista:

3º Entrevista- reflexão no significado- conexões intelectuais e emocionais entre a vida e o tema em análise

GUIÃO FINAL ORDENADO:

1- Tendo em conta o que temos falado, como é que percebe o significado da sua infância atribulada na sua vida atual? (para o Bruno)

1- Tendo em conta o que temos falado qual acha que foi o impacto da sua vida pré prisão para a sua vida atual? (para o Artur)

2- Que significado atribui à prisão para a sua vida?

3- Acha que existe algum estigma associado à prisão? Como é que se tem expressado na sua vida?

4- Onde se vê no futuro?

Anexo D: transcrição integral das entrevistas com “Artur”:

Entrevista 1: História de vida

P: Gostava que começasses por me contar um bocadinho do teu passado, como é, como é que foi?

R: Hum, queres que eu dia o quê? O quê que eu fazia desde miúdo?

P: Sim, se fizer sentido para ti.

R: Pronto, vou fazer uma resumo, então eu faço um resumo, primeiro, primeiro só para quebrar aqui um bocado o gelo, hum, hum, eu já tenho feito isto percebes? Hum, não és, não és a primeira pessoa, só também para te deixar à vontade nessa situação, não és a primeira pessoa que... a quem eu conto a minha história de vida, a quem eu partilho, a quem eu ajudo, porque de facto o meu caso não, não crendo dizer que sou mais que ninguém, hum...,nem melhor, mas o meu, mas o meu caso é um pouco estranho, é um pouco estranho mas retrata o que é a justiça em Portugal, mas eu depois, eu, eu vou te ter oportunidade de te contar e tu vais ter oportunidade de perceber. Hum... no entanto não deixei de ter de cumprir pena de prisão não é, tive de cumprir, tive de passar por isso.

No entanto, basicamente é o seguinte, eu era miúdo não é, passei pelo divorcio dos meus pais, hum..., nunca me faltou, uma coisa que eu me posso gabar é que nunca me faltou nada não é? O meu pai era abastado, sempre teve muito dinheiro, ah, pronto e a minha mãe basicamente era como dona de casa e vivia dos negócios do meu pai também, basicamente, nunca me faltou nada, para teres noção o meu berço foi de Milão, não é, veio de, eu era uma criança recém nascida e o meu berço veio de Milão por encomenda, não é? Pronto. Ahn... É só para teres uma noção. Entretanto, hum... Veio a separação dos meus pais, eu tinha 6 para 7 anos, uma coisa assim, o divorcio ainda demorou 2 3 anos, que eles ate ficarem divorciados, na altura era mais complicado, na década de ...isto há 22, 23 anos atrás, por volta disso, ahn...entretanto passei por a fase, aquela da adolescência não é, chamada a idade do armário, né, que só se fazia asneiras né, era dia sim dia sim, só quando estava na escola não é, pronto, era um terror.

No entanto, eu chumbei o sétimo ano, não é, passei a seguir e depois chumbo o oitavo ano, não é e passo do oitavo ano, só que quando passo o oitavo ano, eu tinha 14 anos no segundo oitavo, exato, hum..nesse oitavo hum..eu, eu, eu, eu chumbo o oitavo de 13 para 14 e depois passo de 14 para 15, assim é que é, depois já tinha 14 anos, passo o oitavo para 15, o meu pai pergunta-me assim hum..já eu com 14 anos já a repetir o oitavo, pergunta me “Queres ser um homem?”. Porque eu tinha chumbado o segundo ano, e eu disse, “Quero”, que eu vivia com a minha mãe, eu disse “Quero”, “Então vens viver com o pai”, porque o meu pai é uma lenda do boxe nacional, foi, é, foi 18 vezes campeão de Portugal, nos profissionais e amadores, foi várias vezes à seleção, hum... é uma vedeta mesmo, é o numero 1 em Portugal foi o meu pai, não há hipótese, não tem como, perguntas a quem quiseses, o XXXXX, era o meu pai. O meu pai combateu no parque Mayer, combateu no coliseu dos recreios, em grandes galas,

combateu com campeões da europa, campeões do mundo, pois de outro tempo, é chamada a geração de ouro do boxe em Portugal, e pronto, depois eu segui esses passos também, também fui campeão nacional de boxe, ahn...., também treinei alunos, também treino, ahn, depois tive de parar um pouco a minha atividade derivado à à minha situação de vida hum..., mas, mas tenciono regressar à competição, tenciono voltar, hum...pronto.

Para concluir, basicamente ele perguntou-me se eu queria ser um homem, eu disse que sim, ele agarrou e eu fui viver com ele, com o meu pai o quê que há? Há regras, com o pai há regras, comecei a treinar, eu sempre quis futebol, sempre tive muito jeito para o futebol, joguei no Charneca, tive um ano no Piedade, tive, tive 3 ou 4 meses no, fui no Belenenses, sempre tive muito jeito também para o futebol, hum.., só que depois acabei por trocar o futebol pelo boxe, aos 17 anos, aos 17, 18 anos, fui a segunda vez campeão nacional, hum..., o sucesso na escola, entre as miúdas, eu era miúdo né, entre as miúdas (riso), entre os amigos, entre as miúdas e tudo mais, hum.. comecei a ter muito sucesso né, como é normal nessas idades, 16 17 anos, 18 anos, aí quando me conheciam era logo, “Fogo, temos um campeão nacional”, para ter, para teres outra noção, a minha professora de português que foi algo para mim, quando eu fui campeão nacional pelasegunda vez, ou pela primeira? Pela segunda vez, pela segunda vez, hum...., ou não, não, pela segunda exato, que fui disputar o título... fui campeão no Algarve, ahn.. em Faro, e o... e a minha professora de português, agarrou, em mostrei à minha professora e ela disse “Turma, atenção temos um campeão nacional da turma” (riso orgulhoso), e toda a gente me ovacionou de pé, levantaram-se e toda a gente me aplaudiu, isso foi um momento que marca não é? Tudo marca...foi fruto do meu esforço, foi, foi, foi fruto hum...pronto do meu trabalho, do meu trabalho, do meu esforço, da minha dedicação, e ..foram essas as regras que basicamente o meu pai....hum... que o meu pai me incutiu e que me levou a ser o homem que eu sou hoje, apesar de ter cometido hum.. um erro, porque é, porque é basicamente quem nunca pecou que atire a primeira pedra não é?

Toda a gente peca, comete erros, uns têm sorte não e, ou passam nos pingos da chuva, e outros não, basicamente não é? Basicamente passa por isto, ei vejo muitas injustiças a nível jurídico em Portugal, muitas injustiças mesmo, aliás em todo o mundo, mas em Portugal é uma barbaridade, é fora do comum, é..., eu não sei, não tenho explicação para isto. Eu costumo dizer que isto é um país de ladrões e corruptos, e sei de muitas coisas mais, que eu um dia se tu quiseres, se te interessar saber alguma coisa, eu digo te de antemão, porque eu presenciei, eu vivi, e....prontos... vi... tanta coisa, é um mundo completamente à parte, é um mundo completamente à parte, não tem nada a ver com aquilo que nós conhecemos. Ouvimos falar, ouvimos falar, ah isto é assim, mas só quem sabe é quem viveu, e quem tem dois dedos de testa para perceber o que aquilo é e o que aquilo faz às pessoas, porque eu hoje tenho noção que não saí (interrupção por causa do cão), hum...

Mas pronto concluindo, humm...fui, fui continuei o desporto, continuei o desporto, tirei carta de condução, na altura também namorava, fazia varias coisas ao mesmo tempo, treinava de manhã e à noite,

ou seja, eu tinha muitas regras. Comecei a tornar-me homem, comeceide certa forma a conhecer outras coisas, não é? Comecei a ter outros interesses também...hum...deixei-me um pouco iludir, iludir sim, pelo...eu não sei, eu não sei se digo sucesso, mas, mas digo.....como é que eu te hei de dizer, hum...sabes que a vaidade é um pecado, a vaidade é um dos 7 pecados mortais, eu penso, eu penso que passa por aí, eu penso que passa pela vaidade, tás a ver, humm.... Ou seja tu és uma pessoa sucedida, bem sucedida, mas depois às tantas as companhias, ninguém me apontou uma arma a dizer, faz, acontece, ninguém fez isso, mas...de certa forma deixas-te envolver, vais-te de deixando envolver, nada te acontece, não acontece nada, e tu dizes, Bem, não acontece nada, se os outros fazem eu faço também, não é? Pronto.

Basicamente, porquê que eu fui condenado, que é para saberes o meu crime, eu fui condenado por, por tráfico de, de estupefacientes, mas, hum...., haxixe, pronto, ganzas e não sei quê, pronto, eu tinha à volta de vinte, vinte e um anos na prática do crime, hum..., fui condenado por isso, mas não hum..., mas não fui....não fui eu diretamente, eu vou-te explicar, ahn..., o que eu fazia sim, o que eu fiz foi, tinha um rapaz que era meu amigo, meu amigo que na altura né? Que tinha, que vendia ganzas, ele vendia ganzas, e o quê que eu arranjava, eu conheço muita gente, conhecia muita gente, tanto boa como má, e ele perguntou-me certa, em certa altura, “Pá, não conheces ninguém que faça isto e aquilo, eu dou-te X”, Eu disse, isso, “Pá, isso é muito dinheiro,” quê, quê que hoje em dia eu sei que duzentos ou trezentos euros não é muito dinheiro, não é, até porque eu tenho responsabilidades, tenho contas para pagar, tenho comida para pôr na mesa, não é? Tenho um cão para alimentar (riso), não é? Dói-me um dente, são logo quarenta euros, tenho de fazer um tratamento são mais cem ou cento e cinquenta euros, ou seja, não é dinheiro, mas para um miúdo que começou agora a vida, que não tem responsabilidade, hum, hum, de, de, casa, não tem responsabilidade de vida, a bem dizer, sem ser o desporto, duzentos ou trezentos euros é muito dinheiro, o quê que um miúdo faz com trezentos euros? Vai comprar roupa, se sair à noite com os amigos gasta o dinheiro todo, não é? Com as miúdas e tal, pronto, basicamente foi essa a minha ilusão, hum..., e eu levei por tabela, tás a perceber? Acabei por levar por tabela, levei aqui um bocado por tabela, só que, só de facto se formos a ver as coisas, tanto é ladrão aquele que rouba como aquele que fica à porta, não é, costuma-se dizer. Mas eu penso que tiveram pouco, pouco, hum... que como não tinham bases para me condenar, não tinham, não tinham provas concretas que, que eu não fui apanhado em flagrante, não houve ninguém que me apontasse o dedo ...nas testemunhas, não houve ninguém que falasse o meu nome e tudo o mais, eu hum....penso que tiveram uma moldura penal para mim demasiado, demasiado, demasiado pesada, não é? Eu levei com 6 anos e 4 meses de cadeia, para uma pessoa primária, para um primário.

P: E na altura tinhas 21 anos?

R:Sim, 21 anos à altura dos factos.

P:Então ainda estavas dentro do regime especial dos jovens adultos?

R:Há altura dos factos sim, há altura que fui julgado e condenado não. Tinha 22 para 23, 23. Ou seja, vou cumprir a pena aos 27, percebes, tás a entender? Eles nem, nem sequer, nem sequer me deram com o regime, okay, “Pera aí, tamos a julgá-lo com 22 anos, ou com 22 para 23 mas os crimes tratam de 2010, ele tinha 21 anos, de vinte para vinte anos quando começou, okay quando ele acabou até podia ter 21 ou 21 e tal, mas ele começou antes, ele era miúdo”, ou seja, não era, não me deram essa, essa benesse, a bem dizer, foi condenar por condenar, hummmm. Agora vou, não sei se tu conheces os tribunais, se tens alguma noção do ... o juiz é soberano, o juiz é soberano, mas cada cabeça pensa de maneira diferente não é, os teus valores apesar de teres a mesma formação que eu, imaginamos, hum...os teus valores são diferentes dos meus, se calhar tu dás mais importância a uma garrafa de plástico e eu dou mais importância a uma garrafa de vidro, perceber a a conversa, okay, e aquele, aquele tribunal, neste caso o tribunal de Almada, tinha um coletivo de juizes naquele tempo, se tu pesquisares um pouco sobre isso, que era muito mão pesada para o tráfico de estupefacientes, ganza, para haxixe, canábis e tudo mais, tinha uma mão muito pesada em Almada, não sei se era por haver muitas escolas, não sei se é por estar presente também faculdades, não percebo, não percebo isso, há muita ganza em Almada e tudo bem, mas não sei qual era o motivo, mas sei que tinham , _____, eu penso que tiveram mão pesada, acho que foi demais, aliás, tanto que o juiz depois viu isso, que um ano antes do meio da pena, que é uma coisa inédita, um ano antes do meio da pena hum.. mandou-me embora, uma coisa inédita, é que eu nunca tinha ido ao meio da pena, não podia.

P:Mas mandou embora porquê, mudou a pena?

R:Porque viu, não (riso) realmente que eu não tava ali a fazer nada, não é, é, é, não deixei de sofrer um bocado, sofri um bocado, hum..., basicamente fui tirar um curso, fui tirar um curso.

P: Pois, ao menos serviu para alguma coisa.

R:Sim, sim, mas nós lá dentro sofremos de maneira diferente, sentimos as emoções de maneira diferente, hum.. pensamos em muita coisa que cá fora não pensamos, temos muito tempo para pensar. Há uns que não, há uns que simplesmente vivem daquilo, não é, hum... olha eu tou aqui a despejar, a falar a falar, pronto e tu faz isso, pronto vai tirando notas. Pronto, e basicamente, basicamente, eu tou-te a contar tudo seguido, desde a minha vida, e agora já passei da minha vida e já tou na parte em que tive de me entregar, porque eu entreguei-me voluntariamente, entreguei-me voluntariamente hum.... .

A condenação, ou, ou, o como é que eu te hei de explicar, eu fui combater, eu fui combater, eu combati e no mesmo dia que combati, acabo o combate e soube que tinham saído os mandados de captura, ou seja, praticamente foi, ou seja aí passado 1 mês, 1 mês, passado 1 semana tava na cadeia, ou seja, foi assim tudohum....porque eu entreguei-me voluntariamente, entretanto consegui trabalhar, trabalhei na cadeia, trabalhei na lavandaria da cadeia, tirei um curso de pintura na cadeia, ahn, frequentei, frequentei um.....frequentei o... tou à procura do nome, ahn, aquilo é basicamente tinha a ver com a APAR...tinha a ver com a APAR, hum..., tinha a ver com a APAR que é um grupo que vai lá

semanalmente, ou quinzenalmente e fazem um, fazem umgênero de reunião, ahn, tão ali uma hora e meia ou duas com as pessoas a falar e tal, sobre, sobre projetos de vida e eles apoiam as pessoas cá fora, aqueles que, que precisam não é, e eu fazia questão de pertencer a isso, eu tenho um curso tecnológico de ação social, tirei o 12º ano, frequentei a faculdade no, no, no curso de desporto, treino desportivo, não conclui, hum....., mas tive, tenho um curso, tenho um curso tecnológico de ação social, sou profissional do curso de ação social se quiser exercer hum....., e pronto isso é tudo coisas que me interessam não é, porque eu vivi na primeira pessoa, há lá pessoas muito más, mas também existem pessoas boas que apenas cometeram erros. Eu conheço gente, e tu conheces com certeza cá fora, tanta gente que, que comete tantos erros, tantas falhas, tanta desvio, tanto coisa, coisas pequenas mas que se podem vir aaaaa aumentar não é?e,e, epá eu vi muita coisa, muita coisa, muita coisa, ahn..., sei lá, hoje em dia eu, por exemplo, isto é um exemplo não quer dizer que tenha acontecido porque não tenho conhecimento se aconteceu ou não, ahn, mas sei que existe porque já temos falado, por exemplo uma rapariga tá com um rapaz e esse rapaz já não a quer, por exemplo ..ahn... e ela sente-se rejeitada, ela pode muito bem agarrar conseguir ter relações com esse rapaz e dizer que foi violada, arranhar-se e dizer que foi violada, bater-se e dizer que foi violada, percebeste?

P: É complicado, é complicado ela chegar ao tribunal e depois fazer prova disso, não é?

R: Mas acontece, mas acontece, isso acontece, garanto-te a ti que acontece, hoje em dia e não só, são coisas que acontecem sempre, são coisas que acontecem, que também posso, eu ainda agora, mandaram-me um vídeo do *WhatsApp* de mulheres a baterem em homens. Também acontece e acontece muito, o homem no chão e a ser pontapeado, ou seja, tudo isto acontece parte a parte não é. E eu vi muita coisa, vi muita coisa, tanto há pessoas boas como há pessoas más, pessoas muito más, mas também há pessoas boas, muito boas, mas hum....não...sei lá, há pessoas que tão, há rapazes que tão presos por roubar uma caixa de chocolates e eu isso sei, porque o rapaz teve lá comigo.

P: Pois, eu meio que sinto que o sistema prepara as pessoas numa trajetória para falhar. Não dá oportunidade, depois lá dentro as pessoas também não têm oportunidades como eu vi.

R: Claro que sim, eu por exemplo saí, vim para casa de pulseira, ahn..., arranjei logo trabalho tudo bem, e estava tudo bem, porque tinha apoio familiar, agora aquelas pessoas que não têm família e apoio, que não têm família, não não têm as mesmas oportunidades do que as pessoas que têm apoio familiar, eu acho que o Estado não é, neste caso devia fornecer esse apoio às pessoas que não têm esse apoio familiar, não é, porquê, porquê quer dizer, eu não tenho apoio familiar, tu tens, tu tens casa para ficar e tens trabalho, porquê que, que eu que tenho a mesma trajetória de, de percurso prisional que tu, não tenho castigos também, portei-me bem e tudo bem, e cumpri a minha pena, o, o tempo de pena necessário para poder ser reintegrado na sociedade, porquê que o Estado não é? Os os serviços prisionais não rein..., não reintegram essas pessoas, porquê que não arranjam onde as pessoas ficarem, porquê que não arranjam trabalho para as pessoas, houve um rapaz que disse que não saia, teve ordem de soltura não é, como nós

chamamos, hum, foi emitida a liberdade imediata às 8 e meia da manhã, o rapaz saiu às 6 e meia da tarde e disse “Eu não quero sair, eu aqui tenho pequeno almoço, almoço, lanche, reforço e jantar, tenho cama, tenho amigos, jogo à bola, tenho televisão, tenho tudo, eu cá fora não tenho nada, eu vou roubar, eu com este dinheiro, pouco, dos cursos que tirei na escola que recebo por mês acabar, que é pouquexinho, não é nada, são cinquenta euros, sessenta vá, quando isto acabar eu vou ter de roubar para comer e vou preso outra vez”.

Por isso é que nós temos uma taxa de reincidência muitíssimo elevada, é a maior da Europa se, se não quero estar em erro, se não é a maior está no top 3, estás a ver? Ou seja, arranjam trabalho a essas pessoas, metem-nas nas camaras, a lavar, a lavar ooo as ruas, metam nos caixotes do do lixo, nas coisas do lixo, metam pá sei lá, metam a, a limpar os, os ahn, os sinais na estrada, metam a fazer qualquer coisa, qualquer coisa, ajudem essas pessoas, e a verdade é que este país não ajuda ninguém, e a corrupção vem de fora para dentro e de dentro para fora, os telemóveis quem mete dentro das cadeias são os guardas, o chefe de ala lá, houve um chefe de ala que foi apanhado com 23 telemóveis num saco para distribuir pela prisão, cada telemóvel cá fora custa dez euros, lá fora, lá dentro são cento e cinquenta, duzentos euros, estou a falar de telemóveis que não são como estes que nós temos a fazer vídeo chamada, um telefone destes que custa cem, cento e cinquenta euros, ou duzentos cá fora, lá são mil euros ou oitocentos, eles dizem assim “Eu quero ir de férias para a semana e vendo dois telemóveis e vou de férias”, estás a ver a ideia? A corrupção vem de fora para dentro e de dentro para fora, o próprio diretor da cadeia tem de, tem, tem negócios com os guardas, chefe dos guardas, etc., ahn, de supermercados próximos da cadeia para fornecer a cadeia, ou seja ele está a ganhar da cadeia, fora da cadeia, pelos reclusos que estão presos e não os ajuda, eu assisti a isto.

O maior negócio que há nas cadeias são as cantinas, faz, faz um, faz ume eu apercebi-me disto que tive tempo para pensar e ver, e eu sou uma pessoa interessada, eu onde eu estou, eu, eu tenho de estar e tenho de entender o meio onde estou, perceber quem é que faz o quê, qual é que é a posição de cada um, eu aprendi isto, um género de instinto de sobrevivência, do género de instinto, ahn.. e basicamente é, eu tenho de entender quem é que faz o quê, porquê, quem é que tá acima de quem, quem é que vive daqui, percebes, quem é que faz o quê, basicamente qual é o papel de cada um, e eu comecei me a aperceber, via os talões que pedia, via as coisas, já se sabe conversa puxa conversa, e outro sabe alguma coisa que tu não sabes, o outro sabe, vais falando com as pessoas e tu aí vais interagir, e eu percebi, faz as contas, setecentos reclusos na prisão de Alcoentre, que foi onde eu estive, há quem gaste dez euros por semana, não é, há quem gaste 5 e quem não gaste nada, há quem gaste noventa, que é o máximo por semana, há quem gaste cinquenta, sessenta, fazes uma média de cinquenta, pá nem tanto ao mar nem tanto há terra, vou à metade, pá de noventa, vá cinquenta. Agora faz, cinquenta multiplica por semana por setecentos, por semana, vamos fazer assim, duzentos euros por mês, é duzentos vezes setecentos, ou setecentos vezes duzentos.....fazes 7 vezes 2, 14 né, fazes 14, são quatorze mil euros, ya, 7 e 7 14, 7 vezes 2, 14 não é, hum...correto? Não é, quatorze mi, são quatorze mil euros por mês, só da cantina dos

reclusos da cadeia, agora, agora fazes quatorze vezes doze, tás a ver, tás a ver aqui onde é que tá o negócio? Agora faz isto tudo anos, faz isto tudo anos, anos, e as prisões estão sobrelotadas, faz isto durante anos, eles ganham muito dinheiro, muito dinheiro, fora dinheiro dos cursos, dinheiro da escola, cada recluso por curso recebe, cada cadeia, recebe à volta de quinhentos euros, eles pagam ao instrutor por reclusos para os cursos, para os cursos para a escola, atenção, cada, cada recluso recebe à volta de cinquenta euros, vamos também fazer assim, há de ser cinquenta e tal, sessenta, há de ser quarenta e tal, cinquenta, mas vamos fazer cinquenta que não me vou enganar muito, os meus cálculos não são muito errados.....cinquenta euros por recluso, nem todos andam na escola, nem todos andam, vamos fazer metade, trezentos e cinquenta, fazemos estas estimativas assim, só para teres uma noção, nem todos estudam, nem todos trabalham, nem todos tiram cursos, a maioria, a maioria, mas vamos fazer a metade, quinhentos euros, pagam aos instrutores não é, aos instrutores devem receber por aluno, pá talvez, um tem uma turma de 12, às vezes 15, pá que paguem aí 75 euros por aluno, cinquenta euros por aluno por mês, cem euros, se forem doze, pá tao a ganhar ali hum.. mil e quinhentos euros, à volta disso, mil e quinhentos euros, pronto que seja, mil e duzentos mil e cem, fazendo assim, isso dá dinheiro, os cursos profissionais dá dinheiro, hum.. a escola a mesma coisa, recebem também cinquenta e tal euros, uma coisa assim, mas falo dos cursos, se são quinhentos euros por recluso, pagam cinquenta ao recluso, cem, cem ao, ao instrutor, onde é que vão os outros trezentos e cinquenta?

Tás a perceber onde quero chegar? Isto tem muito que se lhe diga, bolas de futebol da decatlon que custam 3 euros, comprei eu para o meu irmão pequenino, que custam 3 euros, eles vendem a dez lá dentro, eles vendem a dez, é, é de uma corrupção, é de uma corrupção, é, é, é de uma matreirice, é, epá, é incalculável a sério, o aproveitamento que eles têm do presos é incalculável, incalculável mesmo, já para não falar que eles sabem a quem é fazem as coisas, porque se eu me portar mal, portar mal como quem diz, vou-me portar mal se eu, se eu responder mal, se eu, “Ah vá lá para ali”, “Oh desculpa lá, eu faltei-te ao respeito, neste caso não é faltei-te, é faltei-lhe”, “Ah, faltei-lhe ao respeito, quero que você me respeito como eu o respeito assim”, mas eu sei falar, não é, se fosse outro a falar assim, eles às 7 da tarde abriam, às 3 ou às 4 tiravam o nome, neste caso, iam para outra ala, iam lá e davam uns carolos ao rapaz, como eu assisti, isto é muito feio, isto é muito feio, é cobardia, é feio percebes, eu assisti a muita coisa, só que nós temos de ter talas lá dentro, a minha ideia foi entrar, cumprir e sair, eu não entrei pa, para arranjar problemas e para cumprir mais pena, não, eu quanto menos cumprisse melhor, o meu objetivo foi tudo bem, quanto menos eu cumprir melhor, eu vou fazer tudo por tudo para cada dia ser menos um dia, tás a ver a ideia? Então eu entrei em tudo aquilo eu podia, eu, eu entrei em atividades, todas as atividades desportivas eu entrei, futebol, rãguebi, hum.., futebol de rua, andebol, andebol fui jogar às cadeias andebol, participei das, na, nas, da da do futebol de rua das cadeias, fui trabalhar para a lavandaria, tirei o curso de pintura, hum....., andei, andei nesses apoios da APAR, lá, esses 15 dias, umas raparigas da faculdade que tavam a se licenciar em ação social iam lá, um grupo de dez, quinze, quatorze com a professora e tal, formou-se um grupo em que a mim também me escolheram para ir lá, também

pertencia, também ajudei as raparigas, também ajudei a professora pa, pa isso, ajudei-as, também participei, mais? Pronto, penso que basicamente, basicamente foi isso, fiz poda, isto já no regime aberto interno, tive lá um mês, durante um mês tive na poda, eu não sabia o que era a poda e aprendi, aprendi a fazer poda, a fazer hum... pronto uvas né, a vinha, a tratar da vinha e tudo mais também, aprendi, aprendi, não deixei de aprender algumas coisas, hum, mas pronto, pronto, basicamente o meu percurso prisional foi este. Tive alguns arrufos, porque é muitos homens, é muita testosterona, é muitos feitos, é um mundo à parte, há pessoas sem educação nenhuma, não têm educação nenhuma, nenhuma, tu tás, imagina, tou aqui sentido, e... e está aqui o meu relógio né? este relógio, hum, a pessoa quer vir buscar esse relógio, não é meu é dela, mas em vez de pedir com licença, passa por cima “Oh XXXX dás me licença para apanhar o relógio”, não, derruba-me e é logo “Então, o quê que estás a fazer?” E dá logo confusão, nós temos de ter filtro não é, temos de ter filtro, temos de filtrar muita coisa, temos de engolir muitos sapos, muitos sapos, mais respostas, porque se andares à, se andares à porrada dentro da cadeia, levaste castigo, vais para a cela, ficas fechado, vais para a solitária, vais ...são coisas que eu evitei sempre e graças a deus consegui, consegui ultrapassar isto, foi uma fase da minha vida que tive de ___tarde de demais, tarde de mais em que se for para cumprir que seja com maturidade, tinha 27 anos, tinha acabado de fazer 27, porque se calhar se eu tenho ido na altura, se calhar tinha cumprido, porque a maturidade não era a mesma, a sabedoria de vida, e...e não me ajudaram em nada, nunca me ajudaram em nada, nunca nada, não sou um revoltado com o sistema, não é nada disso, eu tenho é dois olhos.....tenho dois olhos e eles estão abertos e consigo ver ..hum..... a quantidade de, desculpa-me a expressão mas a quantidade de merda que está dentro deste governo, e, e que governa este país, não é??

Eu em 2015, antes de ir preso, um ano antes, em... eu tenho uma memória no Facebook em que escrevo assim, eu fui ao ao BES na altura, fui ao BES fechar a minha conta porque tinham me tirado, roubado cerca de sessenta e tal euros, ou uma coisa assim e não havia motivo para tal, eu fechei a minha conta, pedi o meu dinheiro todo que lá tinha, pouco, na altura, nessa conta era pouco, hum..., não era muito dinheiro, mas disse que não era pelos sessenta e tal euros que eu vou morrer à fome, o dinheiro é meu e esse dinheiro tem de aparecer, vocês têm de me devolver esse dinheiro, esse dinheiro é meu, e nunca me devolveram o dinheiro, e eu disse, escrevi “Fechem todas... toda a gente feche as contas do BES, retire o dinheiro porque eles são uns ladrões e vão roubar toda a gente”, passado um ano, meses dá-se o.. a situação do BES, e toda a gente perdeu fundos no BES, tás a ver? Mas eu tenho essa memória, eu posso partilhar essa memória contigo no Facebook, eu tenho, tenho essa memória, foi há pouco tempo, isto tamos a falar fevereiro, fevereiro dia 18 ou 17 de 2015 e eu partilhei essa memória com as pessoas, fiz questão sabes, fiz questão de partilhar porque eu sabia que aquilo ia dar raia, ou seja, visão para, pa, visão, eu vi, eu vi o quê que estava a acontecer, se fazem comigo fazem com milhões, e a mim foi só sessenta e tal euros, outras pessoas foram milhões e milhões de euros, foi uma coisa, este país é o que é, hum...., não é só o sistema prisional que está mau, tudo está mal, nada funciona, nada, zero, neste país nada funciona, eu, eu tento entender porquê, porque vamos a Espanha e o ordenado mínimo é logo mais

quatrocentos euros, tu vais a França são logo mil, mil trezentos e tal, mil quatrocentos e tal, vais à Bélgica mil quinhentos e tal, vais à Holanda é, é são quase dois mil euros, epá na Suíça são 3 mil euros de ordenado mínimo, mínimo, há pessoa a ganhar 6 mil euros por mês, 7 mil euros por mês a trabalhar em limpezas, não é, têm qualidade de vida as pessoas, tudo funciona, pagam muitos impostos, é um facto, não é, pagam muito, mas as coisas funcionam.... As coisas funcionam, têm seguros têm tudo, pagam muito mas sim têm boa qualidade de vida, toda a gente como bem, toda a gente bebe bem, hum...

Pá, é normal que, que as pessoas procurem a criminalidade cá, então se ninguém lhes dá trabalho, têm filhos e eles têm de comer, eles vão fazer o quê? Claro, vão fazer o quê? Não é, é o que eu digo, os meus irmãos, que eu ainda não tenho filhos, mas eu digo, os meus irmãos não vão passar fome, são crianças, agora têm uma situação da, da, mãe deles que vai para a Holanda, e que em principio vai receber bem e viver bem com eles, mas ninguém meu vai passar fome, entendes? É essa a ideia que eu tenho, fome nunca, fome, teto para dormir, comida na mesa não pode faltar, não, não há hipótese, tás a entender a ideia, epá, este é um pensamento é o meu, mas estou a falar por milhões, eu tou a falar por milhões, milhões de homens, milhões de mulheres, milhões de pais, milhões de tios, milhões de avós, por, por milhões de pessoas, como toda a gente, toda a gente é de acordo e me diz o mesmo que eu digo, percebes? O país vai de mal a pior, de mal a pior, eu não sei agora com isto da pandemia pior ainda, ainda vem aí, isto vai dar pano para manga. Olha pera eu vou partilhar uma coisa contigo, se calhar ainda não é certa, não é certo atenção, mas se calhar vou para a santa casa da misericórdia, daqui da margem sul, Almada, pronto, eu vendo automóveis, eu atualmente vendo automóveis, hum..e antes da pandemia dava aulas com o meu pai, também também de boxe, ahn e estava muito bem, cada vez que vendo um automóvel é são milhares de euros que ganho né, dois mil três mil, ganho muito dinheiro, agora mesma que venda um de três em três meses ou de quatro em quatro meses, se gerir bem o meu dinheiro, chega perfeitamente para viver e para estar bem e para pagar as minhas contas e não é por aí, ahn...mas eu tenho muito tempo livre, não é tanto pelo ordenado porque até até se recebe bem, tenho os fins de semana livre e o horário também é bom e tudo mais, agora com a desgraça que vai haver, que vai haver muita desgraça, eles, eles e a rapariga que lá esta que é minha amiga e outros que mais já me têm dito vai abrir montes e montes de vagas porque vão cair centenas, milhares de famílias a pedir apoios, vai ser um caos, eles estão mesmo a precisar de pessoas pa trabalhar, para irem às casas, recolher relatórios, saber o quê que precisam, ou seja, não têm pessoal para isso tudo, porque a segurança social cortou com tudo, tá tudo aos mínimos, é que tá tudo aos mínimos, o estado em vez de apostar na saúde, apoio às pessoas e tudo mais, está tudo aos mínimos, eles estão a funcionar a trinta por cento, tá tudo a funcionar a trinta por cento, isto dos lay offs é tudo *show off*, é tudo _____, é tudo mentira, isto dos *lay offs* e tal, tudo bem pode tar a resultar nalgumas coisas, mas não está a resultar, não está a resultar, restauração, a restauração não pode vender bebidas porquê? Não podem vender uma lata de coca cola porquê? Uma garrafa de água, porquê? Não tem justificação nenhuma, se eles podem fazer *take away* não é, se podem vender hambúrgueres, hu..., tostas e mais *take...* bitoques, carnes, etc., porquê que não

podem vender uma lata para acompanhar o menu, porquê, qual é o sentido disso, não faz sentido nenhum, porquê que o pingo doce não pode vender, o pingo doce não, o pingo doce pode, o pingo doce pode, hum... Não é isso, é, é hum... não pode vender livros, essa é outra livros, não podem vender livros, porquê? Não podem vender livros porquê?

P: Pois é tudo um bocadinho complicado, não se consegue entender.

R: Não se consegue entender, não faz sentido, não podem vender livros porquê? Podem vender bitoques a take away e não podem vender livros a take away porquê? Não é, como quem diz não é. Ou seja, isto tem muito que se lhe diga não é, e estamos a falar hum...no momento em que estamos, fugi assim um bocado ao tema, só para ... só para nós percebermos como é que está tudo isto, para não dizer Ah só o sistema prisional é que não funciona, não.

P:Não, é sintomático de uma falha maior.

R: Exatamente, tudo, tudo funciona, ou tudo funciona menos bem, ou uns melhores que outros, mas todos funcionam mal, hum...., o sistema prisional eu penso que é mesmo o pior. Tudo aquilo que tu viste, eu tive lá, eu tive lá, eu presencie, eu presenciei, eu vivi, eu aprendi, humm...vi pessoas de todos os tipos, ao fim ao cabo tu não sabes quais são os crimes deles, eles podem dizer que roubaram uma loja e podem ter violado uma criança, eles podem dizer que ..que... sei lá, bateram num homem e depois não bateram num homem, espancaram uma mulher, hummmm, coisas condenáveis cá fora e muito mais condenadas lá dentro, pela lei, hum...., já não é o que era antigamente, porque antigamente havia uma união, quem fazia a cadeia eram os presos, hoje em dia não, hoje em dia quem faz as cadeias são os guardas, quem faz as cadeias são os guardas, é os guardas que metem lá os telemóveis, tudo, tudo, metem lá tudo, tudo, tudo, ahn.. para a policia judiciaria entrar pela cadeia a dentro e ir buscar 3 ou 4 guardas e chamá-los e algemá-los e não sei quê e levá-los presos, á frente dos, à frente dos presos, pois é uma coisa engraçada né, as pessoas tarem assim “Ahn, sim senhor, ahn, isto é que é, assim tá bem, os presos somos nós, os bandidos somos nós”, mas pronto olha hum...

Basicamente isto foi o meu percurso prisional falei-te um bocado ahn... sempre me dei bem com toda a gente, tive os meus arrufos, consegui contorná-los, engoli alguns sapos, hum... a minha essência, a minha pessoa não mudou, não sai, não sai como entrei, não não não, afetou-me, afetou-me, nos primeiros tempos afetou-me, sim sim, a forma de lidar, eu não lidei com pessoas normais, né, ditas normais, toda a gente depois de entrar vêm os lobos todos, vêm os os medos, as inseguranças, vêm as defesas, toda a gente que tá ali tá à defensiva, não é, hum..., lidei com malucos, lidei com muitas pessoas sãs, lidei com várias ideias, ia, ideias, histórias de um, histórias de outro, coisas loucas que não minha cabeça não fazem sentido, como é que este gajo foi capaz né? E o quê que te passou pela cabeça, ia, aquele, aquele porra, aquele é inteligente, pá ta bem que foi preso, mas aquele e esperto pá.

P: E então antes de teres contacto com o sistema que opinião é que tinhas sobre a prisão, sobre as pessoas que lá estavam, como é que achavas que era e depois o quê que encontraste ?

R:Boa pergunta, nunca pensei muito nisso, tinha... conhecia algumas pessoas que tinham estado na cadeia, mas que sempre me trataram muito bem, sempre me dei muito bem com elas, ou seja, esse estigma para mim não existia muito, via nos filmes, tau, tau, tau, tau, e pensei que fosse hum... o que se vê nos filmes, pá de facto há coisas que são, há outras que são exageradas, há coisas que sim, é conforme as cadeias também, conforme o, o, os sítios onde se está, países e tudo mais, mas não tinha uma ideia formada, vou te ser sincero, não tinha uma ideia formada sobre o que era ser preso, ou ser recluso, ou eu hoje em dia não me sinto um ex recluso por exemplo, eu não me sinto com o rotulo de ex recluso, não, o rotulo que eu acho que devo ter e aquilo que eu sinto é uma pessoa que era nova, cometeu um deslize, cometeu um erro, entregou-se como homem, saiu homem, cumpriu o que, o que o juiz achou que ele devia de cumprir, provou que não era uma pessoa delinquente, saiu, tem uma vida digna, é uma pessoa digna, de respeito, tem tem, socialmente aceite, tenho amigos tenho família, bem sucedida graças a deus e não vejo, não vejo como ex recluso, não, não me sinto assim, não me sinto um ex recluso, sinto-me uma pessoa que cresci para a sua vida normal, não me sinto, não me sinto um ex recluso. Sinto que passei por uma experiencia, foi, é, é esse o sentimento.

P:Agora deixa-me só fazer assim algumas questões mais para trás, antes de teres tido o problema com a justiça, trabalhavas ou era só o desporto?

R:Antes, antes de de ter tido o problema pelo que fui condenado, trabalhei aos fins de semana no bar do meu pai, trabalhava ao fim de semana, fazia o, fazia o desporto, usava o boxe, treinava, etc.. E o meu pai, o meu pai dava-me dava-me dinheiro e tinha os meus patrocinadores que também me ajudavam, mas não era o suficiente, depois comecei, depois foi ai que eu descobri o dinheiro fácil, okay? Se eu faço isto e recebo x, epá então vou tar cheio de dinheiro, e realmente ganhei mesmo muito dinheiro, muito dinheiro, era aos duzentos, trezentos, trezentos, trezentos, trezentos, quatrocentos, trezentos, quatrocentos, mas isto de dois em dois três em três dias, é muito dinheiro, mas também assim como o ganhei também o esbanjei todo, um miúdo que não tinha responsabilidades nenhuma, ia fazer o quê ao dinheiro. Hoje guardava-o (riso) hoje guardava todo, eu hoje tenho responsabilidades, na altura não tinha, não sabia, não sabia o que era ter responsabilidades, não tinha maturidade, não tinha maturidade pa... aliás se tivesse maturidade que tenho hoje, que é impossível um rapazinho de 18 anos ter a maturidade de um homem de 31 hum..... não, hoje arriscar 6 anos e meio meus na cadeia pa ganhar trezentos euros, estragar a minha vida para estragar trezentos euros, é que nem sequer faz sentido, é muita coisa de uma ilusão.

P:É que no fundo parece que te envolveste nisso por uma questão de amigos no fundo.

R:Exato, exato, eu fui, eu fui influenciado, a verdade é esta, eu fui influenciado, mas não fui só influenciado pelos amigos, eu fui influenciado pelo meu meio, não foi pelas pessoas foi pelo meu meio,

eu vim fazerem e terem, eu vi acontecer e “Não eu também quero, porque se os outros fazem e não lhes acontece nada, porquê que não posso ter também”, e basicamente foi isso e comecei a fazer e pronto, e e e depois a ilusão, depois comecei a sair à noite com os meus amigos, depois com as minhas amigas, comecei a ter as minhas namoradas, e tudo mais, aquelas coisas né, é natural e foi tudo uma ilusão, uma ilusão, poder proporcionar bons momentos, querer viver bons momentos, ter bons momentos, e era tudo uma ilusão, hoje dou valor a coisas hum... mais reais não é, coisas mais reais, hum..., não dou valor a ilusões, porque as ilusões só criam mais ilusões, e tás numa ilusão, uma ilusão é uma bola de neve, e eu prefiro se calhar hum..., eu tenho muito dinheiro, tenho dinheiro, tou estável, mas prefiro se calhar em vez de ir uma semana ara um hotel, se calhar vou dois dias, e aprecio-os melhor não é, se calhar vou hum..., tu estás a perceber a minha ideia? Claro em vez de gastar seiscentos ou setecentos euros num hotel só ara ter ali uma semana, não, se calhar gasto duzentos, mas tenho os mesmos benesses por dois dias não é, e e como bem à mesma, descanso bem à mesma, não preciso de uma semana, se, se tiver uma semana também faço, mas hum..., este foi um exemplo, se calhar eu tinha na mão e dizia Não, pá, vou gastá-lo, o quê? 3 dias, vamos masé quinze ou dez e bora, tás a ver a ideia, é as responsabilidades, é uma maturidade, a responsabilidade, a maturidade, pá, que tem dessas coisas. Mas só com o tempo, só com o tempo, é vivendo e aprendendo, só com o tempo.

P:Portanto, o teu passado nunca foi um passado estigmatizado ou com dificuldades económicas, sociais ?

R: Isso nunca, nunca nunca nunca, isso não, nunca, muito pelo contrário, muito pelo contrário, sempre tive tudo do bom e do melhor, e, e o, o meu pai até tirava os miúdos da rua, os meus amigos, levava-os todos lá para casa para almoçarem, para jantarem e para lancharem e tudo, eu, eu era o menino riquinho que tinha tudo, mas eu só me dava era com, com malandros, com malandros miúdos, não é, putos, putos, pá eramos miúdos, erámos todos miúdos, todos malandros, malandrinhos, 6, 7, 8 amigos e andávamos lá todos a brincar na rua, hum, hoje não, hoje em dia estão todos fechados em casa com os telemóveis e com as *playstations* e tal, eu não, eu, eu apanhei, apanhei a transição, né, eu brinquei muito tempo na rua, jogávamos à bola na rua, à apanhada, às escondidas (riso) hum..., eu andei brinquei na rua muito tempo, eu sou de 89 hummm, não sei se estamos a falar de 95, 96, eu brincava na rua, andava na rua, não sei quê, depois hum...aquela transição, começaram a aparecer as *playstations* e isso, e eu comecei a agarrar me à *playstation*, masa minha infância ali nos 7,8,9 dez anos, 9 anos, 5 anos foi a brincar na rua, foi a foi a correr ali no pátio com os amigos, brincava.....hoje em dia meninos com 5 anos já temos medo, nós temos medo de agarrar neles e pô-los ali na rua a brincar, eu com 5 anos quase eu corria tudo, eu tava a kilometros de casa, toda a gente me conhecia da costa da Caparica, toda a gente.....e tava eu e mais 6 ou 7 amigos, e tou aqui, fiz coisas, mas tou aqui, vivo, estou vivo, saudável.

P:Sim, então diria que apesar de ter tido aquele deslize hum... a vida até foi bastante positiva?

R: Sim, a vida foi, eu não me posso queixar, eu nunca nunca me faltou comida, boa comida, nunca, nunca me faltou uns ténis para calçar, nunca me faltou um teto para dormir, uma boa cama para dormir, nunca me faltou amigos. Hum....como homem, como homem e e miúdo de de pronto, nunca me faltaram raparigas, hum.. eu não tenho razão de queixa, não tenho, não me posso queixar da vida que levei, da vida que fiz, mesmo as coisas menos boas que fiz e que tive...e que ...e hoje, e hoje que acho que não são caminhos para também hum...tive também em duas produtoras de eventos noturnos, também fiz, hum...e...e. .. e é uma vida, por exemplo, eu experiencie essa vida, e é uma vida que eu não quero, ou seja...eu experienciei um pouco de tudo, a vida de dia, a vida de noite, a vida de atleta, e eu, e eu chego à conclusão e cheguei que quero a vida de atleta, sim, porque é realmente aquilo que eu realmente gosto de fazer, é aquilo que eu realmente me sinto bem, e percebi que para se estar na vida da noite é é uma vida falsa, é uma vida, é uma vida hum....ingrata porque tu não sabes o que é verdade, não sabes o que é de verdade.....eu prefiro viver uma vida de verdade hoje, hoje, eu prefiro, prefiro ser verdadeiro, tar contigo, tar a, tar te dizer isto e saber que aquilo que eu te estou a dizer que é verdade, isso é gratificante, isso é bom, eu quando, quando acabarmos a nossa conversa eu vou me sentir realizado por este momento, por exemplo, espero que também te sintas não é, hum....e pronto, basicamente é isto, eu, eu gosto do que é de verdade, o que é de verdade, o que é, o que é de mentira e de ilusões já já pouco me diz ou nada.

P: Pronto, acho que a tua conversa foi respondendo às minhas perguntas e acho que assim não tenho mais nada de, para perguntar. Tens alguma questão?

.....

R: Já tenho ido a palestras da APAR e da APAC e essas coisas (*OFF RECORD*)

2º entrevista- Foco na vida pós prisão e estigma

P:Então, queria que me contasses um pouco como é que foi a tua vida após teres saído da prisão, naqueles momentos mais iniciais, nos primeiros meses

R:Hum.....pá, eu basicamente saí, eu fui hum.... eu quando sai eu vim, vim de pulseira para casa 11 meses, hummm...por isso... ou seja, não foi um impacto como um normalmente os outros me relatam, que é quando saem da cadeia saem, saem sem apoios humm de nada, ou seja acabou a tua pena agora tá aqui e vai, vai trabalhar, não roubes, não não nada, estás a ver a ideia? Hum...pá, basicamente eles não dão apoios de nada quando, quando a pessoa sai da cadeia, têm, tens a aquele, aquela, aquela condicional não é, tens a condicional, que pode ser um ano, pode ser um ano e tal ode ser dois, consoante as penas não é, enão tem dão apoios, basicamente, basicamente não te dão trabalho, não, não nada, entendes?

A mim, a mim não me deram hum..., a mim não me deram trabalho, não me deram nada...pá eu é que, eu é que me tive de arranjar hum... e dizer olha pá eu tenho condições para vir...cumprir até ao meio da pena em casa, pronto estes 11 meses que me faltavam para o meio da pena, eu tenho condições para

vir para casa, basicamente foi isso, eu apresentei as minhas condições, apresentei tudo...e pronto, tive, tive essa benesse pelo meu comportamento e...por ser primário e e por tudo aquilo que eu já te expliquei.

P:Sim, então não tiveste dificuldades com a transição ou sentiste, sentiste dificuldades com a transição da prisão cá para fora?

R: Não, não, não senti porque eu tenho, tenho apoio familiar, não é, tenho família, tinha a vida, quando eu entreguei-me, eu não fui detido, não fui preso não é, eu não, eu não fui, não foi uma coisa de agarraram em mim e levaram lá para dentro e agora desenmerda-te não é, basicamente, não, não foi isso que aconteceu, eu agarrei foi planeado, foi uma coisa minimamente planeada, a conversa é essa, foi minimamente planeado, foi minimamente pensado, hum...as minhas bases já estavam criadas, já tinha bases, tive apoio, tive visitas, tive sempre tudo, nunca me faltou nada dentro dos possíveis legais de...hum..do cumprimento de uma pena, ahn...e pronto hum.... Hánão tive, não tive muitas dificuldades em relação a isso, aulas em quando saio hum... não saio perfeitamente normal, não saio não é, foi demasiado tempo a lidar com pessoas que não eram do meu meio, percebes a ideia ? (riso mais nervoso) tipo estou aqui a falar contigo e assim, hum...raramente tive, tive este tipo de conversas com uma pessoa lá dentro, a...aliás existem muitas pessoas extremamente inteligentes, muito ricas e extremamente hum.... tudo, não é? Tudo de extremos, hum... existe muitos extremos, ou extrema pobreza ou extrema riqueza ou extrema inteligência ou extrema burrice, tás a ver? Ou seja, é um pouco de extremos...e....epá, tu primeiro crias umas defesa e pa, para te abrires com alguém, para ganhares conhecimento com alguém, pá...conhecimentos, não é conhecimentos, desculpa ahn...ahn... confiança com alguém e tudo mais, tu, tu tens um processo que demora hum...que demora mais, mais do que o habitual, mais do que o normal hum.... no meio da nossa sociedade normal, se calhar pronto tudo bem, tou a conversar contigo, olho para ti e vejo sim senhora, uma, uma senhora...uma rapariga e tal que estuda e que é intelectual, ou, ou seja é educada e tudo mais, tás a perceber, sabe falar, sabe estar, etc., tu se calhar não sei qual é a tua ideia também (riso) olhas pa mim e podes dizer o mesmo ou não, apesar de cada um ter o seu passado, e cada um tem as coisas porque passa, a vida é o que é, podes ir a conduzir, atropelares uma pessoa por negligencia e distração e e seres, seres condenada a cumprir uma pena de prisão, isso acontece e, e, e acontece vulgarmente, são coisas que acontecem na sociedade, os acidentes acontecem, hum..e eu lá dentro, lá dentro é um pouco assim percebes, é um pouco assim, hum....as pessoas, as pessoas têm um pouco rótulos, tu primeiro que te abras com alguém ou que tenhas este tipo de conversa ou.. não sei quê, á, é, é, é mais difícil entrar na carcaça percebes uma pessoa lá dentro percebes? saberes o que é verdade...é muita mentira... é muita coisa, muita desconfiança, muita mentira, às tantas não sabes o que é de verdade, só depois de muito temo, etc.

P:Isso influenciou alguma coisa quando saíste, essa questão de não saberes o quê que é verdadeiro ou não nas pessoas, teve algum impacto?

R: Não, não, não em mim, não em mim percebes, hum..., não em mim, em mim não me influenciou porque eu tenho a minha família, tinha o apoio familiar, sempre tive, pá sou uma pessoa com estudos, não é, frequentei a faculdade, tirei o 12º ano, tenho o curso de, tenho um curso, ahn..., trabalho sempre fui uma pessoa, sou atleta de alta competição, ahn, tive, tive sempre acompanhamento, eu quando ...eu conheci algumas partes do mundo, conheço sociedades, conheço várias coisas, tenho amigos, tenho amigas, tenho percebes? Tenho família, tenho várias coisas, é diferente percebes? Agora há pessoas que não têm isso, percebes, muitas pessoas não têm isso, e, e não falo por experiência própria em primeira mão de saber, não é, de conhecimento que hum... que há muitos, que há muitos que que influencia e que reincidem no crime porque não têm por onde se virar e fome não vão passar, eu contei-te aquela história, aquela história de daquela que tinha tido o mandato de libertação, pronto, eu contei-te essa história e isso é uma história que eu vivi na primeira pessoa, trabalhava na lavandaria, fui eu que lhe fiz as _____ às coisas dele, percebes, e isso são coisas que não se esquecem.

P: E então quando saíste foste com vigilância eletrónica parca casa da tua família, voltaste para casa?

R: Sim, eu fui pa...pa minha casa com pulseira eletrónica sim, depois arranjei trabalho não é, arranjei trabalho, foi a condição, arranjei o trabalho, continuei a trabalhar, não é, numa numa, na auto dc, na auto dcs neste caso, que é uma, é uma ...uma empresa, uma empresa, uma oficina de de bombas injetoras e turbos muito conceituada a nível internacional e nacional principalmente, ahn..., que era do meu patrocinador de quando eu competia boxe não é, isso sempre competi, sempre foi o meu patrocinador e é, é padrinho também de uma das minhas irmãs pequeninas, e pronto lá está, hum.... Tem a ver com conhecimentos, se calhar se eu não tivesse esses conhecimentos se calhar não conseguia obter isso, percebes? Porque há sempre um rótulo, hum.. ah ai, ah aquele tipo cumpriu uma pena de prisão, ia aquele é um criminoso, percebes a ideia, ah aquele é um bandido, percebes?

P: Mas então não sentiste essas dificuldades de inserção laboral? Nunca tiveste o teu, nunca tiveste um não por ter cadastro criminal?

R: Eu..... eu não tive isso, eu não tive isso pela minha, pela minha hum..... Pelo meu estatuto social.....percebes, ou seja, eu cumpri uma pena, eu cumpri uma pena de prisão por ter sido condenado a tal, não cumpri uma pena de prisão por ser um bandido, por ser isto, por ser rotulado de bandido ou criminoso, percebes, é diferente hum....., ou seja, isto tinha aqui tema de conversa para horas e horas e horas, porque há vários pontos de vista sobre este tema não é, sobre o que é ser bandido humm,...., o que é ser criminoso, porque há pessoas que são condenadas a cometer, a cometer desculpa, a cumprir penas de prisão que não são criminosos, pá é um facto, é um facto, existem muitas lacunas na nossa, na nossa justiça, onde há fumo há fogo, é um velho ditado antigo, onde há fumo há fogo, mas muitas vezes não é assim, depende da inter..pretação de cada juiz, de cada ministério público, cada pessoa, nós somos humanos não somos robôs, percebes? Esta...não estamos programados a, nós tentamos programar as pessoas que que estudam e que se licenciam e tudo mais ahn... a a a a concluir ou ou, ou a exercer uma

determinada função e esperamos que essa função seja perfeita, e a verdade é que para ti, tu olhas para algo e podes ter uma sensibilidade, e eu olho para algo e posso ter outra, outro tipo de sensibilidade, e passa muito por aí, há pessoas que o tráfico de droga é uma coisa fora do normal, Ai drogas, drogas, e há outras que a pedofilia é ai ai ai, percebes? Se tu perguntares o quê que é pior traficar drogas, violação ou pedofilia ou um assassinato, há pessoas que vão dizer assim “Ah mas ele matou porquê?” Percebes? Tem a haver com a justificação do crime, Atão mas ele traficava droga porquê (ênfase)? Há pessoas que perguntam... porquê, há pessoas que não, há pessoas que dizem, e tou te a falar de pessoas falo de juizes, que são licenciados, são mestrados, estudaram a vida toda para aqui...para terem aquelas competências, para saberem julgar, para serem imparciais, mas na verdade, na realidade nunca és imparcial a cem por cento, nunca, não, não tem como, não tem como, não tem, há juizes que têm mãos pesadas para um determinado tipo de crime e há juizes que também têm mãos leves para um determinado tipo de crime não é? Há casos na família, podem ter vivido isso, podem ter vivido isso a vida toda, podem estar traumatizados com isso, não conseguem ser hum.. brandos com...com...com esse tipo de crime, não é, estás a ver a ideia? Ou seja, se calhar tinham o pai ou a mãe que viveram isso, que tiveram um incidente, que... que iam a conduzir distraíram-se e atropelou uma pessoa por negligencia, percebes aquilo que eu te quero dizer? Vem do almoço bebeu um copo, epá estava um pouco tocado, ou seja, te tudo a ver com a pessoa que te está a julgar, o juiz é soberano, o juiz é soberano, não é, o juiz é soberano, quando julga, assina o acórdão de sentença acabou, depois tens os teus prazos para recorrer, ponto final. Há uns que são brandos de umas formas e há uns que são brandos de outras, outros que têm mãos pesadas para umas coisas, uns para outras, resume-se a isto, somos pessoas, cada um com as suas competências que estudaram para tal, tentam ser imparciais mas de facto é impossível ser imparcial a cem por cento...é impossível.

P:Então, hum... acho que a resposta será não, mas achas que a prisão deixou alguma marca em ti, na tua identidade social?

R:Na minha identidade social, na forma como eu sou visto?

P:Sim.

R:É assim, eu tentei resguardar, é assim eu resguardei-me, ou seja, eu quis que poucas pessoas soubessemnão foi imediato, as pessoas foram sabendo não é, hum...1 mês, dois meses, três meses, quatro meses, as pessoas foram sabendo, foram perguntando, foram sabendo, que eu, que eu sou uma pessoa falada hum...devido ao desporto, devido aos meus negócios, devido a, ao meu estado de de ...família, ao meu estado familiar, hmmm... e soube..... as pessoas foram sabendo, foram sabendo das coisas, não foi logo assim toda a gente a saber e espalha a palavra não, foi uma coisa que eu tentei manter o máximo sigilo possível, ao fim de um tempo eu também passei por um período de habituação pela minha, pela minha situação, hum..... é normal que a gente já está habituada, as pessoas habituaram-se à ideia de que eu estava a cumprir uma, a cumprir uma pena não era, hum.... Mas não me influenciou

a nível social, aprendi muito, aprendi muito, porque as emoções, os sentimentos, são sentimentos e emoções porque nós vivemos as coisas mais intensamente porque temos ausência delas.....percebes? ausência, ausência da família, do meu pai, mãe, tudo, de tudo, e então, e então passa por aí, eu penso que passa por aí, que passa muito pelas emoções e pelos sentimentos, a forma como sentimos as coisas é, e as coisas como sentimos as emoções, como vivemos o dia a dia hum... nem , todos dias ah, todos os dias é igual, não, a rotina é igual se tu quiseres, nós somos hum... é como eu costumo dizer, hum... quando tu és preso ou vais para uma instituição porque a prisão é uma instituição, tu ficas institucionalizado....okay, porquê, tens horas pa ser aberto, tens horas pa ser fechado, tens horas pa almoçar, tens horas pa ir à biblioteca, tens (riso) horas para ir à barbeiro, tens horas, tens horários para tudo, e tens de se.. tens de seguir durante muito tempo aquele horário, aquele sentido, se tu saíres daquele sentido, perdes aquilo, barbearia aberta das 2 às 4 se não fores das 2 às 4 perdeu, só amanhã, percebes? Ficas institucionalizado. Há pessoas que não ficam porque não ...porque olha em bom português porque tão se a cagar, não têm nada a perder percebes? São pessoas que não têm nada a perder e tão se a cagar para tudo, há outras que têm tudo a perder e dão importância à tudo, que era o meu caso, eu dava importância a tudo, todos os pormenores, tudo, tudo, tudo o que saia de, de um pouco mais esquisito, mais estranho eu olhava e dizia “Olha espera aí, porquê aquilo tá a acontecer, porquê que isto está assim, porquê que é assim”, eu perguntava porquê, porquê, porquê e porquê e ia obter respostas, código de execução penal, código penal, código não sei quê, código de penas naahnnn, eu agarrava na biblioteca e via o quê que se passa? Ligava ao meu advogado e era Olha passa se isto, isto e isto, como é que é? Tive a ler, assim , o quê que é o quê que não é, estás a perceber? Ou seja, estava sempre informado, estava sempre ...mas a maioria não é, ou muitas, muita gente, pode não ser a maioria, mas eu penso mesmo que é a maioria, não, acho, acho que não me vou enganar, posso, posso, arrisco me a dizer isto, que é que a maioria não tem o apoio que eu tive, nem pouco mais ou menos.

P:Então à saída foste bem recebido pela tua família, como tinhas visitas e tudo?

R:Sim, fui, fui, porque isto é um caso que se arrastou durante anos, eu só ao fim de 6 anos e tal é que tive de cumprir a pena, porque a nossa justiça é muita lenta, muito lenta, e eu digo assim, por um lado ainda bem que o foi, porque na altura em que eu me entrego, eu já te contei isto, eu tinha maturidade para tal, mas há 6 anos atrás 6 anos e tal se calhar já não a tinha, percebes? Para cumprir da forma ..leal, verdadeira e honesta como cumpri, como, e como lidei com a situação.

P:Então, estavas a dizer que o registo criminal, ou o facto de teres cumprido pena foi algo que foi ficando mais escondido, atualmente é algo que preferes esconder, ou é algo que numa nova relação contas, numa nova relação social, eu digo, com alguém que conheças novo, se é algo que contas ou se é algo que preferes manter em segredo a menos que tenha mesmo de ser contado?

R:Okay, hum..., eu parto do principio, as pessoas assustam-se, porque as pessoas não têm conhecimento e assustam-se, ia, teve preso, uau, percebes a ideia? Porquê, porque ligam o *geographic channel* e

pensam que as cadeias é as do brasil, pensam que as coisas são como dão na televisão, esquecem-se que aquilo que passa na televisão, são cadeias de alta segurança para os criminosos mais assustadores do mundo, não é?

Ahn...eu, eu parto do principio que hum...mas isso, eu sempre fui, mesmo antes da cadeia, hummm. Para ir preso basta estar livre, e para morrer basta estar vivo, estás a ver a ideia? Ahnn...e parto também do principio imagina eu conhecia te, fosse de que maneira fosse, conversa puxa conversa ahn... e eu penso que ia tocando no assunto lentamente, percebes, lentamente hum...mas, ou seja ia-te falando das coisas de forma a que tu conseguisses entender.....Porque toda a gente tem um passado e toda a gente tem percalços de vida, toda a gente pecou, toda a gente pecou, toda a gente cometeu erros, erros que.....tu com certeza, sem eu conhecer a tua história, eu consigo dizer por experiência, por experiência de vida que obtive, que tu cometeste algo que te podia ter levado à cadeia, só que tu não tens noção disso, percebes?

Vou te explicar, uma simples coisa, uma simples coisa, assim, pode não ser de ti, mas nunca mandaste um caroço para o chão, de, de uma fruta? Percebes? Ou seja, já mandaste um caroço para o chão, por distração, por brincadeira, foste numa noite, numa brincadeira, uma coisa qualquer, deixaste cair um papel não sei quê, e disseste Bora, vamos embora, e o papel ficou, isso é crime, isso é crime, tu não podes mandar um papel para o chão, tu não podes mandar uma beata para o chão, tu podes levar a multa, é crime, tas a poluir o ambiente, é crime, é crime, é ligeiro mas é crime, não tens de ser presa mas é crime, ao fim de dez vezes vais presa, se fizeres isso dez vezes vais presa, tou, estou a ser extremo... extremista, não é, estou a ser extremista no que estou a dizer, ahn..., epá, mas o mais simples ainda, mais simples quem é que nunca foi para uma propriedade privada, “Olha não podes ir para ali com o carro com o teu namorado ou com a tua namorada”, mas tu vais, mas tu foste, é uma aventura, isso é um crime, isso é crime, tás a entrar numa propriedade privada, invasão de propriedade privada, isso é crime, quem é que nunca fez uma coisa destas, em miúdo, ou mais miúdo, ou mais uma aventura, quem é que não faz? Tás a ver a ideia? E eu parto do principio de de ...de que toda a gente já errou, toda a gente já falhou, toda a gente fez algo, que podia efetivamente, se fossemos levar as coisas à regra, a terem de cumprir uma pena de prisão, seja fins de semana, seja dias, seja horas, seja o que for, é crime, tem de cumprir, se fossemos rigorosos tinha de cumprir, estás a .. percebes? E então, eu, eu quando conheço alguém não digo, Olha tive preso, mau ficam de pé atrás, teve preso, mas não querem saber porquê.

P:Mas então tens receio, tens receio de vir a ser definido pela condenação?

R:Não, não tenho receio, eu não tenho receio, eu não parto é do principio que conheci te agora e vou te logo dizer Olha eu tive preso, não, primeiro digo-te, olha eu sou o XXXXXXXX, tenho x anos, faço isto, tenho isto, faço isto, tenho aquilo, gosto disto, gosto daquilo e depois não é, que é o básico como uma pessoa normal, depois quando formos falar do passado e histórias e não sei quê, é obviamente que te vou tocar no assunto, que é um assunto importante do meu passado, da minha vida, que eu achar

importante te dizer, mas eu parto do principio que é uma coisa importante da minha vida, se eu olhar para ti como uma pessoa que pode vir a ser importante para mim, eu agarro e vou-te contar.

P:Mas então já alguma vez aconteceu teres partilhado essa parte do teu passado e teres começado a ser tratado de forma distinta?

R:É assim, se fui eu não senti, se fui eu não senti, mas eu acho que não, acho que não fui mesmo, porque as pessoas conhecem-me e sabem quem eu sou, é, é uma situação de há muitos anos, e ao fim destes anos todos, eu hum...eu se tinha alguma imagem menos boa, eu desmistifiquei-a, retirei-a, Epá ele quando era mais miúdo, ele era assim, ia, mas agora tá um senhor, gosto mesmo deste gajo, percebes, este gajo é mesmo, ele pode ter cometido erros, mas quem é que nunca cometeu, percebes?

P:E tu tinhas expectativas em relação à saída ou em relação à reinserção?

R:Que tipo de expectativas a que te referes?

P:Expectativas de forma geral, se tinhas alguma ideia daquilo que ias encontrar e se aquilo que encontraste foi ou não semelhante ao que podias ter planeado?

R:Não, não, não, nunca pensei, nunca pensei muito nisso, porque quando me entrego a minha vida está minimamente estabilizada, ahn... quando saio as coisas desmoronaram um bocadinho, mas rapidamente vieram ao seu encontro, porque ...porque foi uma habituação do..do.. de estar em reclusão e de estar em semi liberdade, digamos assim, mas hum.... Não, foi uma habituação e rapidamente fui ao meu sitio, nunca parei de fazer aquilo que gosto, que é a minha vida, que é o desporto, ah.....agora a nível de negócios de automóveis e tudo mais, não pude fazer porque estava preso, mas quando sai comecei a fazer, sim, não tinha liberdade para andar para aqui e para ali, tinha um horário sim de trabalho, que de vez em quando agilizava qualquer situação e, e pronto ali, mas lá está, não era dentro da legalidade porque eu não podia sair da, do meu local de trabalho e uma vez ou outra hum..dizia olha é ali o stand, deslocava-me um pouco ao stand, era perto, era oitocentos metros ou uma coisa assim, deslocava-me e tal, mas eram coisas que epá...falando assim em senso comum, não iam afetar em nada, não ia afetar a ilegalidade que estava a cometer, estava a querer ganhar a vida de uma maneira honesta, percebes? Hum..epá, mas é assim, é isto que temos e cada um safa-se como pode.

P:Sim claro, e alguma vez sentiste o teu acesso bloqueado ou dificultado a algum serviço ou perdeste alguma coisa que podias ter tido por motivo do registo criminal?

R:Como assim?

P:Se alguma vez tiveste dificuldade em arrendar casa ou pedir algum apoio devido ao teu registo criminal?

R:Não, porque nunca pedi nada disso, ainda não tentei nada disso, mas também sei de antemão que não pedem o registo criminal, não te pedem registo.

P:Sim, depende de algumas coisas mas sim. E as relações prévias que tinhas à encarceração mantiveram-se pós?

R:Sim, sim, sim, mantiveram-se tudo, tudo, não, não perdi nada, foi igual, igual, é normal, há uma ou outra pessoa que nos desilude, não é, que se afasta mais ou, mas isto é a vida, é assim, nós, nós vamos ahn... desiludindo com algumas pessoas, ahn... ficamos maravilhados com outras, é assim, a vida é assim, isto é cá fora ou lá dentro é igual. Mas lá, lá dentro sente-se de maneira, sente-se de maneira diferente, porque temos ausência, e a ausência causa saudade, e a saudade é o sentimento que é... eu penso que a saudade é pior que o ciúme, a saudade mata, o ciúme mata, mas o ciúmeeu acho que a saudade é pior, a saudade é pior, é mais triste, o ciúme é mais raiva e tira o mal da pessoa, tira a parte má da pessoa, a saudade tira a parte nostálgica, a parte boa da pessoa, a tristeza, a saudade é pior, a saudade é mais triste.

P:Sim, e achas que a tua pena afetou a tua família de alguma maneira?

R:Afetou claro, claro que sim, a minha mãe, o meu pai, os meus irmãos, sim, afetou, afetou, claro que sim.

P:Mas em que sentido?

R:Afetou a nível psicológico, no dia a dia deles, das visitas, da preocupação de terem, de terem de ajudar o filho, que o filho, para o filho não faltar nada, o irmão, irem-me lá ver, são horas despendidas, é tempo despendido, é dinheiro despendido, é tudo. Sem ninguém a apoiar, ninguém ajudou, ninguém nada, só eles é que me ajudaram ali. Afetou sim com certeza, afetou muito a minha família, sim, principalmente a minha família.

P:Mas eles não têm vindo a ser discriminados pelo facto de tu teres cumprido uma pena?

R:Não, não, não, não, não, nunca, nunca. Nunca, continuam com a vidinha deles sempre tudo, eles têm aqui um filho que é uma maravilha, eles sabem e toda a gente que fala com eles diz Epá, o teu filho, sim senhor, eu conheço muita gente que isto e isto e aquilo mas o teu filho pá, é um senhor, e convidam-me, convidam-me para ir a casa, convidam-me pata jantares e almoços e fazem questão de se sentarem à mesa e falarem comigo, e de terem temas e ...porque eu estive lá dentro, eu estive lá hum.....é como eu costume dizer, eu, eu estive lá, eu vivi, ninguém me contou, cumpri por algo que fiz quando era miúdo, ahn..ou seja, eu posso tar contigo aqui a falar durante horas, fazeres-me as perguntas que tu quiseres e eu vou-te saber responder sobre tudo na primeira pessoa, okay? Sofri, vivi, ahn, aprendi, e não, e não me hum..e não me vitimizo, nem... nem... nem...nem...nem penso que foi um desastre, foi mau, foi mau, muito mau, mas não foi nenhum desastre, não foi nenhuma ...mau era um cancro, mau era uma doença incurável, isso é que era mau, percebes? Foi mau, foi muito mau.

(Interrupção da chamada)

(Esqueci-me de gravar o início), mas perguntei o quê que tinha sido mais importante para a readaptação, mencionando que o mais importante para conseguir realmente voltar à sua vida normal foi o trabalho e a família, que lhe voltaram a dar as rotinas do antigamente não as rotinas da instituição, para além do mais era o mais normal a fazer. Refere que a ajuda que nunca teve foi a ajuda do estado, e acima de tudo da reinserção, mencionando que já não é chamado há mais de 6 meses e que deveria, e que é a falta de apoio do estado que promove a reincidência, principalmente para quem não tem mais nenhum tipo de apoio.

P:Achas que pessoas que passam por penas de prisão e que depois passam a ser ex reclusos têm oportunidades de vida iguais às outras ou diferentes?

R:Sim, as pessoas que saem, eu diria que sim, porque saem sem ter apoio familiar, como eu já te tinha dito, não têm, não têm trabalho, não têm nada, o nível de reincidência é de noventa e tal por cento, ou noventa por cento, alguma coisa assim, humm, é normal que as pessoas não vão, não vão passar fome e não sabem fazer nada, não têm apoios, não têm onde morar, não têm nada, alguma coisa têm de fazer pela vida delas.

P:Então achas que existe algum estigma associado, associado à prisão na nossa sociedade?

R: Sim existe, existe, existe, no meu caso, no meu caso, graças a deus, eu não tenho, eu não tenho esse tipo de problemas, ou não o sinto, mas há muita gente que sim claro, nós olhamos olha aquele já teve preso, pouco ou muito, ou de alguma forma nós vamos olhar e, e vamos sentir alguma repulsa, é, é, é assim, de facto é assim, é o que é. É assim, também existem raparigas que olham para os bandidos e adoram os bandidos, querem é os bandidos (riso) querem é bandidos e tudo mais, não é, assim como existem homens que gostam é das bandidas, isso, isso existe, para cada panela existe um tacho, não, para cada tacho existe uma tampa, é assim que se diz não é? Hum...mas...mas não, mas não, acho que ...eu acho que os rótulos somos nós que os criamos e também conseguimos desmistificá-los hum...eu acho, eu acho que sim, que passa por aí.

P:Então achas que passa por conseguir mostrar que o rótulo está errado?

R:Eu acho que passa por desmistificar um pouco o rótulo sim, imagina se eu andava a roubar e agora crio uma empresa e sou um trabalhador honesto e crio um império pelo meu trabalho eu acho que já provei que não sou nenhum ladrão, roubei, mas não sou nenhum ladrão, já fui percebes, ahn..., é como se um jogador de futebol joga dez anos e deixa de jogar futebol, “Ah, aquele, aquele tem isto porque é jogador”, não, já foi, treinou etc., etc., etc., criou, criou aquele império, agora não, agora é dono daquela empresa....que faz paredes por exemplo, mas é um ex jogador de futebol, um ladrão é igual, olha aquele ganhou cem mil, não, aquele roubou cem mil, o... a ... a única coisa que muda aqui é que é crime e, e que está mal feito.

P:Mas então, até acho que já tinhas dito isso na ultima entrevista, não te sentes como um ex recluso?

R:Não, não me sinto, sinto-me como, como alguém que cumpriu um castigo, uma pena, eu acho que foi um pouco pesada demais..hu... para um miúdo, mas, só que é o que é, há pedófilos, há pedófilos que levam 3 anos de pena suspensa e que nem sequer para a cadeia vão (riso), há violadores que da mesma forma levam 3 anos de pena suspensa e pronto já está, é a justiça que temos, é o que é, e não podemos mudar muito.

P:E o quê que significa, que significado é que atribuis à prisão para a sociedade e o sistema de justiça também?

R:Eu penso que a prisão é um castigo pesado, hum..., quem comete crimes tem de ser preso efetivamente, hum..., o que falha no.... No sistema prisional é a sua rein, é a reinserção das pessoas, porque só o castigo não chega, tu castigas um miúdo virado para a parede, mas virado para a parede, okay, mais? E mais, morreu aí, entendes? Ahn..., eu penso que passa pela formação, pela informação, hum..., pela reeducação, hum....reintegração e então o apoio, o apoiar as pessoas, em vez de hum...perceber o porquê, dizer Olha roubaste porquê? E o teu pai e a tua mãe? Ah o meu pai é pobre, e a tua mãe, também é pobre, e os meus irmãos passam fome, não tou a dizer que é o caso de todos, estou a dizer de alguns, se calhar se nós ajudarmos 2 ou 3 estamos a fazer um bom trabalho, o importante aqui é a reinserção, o apoio e ...e integração, é o que eu acho, pá é o que eu acho, é o que acho, é a minha opinião, é ajudarem as pessoas, cumpres o teu castigo, mas epá durante o teu castigo, tu estás a ser ajudado, quando te metem na rua, tu tens um apoio, tens umas bases, as linhas, tens de seguir essas linhas, pá, quem não seguir essas linhas é castigado, quem seguir essas linhas tem uma segunda oportunidade para viver de uma maneira honesta, eu penso, eu penso que passa por aí, mas dá muito trabalho sabes, e é muito dispendioso.

P:Mas no teu caso, aquilo que teve mais valor foi realmente o apoio familiar?

R:Sim, sim, sem duvida, sim, o apoio familiar foi o importante e o essencial para tudo.

P:Pois, como disseste que não tiveste mais nenhum apoio da equipa de reinserção.

R:Não, nenhum, nada, zero, não tive nada.

P:Mas foste acompanhado?

R:Fui acompanhado, hum..., mas posso te dizer que ...há seis meses que não vou lá, simplesmente não fui chamado. Por mim ainda bem, hum..., é menos uma chatice mas, mas para outra pessoa que realmente precise, se calhar vêm que eu não preciso, não sei, não sei se é esse o caso, mas acho que toda a gente precisa de apoio, seja do que for, ou seja fazia a saída mais fácil, não sei, sinceramente disso não te sei dar certezas, passa pela leitura de cada um e ...e o trabalho de cada um, passa pelo trabalho de cada um, lá está, cada pessoa tem, tem a sua maneira de trabalhar e de ver as coisas, sei lá, a sua interpretação.

P: Então, quais foram as maiores dificuldades que sentiste desde que saíste?

R: (demora) habituar-me aos tempos, habituar-me aos tempos, eu antes, eu tinha um horário, tinha um horário, né, que é o esquema das oito da manhã, e depois é a rotina basicamente, é o horário, é o horário, eu se quisesse ir à rua ah..... À 1 da manhã, eu levantava.me e vinha à rua à uma da manhã, percebes, é diferente, é a liberdade, é a liberdade, a liberdade não tem preço, podes escrever, a liberdade não tem preço (riso).

P:Foi uma adaptação então não é?

R: Sim, sim, sem duvida, tem tudo a ver com adaptação, o ser humano adapta-se a tudo, demora é o seu tempo, uns mais cedo, uns mais tarde, mas adapta-se, nós adaptamo-nos a tudo.

P: Agora a minha ultima questão, que é quais são as tuas expectativas para o futuro?

R: Para o futuro, o futuro, o futuro passa por esta pandemia, mas isso é para todos, a pandemia tem de passar para isto abrir, para nós conseguirmos fazer a nossa vida de maneira normal, pronto, passa logo por aí, ahn..., mas o futuro passa por vender carros, por vender automóveis, eu gosto daquilo que faço, tenho rendimentos para viver uma vida estável, completamente estável (riso) que não encontrei de outra forma, a não ser em ilegal, há muitos anos, há muitos anos, hum.... A nível desportivo, o boxe aqui em Portugal é muito mal pago, é muito mal acompanhado, mas isso são outros quinhentos, mas hum....mas tenciono dar aulas com o meu pai, que é o que faço, o meu pai também é o meu treinador e sempre foi treinador, há cinquenta anos que é, quero... quero continuar a hum.. dentro do meu desporto que é aquilo que me eu gosto, vender os meus automóveis hum.... E é o meu trabalho, prontos e a minha vida é esta, não é, não é uma vida chata porque ando para a trás e para a frente, é uma vida orientada, é uma vida ativa, é uma vida saudável, não quer que não beba um copo de vinho de vez em quando, não é, raramente mas bebo um copo de vinho, hum...mas não é uma vida de excessos, já, já tive a vida de excessos quando era mais novo. Eu falo como se fosse muito velho não é (riso), mas não, eu não falo como se fosse muito velho, é vivi, vivi muito intensamente sabes alguns anos da minha vida, vivi muito intensamente e então cheguei aos 31, que é o meu caso, faço 32 em Agosto e..e parece que já vivi muito sabes, parece que já vivi muitos anos, parece que é muita coisa, vivi foi muito intensamente. E pronto, basicamente é isso.

Anexo E: transcrição integral das entrevistas de “Bruno”:

ENTREVISTA 1-HISTÓRIA DE VIDA:

P: Fale-me um pouco sobre o seu passado? Pode começar por exemplo pela sua vida familiar?

R:A minha vida familiar, hum..., é assim, eu com.., eu até aos meus 8 anos de idade eu vivi em Portugal, hum, eu tenho mais irmãos, a gente ao todo somos 7, tenho 2 irmãs gémeas, tenho mais 2 irmãs mais velhas do que eu, e 2 irmãos mais velhos do que eu, as gémeas são da parte do meu padrasto e são mais novas.

A minha mãe quando eu tinha 7 anos foi para a Alemanha e deixou, deixou os filhos em Portugal. Ela foi para a Alemanha, hum... um ano depois ela veio de férias, veio-me buscar a mim, como eu era o mais novo na altura, veio-me buscar a mim, e eu fui para o estrangeiro, fui para a Alemanha com ela, e vivi cerca de 8 anos lá. Eu com... também a minha adaptação ao país, e aí também a revolta, porque eu estava habituada a estar com os meus irmãos todos, e do nada eu me senti sozinho dentro de uma casa. A minha mãe é uma é uma mulher daquelas à antiga, não deixa os filhos sair, hum... tenho de estar fechado em casa, é casa escola, escola casa, e não podia fazer nada, e eu comecei a virar rebelde lá, porque não sabia a língua, queria sair a minha mãe não me deixava, eu..., eu comecei a fazer coisas pequenas em criança, comecei a fazer mal na escola, comecei a faltar à escola, comecei a sair, brincar, coisas assim. Depois comecei a ir, comecei a roubar nos supermercados, (riso), e essas coisas assim, coisas pequenas (riso nervoso).

Tive lá problemas lá também na Alemanha, fui institu, instituc, aí, isso são palavras muito caras para mim, hum..., fui la institucionalizado, tive preso lá também quando era menor, tinha..., tinha na altura 14 anos, fui institucionalizado lá, tive cerca de 1 mês preso em Camina (?), hum..., tive lá, e a minha mãe depois mandou-me outra vez para Portugal para ao pé do meu pai...., hum..., o meu pai é alcoólico, porque a minha mãe já não queria ter mão em mim, não tinha muita mão em mim, eu não fazia nada do que a minha mãe me dizia, e hum..., eu vim para Portugal, para Portugal para ao pé do meu pai, o meu pai é alcoólico, e o meu pai bateu-me, fez-me trinta por uma linha, e depois cada vez que eu me comecei a revoltar mais com a minha vida.

Não percebia porquê que eu estava a ser...., primeiro com 8 anos eu fui para a Alemanha, depois a minha mãe fartou-se e mandou-me para Portugal, depois voltei outra vez para a Alemanha, tinha eu 13 anos, voltei outra vez para a Alemanha, tive lá cerca de 8 meses, 9 meses novamente, depois a minha mãe mandou-me outra vez para ao pé da minha irmã. Mandou-me para Portugal para ao pé da minha irmã cá, e aí eu trabalhei, eu com..., por volta dos meus 15, 16 anos eu comecei a trabalhar na pintura na construção civil, e..., e a minha irmã ficava, ficava-me com o meu dinheiro todo, todo do que eu trabalhava por causa das minhas sobrinhas, etc. , e eu ficava com cem euros para mim, recebia setecentos, setecentos e tal, seiscentos e tal euros, e ficava com cem euros para mim. E eu aí comecei-

me a revoltar com isso tudo..., porque eles para todo o lado me mandavam e eu era tipo um saco de batata, tava..., tava ali depois não estava, e depois comecei-me a revoltar com isso tudo. Depois comecei a roubar aqui em Portugal, deixei o trabalho, fartei-me, não via nada, não via nenhum trabalhava, cansava-me e não via nada, comecei a roubar, a minha irmã, essa minha irmã, começou-se a aproveitar dessa situação também, começou a ficar com a maior parte das coisas que eu..., que eu furtava né, neste caso, hum.... Depois, hum... comecei a... , fui viver para a rua, tive hum..., fui com cerca de 15, 16 anos, hum espere. Vim da Alemanha com 16 anos, por volta, estava a fazer os meus 17 eu fui para a rua, comecei a viver na rua, comecei a fazer a minha vida, comecei a roubar mais ainda, comecei a entrar mais no mundo do crime e comecei a alargar ainda mais os meus conhecimentos. Eu depois nessa altura, eu com 18 anos, com 18 anos eu cometi um assalto à mão armada, mas, hum..., em Beja, numa bomba de gasolina, isso também está na internet, hum foi em 2000 e?, espere... eu fui preso em 2009 se não estou em erro, mas, foi a minha primeira reclusão, 2009, hum..., sim 2009, fui preso, depois entrei em reclusão, nesse... nessa, eu fui primeiro, a primeira que eu fui presente o.. o, a um tribunal aqui em Portugal, eu recebi logo a medida mais agravada, eu na altura tinha acabado de fazer 18 anos. Fiz em Abril, fiz em Abril 18 anos, eu recebi, aos, em maio fui preso, em 28 de maio fui preso a primeira vez, e hum, e recebi a medida de preventiva, que é a medida mais gravosa, com 18 anos. Continuo a contar desde que agora fui preso, ou ainda quer saber mais da minha vida, mais?

P: Hum, sim, nessa altura, como é que eram as suas amizades?

R:As minhas amizades... hum, praticamente era tudo jovens da minha área, da minha idade, é os meus amigos aqui do bairro, o bairro social, deixei _____, a gente andávamos todos ai, era fumar ganza ai nos cantos de Loulé, eu fui, era só fazer traquinices, era roubar carros, era fazer trinta por uma linha, eu, eu também revoltei-me muito com tudo o que me aconteceu quando eu era, era mais jovem, já sei que foi a minha situação. Revoltei-me com tudo e fartei-me da vida, não..., não..., hum, para mim não fazia sentido estar a viver, eu também já estava farto de tudo, era uma criança quando entrei para a rua e, e andei com pessoal que era toxicodependente, andei com um criminoso a sério, fiz muita coisa, também ainda andei a traficar nessa altura quando eu era mais novo, tive problemas aqui na, no, aqui em Loulé, que é onde eu vivo, tive muitos problemas com os rapazes daqui, depois amigos meus e pessoas que eu não conhecia, derivado a muitos problemas que eu tinha de andar a roubar e etc. etc.

P: E na escola, não me falou sobre isso ainda. Como é que foi?

R:Ah a escola, tive na Alemanha a estudar até ao 8 ano na Alemanha, tive a estudar na, aqui em Portugal, vou começar aqui por Portugal. Aqui em Portugal, eu tive na escola também, tive o primeiro ano, fiz o primeiro ano mas chumbei 3 vezes no primeiro ano, porque a minha mãe nunca estava presente, na altura a minha mãe trabalhava à noite, hum, a minha mãe trabalhava de noite e quem ficava de dia era as minhas irmãs, eu ficava sempre até às tantas a ver televisão e depois na escola adormecia, hum... nas aulas, às vezes nem chegava a ir, ficava, ficava a brincar ali no bairro, coisas .

Fui, tive aqui em Portugal até ao 2º ano, depois fui para a Alemanha, tive lá também na escola, tive em 3 escolas, até ao ponto que nenhuma delas me aceitou, não me aceitava mais porque, eu era muito revoltado, hum, hum, eu não me deixava que ninguém dissesse nada, eu hum... fui, virava as costas a todo o mundo, era revoltado desde criança na escola. Estudei, sim, estudei lá até ao 8º ano normal, hum..., mas estava sempre a passar os anos por baixo da porta, porque eles, eles é que me faziam mesmo para eu passar que era para me despachar. Eu hoje em dia, era impensável o que me aconteceu, hum..., há uns anos atrás, eu vejo muita coisa que, muita coisa também errada em que erraram comigo, eu era mais criança, se calhar podiam ter tido, dado mais regras, eu nunca estive institucionalizado cá, eu nunca tive numa casa de correção, eu só estive preso foi em _____, foi lá na Alemanha, e na altura quando o estado alemão queria agarrar em mim, queria agarrar em mim para me por na instituição, para ter uma vida melhor, foi quando a minha mãe agarrou em mim e mandou-me embora para Portugal assim, a segunda vez que me mandou para Portugal. Se calhar se ela tivesse deixado que o estado alemão tivesse agarrado em mim, e me tivesse metido numa instituição, sendo que eu hoje em dia se calhar era alguém, não posso, não sei se era..., não sei, mas provavelmente era porque o estado alemão é muito rigoroso, mesmo com as regras com as leis, ajudas para as crianças, eles não é aqui como em Portugal, que inst...., que metem numa instituição e deixam-no estar lá.

P: Sentiu-se sem ajuda nenhuma aqui, foi?

R: Sim, aqui em Portugal, nunca tive uma ajuda, mesmo quando era mais novo, mesmo quando fui a primeira vez preso. O estado nada me ajudou, por muito, pelo o contrário, o Estado na minha primeira reclusão foi quem estragou a minha vida toda, foi o Estado que estragou a minha vida toda, foi o sistema prisional, foi o que me estragou a minha vida toda, na minha primeira reclusão.

P: Então, a nível de dificuldades que tenha tido, foram acima de tudo familiares, correto? E a nível do seu bem-estar emocional por não se sentir que tinha um espaço seu, não é? Estava revoltado com isso?

R: Sim, não tinha muitas regras, a minha família, agora neste caso, a minha irmã que eu estou aqui em casa, ela me está a ajudar nesta reclusão, né? Que na primeira também me ajudou mas ela tem casa para pagar, tem carro para pagar, tem filhos para cuidar, agora tem mais uma filha, ela também não pode estar sempre em cima de mim não é? Mesmo na primeira vez quando eu fui preso ela tinha muito mais dificuldades, as dificuldades que tem hoje em dia, se calhar um bocado mais, um bocado menos não sei. Mas também, percebi, eu percebi a parte dela, foi muita coisa. A minha irmã, da minha reclusão toda foi quem se preocupou comigo..., vamos falar assim, foi a única que nas reclusões que eu tive que se preocupou comigo, e hoje em dia estou aqui com ela, estou aqui e ela tem a minha sobrinha agora com 3 meses, que eu ajudo a cuidar, ajudo em casa, estou aqui com ela né? E já que eu não posso fazer nada, o estado não me deixa ir trabalhar, o estado não me deixa fazer nada, eu tenho de ficar aqui, fico aqui, ajudo ela..., pá, já tenho outra mentalidade neste caso eu acho, agora, neste momento, eu já tou com mental, com outra mentalidade, tou com outra visão, outras ideias de vida, e tou com outras perspetivas

de vida, fez-me mudar em muita coisa, e hum, até que..., de resto pois a minha infância foi um bocado atribulada vamos falar assim, foi muito atribulada. Mas pronto, é o que eu, é o que eu cometi os crimes, paguei por isso, mas eu acho, na minha opinião, na minha primeira reclusão eu paguei demais.

P: Quanto tempo é que apanhou?

R: Na minha primeira reclusão, a minha, a minha reclusão foi, subiu até aos 25 anos.

P: Com 18 anos?

R: Sim, subiu por várias penas, foi quase até aos 25 anos que subiu, que subiu a minha primeira reclusão, mas em penas separadas.

P: Sim, sim sim, depois eles juntam, sim.

R: Eu estive durante 5 anos, não, não, 5 e de..., e 11 meses a responder, a responder a processos, estive praticamente só a responder a processos, não, tive 4 anos a responder a processos e tive 1 ano e dez meses à espera da minha liquidação da pena. Eu quando..., eu entrei com 18 anos, se eu esperei 4 anos, depois ainda tive à espera mais 1 ano e dez meses para a minha liquidação da pena. Eu se, eu sem a minha liquidação da pena da minha reclusão, quando eu estava preso, eu não tinha direito a nada, não tenho o direito de ser ouvido, aaa, ao meio da pena, não tenho direito a ser ouvido aos 2/3 da pena. Não tenho direito a ser ouvido para nada, e também não tenho direito a precárias, não tenho direito a seja o que for.

P: Então esteve esses 5 sem sair? Sem nenhuma licença de saída?

R: Eu, eu estive 6 anos e 9 meses sem sair com licenças de saída nenhuma, sem ser ouvido por um juiz para o meio da pena para os 2/3. Eu fui ouvido para os meus 2/3 faltavam-me... 4 meses para os meus 5/6, porque os 5/6 o Estado é obrigatório meter o recluso na rua. Eu fui ouvido para os 2/3 faltavam-se 3 meses, eu sentei-me na cadeira, nem foi em vale de Judeus, eu sem, eu sentei-me na cadeira no.., à frente do juiz com uma mesa grande, sentei-me na mesa, eu fiquei 3 minutos, 3, 4 minutos assentado à frente do juiz. O juiz perguntou-me o meu nome, perguntou a minha idade, perguntou de onde é que eu era, hum, e depois quando eu era para falar o juiz disse, era uma juíza na altura, virou-se para mim e disse assim “Não não você não precisa de falar, faltam 3 meses para os seus 5/6, você espera 3 meses e depois nós pomo-lo na rua”, Foi a resposta. Eu não pude dizer nada... à frente da juíza. A juíza é que disse tudo, só fez as perguntas.

P: Você não levou advogada?

R: Não, eu, eu não, não tinha, não tenho posse para ter uma advogada. Naquela altura, foi em 2___ e, eu sai foi em 2___ e, eu sai em 2015, foi em 2015, hum, ainda não tinha, não tive nenhuma advogada presente, nem advogado nem advogada, não tive nada, ninguém presente naquela audiência, a juíza só

perguntou-me o nome, idade, e quando eu vou para falar para dizer que que quero sair e que quero melhorar, etc., enfim vão dizer que é o coro do bandido, falando assim né?

P:Eu assisti a algumas audiências dessas, mas todas a que eu assisti o recluso falou, por isso é que estou a perguntar?

R:Eu não falei. Eu vou explicar uma coisa, você conhece os estabelecimentos prisionais né? Qual é que é o estabelecimento prisional mais fechado cá em Portugal?

P:Monsanto, o mais fechado, fechado.

R:Então eu entrei lá com 19 anos.

P:Em Monstanto?

R:Entre lá com 19 anos em Monsanto... sabe porquê? Porque, porque eu peguei fogo a uma cela disciplinar. Peguei fogo a uma cela disciplinar porque eu tava, eu, eu foi quantos castigos que eu levei nessa altura? Foram 4 castigos , na altura ainda haviam os 31 dias em cd. Você sabe o que é cd?

P:Sei sei, eu conheço.

R:Pronto a cd é cela fechada não tenho nada lá dentro. Eu primeiro, na altura ainda, ainda davam os 31 dias de castigo, eu, eu fui cumprir 31, abriram-me 2 dias, fui cumprir 22 dias, abriram-se 2 dias fui cumprir 18, abriram-se 2 dias fui cumprir 8, hum fui cumprir dez, abriram-me 2 dias fui cumprir 8. Agora diga-me um uma criança, vá, uma criança que na altura eu era uma criança, uma criança com 18 anos, tantos castigos seguidos, com intervalos de 2 dias, de 2 dias , você acha que a mentalidade, o psicológico dessa pessoa como é que acha que fica? Numa cela fechado ?

P:Eu vi homens feitos a passarem mal.

R:E agora vou-lhe dizer assim, foram castigos, o, o castigo de 31 dias foi porque eu andei à porrada, foi andei à porrada, andei à porrada com o meu, com uma pessoa ... que o culpado foi ele que eu andei à porrada com ele, e eu é que levei o castigo.

P:Isso acontece muitas vezes também, não e?

R:(riso) e eu é que levei o castigo, era, porque esse recluso era amigo, era amigo da , da diretora, da XXXXX, dessa diretora de Beja. Eu levei o castigo, o outro, levei mais um castigo e levei mais castigos por levantar da mesa sem pedir autorização ao guarda.... Levei outro castigo (riso), pois isso é Beja, foi no estabelecimento prisional de Beja que me estragou a minha vida toda, levei, levei por não, levei dez dias, essa foi de dez dias por eu não pedir licença ao guarda para me levantar da mesa. Hummm, levei 21 dias porque.. virei as costas ao guarda, para não, para não o mandar para outros sítios , eu virei lhe as costas e não disse lhe mais nada. Ele estava a falar comigo e eu não disse nem ai nem ui, virei-lhe as costas e fui-me embora, ele participou de mim e eu levei 21 dias de castigo, mas foi por causa disso. E

depois são outras coisas pequenas, que eu, eu os 8 dias fui por causa do telefone, eu estava ao telefone e o outro veio-me desligar o telefone hum.. na cabine, e eu estava ao telefone, já já estava lá, estava a falar com, com..., já não me lembro com quem era, com uma amiga minha, estava a falar com ela e ele chega lá e desliga-me o telefone e hum e eu fiquei a olhar para ele e dei lhe com o telefone na cabeça . ya. Pronto é coisas. São coisas que acontecem dentro de um e e coisas que eu já vi , que já passaram se comigo que só eu é que posso contar e isso, guardo muita coisa que guardo para mim que aconteceu dentro do estabelecimento prisional. Foi... e depois com isso tudo eu fui, eu fui à diretora XXXX e perguntei à XXXX, assim Senhor Doutora é assim eu tenho 18 anos, eu não é, eu não é para tar aqui, eu é para ir para Leiria para a prisão escola, eu quero me ir embora daqui, eu quero-me ir embora desta ep porque vocês aqui estão me a dar castigos sem nexo... tao a atrasar a minha vida toda, e não dá, para mim não dá, não dá para estar aqui. A, a ... hum..., a diretora vira-se para mim e disse assim “Ah você está em prisão preventiva você não pode ir para leiria para a prisão escola e você vai ficar aqui porque eu quero”.... Ya. Foi o que ela me disse.... E não me mandou para a prisão escola, mas foi quando eu levei esses castigos todos da minha primeira reclusão da minha primeira vez, da minha primeira reclusão, levei esses castigos todos e chegou a um ponto que..., hum.. que eu , eu parou a minha cabeça, a minha cabeça o meu psicológico bloqueou ali dentro, e o guarda deixou-me passar com o esquero, deixou-me passar com o esquero, deixou-me passar com tudo e eu peguei fogo àquilo, eu queria-me ir embora dali, eu tava revoltado por tar naquele estabelecimento prisional, e o que estavam a fazer, com as regras, para me levantar e para ir comer que somos obrigados a tar 4 pessoas senta, sentados numa mesa a comer, para nos alevantarmos, que aquilo é o , imagina, hum... uma ala grande com... umas mesas ao comprido onde servem a comido, aquilo é dentro da ala, eu sou obrigado a pedir ao guarda para me levantar.... Só obrigado a esperar até todos os reclusos acabarem de comer...e não posso fazer, e ainda hoje em dia naquele estabelecimento prisional aquilo é assim.

P:Não conhecia essas regras.

R:Pois, e se quiser eu tenho um amigo meu também, que é o, o , o , o meu correo, que a gente chama de correo no, que foi comigo preso nessa altura, e ele passou lá dez anos. Se eu tinha 18, ele tinha 19 anos, ele passou dez anos naquele estabelecimento prisional...hu.mm... que não o mandaram para outro maior. Ele hoje em dia tá, ele tá aqui, que ele é aqui de onde eu moro, ele também ta aqui e trabalha, e aquele estabelecimento para ele estragou-lhe a vida toda também, que ficou lá dez anos, ficou parado ali, também castigos atrás de castigos e a diretora nunca o tirou de lá, entende? Isso são regras que aquele ep tem e que... hum.. que fui para outros eps e, eu estive em outros estabelecimentos prisionais, tive no EPL também quando sai do Monsanto fui para o EPL (riso), tive, tive lá e também é assim tem regras não se pode falar no refeitório , não se pode hum..., e temos de estar sentados na mesa, mas quando a gente acaba de comer a gente podemos ir embora.

P:São essas as regras que eu conheço também.

R:Isso é no EPL, só no EPL.. agora se você ir para Vale de Judeus, Alcoente, co., cadeias que eu já, que eu já passei, você entra no refeitório, come, não diz nada ao guarda e vai-se embora outra vez. Os guardas nem lhe passam cartão, não passam cartão, a gente senta, come e arranca, eles é querem é despachar a gente. Nesses dois eps beja e.., e de lisboa né, que é onde tem _____ é assim. São os únicos que eu conheço, que eu tive, que posso, que posso-lhe falar que são assim. Já mesmo no EPL aqui tem de ser assim porque é muita gente, é muita gente. Numa ala não conseguem entrar todos para dentro do refeitório para comerem ao mesmo tempo, por isso têm... , é comer e seguir, eles fazem mesmo isso que é para nós não estarmos a falar, à conversa a comer, para comermos rápido e irmos despachar, fazer aquela ordem de almoço ou de jantar para ser rápida, ai eu entendo, mas em Beja nunca entendi isso. Prontos.

P:Então teve um trajeto prisional na primeira reclusão um bocadinho difícil não é ?

R:Hum.. humm. Difícil não, humm, muito difícil, muito difícil porque eu, eu até hoje não entendo porquê que os meus processos demoraram tanto tempo, entende? E eu fui, e eu fui, eu fui respondendo ao meu ultimo, ao meu ultimo processo foi, esse do ep de... de beja em que eu peguei fogo. E a juíza vira-se, a juza vira-se para mim e diz assim “Agora, agora você pode-se ir embora, você só tinha de pagar duzentos e, duzentos euros que é o arranjo da CD e ... tá resolvido”. E cada vez que eu ia para responder, que ia, ia a Beja para responder a um processo, ou ia a algum sitio, eles não me deixavam entrar para a ala, eu ficava cerca de 2 semanas fechado num setor feminino em Beja, que é uma cela, uma cela, uma cela à parte onde metem lá as pessoas, aquilo chama-se a (trofaria?), mas metem lá pessoas que vão passar fins de semana ou metem as mulheres que vêm de Tires ou isso ou de Odemira para virem responder a Beja, metem elas lá que não podem entrar. A mim nunca me deixaram ir para a ala e eu perguntava ao chefe e... eu perguntava ao chefe e aos guardas “Porquê que eu tou aqui, Porquê que eu tou aqui? Porquê que eu tou aqui fechado se eu tou, já não tou no Monsanto, seu eu tou em regime comum, porquê que eu venho para o vosso ep? Porquê que eu tou aqui fechado, porquê?” Ah são ordens da juíza, são ordens do tribunal humm..., mas como é que uma juíza consegue dar ordens que eu não posso ir dar um...interior de uma cadeia, sou obrigado a ficar fechado numa cela à parte.

P:A lei que eu conheço não diz isso

R:Eu já tava lá, nessa altura eu já estava há 4 anos preso. E eu, e foi quando eu perguntei, eu fui a tribunal e perguntei à juíza, “Desculpe-me uma pergunta Sr Doutora, porquê que você me ta a proibir de entrar para dentro da ala?” A juíza olhou para mim “Mas eu não o estou a proibir de nada, eu não”, “Soutora a mim é o que os guardas dizem, eu vim responder a este processo , eu tou fechado numa cela à parte, não posso ter contacto com reclusos nenhuns, só obrigado a comer sozinho, vou ser obrigado a tar ali sozinho, e e, eu já tou ali há uma semana à espera para vir a julgamento tou ali fechado sozinho”. Eu, eu é que eu não tenho castigo nenhum para cumprir, porquê que eu tou ali fechado? Foi quando a juíza virou se para o chefe e, o chefe também estava nesse processo, no mesmo processo, e disse, virou-se

para o chefe e perguntou “Então porquê que o recluso está ali fechado? Porquê que ele não pode ir para a _____?”, “ Ah são ordens superiores da direção geral”. E a juíza, a juíza virou-se para ele e disse “Então prontos se são ordens superiores da direção geral, eu gostaria de ver esse papel em como se podem fazer isso ao recluso, se é ordens então tenho de ver escrito”. E ele ai começou a gagejar, e a juíza virou-se para ele e disse-lhe assim, muito sincera, e eu vi na cara dela, disse assim “Vocês agora quando levarem o recluso para o EP se favor metam ele na cela de transito, que é aonde ele tem de estar, ele não tem de tar fechado, metem ele numa cela de transito”. E foi o que eles fizeram, mal cheguei ao EP disserem”Ah arruma ai as tuas coisas que agora vais para dentro da ala”, tive um dia, um dia, do outro dia de manhã fui logo outra vez para Vale de Judeus, pois. E outra, eu com, eu com 22 anos eu fui para o estabelecimento prisional de vale de judeus, como é que isso é possível? Com uma pena de 6 anos e 9 meses.... Como é que isso é possível, até hoje isso não me entra na cabeça, porquê que eu nunca pisei humm, a prisão escola, porquê que eu nunca fui para Leiria... para tirar cursos.

P:E pediu? Pediu a transferência ?

R:Várias vezes, mas nunca aconteceu.

P:E a técnica nunca lhe explicou porquê que não foi concedida?

R:Não, nunca ninguém me explicou porq... porquê. A mim a única coisa que me disseram porque eu passei pelo estabelecimento prisional de, do Monsanto e tava dado como um recluso humm..., humm, delinquente e altamente perigoso, esse foi o meu rotulo, e hoje em dia é o meu rotulo, em cada estabelecimento prisional que eu entre, que eu entre tá lá, tá lá a dizer XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXé um recluso hummm que teve fechado no estabelecimento prisional de Monsanto e é para ter, e é delinquente, e eu fico sempre a olhar para ele e digo assim pá porra quê? “Eu fui ao manco, eu humm. Eu não bati em ninguém , não esfaqueie ninguém”, como eu vi muitos, eu quando com 19 anos eu vi, eu vi-me dentro de um EP de Monsanto com a máfia da noite, com XXX, XXXXXX, o XXXXX, o XXXXX, esses, essa gente toda que são da da máfia da noite, que o XXXX é a máfia brasileira que era na altura da...do gangue do XXXX, não sei se você conhece esse processo. O XXXX, noite branca , conhece também o processo? Hum.. tive com o vampiro do Linho, o XXXX, não sei se você já ouvir também falar.

P:Já ouvi falar, toda a gente já ouvi falar.

R:Prontos, tive com esse recluso também no pátio, a conviver com ele, a conviver com essa gente toda, o quê? Agora eu era uma criança quando entrei, quando eu entrei né? Mas ... os eps é uma escola, aquilo é uma escola, a gente aqui fora tamos na, é o que eu digo, a gente aqui fora tamos numa creche, quando a gente entramos para um EP, a gente vamos para a escola. Cada ep é como se fosse uma faculdade né? entao quer dizer eu fui para as faculdades para aprender a ser criminoso.

P:Acha que foi isso que aconteceu?

R:Fui para ao pé de XXXX, fui para ao pé de, tive, tive com o italiano máfia da da máfia da Itália, na altura ele foi preso e foi para lá também, foi mesmo metido à minha frente, tive com o el solitário, aquele o espanhol que assaltava os bancos, tive com, com o XXXX, tive com essa gente toda. Riso. Eu ao pé deles, eu para essa gente sabe o quê que eu era para eles? Eu era o pupilo deles, eu era a criança, eu era a mascote por assim dizer, todos cuidavam de mim, todos, hum..., todos aqueles bandidos, todos, todos cuidavam de mim, e eu tive problemas lá dentro daquele EP, esses bandidos todos, XXXX, XXXX, o XXXX, o XXXX , essas máfias todas era os que cuidavam de mim lá dentro para ninguém me fazer nada. Até gostavam de mim, da minha maneira de ser, eu, eu quando disse que, que a gente na altura eramos uns trinta naquele, naquele EP, no Monsanto, eramos trinta pessoas, eu quando disse à janela que tava lá por ter puxado. Ah..., por ter puxado fogo ao, ao, , ao manco, à CD, aquilo foi gargalhadas de meia noite, aquilo foi gargalhadas de meia noite, começaram todos a rir e a gozar comigo por, porque eu não podia ter isqueiro na cela para fumar um cigarro ali no Monsanto, não me deixavam ter esquireo, depois estavam todos a gozar comigo e tal, Então queres fumar um cigarrinho?P ronto toma ai um cigarrinho, e eu com tabaco e sem esquireo, depois, o ao meu lado é que me passou um esquireo de faísca para fumar, tive lá os 6 meses, tive lá detido, tive lá, hum..., mas sem faísca para fumar um cigarro, só podia fumar no pátio, e se eu tou 22 horas fechado, entende?

P:Pois

R:Só posso tar 2 horas no pátio. As educadoras lá , a psicologia também lá do Monsanto, as educadoras, a educadora quando soube que eu entrei lá, a educadora mandou-me chamar logo, e ficou a olhar para mim do tipo com o meu processo, O quê que você faz aqui? Você é uma criança, o quê que você faz aqui? Isto aqui, as leis para si, isto é tudo, isto é tudo diferente, começou a olhar para o papel e a olhar para mim, Você não pode estar aqui fechado 3 meses, a sua avaliação não é de 6 em 6 meses, a sua avaliação é de 3 em 3 meses e você é menor, ela a olhar para mim e para os papéis, que ela nem tinha noção da lei para mim para tar naquele EP, ta a entender?

P:Sim

R:A psicologia foi um grande apoio para mim lá, eu infelizmente já não me lembro do nome dela, porque já passou muito tempo, ela foi um grande apoio para mim, ela chamava-me muitas vezes, porque como eu era menor e ia para lá falar com ela, desabafar, falar dia a dia, elas as vezes chamava-me porque o outro recluso não queria ir, e mandava-me chamar a mim, e os guardas, muitos guardas ficavam revoltados com isso, porque ela me chamava só para falar que é para eu sair de dentro da cela. Os próprios guardas ficavam revoltados com isso, “Então vens para aqui, fizeste o que fizeste naquele EP, puxaste fogo e isto e aquilo, e agora vens para aqui e tas sempre a sair da cela”. Não sei porquê, mas eles queriam me ver fechado dentro da cela, percebe, todos queriam-me ver fechado, e quando cheguei lá, é de vento o que me aconteceu ali, foi um pé de vento dentro daqueles EPS, fui um pé de vento, quando, eu, depois daí de Monsant fui para o EPL..., em vez de ir para Leiria, para a prisão escola,

como quando veio o meu mandado de soltura do Monsanto eu pensei assim, Ah agora vou para leiria, vou para a prisão escola, eles não me disseram para onde é que eu ia, meteram-me dentro da carrinha, quando eu vou ver EPL, cheguei ao EPL, fui para um _____, tive num canto à espera para entrar, para falar com o chefe e para entrar para a ala, era uma criança, eu só, eu tinha só ouvido os guardas a bater, assim “Saíam da frente, saíam da frente, deixem passar, deixem passar”, e eu só vi gradões a abrir, eu agarro-me assim ao gradão, né, para ver o quê que se passa, quando eu tou, eu fiquei branco.....eu quando tou assim agarrado ao gradão a ver assim de lado para ver o quê que se passa, quando começo a ver o outro numa maca todo esfaqueado, a escorrer sangue, eu fiquei branco, a parede é branca e eu fiquei igual à parede, eu fiquei igual à parede, o outro a passar por mim todo esfaqueado, então eu tou aonde, eu fui para onde? Ya, o chefe mandou-me chamar, vira-se para mim e diz assim, “Olha é só para lhe dizer, para você saber que eu sou o chefe principal daqui, e só para lhe dizer bem vindo ao inferno”

R:Ele disse-lhe isso?

P:”Bem vindo ao inferno, você vai para a ala D, agora vai para os de baixo da ala D, você é entrado, o seu numero, o seu numero é o setecentos e cinco, pode ir, quando chamarem, quando chamarem já sabe que o seu numero é o setecentos e cinco, você aqui não tem nome, pode sair, pode ir, pode-se retirar”. Ah, agarraram em mim e foram meter nos baixo da D, abri, abriram-me a, abriram-me,ah, fui para os debaixo da D tive lá cerca de 7 dias, 7 8 dias que é , é a zona dos entrados, e subi para a ala D, que é a ala de, que tem os mais jovens que tão lá, até aos 21 anos, eu na altura tinha vinte, tive problemas lá na ala D com aquilo é uma selva, o EPL é uma selva, a ala D é uma selva que é só rapazes que têm, têm menos de 21 anos, aquilo é uma selva, todo o mundo anda à porrada todos os dias, tive lá vários castigos, andei à porrada, à porrada, sempre castigo, castigo por andar à porrada, e de manhã é um lado aberto e à tarde é outro lado aberto, depois na outra semana muda, entende? Primeiro é o esquerdo de manhã aberto, depois na outra semana é o direito de manhã aberto e o outro à tarde, sempre assim, mas eu naquela ala eu passei muito pouco tempo porque tavam a querer, tavam sempre a querer roubar-me e roubar a cela, também não tinha quase nada para roubar, que tive 6 anos e 9 meses sem visitas.

P:Não teve visitas?

R:Não, durante os 6 anos e 9 meses não tinha visitas. Eu sou do algarve né, a minha irmã é como lhe disse, não tem possibilidades e não vai tirar da boca do meu sobrinho, não vai tirar de pagar a casa, não vai tirar de pagar o carro só para me ir ver, nem eu queria, eu fechei-me dentro da prisão, como quando eu passei pelo Monsanto eu fechei-me para todo o mundo na rua, deixei de ter amigos na rua, deixei de ter família, deixei de ter tudo, eu vi que a minha vida acabou desde que eu entrei na minha primeira reclusão, pronto. Depois, foi o que foi, castigos, meteram-me na ala, hum..., castigos, depois meteram-me na ala A, a ala A livre de drogas, depois, sai outra, sai de lá, o quê, eu fumo ganza, não vou mentir.

P:Mas teve na ULD e saiu?

R:Tive, tive, tive na ... humm. não fumava e depois fui de transito e depois é uma estupidez, eu fui de transito da ala A, que é a ala livre de drogas no EPL, fui para Faro, fui para Faro para responder a um processo, metem-me numa camarata com mais 7 pessoas, 7 pessoas né, e todo o mundo fuma ganzas, todo o mundo... Agora dentro de uma cela pequena eu não fumo, eu tive aquela semana toda sem fumar, eu fumo ganza como eu lhe disse, eu fumo ganza, é a única droga que eu fumo, que eu consigo fumar e amanha paro... humm. Tive ali não fumei a semana toda, quando eu chego ao EP de EPL, chego lá, mandam-me ao copo e eu acuso, uma semana a levar com o fumo todo. E expliquei a situação, disse Não tive numa camarata onde todo o mundo fumava (riso), mas eu não fumei, eu inalei foi o fumo todo. Ah nós não queremos saber, vais para a zona comum, arranca. Ala B , fui para a ala B, da ala B fui para a ala E, fui para a ala E e depois da ala E tive lá com os preventivos da ala E também só criminosos, menos eu né? Depois fui para o___, depois vim de transferência, depois eu disse assim Ah, é desta que vou para leiria, ya, deram-me o papel de transferência, não me disseram para onde é que eu vou, não me disseram nada, eu meto-me dentro da carrinha, ah e eu todo contente , fogo agora é que vou para a prisão escola, quando eu vou ver para em Alcoentre, vou para Monsanto, em Monsanto apanho a carrinha, que é, que a gente chama o expresso, o expresso da Ramon né? Que é para ir para cima para as outras cadeias, paramos em Alcoentre, em Alcoentre vamos para Vale de Judeus, oooo..., eu só , o homem do registo vira-se para mim “Vá senhor XXXX, você pode sair que você vai ficar aqui”. “Como é, mas isto é leiria?” “Não não não, isto aqui é vale de judeus, isso vai ser a sua nova casa ate ao fim da sua pena”..... meteram-me em vale de judeus. E agora vale de judeus é uma cadeia que, qual é que é a cadeia?

P:Diga?

R:Vale de Judeus, que cadeia é que é? É só para crimes graves... homicídios, sequestros, assaltos violentos, só assim, eu com uma pena de 6 anos e 9 meses, estava no meio de homicidas, estava no meio (voz tremula) de pessoas malucas, eu vi esfaqueamentos à minha frente, eu vi pessoas a morrer à minha frente, eu vi.. e tenho e viver com isto tudo. E eu sempre a perguntar, e eu queria meter precárias, e eu , é, eu já tinha chegado à minha altura a meter precárias sempre sem _____, precárias, recurso, precária, sempre a perguntar qual é que era a razão, e diziam e diziam sempre . tou ali sempre a querer meter precárias, a querer vir ver a minha familia né? Já tava há muito tempo preso e sempre a dizer “Você tem o seu processo falta-lhe a liquidação da pena, você não pode ir a casa, você não pode , você não tem direito a nada porque lhe falta a liquidação da pena”. E eu não aguento, andei ali sempre sem fazer nada, não sabia o que havia de fazer, não sabia, não sabia, pá chegou a, chegou a um ponto que eu disse, olha esquece, isto aqui é a minha vida, eu mentalizei-me que a cadeia ia ser a minha, ia ser o resto da minha vida por anos, eu mentalizei-me, eu desisti de viver, vamos falar assim, porque pelos EPs todos que eu passei, tudo o que eu vi, eu tar a tomar banho em vale de judeus, eu tar a tomar banho, a meter espuma, a meter o meu shampoo na cabeça normal, na boa, quê, quando começo a ouvir do lado do duche do chuveiro ao lado começo a ouvir o outro hum hum hum , e eu o quê que se passa, estão aqui a fazer o quê, quando eu olho assim para o chão para o lado direito começo a ver um rio, antes era agua clara ,

pouco a pouco começo a ver só sangue, e eu *what the fuck*, mas o quê que é isto? Quando eu olho assim vejo dois macacos, dois pessoas a esfaquear o outro no balneário, eu com shampoo, cheio de shampoo, cheio de tudo, embrulho-me na toalha e fui para a cela... ya.. passado quê? Meia hora, chegaram, chegaram os dois na minha cela e perguntaram se eu, disseram assim Tão viste alguma coisa? E eu o quê? Eu a tomar banho, eu já tava a tirar o shampoo na torneira da minha cela, estava a tirar o shampoo e entram na minha cela e viste alguma coisa? Tão, assim quê? não é nada, eu tou aqui à muito tempo, sei que disse que não se passou nada, e eles pronto pronto está esta bom, coisas assim. Eu vi coisas que tive de me calar para não sofrer represálias..... e , e é o que eu digo, hoje em dia estou revoltado com isto tudo, porquê que eu passei 6 anos e 9 meses da minha vida.. fechado.. sem direito a nada, nada, direito a zero, zero, nem uma precária nem nada, nem, zero, zero, zero.

E depois fui ver os relatórios, depois eram os meus relatórios, que eu sou isto, que sou aquilo, que hummm..., que não tou apto para entrar na sociedade, que não tou, que, que não tenho casa, que não, que a minha família não me aceita e só mentiras nos meus relatórios.

P:Isso não era verdade então, tinha casa para onde ir? A sua família?

R:Eu tou em casa, é da minha irmã, eu tenho para onde ir, eles não ligavam para nada, para a minha família, na minha primeira reclusão acho que só ligaram uma vez, para ninguém da minha família... para nada.. sempre disseram que eu era...que eu estava à parte, que eu não tinha família, que era antissocial, que era delinquente, que, que o delinquente que eu era quando era mais criança, eu era, como é que eu de dizer, hummm... hum... fazia porcaria como as pessoas dizem, “Ah tu estás a fazer mal”, só quer andar a fazer maldade, eu o assalto à mão armada que eu fui fazer, nem fui eu que fiz o assalto à mão armada, eu estava sentado num carro, só me disseram assim, o meu correio disse-me assim “Vais comigo, ficas no volante que eu faço o resto”, e eu “Ta bom, vou ganhar dinheiro”, eu tava sem dinheiro tava sem nada, e fui, fui, fiquei, fiquei, fizemos um assalto, depois fomos apanhados, e foi como eu lhe disse, fui presente a tribunal preventivo da primeira vez que fui presente a um tribunal em Portugal levei a prisão preventiva..... e desde aí foi sempre isto, chego a tribunal e levo sempre a medida mais gravosa, ou é cadeia ou é prisão preventiva, tive lá nos meus relatórios, os meus relatórios. E nesta reclusão, e nesta reclusão que eu passei agora eu, eu não estava a levar com os meus relatórios que eles estavam a começar, imagine, a minha primeira reclusão é uma reclusão né, os relatórios estão sempre lá, estão sempre lá, é normal né? Mas então já não se podem basear nos primeiros relatórios da minha prim, da minha reclusão, porque isso é passado, desde, desde a minha segunda reclusão, daí para a frente é que eles se têm de basear, baseiam-se, vão ver, é normal, é normal ver para conhecer a pessoa que é, ou para ver se a pessoa muda, mas tudo o que eu fui iam buscar o meu passado, da minha primeira reclusão.

P:Copiavam os relatórios?

R:Copiavam, e isso acontece a todos os reclusos, eu vi, eu vi reclusos lá, que trabalharam durante 3 anos, durante 3 anos estarem a trabalhar, estarem a fazer trinta por uma linha, não se meterem em barafundas, fazerem tudo, e chegarem, chegarem ao, ao juiz, porque o diretor no conselho técnico, o juiz não me conhece, só conhece o que o EP põe nos relatórios, chegou, chegam lá para ser ouvidos, o juiz olha para os relatórios, como fizeram no conselho técnico, ouviram o que o diretor e as pessoas todas tiveram para dizer e baseou-se no que o diretor e as pessoas disseram, e baseiam-se nisso, baseiam-se nisso, não se baseiam na vida do recluso, baseiam-se naquilo que o diretor e as educadoras dizem. Agora, não vão por a lei, é isso que me ta a revoltar, é isso que me revolta, porque se fizessem as coisas como deve de ser é que era, acho que havia se calhar menos criminalidade e havia mais oportunidades para os reclusos, mas não, chegamos lá, a gente ta frente a frente com o juiz, o juiz “Ah você é delinquente, aqui os seus relatórios”, e eu, eu no meu meio da pena, que eu fui, que eu fui agora, agora na minha reclusão, eu tive, eu tive dois castigos, não, tive um castigo e uma repreensão porque eu falei mal par um guarda que tava nas alas, estava vestido com um macaco azul, com um macacão azul, sem identificação sem nada, e eu tava sem thsirt no piso, sai da cela de manhã, tava sem thsirt no piso, eu vi, o guarda vira-se para mim sem identificação nenhuma, vira-se para mim e diz assim “Veste a thsirt”, eu olho assim para ele “Tão, mas és guarda ou quê? Ah vai-te mas é catar”. Pensava que era um recluso que tava a trabalhar, tás como eu tou, és um preso como eu, arranca. E fui, entrei outra vez para dentro da cela, agora chegou a hora de almoço , o guarda, o guarda tá de farda, tá de tudo, e eu olho assim e digo assim “Fogo era um guarda”, eu não sabia e levei uma repreensão, e depois disse ao guarda “Oh Sor Guarda eu não sabia que era você”, e eles “Ah pois eu já participei de si porque você falou assim dessa maneira”, mas “Você não tava identificado, como é que eu vou saber? Não sou bom a adivinhar”, tava o quê, tava lá há 2 semanas, não há 3 semana no ep das caldas, ele disse “Pronto eu vou falar ai e vou ver, vou ver o quê que posso fazer, pediste desculpa”. Porque eu pedi desculpa, “Epá não sabia sor guarda e isto e aquilo, e tem razão eu errei mas você não tava identificado, também tem de ver esse lado”, e ele “Prontos eu vou ver isso”, e eles deram-me só uma repreensão, fiquei com uma repreensão.

No Ep..., também levei mais uma repreensão, que eu agora já não me lembro o quê que foi.....foi.... foi também uma coisa mínima, ah não, foi porque o outro recluso ficou comigo na cela a jogar *playstation*, ficamos a jogar e não podemos né? Ele ficou, ele..., ficou debaixo da cama e comecei a jogar *playstation*, para jogar *playstation*. O guarda chegou lá à procura do outro, andou 3 horas à procura do outro (riso), quando foi ver ele sabia que ele estava comigo, chegou à minha cela e abriu, teve de participar por, porque estava com mais, estava com colegas, e ele disse assim, “Fogo, porque ele já me conhece da minha primeira reclusão, Podias ter dito que ele tava aí, sabes que eu não me importo com isso, ao menos vocês dizem onde é que estão e eu assim posso-vos ir buscar”. Pronto, levamos uma repreensão, levei uma repreensão, e depois levei um castigo por causa da, de um telemóvel, um telemóvel daqueles pequeninos, não sei se você já viu? Aqueles com..., que é do tamanho de 1 dedo, levei uma repreensão também... foi castigo esse, foi os únicos 3 castigos que eu levei.

Eu vou para o meu meio da pena, você sabe que quando eu fui para o meu meio da pena o juiz já com os relatórios, e diz assim “Epá, você é um recluso muito problemático”, “Problemático, porquê?” “Porque você tem aqui muitos castigos, ah cds,” “Hum castigos de CD? Espere aí, eu... eu tou, isto é a minha segunda reclusão, mas que relatórios é que você tem aí?” “Não, não, tenho aqui os relatórios desta reclusão, tem aqui castigos de cd.” É os castigos todos que eu levei desde a minha primeira reclusão, não é? Quando eu sai do ep de beja, se eu levei mais três castigos no resto da minha reclusão toda foi muito... os relatórios tava tudo lá, ele baseou-se naquele primeiro relatório da minha primeira reclusão, e o, o diretor, o..., as educadoras e isso tudo disseram, ah pois, depois a minha educadora mudou em Alcoentre, foi a dona XXXX, a dona XXXX cinco estrelas, ajudou-me muito, uma senhora cinco estrelas, e..., tava... ajudou-me muito mesmo, ela disse que também olhou para os meus relatórios e disse “Ah tu és uma criança quando entraste, tu eras uma criança, o quê que se passa aqui?”. Ela é que mudou um bocado os mês relatórios, mas o problema é o juiz baseou-se tudo, humm..., tudo o que acontece ... falam num, num conselho técnico entende? Se o juiz basear-se, basear-se nos relatórios que tem daquela reclusão, dos castigos daquela reclusão, pá... e.... dentro de uma cadeia é normal haver castigos, dê por onde der, um recluso nunca tá a conseguir, pá vamos lá porrada, telemóveis, são apanhados com telemóveis, são apanhados no copo, porque fumam ganza, fumam outras coisas, entende? Pá, é normal mas há reclusos que têm, que tiveram castigos num, no início e no meio da pena tão a levar, eu levei, eu não..., eu levei com os castigos desses, esses 3 primeiros castigos, s participações e o castigo, e ele foi no meio da pena, ele disse assim “Opá, você como tem castigos e isso tudo, você já é reincidente, e reincidente é mais difícil de sair ao meio da pena..., pá, depois logo se vê”. Depois quando eu recebi um relatório, quando vi o relatório, eu a próxima vez quando você me ligar eu vou tirar, eu acho que tenho esse, eu tenho esse relatório aqui do meu meio da pena, eu vou-lhe enviar, XXXXXXXXXXXX não tem morada, XXXXXXXXXXXX, que desde pequeno que é alcoólico, que é dependente de drogas, tem isso tudo.

P:E não era verdade?

R:Não, diga lá como é que isso entrou dentro do meu relatório?

P:Foi a técnica não é? Foi a técnica, a técnica não viu bem.

R:Eu que, eu nos dois anos que tive na rua, antes de entrar na minha segunda reclusão, estou a falar desta minha segunda reclusão agora, não, para você ter uma noção, eu tive a viver em Alcoentre, eu arranjei..., eu tive, eu tive a viver ao pé de Alcoentre, tive o meu filho, tive aqui bastante lá para cima, e eu aluguei casa, eu como tava em condicional eu era obrigado a mandar sempre a minha morada, se ____ para uma habitação nova tinha que mandar a morada e avisar o tribunal. Eu fiz isso tudo, mudava de morada, registei no cartão de cidadão e isso tudo, e depois vêm me dizer, “Sor XXXX Desde que saiu da sua primeira reclusão que vive em casas devolutas”..... Isso está ali a dizer, eu mostro-lhe, eu mostro que vivo em casas de voltas, que não trabalhou, que não, que nada, isso é tudo mentira, eu

trabalhei, eu sou pintor de construção civil, e se me deixassem ir trabalhar agora eu tava a sair daqui e trabalhar, eu tinha trabalho, tenho um amigo meu que tem uma empresa que está farto de me chamar, mas eu digo a ele que não posso sair, e ele revolta-se com isso, trabalhei na Marinha Grande, trabalhei na _____ da marinha grande, fazia transportes internacionais, como, porque eu tirei carta de condução, agora quando sai tirei carta de condução, fiz a minha vida toda normal, cai num erro, fiz um furto, pronto, mas isso também é uma historia muito à volta disto, porque eu tenho culpa, mas.... Tou, mas tenho a culpa de outra pessoa em cima de mim, mas sou culpado porque deixei a pessoa, mostrei onde é que era a casa à pessoa, a casa, neste caso o arguido neste processo sou eu, a outra pessoa não aparece porque eu nunca falei dela, e disse “Ah fui eu, não foi ele”, não sou um chibo, eu não fazia isso, cumpri a minha reclusão, fui cumprir essa reclusão por causa disso, e são essas coisas todas. O que diz no meu relatório de meio da pena , disse assim então mas mendigo? Viver em casas devolutas, eu mandei as minhas moradas todas, eu sempre fiz o que a lei me pede, fui sempre avisar e dizer onde é que eu tou, por causa da minha condicional que eu tinha, eu fiz isso tudo, mas como é que no relatório aparece-me isto, o quê que o sistema faz? Se eu tinha as moradas mudadas no cartão de cidadão, eu tenho isso tudo, o quê que o sistema faz? Como é que po.... Como é que possível que eu registei isso tudo e eles não me foram ver esses registos..... é isso que eu não entendo, como é que, como é que é possível. Eu bem dizer que eu desde os meus 18 anos, sempre que entrei em reclusão o sistema estragou, para mim, a mim, na minha maneira de ver, o sistema estragou a minha vida.

P:Então, nesse sentido, o quê, o quê que sente que a prisão mudou em si? E nas pessoas que tão mais à sua volta?

R:Nada. A mim não foi a prisão que me mudou. Fui eu próprio, a minha maneira de pensar, a minha maneira de ver as coisas que mudou, não foi a prisão que me mudou. Porque a prisão, a prisão só me ensinou a ser mais frio.... Ser mais frio e ser... e ter mais maldade em mim..... entende. Foi o que, foi, foi o que a prisão me ensinou, de resto, o quê, o quê que me ensinou mais? Não me ensinou mais nada, o que, que me ensinou fui eu, era eu que estou errado, ensinou-me, eu é que ensinei a mim próprio e disse não, eu tou errado, esta não é a vida que eu quero levar, isto não é, eu tenho de mudar de vida, eu agra tenho um filho, e o meu filho é que me fez pensar, fez-me mudar a minha maneira de pensar, foi o meu filho, não foi mais ninguém, não foi o sistema, não foi a cadeia, os tribunais, não foi nada, fui eu e foi o meu filho. Foi o meu filho que me fez mudar a minha maneira de pensar.

P:Ainda bem.

R: Pois, o meu filho agora vai, e depois é mais essa, eu tou aqui 45 dias, o meu filho este mês vai fazer 5 anos, o meu filho é de Alcoentre, e eu já pedi, eu pedi ao senhor da reinserção social para ver se posso ver o meu filho no dia de anos do meu filho, se há possibilidade de ir num dia e voltar num, e voltar no mesmo dia, ou vir, voltar no dia a seguir para ir aos anos do meu filho, tive tanto tempo preso e o meu filho não me ia ver, não ia fazer mal, o senhor tentou ver isso e o sistema virou-se para ele e disse não,

ele tá de precária os 45 dias, ele tem de estar em casa, ele não pode ir ver o filho, foi a resposta, foi a resposta que me deram, também pode porque tem a ver com o covid né? Mas ...mas acho que tá mal, mesmo isto aqui das precárias de 45 dias, isto era bom se fizessem isto de maneira diferente.

P: Sim, porque estar 45 dias fechado não resolve nada, nem consegue resolver nada.

R: Pois, e depois agora diga-me 45 dias fechado e tou 45 dias renováveis, já tou há 3 meses, vou fazer 3 meses, é isso mais ou menos, vou fazer 3 meses, 45 dias fechado, não era melhor que o sistema fizesse, vocês têm as precárias de 45 dias, se arranjam um contrato de trabalho, se arranjam trabalho, vocês das 8 até às , podem sair às oito da manhã e até as 7 da manhã, até às 7 da tarde você tá, tem de estar em casa, tem de ligar para o senhor da reinserção social e dizer “Já tou outra vez em casa”. Não eles não deixam a gente trabalhar, não deixam a gente fazer nada, e tamos aqui fechados, quer dizer, o meu, eu vou ser agora ouvido para os meus 2/3 em Maio, 28 de maio, eu vou para a rua, aí eles vão dizer assim “Você tá solto”, e ali, e partir daí é que eu consigo começar a viver a minha vida, consigo ganhar rumo. Agora vou-lhe dizer, se não for a minha mentalidade, se não for a minha irmã a ajudar-me, se não for aqui a minha família a ajudar-me ... muitos, muitos que tão na situação que eu tou , como é que vai ser, vão sair? O primeiro dia, segundo dia, como não conseguiam ter trabalho não têm nada, o quê que eles vão fazer? Ou vão vender droga, ou vão roubar, ou vão se fazer à vida, para comer, para ter casa, pa...entende? Há uns, há muitos que roubam por vicio, há uns que roubam porque...na brincadeira, e outros que roubam porque têm necessidade, vendem droga porque têm necessidade às custas deles, porque o estado não ajuda. A gente saímos e en... a gente saímos em condicional e o estado diz assim Vocês estão soltos, depois temos o senhor da reinserção social, que vamos lá e diz assim, “Olhe já sai do Ep, o quê que, o quê que eu tem para fazer agora?” Ele diz assim “Pá, arranja trabalho. Pá se não arranjares trabalho, faz aquilo que tu fazias até agora”, foi a resposta que eu tive na minha primeira que eu saí. Eu disse assim “Pá não tenho trabalho, não tenho casa, não tenho casa, não tenho nada, como é, o quê que eu posso fazer que é para eu ter alguma coisa?”. Porque eu ia morar com uma amiga minha quando eu sai pela primeira vez, sai assim passados 6 anos e 9 meses vá “vá para a rua, vai para a rua, acabou a tua pena, a gente somos obrigados a meter te na rua, podes ir para a rua”. Fui á, fui à minha condicional, fui ao senhor da reinserção social em faro, disse “O quê que eu posso fazer, ajude-me, preciso de arranjar trabalho, o quê que eu tenho de fazer?”, isto e quê, ele disse “Vai aí ao centro de emprego e vai tratar daquilo para receberes do estado”, do.., não sei como é que se chama

P: Sim, o o de reinserção, também não me lembro do nome.

R: Sim de reinserção, é tipo o que os ciganos recebem. Hum, depois eu disse assim, “Então o quê que eu faço, o quê que eu faço? eu não tenho dinheiro, não tenho nada”, ele vira-se para mim e diz assim “O quê que tu fazias antes de ires preso”, eu assim “o quê que eu fazia, eu fazia foi por isso que eu fui preso”, “Prontos então vê, olha a tua hora já acabou podes ir”..... Agora diga-me..... sabe qual é o grande problema disto? É que o sistema com os presos está a receber muito dinheiro, eles não querem

soltar os presos, as condições lá dentro, 3 euros uma refeição, a gente com 3 euros e meio comemos.. comemos o pequeno almoço, o almoço e jantamos e ainda levamos o reforço, humm, como é que isso é possível? E a gente, para a gente estarmos presos acho que é a união europeia ou isso que paga cinquenta euros por cada reclusão, ou lá o que é, não é assim? Então para onde é que vai esse dinheiro todo? Depois é as condições em que a gente vive, eu no EPL eu vi ratazanas a sair pela sanita, eu tive que por uma garrafa de agua que era para as ratazanas não saírem pela sanita. Eu cheguei a abrir a minha cuvette com baratas lá dentro, a cuvette de comida com baratas lá dentro..... Pois tá a ver? Agora imagine, eu sem visitas, sem dinheiro para o meu, para a cantina, sem dinheiro para nada, eu sou obrigado a comer aquilo... hum.. e o quê que o sistema me ta a obrigar a fazer? É a reincidir dentro do sistema, é me fazer à vida dentro do sistema para ter alguma coisa, para ter , trabalhar o quê? Eu vou trabalhar como faxina, vou ganhar cinquenta euros? Cinquenta, sessenta euros, metade vai para a reserva, e e outra metade vai para o disponível, ah 25 euros, pá dão-me comida, dão-me isso tudo, mas não me lavam a roupa, só lavam a roupa da cama, a toda a gente diz ah vocês também comem, roupa lavada, mas não só lavam roupa da cama, que a tua roupa tens de esfrega-la à mão, se queres, se queres shampoo, dão te um sabão azul e branco para o mês todo, e eu como sou um recluso que não tem visitas, não tenho nada, eu tenho direito a ter produtos de higiene, uma paste de dentes, uma escova de dentes, sabão, shampoo e uma gilete para três meses.....três meses, uma paste dos dentes dá para si para quanto tempo?

P:1 mês não é

R:Pronto, um mês, e os outros dois meses lavo como, com agua? Com sabão? Uso o sabão para tomar banho, o sabão azul e branco para tomar banho, como é que eu faço? Hum? Dá para uma semana, duas, e com esse sabão ainda tenho de lavar roupa.

P:É o sistema está..... custa-me falar sobre o sistema não é.

R: Eu entendo que são muitos reclusos por pessoa, muitos problemas, você vai ver muitos problemas dos reclusos, vai ver reclusos a passarem se , mas, mas nunca vão partir para a violência, que isso eles não vão fazer isso, mas os problemas e você querer tratar e você, eles têm um problema e você quer tratar, você sabe que consegue tratar esse problema, e você ta a tratar do problema e chega, e chega alguém e diz assim “Não, não, não, deixe estar, deixe estar como tá”, você vai começar a perder a vontade de trabalhar.

P:Pois eu acho que é o mal das pessoas que lá estão também.

R:E se, e se você passar por cima dessa pessoa e dizer “Não não não não”, se você fizer por si e der a volta a essa pessoa porque você é obrigada a falar com essa pessoa por causa desse problema e a pessoa não querer resolver, e você vai, vai, como se diz, ahhhhhhh... não posso falar, não posso, você quer falar diretamente com deus, você vai lá e vai lá e vai passar por cima dessa pessoa, essa pessoa vai , o sistema vai dizer “Não não não, você não pode estar aqui, não”, vão começar a meter você de parte, por

isso, pá, eu acho que você tá a querer ir. Você tá a ver o nosso sistema né? É um sistema que vai, vai meter muitos entraves, e eu digo-lhe, que eu passei 6 anos e 9 meses, eu tenho relatórios que você olha para os relatórios e diz assim “Pá mas isto são castigos que não têm nexo, são coisas normais, são coisas que do dia a dia, pá acontece, um monte de homens, um monte de homens ali juntos”, humm. Um não tá habituado, um não ta bem disposto, o outro diz um coisa, olha o outro já partiu para a violência, o outro já anda à porrada, e já deu castigo, é que eles não querem saber o motivo que levou o castigo, quem teve culpa, quem é que não teve culpa, quem é que errou, ah sim senhor, temos _____, a gente chega lá e diz assim humm passou-se isto, isto e isto, o outro tentou, foi para cima de mim, e aquilo, ele é que teve mal, e isso e aquilo, vão os dois contar a versão deles, o inquiridor tá lá e diz assim “Sim, sim”, fica castigo, segue para a diretora ou para o chefe de guardas, o chefe de guardas vê e diz “Pera aí”, andaram à porrada, humm, 14 dias para os dois entende? Aquilo é uma roleta, ah este aqui é muito problemático, ah este aqui falou mal para mim, ah leva vinte, depois vão por isso.

P:Pois, entendo.

R:E agora vou-lhe dizer uma coisa, e os violadores, os, as pessoas que batem nas mulheres, hum, de violência doméstica, violadores, hum, burlões, gajos do estado e isso tudo, vai ali para a Carregueira, a Carregueira foi feita para eles, 3 aninhos para os pedófilos, 4 anos, ah ao meio da pena podem ir violar outra vez, porquê que não metem eles no meio da gente, com a gente ahn? Desculpe o termo que eu vou usar, metem-lhe um pau no cu, depois, desculpe o termo que eu tou a usar. Pronto, pá, eu vou, eu vou-lhe dizer uma cena, eu vou-lhe dizer assim se a sociedade souber isso, que um violador ahn, levou porrada dentro de um EP, ou que passou mal dentro de um EP, a sociedade não vai criticar ninguém. O que me revolta é que eles são todos especiais, eles levam medidas especiais, você vai, vai para a Carregueira, vai ver uma cela de um pedófilo e de um, de um gajo, de um e tão 5 estrelas, 5 estrelas, parece que tá num hotel, o guarda ainda lhe bate pala, é isso que me revolta. Eu não critico, todas as pessoas têm de ser ajudadas, mas fogo, uma criança..... eu penso no meu filho cada vez que oiço uma pessoa dessas e vejo um crime desses na televisão, penso no meu filho, na minha sobrinha que tem 3 meses hummm, eu vou, se fizerem isso a um familiar meu, digo mesmo, eu vou, eu vou me agarrar a 25 anos, mas esse não vai ficar cá para contar a história, entende? Porque eu acho mal, pá agora de, de violações de pessoas mais velhas já vi muitos casos de pessoas levarem com um crime assim de violação né? Mas não violaram ninguém, foi, foi a companheira, ou isso ou aquilo que, que pensou em fazer queixa só para estragar a vida a ele, já vi isso a acontecer. Mas uma criança de três anos?

P:São casos diferentes.

R:Com exames, com tudo a provar que foi vítima de violação.... Isso não, isso não, deixe que diga que nem tanto ao mar, que eu também sei ver as coisas, uma coisa é uma criança bebé, uma criança menor que não pode se mexer, não é que não, outra coisa são pessoas mais velhas, adultas que têm noção do que vão a fazer e têm noção das coisas, não vou, não vou dizer que todos são inocentes não é, mas muitos

crimes que se baseiam nisso, nesse, nesse, nesse conteúdo tao mal, porque não, depois o estado conde.., condena a _____, é o que eu digo, eu levei por um crime de furto qualificado, eu levei 4 anos e 9 meses, furto qualificado ahn, 4 anos e 4 anos e 6 meses, porque eu tenho, depois levei mais com a minha condicional que eram 1 ano, 1 ano e 8 meses e 12 dias, juntaram ao todo fiquei 5 anos e 9 meses, e na minha reclusão como já sou reincidente pela segunda vez eu já não tenho direito a 2/3, a 2/3 não, ao meio da pena, mas tenho, mas tenho direito, o código de processo penal ta a dizer Todos os reclusos têm o direito ao meio da pena, não ta lá a dizer reincidentes não têm direito ao meio da pena.

P: São as considerações jurídicas da perigosidade, é isso que o juiz diz.

R: Qual perigosidade, diga-me?

P: A perigosidade suposta, suposta e não existente. A pessoa acha sempre que reincidente é pior independentemente de não querer entender o quê que levou à reincidência.

R: Pah, mas o primário, o primário não volta à, à reincidência porque é primário. Eu já vi pessoas a serem metidas presas por reincidência, serem segunda vez presos, amigos meus por um processo, só de serem, só de serem só de dizer assim num processo Já foi recluso, e não foi ele que cometeu o crime. Tenho um amigo meu que ta a cumprir dez anos, dez anos, saiu ah.., saiu para a rua, teve um ano e tal, teve um filho, teve um ano dois anos na rua, cometeram um crime, ele, ele é de cor né, ele é *black*, por isso, por uma cena, foi o foi também um assalto, foi *carjacking*, foi *carjacking* com violência e depois foi foram, foi feito um assalto com esse carro e isso tudo, e a policia agarrou nele, ele mora num bairro social, agarrou nele no bairro e meteu, e como ele já tinha crimes, o crime dele na primeira vez foi parecido a esse, agarraram e foram meter ele pa a apreciação, que é para a vitima ver qual é, e a vitima disse “Ah eles estavam todos encapuçados,” “Ah mas aquele rapazinho ali parece que tem a estrutura dele, parece...., por isso o meu amigo levou dez anos, não ta a ver o filho a crescer, a mulher deixou-o ahn, ele não vê o filho, o filho não ta a, o filho não ta a ir vê-lo à cadeia, então, como é que isso é possível? É isso que me revolta, é o nosso sistema prisional que me revolta, eu agora, é que a gente agora a irmos para outros países, se a gente irmos para outros países e irmos ver o código de processo penal, ah, a ta, quanto é que é a taxa quando eles saem entende? Quando eles saem e isso tudo pá, a minha pena, a minha pena que eu tenho 4 anos e 9 meses por um furto na França, seja onde for, que são países mais, eu tinha cumprido 2 anos e tava na rua, 2 anos e tava na rua por um furto, não eu já tou com, eu vou fazer 4 anos agora em Agosto e ainda tou preso e tou em casa, ya, e eu basei, eu viro-me para o, agora nesta minha reclusão eu viro-me para , virei-me mesmo para o juiz e disse “Soutor agora esclareça-me lá uma coisa, eu sou reincidente não sou?” ele “Sim, sim você é reincidente, é a segunda vez que você tá preso”, “Então agora diga-me lá uma coisa, na minha primeira reclusão não tive direito a nada, nunca fui, nunca fui ouvido para o meio da pena, nunca fui ouvido para os 2/3, eu fui, fui ouvido para os meus 2/3 faltava 3 meses para os meus 5/6 e não me deram, e sendo primário não me deram, como é que é possível eu agora, vocês, o sistema não olhar para isso, que eu na primeira reclusão sofri

o que sofri, passei o que passei, as injustiças que passei hum e agora tou, e agora tou a levar com o reincidente, como que seja o reincidente normal, porquê que eu não tenho o benefício da duvida, porquê que eu, porquê que não me ajudam? “porquê que não vêm que nesta reclusão, eu virei-me para o juiz e disse “Eu neste reclusão tenho 2 participações e um castigo, eu acho que mudei, por algum sentido, nalguma maneira eu mudei não é? Eu vim para a rua, eu tive a trabalhar, eu tirei a minha carta de condução, eu tenho carta de condução, eu fiz as minhas coisas eu fiz a minha vida normal, eu tava a fazer, eu tava a trabalhar, eu tava a fazer tudo, e estragaram-me a minha vida toda outra vez, porque meteram-me aqui para ir cumprir a minha pena, sim errei sim errei, tou aqui tou a cumprir, tenho noção disso, mas quero sair tenho um filho”. O meu filho na altura tinha, tinha, tinha 4 anos já, já tinha 4 anos, vai fazer este mês 5, tinha 4 anos, humm.. fui ouvido e disse “O meu filho tem 4 anos, quero ver o meu filho, quero tar com o meu filho, o meu filho não me vem ver, quero ... mostrar ao meu filho que eu mudei e que isto não é vida para ninguém, não quero que o meu filho siga as minhas pisadas,” “Ah ta bem, ta bem, você tá a pensar bem”. Pois, e depois no meu relatório vem que aquilo tudo que lhe disse, e eles, e eles sempre me disseram “Ah isso, a primeira vez isso não interessa nada para aqui, agora é tudo diferente, como você não é primário você é reincidente, você tem de se aguentar, só sim, tenho de aguentar, mas nunca, nunca me deram trabalho, trabalhei, trabalhei quê para ai 3 meses, porque porque porque eu andei a chatear muito para me darem um trabalho, e quer dizer, eu a minha vida dentro da cadeia foi..... tentar me safar pelo melhor, conseguir para ter as minhas coisas, pah tive de andar por uns, vamos falar assim, tive de andar por uns caminhos errados porque o sistema assim me obrigou, entende? Para ter o meu tabaco, os meus produtos de higiene, para ter um bolo, para ter uma lata de feijão, para ter uma lata de salsichas na cela, para poder comer, porque há muitas vezes que o, a maior parte das vezes, que eu não consigo comer a comida, eu olhava para a comida e a abrir a feijoada, a feijoada cheirava a azedo, cheirava a podre, comida que você olha, nem o meu cão pega, eu se desse ao meu cão, eu agora não tenho, mas tipo se desse ao meu cão o meu cão não comia entende? Mandava á cabeça, dizia népia eu não quero isso, entende? E a gente ainda era obrigado a comer, agora eu ... na minha primeira reclusão, 6 anos e 9 meses preso, sem ajuda de ninguém, sem visitas sem nada, o sistema não me deu trabalho, o sistema não disse, “Ah tu és um recluso sem visitas, vamos te dar trabalho”. Pois o que me dá mais graça é que não tive trabalho, depois olhava quando havia uma vaga de faxina, de , seja para o que for, quando abria uma vaga, eu depois via assim, há uma vaga de trabalho, Ah você ainda tá no fim da lista, você ainda ta no meio da lista, e depois quando eu ia ver iam dar trabalho a pessoas que fazem cinquenta euros de cantina ... todas as semanas, outros que fazem que têm oitenta euros de cantina, tem oitenta euros, a família manda-lhe aos duzentos euros, esses é que têm trabalho. Pá eles andam a fazer o quê, sempre para dizerem, eu não, eu se quiser trabalho, agora vou dizer aqui muito sincero, eu se quiser trabalho eu pedia no chefe de ala, eu sei que o chefe de ala virava os outros reclusos para mim, dizia se queres trabalhar trabalhas para mim..... Tão....tá a entender o quê que eu tou a querer dizer? Eu agarrava, eu fui obrigado a agarrar-me a oportunidades que eu tinha para ter alguma coisa, ou era fazer coisas erradas, roubar, andar à porrada uns com os outros e andar a roubá-los, ou era traficar

droga entende? Ou fazia maços de tabaco, fazia um pagar 2, a dobrar, isso tudo, a ir buscar dividas de outras pessoas, porque o outro não quer pagar e ...e essa pessoa não se quer meter em problemas mas paga-me a mim que é para lhe ir buscar o dinheiro que lhe deve, entende? Foi assim que eu me fui desenrascando, e o quê que o sistema ai me fez? Fez-me acontecer eu virar mais criminoso ainda e aprender mais ainda, eu, é, eu, você tem noção, eu entrei por assalto à mão armada, eu era condutor hum, eu sai da cadeia a aprender a rebentar caixas de ATM..... tá a entender? tive, tive com, as primeiras caixas que começaram a ser roubadas e não eram roubadas como são agora, arreentadas todas, roubavam mesmo, metiam todas dentro dos carros e iam cortar elas para o meio de mato, tive com essa gente toda, em Portugal, quando, quando começou a vir a vir a moda de arreentarem caixas, caixas eletrónicas, quando veio a moda de rebentarem caixas eletrónicas com gaz e _____ e isso tudo, eu sei fazer isso tudo, eu tive com essa gente toda, o ____, o velhinho, o titi, o lino, que eram os rapazes que andavam a rebentar caixas de ATM, aprendi, ali na conversa na brincadeira e quê a fumar uma ganza e quê Ah isso é fácil dois ____, metes a mangueira lá para dentro, tem um fio, descarnas o fio, aquilo são dois fios, tens de ter cuidado não podes juntar os dois fios, tens de tirar 5 cabinhos de um fio e meter esses 5 cabinhos, que é para quando tu meteres aquilo na bateria, como, como tava a fazer curto circuito aqueles dois fios vão rebentar, e esses dois fios é que são a ignição para rebentar a caixa de ATM, dois, dois minutos e quinze segundos só de gaz, se for preciso metes só 1, metes só 1 minuto e meio, um minuto e quarenta chega, mas para teres a certeza que ela arreenta metes 2 minutos. Eu aprendi isso tudo (riso) ahn. Se eu queria vender droga, se eu quero ir vender droga, eu vou vender droga, basta ir, eu conheci tanta gente em vale de judeus, patrões, eu tou falando de patrões, não tou falando de quem anda ali a vender na esquina dez, vinte euros, tou falando de patrões, que eu chego ao pé deles, que eles gostaram de mim, da pessoa que eu sou, do puto que eu sou ahn, e chego ao pé deles “Epá safa-me lá aí um kilo ou dois”, 2Ah queres de quê?” “Pá, pode ser de cavalo, pode ser de cocaína, pá se quiseres dar me mais uns quilozinhos ai de pólen ai para eu vender”,” Então eu vou buscar”,” Epá passa aí”

Mas é assim , eu, eu aqui quando eu entrei para a primeira vez eu não sabia nada (riso), eu não tinha noção o quê que era o crime, não tinha noção, tenho de ser muito sincero, não tinha noção, mas quando eu entrei naqueles eps todos que eu falei, aprendi, aprendi tudo, aprendi tudo e mais alguma coisa. Cada recluso que entra dentro de um ep e vira ser novo recluso, cada recluso que sai da rua e entra, e entra para dentro do ep, olhe, ta a ver aquelas caixas registadoras do supermercado que faz tin cada vez que abre que vai dinheiro lá para dentro, é igual, já para, o Ep é uma caixa registadora, todos os eps são uma caixa registadora para mim. É como lhe digo, eu desde a minha primeira reclusão que andei a lutar para ir para a prisão escola, eu , eu, que não era eu que tinha essa obrigação, que não era eu que tinha essa obrigação em dizer ah quero ir para a prisão escola, tão vou para a prisão escola? A fazer pedidos de transferência, não, essa não era a minha obrigação, a minha obrigação era tar preso e cum, e cumprir e virar alguém honesto e o sistema era obrigado a ajudar pá o recluso, seja que dia 2 de abril fez 18 anos,

entrou a 28 de ma.., a 28 de maio, então tem 17 anos, a bem dizer eu tinha 17 anos, né, eu tinha acabado de fazer os 18, hummm, isto fica aqui uma semaninha e leiria, prisão escola, tem, também tem outros homens a preventivos, tem tudo, a mim não, a mim disseram-se não não podes ir porque és preventivo, não podes porque és preventivo, quando eu depois fui para Monsanto e para EPL virei-me para a educadora e “Então não posso ir para leiria?” ,” Epá, para ti é complicado tiveste no Monsanto”..... perigo de fuga, perigo de fuga, eu tenho um relatório com perigo de fuga, nunca, eu nunca tentei fugir..... hummm... e outra coisa nesta minha segunda reclusão fui eu que me fui entregar ao posto da policia.

P: Facilita o processo, acho eu,

R: Não, não vem nada a dizer no meu relatório, nada, zero. Eu fui, eu... a mim foram bater à porta da casa onde eu tava a viver com um amigo num quarto alugado, foram lá bater à porta , perguntaram por mim, Ah o XXXX quê? Mas não disseram que eu ia preso, disseram que eu tinha, eu tinha batido com o meu primeiro carro, o meu Peugeot 36, tinha tido um acidente, eu pa não bater, eu pa... que o carro da frente que tava parado numa ruela, e eu bati com o carro na parede que é para não aleijar as outras pessoas, podia ter tipo mandado o carro para outro lado mas tinha aleijado pessoas mais velhas, mas não, prefiro bater o carro contra a parede, depois pensava mas se é por causa disso eu vou lá à esquadra resolver a situação. Cheguei lá ao posto, viro-me ao senhor que tá lá no posto “Eu vim aqui, o seu colega foi lá bater-me à porta, sou o XXXXXXXXXX, tem aqui o meu bilhete de identidade” e esse diz “Mas tu tas aqui porquê?” “Ah, não sei”, “passa aqui amanhã que o meu colega deve tar ai amanhã”, eu tou a sair e vem, e entra o colega, e diz “É o XXXX?” ,”Ya, então vem aí”. Quando ele levantou-me a folha diz assim eu tou detido 4 anos e 6 meses que tenho de condenação certo? Ele, Mas como é que tu sabes? Epá, se eu fui ao julgamento, se eu tava aqui em cima e fui lá em baixo responder e se tive lá em baixo a fazer isso tudo, eu sei, eu sabia que isso ainda tava em recurso e tava à espera de ir buscar, “Ah então tens noção que vais para a cadeia?” E eu “Sim, eu tenho noção que vou para a cadeia, já não é a primeira vez, é a minha segunda reclusão, pá mas faz.me só um favor aí, mete ai uma nota no relatório em que me entreguei voluntariamente aqui no posto”, ele a dizer “Não, não, não te preocupes”. Ele já me conhecia da noite, lá dos bares de Rio Maior e isso tudo, eu conhecia o rapaz, ele era policia mas também, mas o policia é o trabalho dele, e sim ele disse “Sim, Sim, eu vou te facilitar isso, eu também porra, eu nem sabia que tu tavas aqui, eu vejo-te aqui a trabalhar, vejo-te aqui a fazeres a tua vida e isso tudo, eu não pensei que ias preso, a gente fala no bar e isso tudo, agora é que eu tenho noção do teu historial, mas pá”, eu... Ele próprio para mim diz-me assim “Pá, mas queres que eu te diga a verdade, eu conhecendo-te como conheço, acho injusto, eu vou-te fazer isso, eu vou-te meter no relatório que tu te entregaste voluntariamente e isso tudo”. Mas isso nunca aconteceu, eu vi ele a escrever, ele disse-me assim Olha tá aqui, tipo fez tudo por computador, mostrou e eu assinei e disse “Olha tá aqui para tu veres que eu tou aqui a escrever como tu vieste-te entregar voluntariamente aqui” ao ep, oh, “aqui ao ao posto e que sabias que eras para ires preso”, e que vieste aqui ao posto perguntar se era para me dirigir

para o ep, ou se é vocês que me levam e depois ele disse que me ia levar, como eles tinham o mandato de captura né, eu também tava a dizer tipo ahn, e fui, mas isso nunca apareceu no meu relatório .

P: Teve muitas incongruências na histórias, entre o que devia ter sido e o que não foi. Custa-me a perceber como é que estas coisas acontecem ainda. Com um sistema tão automatizado e as coisas falham todas.

R:Pois, aí é que tá, porque isto aqui, porque isto tinha de levar uma ganda reviravolta, ganda reviravolta, eu gostaria que a minha história fosse contada por aquilo que eu passei dentro dos eps, tudo, tudo, alguém que andasse a correr atrás e que viesse buscar os meus processos todos, as minhas audiências todas, os castigos todos que eu tive dentro dos eps e a razão porquê, a razão porquê que eu demorei tanto tempo, a razão porquê que eu nunca tive direito a nada, porquê que eu não fui para a prisão escola, eu gostaria que alguém contasse a minha história depois de eu sair desta reclusão, gostaria mesmo que alguém contasse essa minha história.

Ah e outra coisa, outra coisa que eu vou-lhe dizer o meu filho, esta minha reclusão é ____ porquê que eu passei por muita coisa, eu tenho um filho, eu sei porquê que nesta situação eles tão a estragar os relatórios todos desta minha reclusão, a minha primeira reclusão foi porque eu me virei muito contra os guardas e ia muito contra o sistema e foi o sistema, eu fui muito contra o sistema do estabelecimento prisional de beja, isso foi o que me fez estragar muito, imagine, porque eu virei-me também ao guardas e quando tu te viras a um guarda esquece, nos eps que vais passar ninguém te dá mão, os guardas vão todos cair, eu levei muita porrada, eu levei muita porrada, eu cheguei a estar dentro do manco com as costelas rachadas, eu cheguei a estar dentro do manco, na cela disciplinar com as costelas rachadas, eu era para sair no dia e só me deixaram sair passado uma semana, entende?

Muita coisa que me aconteceu, e nesta minha reclusão é por causa do meu filho que eu tou a levar com isto tudo, que me tão a dar e que me tão a meter isto no relatório, eu tenho o meu filho é com uma rapariga que trabalhava em vale de judeus, era cozinheira em vale de judeus, eu tenho um filho com ela, e ela tava, não tava junta com um guarda, tava curtes, vamos falar assim, e depois eu preso sai, e arrastei ela e e ela largou, largou o guarda prisional, e como tive um filho com ela e isto e aquilo, e o sistema revoltou-se, porque nunca conseguiu captar nada disso, como é que eu consegui me aproximar dela entende? Nunca... e revolta, eu entrei agora nesta reclusão e houve muitos guardas que ficaram revoltados, eu quando entrei no ep de Alcoentre que é ali perto de vale de judeus, que Alcoentre e vale de judeus são perto, eu os primeiros 15 dias que eu pisei a cadeia, eu não entrei diretamente para o ep, porque o...no ep de Alcoentre, tem, tu tens, tu tens uma cela que é para os entrados, mas é tudo dentro do mesmo recinto, com os outros presos todos, não é como no EPL, em que tem a cela à parte e tou sob observação mas tenho direito a tar com os outros reclusos, os primeiros 15, os primeiros 15 dias eu não, eu não fui para cela disciplinar nenhuma para observação nenhuma, eu nos primeiros 15 dias fui-me tar a curar no manco, pois, que me partiram todo, eu tinha esta parte toda, tá a ver a minha cana do nariz,

não ta direita? Pois isto é uma prenda que eu também tem, que eu trouxe de lá desta reclusão, por causa dessa situação do meu filho. Eu hoje em dia tou com 29 anos, tenho a minha vida toda estragada derivado ao nosso sistema.

P: Pois, mas ainda tem muito tempo também.

R: Eu vou-me embora, eu tou à espera que isto acabe para começar a trabalhar com um amigo na pintura na construção civil durante 1 ano, vou agarrar em mim, e, e vou-me embora, vou para a Suíça, vou trabalhar para a Suíça. Vou, vou juntar um dinheiro, e vou meter a minha mochila às costas e vou sozinho, vá eu tenho lá, eu conheço lá 1 ou 2 pessoas, a ver se consigo, ver se conseguem me arranjar trabalho, mas mesmo que, mas mesmo que não consigam eu vou sobreviver, eu vou meter a minha mochila às costas _____ e vou, mesmo que eu passe mal os primeiros tempos, mas como eu sei falar o alemão, quero ir para o cantão da parte alemã, como sei falar e isso tudo, pode ser que eu arranje alguma coisa, eu vou tentar, vou para lá um mês ou dois. Portugal não dá, Portugal para mim já não dá, porque mesmo que, porque mesmo eu a procurar aqui em Portugal trabalho, não me dão, eu tive na minha primeira reclusão que eu saí, eu ia ai a continentes, empresas, isto e aquilo e todos, e pedem todos registo criminal, todos, e o registo criminal eu vou pedir e tá lá, tá lá a dizer que eu sou ex recluso, isso não desaparece, isso não desaparece, 5 ou 15, 15 anos. Mas pronto, o quê que eu faço durante esses 5 anos? Com o meu relatório, hum, com o meu registo criminal a dizer que eu sou, a dizer que, que eu sou um ex recluso, diga-me lá?

P: Não quer dizer que não lhe dessem emprego.

R: Eu fui, eu entreguei o relatório a muitas empresas, nem me chegaram a ligar, quando viram o relatório muitos foram sinceros para mim, disseram “Epá desculpa, mas porque tu és ex recluso e isso tudo eu não te vou dar trabalho”, eu pensei para mim “Pois você tem razão, eu não vou tar a criticar porque entendo o seu lado também, é, é difícil confiar numa pessoa que já teve presa”, Pois é a sociedade e _____ arranjar trabalho, e pá é mau entendes? E eu, “sim não se preocupe, eu compreendo, eu vim, eu vim tentar, tentar a minha sorte, eu tou a tentar melhorar a minha vida”, “Pois fazes bem, e isto e aquilo, mas eu não te consigo ajudar”. E para muitos deles eu já nem ia buscar o registo criminal, eu dizia logo, dizia assim, quando diziam “Ah o seu registo criminal?” “É assim, eu vou-lhe já poupar ai um bocado de tempo, eu tive detido durante x anos, pá a minha situação é esta, tenho registo criminal”. Diziam-me logo, “Olhe obrigado pela sinceridade, mas a gente não, a gente não, não vai dar, não vai dar”. A única, a única coisa em que me safei é aqui a pintura, eu gosto de construção civil, dá para ir trabalhar e isso tudo, tenho um amigo que abriu agora uma empresa e isso tudo, e ele tipo, ele hoje em dia quer que venha lá, ele quer eu venha trabalhar mas eu não posso, entende?

P: Sim. Temos de voltar um bocado atrás, queria saber se antes de ter sido preso pela primeira vez, se alguma vez achou que era tratado de uma maneira injusta, pela sociedade de maneira geral, ou situações concretas se tiver algum exemplo?

R: Pá, eu vou ser muito sincero, ser tratado de forma injusta não, eu é que tratava a sociedade de forma injusta.

P: Porquê que diz isso?

R: Por causa da minha mentalidade, crimes que eu cometi, pessoas que eu..hum.. se calhar eu, eu tirei o ganha pão, sabe o quê que tou a dizer? Roubei uma casa, roubei um carro de uma pessoa trabalhadora, imagine, imagine, você tem carta não? Se você tivesse carta e tivesse carro né, você vai acordar de manhã, às 7 da manhã para ir trabalhar, você chega com a sua chave do carro, o seu Honda, o seu carro Honda civic para ir trabalhar, você não tem muitas posses para ter um carro bom, eu chego, depois chega lá de manhã ao parque de estacionamento, olha e não vê lá o carro. Como é que você vai trabalhar se você tem de ir daqui, se você tem de trabalhar a trinta quilómetros da sua residência. Acho, eu acho que o errado tava a ser eu, eu não tava a pensar na pessoa próxima, porque não sabia de quem tava a roubar o carro, não sei se era uma pessoa rica, se era uma pessoa pobre, não sei se era uma pessoa que tinha necessidade, que tinha necessidade do carro pa alguma, para ir trabalhar, pa... isso tudo, entende? É por isso que eu digo, não foi a sociedade que me tratou de uma forma injusta, eu é tratei a sociedade de uma forma injusta.

P:Esse é um pensamento já muito acertado na realidade.

R: E, e não foi o sistema que me fez ter este pensamento, fui eu próprio, tenho um filho agora, tenho dificuldades e preciso e isto e aquilo, e comecei a ver isso, a olhar para a minha irmã, a olhar para o meu cunhado, olhar para pessoas que trabalham, que fartam-se de trabalhar para pagar uma casa, para pagar um carro, para comprar um frigorífico, para comprar um sofá, depois chega um marm, conversas é, chega um marmelo qualquer e vem roubar a casa, rouba-lhe a televisão, rouba-lhe o frigorífico ou rouba-lhe o carro, que precisam das coisas, que trabalharam pá, não ta certo, isso não tá certo. E hoje em dia, eu hoje em dia tenho noção disso, eu, eu na altura era criança, né? Eu, eu não, não tinha noção daquilo que tava a fazer, tipo eu queria, eu não a pensar na sociedade, eu tava a pensar em mim, só em mim, no meu bem estar, no meu bolso e pois, eu, eu tava, eu não tava a pensar numa vida que eu podia ter destruído, não sei se a pessoa a que eu roubei o carro, passado Por não ter o carro que foi despedida por minha culpa, eu vou, eu agarrei no carro fui roubar e parti-lhe o carro e ya, o seguro não cobre, entende? Por minha causa se calhar ficou desempregado, deixou de dar de comida aos filhos, deixou de conseguir por dinheiro em casa, se calhar, deixou, deixou de conseguir até pagar a renda, ter um teto. Hoje em dia tenho noção dessas coisas, entende?

P: Sim, ainda bem que já tem essa noção.

R: É que, é que digo, é o que digo há muitos, mesmo lá dentro que dizem assim para mim, “Oh eu quando sair vou voltar a roubar”, há muitos assim, e digo, sinceramente, há muita gente que não tem emenda, vai sair e vai roubar, eu viro-me para essas pessoas e digo assim “Vocês não pensam, eu hoje

em dia sou pai ahn, se eu começar a trabalhar honestamente e tenho um carro e vocês vão me roubar o carro e depois? Não tenho como levar o meu filho à creche, não tenho como trabalhar, como, como pagar a renda de casa, ganhem noção na cabeça”. Pá, para isso vão vender droga, eu digo memo (riso) se querem, se querem continuar na mema vida, né, mais vale irem vender droga pá, venham vender droga, venham fodesse, mas não, mas não vão roubar as coisas às pessoas, entrar dentro de uma casa, que, ta, que a pessoa ta a construir durante anos a vida, chega um marmelo e vai-lhe roubar o ouro, vai-lhe roubar a televisão, vai-lhe roubar o que tem em casa, e essa pessoa fica sem nada, por isso eu digo memo a eles Mais vale vocês irem vender droga, ir vender ganza, ir vender cavalo, tipo... uma coisa é certa também é crime, também é crime, mas não obriga ninguém a consumir, enquanto, enquanto houver consumidor vão sempre de haver traficantes. A culpa não é do com, a culpa não é do traficante, a culpa é do consumidor, se o consumidor vai à procura, vai à procura de oferta, se, se é um dinheiro fácil muitos vão optar por ali, conheço pessoas que, que deixaram de ter trabalho, foram desempregadas e para conseguir pagar a renda de casa, para conseguir meter comida no prato dos filhos só vão vender, porque o estado não tava a ajudar, oo estado não tava a ajudar.

O estado só atrasa, eu vejo isso aqui também pela minha irmã, por tudo, como, como é que é possível, a minha irmã foi agora mãe, ahn, ficou desempregada, ficou em baixa médica não é, o meu cunhado também ficou, por causa do filho e isso tudo, ficou 3 meses sem receber dinheiro do estado..... atão explique-me , 3 meses como é que é possível? E, e quando as pessoas têm direito, como é que é possível, 3 meses, durante esses 3 meses, como, como é que dão comida aos filhos? ahn?.... o estado, o estado por um lado também, também por um lado cria criminosos. não tou a dizer, não tou a dizer que o meu cunhado foi roubar, não é nada disso, não foi preciso, não foi preciso, eles não são disso, são pessoas honestas, são pessoas trabalhadoras, é isso que eu tou a dizer, agora vamos para um bairro social, uma família que tá a trabalhar, tipo tem, depois desta situação de tar 3 meses sem receber, que é um a coisa normal da situação de ter sido mãe, sim a licença de maternidade, o, o, o, ordenado da mãe, teve em casa e isso tudo, e durante 3 meses não recebe, por causa da pandemia, por causa disto que os papéis não foram, que as pessoas não enviaram os papéis à hora certa, o estado isto e aquilo, se for num bairro social, uma, uma, uma pessoa que ta, ta a ver-se assim, tem filhos, tem tudo, o quê que essa pessoa vai fazer? tem 2 hipóteses, ou vai vender droga ou vai roubar, mas não vai ver os filhos a passar fome, de certeza.

É, é essas pequenas coisas que eu me revolta dentro de mim, e que eu um dia, não tá tipo, porque eu já tive em muitos países, já tive na Alemanha, já viajei um bocadinho, também não foi assim muito, também tive mais tempo preso do que na rua, tenho de me tar a é quase metade metade, ahn, mas já tive, e noutros países as coisas não são assim, a Alemanha ajuda muito, se eu tivesse ficado na Alemanha eu se calhar eu hoje em dia era alguém, tinha tirado um curso, tava confortável, não , porque o próprio estado alemão tinha-me obrigado a fazer isso tudo.....tinha-me posto numa instituição. As instituições, na, na Alemanha não são como aqui em Portugal para as crianças, eu levei em ____, eu levei

1 mês, 1 mês de reclusão, eu na altura tinha 15 anos, 15 ou 14, já não me lembro bem..., eu, 15 ou 14 anos... a juíza vira-se para mim e diz-me assim eu não te dou a dar, eu não te tou a pôr em reclusão, eu não te tou a fazer, isto aqui você teve preso, você vai 1 mês preso, isto não vai-lhe aparecer em sitio nenhum, isto aqui é o estado a amostrar aos jovens delinquentes como é que é uma reclusão, é, o estado aqui, o que o tribunal aqui ta a fazer não, tá-lhe a mostrar o quê que é uma reclusão e como é que é um estabelecimento por dentro e como é que são as regras, por isso você vai-se dirigir agora durante 1 mês po estabelecimento jovem, que é para você ver como é que é a situa, como é que é uma reclusão, se você quer mesmo continuar a cometer crimes, entende, tá me a entender? Foi o que lhe disse, eu fiz, eu fiz as, eu tipo, eu fiz essa situação, fui lá cumprir esse mês, sai e fui acompanhado, fui acompanhado, infelizmente come, continuei não era roubar nada disso, era andar sempre maluco, não ir à escola e isso tudo, continuei nisso, e quando o estado chegou ao pé de mim, porque a policia lá se eu não vou à escola vai-me buscar a casa, se eu durante uma semana não vou à escola na Alemanha, a escola liga, liga pa policia e assim “Vocês venham lá ver porquê que o XXXX não tá a vir à escola, há uma semana que não vem à escola”, a policia vem a minha casa, vem-me buscar, mete-me dentro do carro da policia e leva-me para a escola, “tu tens de ir estudar”, e deixam-me na porta da escola e vêm me entrar pelos portões da escola, depois vou à diretora, vou explicar porquê que eu não fui, sou obrigado a explicar e isto e aquilo, e isso tudo, começam a fazer relatórios, O XXXXXX não tá a ir à escola, o XXXX não tá a fazer isto, o XXXX não tá a fazer aquilo, até ao ponto que eles me quiserem institutionazar, é num..., não é como estes regimes aqui pa jovens que eles têm aqui, é tudo, você entra, você entra num, num centro educativo na Alemanha, e aquilo é, é, como se fosse, se fosse um mundo, escola, cursos, tudo, isso somos obrigados a fazer, tirar um curso, uma profissão, somos obrigados a estudar, tamos ali para virarmos alguém na escola, alguém na vida. Eu tenho um amigo meu que foi comigo no memo, no memo, foi também comigo o mês comigo para ____ para uma instituição, para a instituição, foi, tivemos lá, cumprimos saímos, eu vim para Portugal e ele foi para uma instituição, ahn, sabe o quê que ele é hoje em dia faz, ahn? Ele ta, ele tá à frente da, ele tá numa, ele tá a trabalhar na mercedes, é chefe, é chefe, ele é que, ele é que vê, dá a ordem de saída dos carros, dá, dos carros todos novos, é ele que vê se o carro ta apto para andar na estrada, passa tudo por ele, hoje em dia tá bem, tem familia tem tudo, eu não, eu vim para Portugal, cumpri, tenho quase dez anos às costas, o Estado não me ajudou uma única vez..... Lá também há crime, não é, há em todo o lado, há prisões grandes também há tudo, mas, mas, no estabelecimento prisional lá na Alemanha, tu ganhas o ordenado mínimo, é nós tamos a trabalhar em fábricas, ganhas o ordenado mínimo, quando tu saíres tens aquela quantia de dinheiro para adaptar na sociedade, e as pessoas vão te acompanhar, tu só reincides porque queres, uma pessoa na Alemanha só vai reincidir no crime porque quer, porque gosta de levar aquela leva, porque quer uma vida boa, viu? Se não, se não quer, se não quer estar ali com uma vida boa, tares ali no bairro sentado, encostado à parede a vender droga ou a roubar isto e aquilo, pá, o estado ajuda te, tu saís de uma prisão, és obrigado a cumprir as coisas, obrigado a, arranjam trabalho, o estado, o próprio estado, a reinserção social arranja-te um trabalho, têm firmas, têm mil e uma coisas, firmas que o recluso sai passado uma semana tá a

trabalhar nessa firma, que tiram cursos, que tiram cursos dessas firmas dentro do EP, que tão a trabalhar dentro do EP, tão a tirar o curso e tão a trabalhar ao mesmo tempo para aprender o ofício e quando saírem vão ao senhor da reinserção social dizem Olhe fui tirar isto, foi desta empresa, tive a trabalhar lá dentro e isto e aquilo, e ligam para a empresa e perguntam Vocês não precisam de alguém, temos aqui um ex recluso que saiu agora, etc, etc. etc. e é a empresa que diz assim Olha eles daqui a uma semana venham ao nosso escritório que é para a gente falar e para fazer uma entrevista de trabalhos. E aqui em Portugal há o quê?..... Dinheiro para o bolso de alguém.

Eu vou ser muito sincero, eu odiei as minhas educadoras todas, a minha primeira educadora no ep, no ep de Beja, a minha companheira que eu não altura tava junto perdeu ah, tipo teve um aborto espontâneo quando eu entrei preso, tipo, eu, eu tava com com o meu correo, com o meu amigo, tava a chorar, tava todo chateado da vida, todo chateado, tava mesmo chateado, só queria mesmo tar no meu canto, o meu correo tava ali comigo, tava a dizer Mano tem calma, tem calma , e eu calma nada , a educadora vê-me a chorar ahn, manda-me chamar, eu digo ao guarda que não quero ir, o guarda disse “Não, você tem de ir, porque você não tá bem”, e eu fui, bem contrariado, cheguei lá à sala, sentei-me, “Então o quê que se passou, porquê que você tá assim, porquê que você tá a chorar e isto e aquilo”, e eu disse-lhe assim “Olhe porque eu perdi um filho não quero falar mais”, “Ah não me diga, mas, mas olhe se calhar tem um lado positivo, olhe por um lado positivo, assim o rapaz não vai sofrer,” mas isso é alguma coisa que se diga? Eu, um recluso que acaba de perder um filho. Desde esse dia não quis nunca mais falar com a educadora, eu mandei essa educadora para todo o lado, todo o lado, ainda levei participação por causa disso, hum, epá eu tava no meio direito de me passar ali, entende? Não bati em ninguém, não agredi ela, mas chamei-lhe tudo, tudo, tipo, ela não é boa pessoa entende, e fui-me embora, virei as costas e fui-me embora, levei castigo por causa disso tudo, e isso roeu-me, as educadoras eu ia lá tipo, sentava-me Hum, não falava mais nada, “Ah mas isto você”, eu “Não não preciso de nada , já ta?” Arrancava, quando tinha problemas para resolver, coisas que só a educadora podia resolver, chegava lá e dizia “Olhe tenho isto, isto, isto e isto para tratar”. Muitas delas não tratavam de nada, ahn, a única educadora que eu sei, que eu devo muito a ela nesta minha reclusão, é a minha educadora a doutora XXXX, a doutora XXXX cinco estrelas para mim hum, ajudou-me por causa da situação do meu filho, escreveu cartas comigo, que ela não pode fazer isso, escreveu cartas comigo para mandar para o tribunal por causa do meu filho, ela escrevia, porque eu não sei escrever bem... Para o tribunal, ela escrevia num papelinho, dizia isto, isto, isto, isto assim assim, consoante a resposta do tribunal, tu diz isto e isto, assim, assim, assim, assim, tau, tau, tau, “Agora não mandes com a minha letra, passa a limpo”. Eu passava a limpo, dizia o outro “Oh passa ai a limpo que tu tens uma letra mai bonita, passa-me lá esta folha a limpo, isto e aquilo e mete mais uma ou duas palavras ai para não se notar muito ai”, ele passava as cartas e eu recebia respostas, recebia respostas, agora vou-lhe dizer uma coisa, eu tive a escrever, tenho essas cartas todas ai, para o tribunal porque a minha companheira juntou-se com uma pessoa que já teve presa por violência doméstica, eu quando soube disso eu comecei a investigar a ver quem é que é a pessoa, e disse assim

isto vai dar furo, vai dar furo, comecei tipo, ele era ali de cima também de Rio Maior, eu conhecia muita gente ali em Rio Maior e comecei a perguntar ao pessoal “Vejam lá quem é este fulano, fulano, fulano”. Eles quando chegaram ao pé de mim disseram “Não mano, pá, ele já teve preso, ele já teve preso por violência doméstica”, teve no mesmo ep do que eu, por violência doméstica, já bateu na mulher, bateu na filha, fez trinta por uma linha, eu “Ui”. Fui falar com a educadora, foi quando a educadora começou me a ajudar, eu disse “Ah tou aqui com um problema e quero que a CPCJ entre, entre em cima do meu filho que é para acompanhar o meu filho”. Eu não quero, quer dizer, ninguém quer ter a CPJP ao, à perna, entende o que eu tou a querer dizer? Mas eu disse, eu não, tem de ser derivado a isso, eu a escrever cartas para o tribunal, a dizer “Sor Doutora veja-me isso, gostaria que a CPCJ viesse aqui ao EP falar comigo para acompanhar o meu filho, porque o meu filho não vem a visita, o meu filho não vem nada, não sei do meu filho, e eu sei que alguma coisa se passa com o meu filho, que alguma coisa não tá certa”. A juíza dizia assim “Ah eu não acho bem que uma criança venha visitar o pai num estabelecimento prisional”, e aí a educadora tava me a ajudar a escrever, a pedir para a CPCJ vir. Agora no ano que passou, no fim deste ano que passou, a CPCJ manda me uma carta para o EP, liga para o EP mas não fui eu porquê, não foi por minha causa que eles foram falar comigo, foi por o que aconteceu, ela, ela foi agredida, foi vítima de violência doméstica, levou porrada, foi metida toda nua, á frente, à frente da porta de casa toda nua, o meu filho teve doente, ele fechou o meu filho dentro do quarto, ah, e não deixava, não deixava o meu filho tar ao pé da irmã, bateu no meu filho, agrediu o meu filho, fez trinta por uma linha, e ele, ele agora ta preso, tá em Leiria, e, um dia, vou-lhe ser muito sincero, um dia quando o apanhar eu vou deixa lo todo roxo, não o vou matar mas vai levar nos cornos, é meu filho entende?

P:Sim

R: Muita gente pode dizer “Não tens de ter calma e isto e aquilo”, mas não só eu sei o que isto me tá a roer aqui dentro porque eu vi, o tribunal não me ajudou, ninguém me ajudou, quer dizer agora sou eu que tenho de ter calma, então para isso resolvo eu. A CPCJ toda preocupado, ah ligou para o diretor e preciso de marcar uma hora com o recluso, isto e aquilo, porque temos aqui, precisamos que ele assine um papel derivado aqui a uns problemas que se tá a passar, e eu Ta bem. A minha educadora veio e diz assim “Olha XXXX CPCJ quer vir falar contigo”, “Quer vir falar comigo porquê? Eu já não ando a escrever cartas, isso ta tudo, isso ta tudo confinado, o covid e isto e aquilo, eu não ando a escrever cartas, sabe as respostas todas que me deram, eu já não consigo fazer mais nada.”. Eu sinto que alguma coisa não ta certa, eu sei que muita coisa se passou e sei da vida daquele rapaz, eu sei que alguma coisa se tá a passar, eu sou pai, e eu sinto, e não dava para ai, não dava, eu andei muito tempo dentro do ep com aquela sensação que alguma coisa não ta certo, eu não sabia o quê que não tava certo, eu não sabia que era aquilo, eu tinha uma noção o quê que essa pessoa era, mas não tinha, não sabia que aquilo que eu tava a sentir que era, que vinha dali, mas pronto tava tudo bem, mas por um lado sabia, a CPCJ veio falar comigo.....

2ª entrevista- VIDA PÓS PRISÃO E ESTIGMA

P:Eu queria-lhe perguntar como é que foi a sua vida após ter saído?

R:Como é que foi a minha após sair? Pá, tive um filho, tive um filho que agora vai fazer 5 anos, hummm, pronto tive uma vida um bocado atribulada por um lado, mas tive a trabalhar, tive a trabalhar, tive, ummm, a morar ai em santarém, hum..., ao pé de Santarém, em Rio Maior, trabalhei, trabalhei na nobre, também trabalhei, quando tirei a carta de condução, tirei, trabalhei no, numa empresa de distribuição internacional, com carrinha, fiz distribuições, cometi o crime que cometi porque eu entrei de novo, mas foi cá em baixo no Algarve...hum..... tive um ano, tive um ano, tive aquase só 2 anos na rua, também não foi o voltei. Mas também o Estado nada me ajudou, nada de trabalho, nada... nada de acompanhar tão pouco, só me acompanha, só me chamavam uma vez, uma vez por, por mês e era para falar, também nunca percebi falar do quê, se também não me ajudavam em nada. Eu dizia as coisas, e hoje em dia, nada, nada entrou, nada entrou nos papéis da minha situação, até, como você, não sei se chegou a ler os papéis?

P:Li

R:É você e eu, eu mandei moradas, eu tava a viver no Algarve, eu mudei a minha morada lá para cima para Rio Maior, tive, hum..., tive, tive num quarto alugado, mandei a minha morada, depois fui viver para outra casa, mandei a minha morada, sempre mudei as minhas moradas todas, como por lei, como é previsto, que eu sou obrigado a mandar, sempre fiz isso tudo ee nada apareceu no meu, nos meus processos, como você, como você viu. Para eles só interessa aquilo que eu cometi, os crimes que eu cometi e o que eu fiz, de resto mais nada, e pá, foi assim, tive ao pé do meu filho, tive ao pé do meu filho esse tempo todo, trabalhei, tive a fazer por mim, e depois é que cometi um erro, isso foi mal sai, quando eu, tive, eu, eu..., o processo que eu tive preso agora à ordem preso, foi logo mal eu sai, porque eu não tinha dinheiro, tava desorientado, e.... não sabia o que fazer, que eu sai com uma mão à frente e outra àtras, e.... cometi esse crime. De resto...hum..os não me ajudaram em nada, quer dizer, o senhor da liberdade condicional não me ajudou em nada em muito, fui para, fui para fazer testes em Olhão, porque por causa, por causa hum da.. que eu tinha isso no processo, cheguei, eu cheguei lá no, no CAT em Olhão, a senhora pergunta-me, a psicóloga ou a senhora, já não me lembro bem como é que ela se chamava, pergunta-me, “Tão mas você tá aqui porquê?” “Eu tou aqui porque o... o estabelecimento prisional mandou, eu sai aos 5/6, mandou-me que é pa, pa.... Por causa do meu consumo de haxixe”. Ela olha para mim e diz assim “O quê, por causa de consumo de haxixe tu vens aqui? Eu tenho casos muito mais importantes para tratar não é um caso de haxixe”.... E mandaram-me embora, porque, por causa, por causa dos consumos de haxixe, eles..., eles não acham isso, o consumo de haxixe muito, como é que eu hei de dizer? não é muito urgente, não acham urgente com outras pessoas que tão agarrados a heroína, cocaína, ela teve me a explicar mais ou menos, que eu olhei para ela e disse-lhe “Ah, realmente é verdade, tem razão no que ta a dizer, você tem casos muito mais importantes agora a tratar do que o

meu, do que uma pessoa que consome haxixe neste caso”, eu sempre digo, eu memo disse a ela, eu consumo e sempre vou consumir, não é, não é por, não é por aí que eu , que eu vou-me tornar um agarrado ou.... ou um carochinho, a gente, eu podia ter sido se calhar um gajo que anda agarrado se eu não tivesse tido cabeça na cadeia, e mesmo aqui fora, mas sempre tive amigos meus que deram-me isso, sempre vivi nesse mundo, eu eu... nunca me deu aquilo de entrar e para ir experimentar outras drogas, eu gosto de fumar, eu sempre gostei de fumar ganza, o quê que as pessoas querem? Eu gosto de fumar a minha ganza à noite quando estou em casa, tranquilo e... tá-se bem. Ela” Pois mas também é o quê? Para tu vires fazer testes?” E eu “Sim, em principio é para eu vir fazer testes e isso”, ela vira-se para mim “Pá, já me tás a dizer que fumas, já tas a dizer isso, e tu não consumes mais nada, pá, acho que tu não tens necessidade para tar aqui”, e eu fui-me embora. E depois foi como você leu no meu relatório, que eu não..... que eu não me apresentei lá no CAT, não fiz nada, eu é que não quis fazer nada, mas eu tive lá. Pá, mas é assim, o quê que eu fiz mais na rua?... não fiz muito, tive 2 ano, trabalhei, fiz por mim... foi só isso, a mim ninguém me ajudou quando, pós, pós libertação ninguém me ajudou, era isso que você tava se a referir quando eu sai?

P: Sim é isso, e que dificuldades sentiu a nível pessoal, quando transitou da prisão para a liberdade?

R: Adaptação, a adaptação.... A adaptação no sentido de arranjar emprego, humm... e isso tudo, porque hoje em dia pedem registo criminal pa tudo, eu eu... era...foi como disse da ultima vez, que eu ia e dizia logo às pessoas “Pois eu tenho registo criminal, já tive detido 6 anos e 9 meses, por isso não vale a pena, se me, se quiserem empregar me para me ajudarem tão à vontade, mas de resto”.... O meu, o meu registo criminal vai vir manchado, por isso, nem vale a pena levantar e vir aqui trazer, mais vale dizer logo às pessoas, e elas diziam logo “Ah prontos tá bem, você foi sincero e isso, depois a gente entramos em contacto”. Até hoje nunca ninguém entrou em contacto comigo. Pois, as empresas em que eu trabalhei nessa altura, que foi a Nobre e isso, não pediram o registo criminal, ahn, a DPS Express também não me pediu o registo criminal, que tavam a precisar de condutores, e eu como tinha carta há, como eu consegui a carta há pouco tempo, eu tive, o senhor empregou-me na boa fé, e ainda, ainda andei a fazer trabalhos para Espanha, tive em França, tive isso tudo, mas em distribuição dede... aquilo é uma empresa que distribui praticamente tudo pa, pra Europa e intern, é internacional, tudo, pode ser peças de carros, pode ser hum..., moldos, et, pode ser um pouco de tudo, é distribuição tipo a DHL e isso tudo.. faz distribuições, trabalhei lá, trabalhei lá cerca de 4 meses, sim 4 meses e depois fui detido.

Entre em reclusão por causa de, e depois não consegui fazer mais nada, eu falei no tribunal que tinha trabalho, ainda cheguei a escrever para o tribunal a dizer que tava empregado, que tava a ter uma vida normal, e isso tudo, mas essas cartas nunca chegaram a lado nenhum, a bem dizer, nunca ninguém deu valor a essa situação de eu tar a trabalhar, ao, apesar de eu ter cometido um erro, e pronto também já foi que tava como uma condicional em cima, que é mais complicado disso, ninguém me falou acerca dessa situação, depois foi, depois quando eu agora no meio da pena que vim a descobrir a situação toda

que nada, que para eles é como se eu tivesse saído e tivesse continuado no crime, nunca... escreveram nada que eu tinha trabalho, que eu..... nada, nada, nada, zero, tudo o que eu fiz nunca constou nada nos meus processos, a única coisa que constou sempre foi os problemas todos que eu tive lá dentro, e os, os problemas de infância, baseiam-se nisso tudo.

P: Mas tinha contrato com as empregas onde trabalhou?

R: Com a nobre tive contrato e com a DPS, também tivemos, também tive contrato.

P: E o estado não soube? E o sistema não viu?

R: O sistema, o sistema, eu mandei uma cópia do meu contrato da DPS para o, para o tribunal, para o processo de crime que eu fui acusado desta vez, e eu, e, e nunca me deram resposta acerca disso, acerca do papel de trabalho, e que eu, tipo, como eu tinha alguma coisa, como eu... nunca me deram resposta acerca disso, só, só depois do recurso foi quando eu soube que tinha de me dirigir outra vez pó, pó estabelecimento prisional e eu dirigi-me, fui, foi na policia, depois o rapaz lá disse Ah que eu ia preso, mas eu já sabia e dirigi-me, e foi como eu lhe tinha contado na última vez, eu perguntei e ele disse que eu me entreguei voluntariamente e isso tudo e isso nunca apareceu nos meus processos..... ya, é isso, é essas coisas que eu, é essas pequenas coisas que eu não entendo, o quê que as, o quê que eles estão lá a fazer, aonde, onde é que tá onde é que tá a ajuda, vá, vamos falar assim, a ajuda e... também para tarem lá para ajudarem uma pessoa, eles não querem saber, basicamente é isso. Foi nesse ponto que eu cheguei, mesmo agora, também vejo que eles não querem saber, eu tou aqui, a policia era para vir aqui uma vez por semana, pá, uma vez, uma vez por semana tinha de vir aqui e ninguém vem. Tou aqui. Ninguém vem, eu tenho os papeis ai, a dizerem que, ninguém vem, ninguém liga, só o senhor da liberdade condicional por acaso, parece uma pessoa mais ou menos, liga-me e, e ainda me facilita que é para dizer assim “Olha vens aqui a Faro, vens buscar o papel e saís um bocadinho de casa, e depois vais outra vez para casa”. Que assim eu posso sair e tenho autorização dele, ainda me facilita também essas pequenas coisas, eu ligou agora na outra semana para, pa minha irmã, a perguntar se eu tava em casa, é o único que se preocupa, mais ou menos, porque ele tem mais, mais pessoas, eu compreendo, de resto, nem, nem a policia, nem a vi, eu podia sair de casa, mas eu só não saio para, pa, pa não estragar..... o meu percurso, vamos falar assim, de resto, na rua não fiz muito mais, foi um ano e pico, um ano e 6 meses ou um ano e 9 meses que eu tive na rua e..... foi trabalho fui trabalhando, tive no campo e quando entrei. De resto, foi, foi o que eu vi, foi só o que eu, só depois é que eu vi que o estado, e o estado na minha reclusão agora está, já estragou a minha vida toda que eu tinha outra vez.

P: E então, nesse seguimento, acha que a prisão deixou alguma marca social em si? O quê que sente que a prisão deixou em si?

R: Não, raiva, revolta contra o sistema, e cada vez mais revoltado contra o sistema, não é, esse é o, foi a única coisa que me deixou foi revoltado.

P: E então como é que se passou a ver a si próprio?

R: Como..... se calhar um pouco, não posso dizer que isso, se calhar um pouco, interagiu com muitas coisas, estou mais revoltado, tipo, o quê é que..... eu não confio tanto nas pessoas já, mesmo em termos de tudo, hummm, as pessoas em termos de situação de estado.... Que..... tudo, tudo o que baseia no estado eu não confio em nada. O Estado para mim, se o estado vier e tentar alguma coisa, eu, eu não vou responder porque eu sei que por um lado eu não me vou ajudar em nada, e que eles não vão fazer nada, entende? Eles... simplesmente tão lá mas não tão lá para ninguém, se, se, se for para, porque eu vejo também no meu dia a dia, de familiares, de amigos meus e isso tudo, que necessitam de alguma coisa isto e aquilo e o estado mesmo assim não ajuda em nada, e isso deixou-me, deixou-me uma pessoa mais fria em termos de me relacionar se calhar com outras pessoas, com, com, no dia a dia, deixou-me mais frio e mais fechado, vamos falar assim.

P: E como é que a sua família reagiu quando, quando você voltou?

R: Quando eu voltei..., a minha irmã, a minha irmã caiu-lhe tudo, esta minha irmã que eu tou aqui a viver, caiu-lhe tudo, porque o meu cunhado sabia porque eu sentei-me com ele aqui na varanda e disse-lhe Pa eu penso, diz á minha irmã que quando deixares de ouvir de mim é porque eu entrei outra vez em reclusão e... para ir contando as coisas aos poucos à minha irmã, e depois foi quando, foi quando a minha irmã também viu, que, que eu, quando tive fora eu falava com a minha irmã, vinha cá abaixo ao algarve e isso tudo, pá, passava uns dias aqui com eles também, mas a minha irmã estranhou logo, eu se não disser nada pa ela mais do que um mês ou dois. Porque ou, ou tou preso ou morri, é como ela me diz, se eu não disser, se eu não disser, disser mais do que 2 meses à minha irmã, mesmo que seja só a perguntar se esta tudo bem, dizer tou bem, se eu não fizer isso é mesmo já sabe que uma dessas duas coisas aconteceu, ou tou morto ou to preso, e foi quando eu virei de falar que a minha irmã virou-se para o meu cunhado e disse assim “Pá, o XXXX já há dois meses que não me diz nada”, e o meu cunhado vira-se para ela e diz muito rápido “Tá preso, ele teve aqui comigo na varanda, teve a falar comigo, explicou-me a situação e entrou em reclusão”. Quando ele depois contou à minha irmã, pá, acharam estranho essa minha situação de eu não dizer nada, apesar de tudo eu, de eu não falar com o resto da minha família, falo com essa minha irmã, ela preocupa-se comigo que eu sei, que eu também me preocupo com ela, né? Ela é a única pessoa a quem eu digo alguma coisa de mim, que... é ela que... é ela que é minha irmã, ela é, ela é como minha mãe para mim, ela criou-me desde pequenino, eu desde de pequenino que eu sempre andei por baixo das saias e sempre andei atrás dela a correr, e respeito ela muito, respeito ela muito, muito, muito, isso mesmo ao ponto que se ela me disser alguma coisa eu baixo a cabeça, posso ser muito revoltado com todo o mundo, mas ela chega eu baixo a cabeça, pronto, pronto, ela diga-me o que disser, eu vou baixar a cabeça e não vou responder, por respeito e porque gosto dela, neste caso eu amo ela, vamos falar assim, pois, tenho muito respeito e carinho por ela, e ela ficou, ficou de rastos, ficou chateado ao mesmo tempo...e..... pá, só ela é que pode dizer o quê que ela sentiu,

porque eu, a única coisa que eu sei ver é que ela tem um grande carinho, e ver-me outra vez atrás das grades outra vez, a passar outra vez o que eu já passei de 6 anos e 9 meses, ela sabendo tudo o que eu passei lá dentro, e ela sabe a maior parte das coisas, não contei tudo mas.....contei um... esboço vamos dizer assim, mesmo o que eu passei lá dentro esses anos todos, e ela revoltou-se também outra vez por causa.. por causa dessa situação, de eu ter caído outro vez, mas, mas, sabendo que a culpa é minha ela também muito não pode fazer, né?... e também tem os próprios problemas dela, tem a vida dela, tem a casa, tem a casa, tem carro tem tudo para pagar e também não sou aquela pessoa que vai tar a ligar para ela a dizer preciso disto, preciso daquilo, eu nunca fiz isso, comigo o mais que ela fez foi carregar os telemóveis lá dentro, quando eu tinha telemóvel lá dentro, que era o que eu pedia, para carregar o telefone que eu não podia carregar, pronto, de resto..... pá..... foi uma batalha, agora tá me a ajudar desta vez, para ver se eu... se eu me endireito, vá, vamos falar assim, ela é que me esta a ajudar.

Pois, pois, ela agora ta me, ta me a ajudar e também, ela também é a mesma coisa, ela vê-me aqui, vê que eu tou revoltado, que eu no dia a dia tou revoltado, eu tou farto de tar aqui, eu não posso fazer nada, e isso por um lado também ... também revolta um bocado ela, porque ela sabe que eu quero fazer, mas ao mesmo tá, ao mesmo tempo tou impedido. Eu tou impedido, e ela sabe que eu tenho propostas de trabalho, ela sabe que eu tenho um amigo meu que posso ir para a pintura já hoje, se me ligassem e “Olha podes sair de casa para ires trabalhar”, eu ia já trabalhar, a esta hora se fosse preciso, que é também para ajudar aqui em casa, porque eu não sou, eu sou aquela pessoa que eu não consigo tar aqui e tar a ser sustentado por outras pessoas, vamos falar assim, porque por muito que seja a minha irmã, por muito que seja..., seja meu familiar eu não consigo, eu não tenho estomago pa isso, tá a perceber? Tou desde muito pequeno a viver por mim, a fazer as coisas por mim e eu não consigo, revolta-me um bocado eu não poder ter as minhas próprias coisas e tar a ver que as outras pessoas tao a tirar do deles para me dar a mim também, isso revolta-me um bocado, eu..., eu quero ter as minhas coisas, pá, de resto vou me aguentando, ela vai-me dando na cabeça quando pode, vê quando eu tou em baixo dá-me na cabeça, é normal , eu cuido da minha sobrinha, que é a única alegria que eu tenho aqui, a minha sobrinha pequenina, vai chorando, vai berrando e eu vou cuidando dela, não há problema.

P: Acha que a pena, que as suas penas tê afetado a sua família de maneira geral e o seu filho também?

R: O meu filho, e... sim, mas o meu filho tem muito a dizer, porque a relação com a mãe do meu filho e eu é mais uma relação...muito instável, vamos falar assim, eu me revoltei muito porque ela fez coisas muito ... não vi o meu filho a nascer, eu não tive nos primeiros, no primeiro ano de vida, eu não tive a acompanhar o meu filho, porque ela própria não me deixou, eu tive..., eu quando tive lá dentro eu disse-lhe, ela juntou-se com outra pessoa, que também agora ta detido, já voltou outra vez para a prisao, tá preso, voltou outra vez, juntou-se com essa pessoa, e, e o meu filho e ela sofreram de violência doméstica , e eu tive, eu tive mais, mais uma coisa que eu digo, que a gente pede ajuda e ___ isso ainda faz esmorecer mais, eu sabia de praticamente tudo o que se estava a acontecer, eu tinha telefone dentro da

cadeia eu tinha isso tudo, eu sabia acerca dos meus amigos que eu tinha na rua, eu sabia tudo o que se passava ali com ele, eu cheguei, eu disse Pá, juntaram-se os dois, o meu filho, para..., para mim o que é importante é o meu filho não é ela, ela é que fez a escolha dela, ela que se dane, desde que não faça nada ao meu filho, tá se bem, mas esse ponto chegou a acontecer, e eu antes disso, antes disso tudo sucedeu, eu sabia que se ia dar, é aquele instinto que a gente tem, vemos as coisas como são e numa intuição, isto vai dar mal, alguma coisa vai se passar. Eu comecei a escrever cartas para o tribunal, eu comecei a pedir ao tribunal para o meu filho ser acompanhado pela CPCJ, mas as respostas que me deram foi “Pá, o teu filho ainda é pequeno”. Eu para ver o meu filho que tava, trazia o meu filho à cadeia, e ela deixou de trazer o meu filho à cadeia quando se juntou com ele, ahn.. a resposta que me deram ah “O seu filho é muito pequeno não pode ir para um ep, para esses meios, se ele nunca fui a esses meios também não, não deve ir para esses meios”. Eu escrevi outra carta a dizer que ele já tinha tado ai na visita, a educadora até me ajudou, deu-me os papeis e disse-me quantas vezes é que o meu filho teve, teve na visita, teve mais de 14 vezes, já tinha ido à visita, já tinha vindo e isso tudo, e a juíza ficou.... A ultima resposta que ela me deu disse assim “O seu filho ta bem, o seu filho ta bem, se a mãe do seu filho quiser trazer o seu filho à visita traz, se não quiser não traz, ela é que manda, ela..ela é que te... tem de se sentir bem com isso”. Epá deu me com os pés, e depois a situação acerca da CPCJ e isso tudo, a juíza disse “Ah que o meu filho não precisa de ser acompanhado que tá bem”. Passados 3 meses, o meu filho, o meu filho sofreu...hum.. a mãe do meu filho sofreu violência domestica, e o meu filho, e o meu filho foi agredido..... por o.. por o companheiro, por o ex companheiro dela, foi, foi agredido, e eu... e agora o quê que isso me ____, eu tou dentro da cadeia e sei de tudo, eu... eu senti, tava me aqui a sentir que alguma coisa de mal ia acontecer disso, eu pedi ajuda e ninguém me ajudou, como é que, o meu, o meu... a minha revolta contra o sistema ainda se gerou mais, e hoje em dia eu tenho mais revolta contra o sistema, tenho mais tudo, juízes, tudo, eu não confio em ninguém, em nenhum deles, porque eu tentei fazer pelo certo e eles, e eles não quiseram me ouvir, porquê? Porque eu sou, porque eu sou homem, “Ah, ele é bandido”, leram os meus relatórios, “Ah este aqui é ganda bandido, fez isto, fez aquilo, só faz é porcaria e isto e aquilo, nada do que ele diz interessa”. Mas no fim aconte, no fim aconteceu o que aconteceu e isso ainda me, ainda gerou mais revolta em mim, dentro de mim, hoje em dia tou revoltado por causa disso também, porque o meu filho sofreu violência domestica, uma coisa que eu sou incapaz de fazer, bater numa mulher, bater numa criança, seja o que for..., isso não consigo porque acima de tudo a minha mãe sofreu violência domestica e uma das minhas irmãs passou por violência doméstica tudo quando eu era pequeno, isso eu nunca achei certo, sempre achei que se tem de respeitar as mulheres, eu vivi 9 meses dentro da barriga de uma mulher, verdade ou mentira? Pá, temos de respeitar, temos de respeitar, e acima de tudo, se não dá não dá, acabou cada um para seu caminho, com a sua opinião, sou muito reto nessas coisas, não consigo. E isso gerou tudo uma revolta e mais... e mais para tribunais, quando mais eu vejo mais me revolto com.. nesse sentido, e hoje em dia, tipo seu eu for, se nunca mais vou pedir nada disso ao tribunal ou ao CPCJ, etc.etc.etc, se isso acontecer outra vez com o meu filho quem vai resolver sou eu, nem que seja outra vez preso, ao menos ia preso por alguma razão certa,

entende? Eu não vou admitir isso, e a sorte dele é que ele foi preso, a sorte dele é que eu ele foi preso, eu tava à espera de sair e ... bater no meu filho eu não vou admitir isso, não admito, bater nela pá, ela fez a escolha dela, pá também não acho certo, também não acho certo, sou sincero, não é criar a revolta porque Ah eu não tou com ela e por tudo o que ela me fez não, eu simplesmente é escolha dela, eu disse a ela “Tu vais te juntar com ele, vai te acontecer isto e isto e isto”, ela “Ah, não, não, eu sei de tudo o que e passou e isto e aquilo, e comigo nada disso vai acontecer”, “Miga, eu lavo as minhas mãos, eu te avisei e tu não quiseste ouvir, mas o meu filho não, o meu filho não vai sofrer nada dessas coisas, não vai sofrer nada disso”, Ah “O teu filho tá bem não tens de te preocupar,” ahn, e depois aconteceu.

É o que eu digo, eu tou à espera, ele, ele vai cumprir 4 anos e 3 meses e eu vou falar com ele quando ele sair, eu vou falar com ele, porque no meu filho eu não admito que ninguém bata, se o tribunal não fez nada, se ninguém fez nada mas eu vou resolver, que a gente, que eles não tao a fazer nada, ele tem um processo aberto a correr e acho que o processo parou, o processo parou e não foi para a frente, ya, tenho a CPCJ que tá agora em cima do meu filho por causa dessa situação toda, que ela tem mais uma filha com ele e isso tudo, pá, e é o que eu digo, não vale a pena, a CPCJ também pouco faz, já tão aí desde que eu sai... tão ai para vir aqui para eu assinar um papel por quase da situação do meu filho, também não se preocupam em vir, ainda não vieram. Lá em cima na Azambuja todas preocupadas foram lá ao EP falar comigo, quando elas chegaram ao pé de mim e disseram assim “Ah queremos falar consigo acerca de uma pessoa e do seu filho”, “Então o meu filho quê, ele já bateu no meu filho? O quê, bateu nela?eu sei disso, o quê que vocês vêm aqui dizer”, “Ah, mas como é que você sabe isso tudo?” “Antes de vocês saberem, já eu sabia, já tentei fazer alguma coisa para isso”, “Ah mas a gente não temos nada, nenhum pedido seu aqui”, E eu tinha as cartas todas que eu mandei para tribunal e isso tudo, porque isso é tudo acerca, é tudo através do tribunal, mostrei as cartas todas, elas tiraram fotocópias, “Ah realmente você já sabia que alguma coisa se ia passar, ou alguma coisa se passava”, “Obviamente que eu sabia, fui por isso que eu pedi ajuda, mas o Estado e isso tudo não quiseram ajudar ninguém, eu sou bandido, eu sou preso, eu sou detido, sou um delinquente, para isso vocês só vêm isso, pois, vocês não vêm mais nada”, “Ah você não pode pensar assim”, “Não posso pensar? então como é que eu vou pensar, agora diga-me, agora diga-me você”, eram duas senhoras, “Digam-me vocês as duas, como é que eu vou pensar acerca do Estado, depois, depois de tentar fazer alguma coisa e nada, mais vale fazer justiça pelas próprias mãos”, “Ah isso tabem não é assim, não é bem assim, você, “Onde é que o Estado me ajudou?”, “Ah, a gente vimos aqui acerca de falar do seu filho”,” Mas é acerca do meu filho que tou a falar, é acerca do quê que o Estado me ajudou em relação a saberem o que se estava a passar”, “ Ah a gente também não sabemos responder a isso, a gente tamos aqui por causa de uma queixa que fizeram, e agora tamos a acompanhar o seu filho”, “Ah, fizeram uma queixa, então o que eu tava a pedir não valeu de nada?”. Pois, pois, pois, tudo o que me souberam dizer foi pois, pois. Agora tava a perguntar o quê que faz? Isto revolta, isto tudo só, só gera mais revolta em mim, entende? Pronto, é essa situação, eu revoltado estou.

P: E como é que ficaram as suas relações? No tempo em que estive cá fora, manteve as relações que tinha previamente, tentou fazer novas, relações sociais de uma maneira geral?

R: Relações sociais, ché, tive, pá, estive..., cheguei ao ponto que a gente não tem mais amigos, a gente já fez tanto proble, a gente já fez tanto por muita pessoa, já ajudei tanta pessoa e agora quando se toca a mim, agora tou nessa situação, quando se toca a mim tão se a cagar, desculpe as palavras que eu tou a usar, mas a amizade é uma bola de neve, é interesse, há de tudo interesse, eu, eu amizades todas que eu tive, só tenho uma, duas, vá, foi uma que eu fiz lá em cima, que é o meu amigo____, que esse aí fez trinta e uma coisas por mim, quando eu tive preso e quando, mesmo, mesmo agora, agora quando eu tou na rua, ajuda-me se eu precisar de alguma coisa, ajuda-me, e é mais este rapaz aqui, que, que me quer dar trabalho quando eu sair, e essa situação toda, também já é, já é uma amizade desde infância, já nos conhecemos desde a infância, já fizemos muita coisa juntos, já fizemos muita doideira juntos vá, vamos falar assim, curtir, brincadeiras, andar de um lado para o outro, pá.... ele... ele escolheu outro caminho, a gente erámos, erámos crianças e fizemos muita porcária né, mas depois ele escolheu outro caminho, ele meteu-se na pintura, começou a trabalhar, abriu a empresa dele e isso tudo, e conseguiu-se endireitar, eu foi a situação que eu entrei preso e..e a minha vida desmoronou toda.

P: Como é que gere o seu cadastro? É algo que partilhe ou prefere manter em segredo?

R: O meu, depende das situações.....do meu cadastro depende, eu também temos de ver o meio em que a gente estamos, se tivermos num meio social ..de.. pessoas mais requintadas e... nunca vou falar, porque vou sempre.... Esconder essa parte, se for agora amigos, dia a dia isso também não falo muito, se calhar um ou dois é que falo, ou que já tive preso ou que fiz isto e aquilo, mas pessoas que sabem que vão vir a entender, e depois vou falar que as pessoas que vão vir a entender é as pessoas deste mundo, que façam é crime, é bandidagem e isto e aquilo, prontos, as outras pessoas ninguém vai entender, vão olhar para mim, vão ver um criminoso, um ex recluso... e...népia não me vão dar...vão se fechar se eu contar isso, se eu contar esse, se eu contar esse meu lado vão se fechar, imagine uma pessoa que eu conheço agora eu não vou dizer” Epá, eu já estive preso e isto e aquilo”, essa pessoa vai dar a volta e dizer “Ui este já teve preso, pá, tenho de ter cuidado”, pá afeta muito nas relações e nas amizades que a gente pode fazer agora, trabalho, isso afeta muito, isso também é uma coisa que se tem de guardar, pá.

P: Mas já alguma, já alguma vez sentiu que foi tratado de maneira diferente depois de ter partilhado que tinha cadastro criminal? Ou é mais o receio?

R: Humm, já, já senti, já senti e foi quando sai da minha primeira vez, eu fui, eu fui tratar hum... fui tratar de para receber do Estado, mas depois também deixei de ir mais, porque me fartei, por causa das pessoas também de olharem de lado e isso, para receber alguma coisa do estado, porque eu sou desempregado e isto e aquilo, eu fui, fui tratar disso, fui lá a cima, tava a falar, a senhora viu que eu tinha, tava a falar na boa comigo, viu que eu tinha estado preso, preso, e “Você já teve preso?”, ”Sim, eu tou a tratar por causa disso, sai agora da reclusão”, “Ah, ta bem, ta bem”, depois mal falou comigo,

falou comigo para por no computador e “Ah, você depois venha aqui, venha aqui daqui a uns dias, que a gente depois liga”. Até hoje ninguém me ligou, também, o que é que as pessoas mudam muito facilmente e coiso. Também já tive situações, tipo, conhecer uma pessoa e essa pessoa não saber que eu tive preso, soube por outras pessoas e afastou-se, derivado a essas situações, porque hum.. é de Como é que hei de dizer? Pessoas de posses, que têm alguma coisa, que têm familiares que são bem na vida e isso tudo, também deixam, deixou de falar comigo, por, por causa também dessa situação, por receio, as pessoas têm receio, é normal, por um lado eu também compreendo isso, da parte de muitas pessoas, a pessoa tem receio, sou isto, sou ex detido, hum.., tive preso, já fiz mil e uma coisas, as pessoas têm medo também por causa dos seus bens, por causa das suas coisas, têm medo que lhes possa acontecer a elas, que faça algo, eu entendo isso, às vezes as pessoas.

P: Então acha que essas pessoas acabam por o definir pela sua condenação?

R: É pois, tao me a condenar duas vezes, tão me a condenar duas vezes, mas pronto eu vou levar a mal essas pessoas porquê? As pessoas não têm culpa, essas pessoas estão inseri, essas pessoas estão inseridas na sociedade e são pessoas normais, eu não, eu tenho um registo criminal grande, vamos falar assim, desde pequeno até agora, as pessoas sempre vão ter medo.

P: Mas então acha que pessoas com registo criminal não são normais, não são vistas como normais, é isso?

R: Sim, são essas palavras que você usou, não são vistas como normais. Por isso cabe a nós, também saber falar o quanto falar e com quem devemos de falar. Essas pessoas também não precisam de saber tudo, é essa a situação. É como eu vivo, como eu vivo com o cadastro vamos falar assim.

P: E para além do trabalho, acha que o seu registo criminal impediu o acesso a algum outro serviço público, casas ou apoios?

R: O trabalho mesmo, os trabalhos, que eu pedi, pediam, pediam registo criminal, e não davam entrada. Trabalho se calhar uma coisa que eu podia vir a fazer, e podia vir a fazer bem, as pessoas por causa dessa, dessa situação tiveram medo, mas prontos é o que eu digo, eu vou, eu também compreendo as pessoas, tenho um negocio, agora vou empregar um ex, um ex recluso, um ex criminoso, pá nunca vão confiar a cem por cento, vão sempre tar com um pé atrás, vão dizer “Pá, eu com o negócio que eu tenho, por mim, que nunca fiz mal a ninguém vou empregar uma pessoa destas, esta pessoa vai ver que eu tenho isto, isto, isto ou aquilo, chegar a um ponto que vai fazer clique na cabeça dele e vai-me roubar também, eu vou ficar _____.” Epá, eu por um lado entendo as pessoas, e é difícil, e se calhar se eu me puser no sit, no lugar delas, não é me estarem a meter num canto, mas sim com medo dos próprios bens delas e das coisas que elas já conseguiram uma vida toda, depois, depois chega pessoa ali e tira as coisas assim. Já viu, pessoas...por causa de assaltos, pequenos assaltos e isto e aquilo, tiram, têm medo dos negócios irem à falência, não conseguirem andar para a frente é o trauma que fica...etc.. é, é muitas

coisas, e por um lado eu compreendo essas pessoas... epá... é um mundo injusto, é o peso da balança, é como eu digo, eu sei que tive errado a minha vida toda mas também não posso tar a julgar todas as pessoas... por... por terem o medo, porque as pessoas vão sempre ter o medo. É como eu agora, agora começo assim, tou aqui, eu quando era mais puto puxei uma mala, eu, eu.. só queria era puxar a mala, eu tou lhe a dar um exemplo, eu só queria era puxar a mala, mas nunca pensei o quê que aquilo poderia ter deixado a essa pessoa, entende? O medo, uma senhora mais, mais idosa, medo de andar na rua e andar com a mala já agarrada porque já sofreu, entende? Já sofreu psicologicamente, as pessoas vão ficar afetadas a vida toda, eu.., vou um marmelo, chegar ali e puxar a mala, entende? Já vi muitas coisas dessas, ou por um marmelo ter entrado num sitio onde uma pessoa ta a trabalhar numa caixa, ou.. ou de arma em punho e assaltar a loja... a pessoa fica sempre com medo nessa situação, vai sacrificar muito, vai mexer muito com o psicológico dessa pessoa, e essa pessoa nunca, nunca mais vai ficar a cem por cento na vida, vai tar sempre com aquele receio, pode tar ali a trabalhar mas vai sempre tar com receio.... Que... dia menos dia pode entrar outro e fazer a mesma, e vão outra vez passar por aquilo tudo, por aquele trauma, as pessoas ficam com um trauma, eu compreendo isso, aí, aí é que tá, eu não sou burro ao ponto de não compreender o lado, de não compreender o lado das vítimas, eu sempre compreendi também o lado das vitimas, entende? É por isso que eu não posso julgar uma pessoa que não me queira dar emprego, não posso tar a querer julgar uma pessoa que tem o seu negocio, mas ao mesmo tempo eu tou a pedir trabalho, mas ao saber do meu registo criminal vai ter medo, porque... porque são coisas que marcam as pessoas né, e também têm medo de sofrer depois, depois e perderem o que é deles, eu compreendo, eu compreendo essa situação, é difícil.

P: Mas, parece um bocadinho injusto não é, porque é um bocado uma faca de dois gumes, porque as pessoas, as vitima sofrem, mas também me parece que pessoas na sua posição acabam também por depois sofrer no processo de readaptação?

R: Sim, claro, isso é certo, mas isso é certo, mas o processo de ah, como é que você disse, desculpe lá que eu não sou bom com essas palavras, sim a readaptação, hum.. não é ... cabe à gente, mas também não cabe a essas pessoas, não cabe a essas pessoas me quererem readaptar, elas não têm culpa daquilo que eu fiz, quem devia de fazer isso, nós dois sabemos quem é..... é o estado. O Estado tem trabalho, o Estado tem para varrer ruas, o Estado tem mil e uma coisas que podem empregar os reclusos nessas, nessas situações, é o Estado, que é o dever do Estado, é sa... é se aquela pessoa não se reinserir na sociedade, se cometeu um crime não é, o Estado é que deveria de ajudar, não é essa pessoa, ao fim, ao fim de 6 anos e 9 meses, como eu sai, que tive de correr atrás de tudo o que é, quê, prontos, é minha obrigação tentar, é a minha vida normal, o estado também cem por cento também não tem a culpa em tudo, né? Vamos falar assim, mas cinquenta cinquenta o estado tinha de tar lá..... a acompanhar, a mostrar, a dizer assim Tão conseguiste alguma coisa, não conseguiste, olha vamos ver aqui no Estado se vais varrer ruas, se tas interessado, se tens carta de condução, fazer jardinagem e isto e aquilo para o Estado e isto e aquilo, pelo menos para adaptar essas pessoas nos primeiros tempos, porque tar a tirar

uma pessoa de, de um EP, vamos falar assim, um EP onde teve 6 anos e 9 meses fechado não têm...que viveu naquele mundo, que... só vê bandidos de um lado para o outro, aprendeu só aquilo, aprendeu só, só tá ali a aprender, muita informação, mas é gerir muita informação errada, e o Estado não ajuda a..., não ajuda tipo, se, se um, se o recluso tá em, como é que se diz, se o recluso tá a captar muita informação errada, dentro daqueles estabelecimentos, dentro do sistema está a captar, porque o sistema, o Estado não ajuda a captar coisas boas...pá, tem coisas boas, podes tirar um curso, podes ir para a escola, podes fazer isso tudo, é que eu quis fazer isso tudo, mas o estado, o próprio estado é que não viu, “Ah o teu cartão de cidadão não tá, não tá renovado, já caducou, tu... não temos o processo a tua escolaridade”, e, e isso tudo entaves, então eu depois virava me e dizia assim “Então, expliquem, expliquem me uma coisa, se isso é tudo um entrave, vocês precisam dos papéis, eu tou aqui há 6 anos e 9 meses sem visitas, não tenho visitas não tenho nada, atao vocês como é que querem que eu venha arranjar estes papeis todos, se eu estou nas vossas mãos, são vocês que têm de arranjar esses papéis, esses papéis todos, se eu tivesse inserido na sociedade, se eu tive um cartão de cidadão, se eu tenho cartão de cidadão, se, se, eu não tou dado como contumaz, se, seu eu tenho cartão de cidadão, tenho tudo, vocês têm que ter a informação toda acerca de mim desde o meu primeiro ano de vida”. “Ah a gente não temos essa obrigação”..... ché e continuei assim. Hummm, rala que se lixe, vou me fazer à vida, é essas pequenas coisas entende? E depois também foi, é a necessidade que eu tinha também, houve uma vez, em que ou ia estudar....ou ia tar, ia tar na ala para ter as minhas próprias coisas, ou ia passar mal e ia estudar, ou, ou... tentava-me viver no mínimo, com as minhas condições mínimas para me sentir confortável ou estudar, mas depois, mesmo querendo ir estudar eu tinha um entrave, era o meu cartão de cidadão, era que eu não tinha, não tinha o coiso da minha escolaridade, o registo da minha escolaridade e isso tudo, tá a entender? Isso são tudo entaves, o quê que eu faço?

P: Então o quê que acha que faltou para o ajudar a readaptar à vida cá fora?

R: O quê que me faltou? Não me faltou nada, porque eu tentei fazer as coisas todas por mim... Eu tentei fazer por mim, eu consegui, eu consegui arranjar trabalho..., eu consegui isso tudo. O quê que me faltou? Eu, eu quando sai, ao principio, a primeira vez eu sai com uma mão à frente e outra atrás, sabe o que me faltou, apoio de alguma, de alguma maneira para não reincidir outra vez para o mesmo sitio. Prontos, eu reincidi, eu cometi o crime que cometi, mas depois passado dali eu já não, eu fui arranjar trabalho, arranjei trabalho, fiz coisas por mim. O que falta só foi força de vontade para muitos para terem alguma coisa, se não tiverem força de vontade também não vao ter nada, pronto, é, foi isso, tipo cometi o crime mas depois também pensei assim Fogo, pera aí, eu tenho de ter força de vontade pa não voltar à mesma coisa, apesar de estar tudo a correr mal eu não posso tar a culpar e tar ai a roubar os outros, prontos, tenho de fazer alguma coisa por mim, e pá foi quando eu, foi quando me caiu a ficha e eu disse Não sou eu que tenho de fazer por mim, não é ninguém, sou eu, sou eu que tenho de andar para a frente, porque se não for eu a andar para a frente também ninguém me dá encosto. Foi o que eu fiz, e eu comecei a andar com a minha vida para a frente.

P: E acha, o quê que acha que o ajudou nessa transição?

R: O meu filho também contribuiu muito para isso, mas também com, mas também contribuiu muito pa, para eu me desorientar mais, vamos falar, vamos falar assim, por causa da situação, da minha relação entre, com a mãe do meu filho, ya, pronto, também me desorientou muito, porque não me deixava ver o meu filho, não me deixou acompanhá-lo, e isso desorientou-me muito, porque eu sempre quis ser um pai presente, eu desde o meu primeiro ano de vida eu, eu nunca tive o meu pai presente na minha vida, nunca quis fazer isso, e ela soube muito da minha, também por muito isso ela também tentou me castigar muito, entende o que eu quero dizer? Ah não é como eu quero então não vai ser assim, ela queria muitas coisas à maneira dela e isso mexeu muito com a minha cabeça. Também foi, foi se calhar o rastilho que foi para eu perder a vontade outra vez, de me endireitar, né, não tou culpando ela, não tou culpando ela, mas foi, foi.., foi um rastilho, ajudou, ajudou a pegar fogo à, à minha cabeça vamos falar assim, e cometi o crime, mas depois daí para a frente foi quando eu comecei a pensar, foi com o nascer e tudo, eu também pensei um bocado, pá, porra o meu filho, se eu continuo nesta vista o meu filho vai seguir as minhas pesadas, porque.. porque por muito que a gente não pense.... Que não queira saber, a gente vê que hum... que o pai sempre vai ser o ..ah...aquela figura que tá presente, e depois ele vai ver “Ah o meu pai andou no crime, o meu pai, o meu pai, o meu pai tem motas, o meu pai tem carros, o meu pai tá bem, o meu pai tem dinheiro no bolso, ah o meu pai”e ele vai querer entrar para o mesmo mundo do que eu, porquê? Porque acha fascinante, porque eu tenho tudo, porque eu posso ter, a gente nesse mundo, a gente é capaz de ter tudo, se a gente tivermos cabeça e... sabermos andar nesse mundo, a gente vai, a gente pudemos ter tudo, o que a gente tamos é como eu disse eu tive motas, tive carros, tive tudo, tive tudo e eu nem, nem 18 tinhas, eu cheguei a ter 2 carros à frente da minha porta, cheguei a ter 3 motas em frente da minha porta, uma motocross, uma :_____ e, e outra de passe para a estrada, eu cheguei a ter tudo, e... eu cheguei a ter um império, vamos falar assim, mesmo um império dos meus bens, e esse, e esse é que foi o meu grande medo, porque eu quando era pequeno olhei muito para os grandes também, a dizer Fogo, ta bem, anda a vender droga e tá fixe, anda a roubar e tá fixe, e quis entrar na, no mundo entende? E eu, eu não quero isso para o meu filho, eu quero que o meu filho estudo e seja alguém, teja trabalho e esteja na sociedade como deve de ser e tenha uma família, e que seja, seja feliz, não quero, não quero que ele siga as minhas pisadas, cadeia, cadeia e mais cadeia e crime, sujeito a apanhar uma bala, sujeito a ser esfaqueado como eu já fui, sujeito a muita coisa entende? É essas, é essas situações todas aí que eu não quero para o meu filho, não quero meter o meu filho humm... ele no meio de brigas, onde é faca, tiro, e..... é esfaqueado, ficamos ali no chão a esvair-te em sangue, e, e muita coisa passa por ti, entende? Essas cenas, essas pequenas coisas, eu não quero isso para o meu filho, também foi um dos meus cliques, também não querer... querer fazer alguma coisa, entende?

P: Qual era a sua expectativa quando saiu para a sua reintegração? O quê que achava que ia encontrar cá fora, depois de tanto tempo sem sair?

R: (riso) eu se quer que seja sincero, quando sai o primeiro deu-se igual, foi, passados 6 anos e 9 meses a mim meteram-me em frente da porta em, em vale de Judeus? Sabe onde é que é? Em vale de judeus, ali no meio do nada, é ao pé, ao pé de santarém, é a 75 kms de lisboa, aquilo no meio do nada, sai com mais um que ficou a olhar, eu não fiquei a olhar à volta, e virei me para o chefe Oh liga ao táxi que é para eu, eu arrancar.....e... e para mim foi como se tivesse tivesse na rua há dez anos, não sei porquê tipo, não foi, não foi aquela, aquela cena em que muitos saem e dizem “Ohhhh, tou na rua”. Eu saí, e... e sabia que a partir dali tava por minha conta, eu não podia, não podia tar a perder tempo a dizer assim eh, tou na rua e isto e aquilo, foi logo é.... Eu fiz tudo sozinho praticamente, vim desde lá de cima até cá abaixo, vim sozinho....vim de táxi, vim de transportes públicos para a Azambuja, da azambuja fui para o oriente, para a gare do oriente, para o oriente, do oriente para sete rios, eu para mim foi como se eu já tivesse a fazer aquilo há dias, hum..., não foi como muitos ficam que “Ai, que é outra coisa”, eu quando sai foi um alívio, a única coisa que tive foi um alívio, saber que não tinha 4 paredes à minha volta e que podia fazer o que quisesse, pois, foi só isso. Pá, não foi aquele AHHHH tou solto, finalmente, eu sabia que ya que me soltaram, a lei obrigado, 5/6 se o juiz obriga tiveram de me por na rua, pá, não esperei nada de ninguém.

P: Mas achou que ia ter dificuldades, no, em arranjar emprego, era algo que já tinha pensado ou era algo que ainda não tinha considerado essa hipótese?

R: Na, na, isso, isso eu já sabia, isso eu já tinha noção que eu ia sair e não ia conseguir arranjar emprego assim muito fácil, só nas obras e coisas assim, e...hu..... eu tentei me fechar nesse mundo de agora o quê que eu faço, ya, pá e agora, se eu cometesse uma, ali, a pensar assim se calhar ia ser pior para mim, e eu ia ficar mais desequilibrado e ia, ia ficar se calhar com menos motivação para muita coisa, eu não me deixei desmotivar a esse ponto..... porque passado 6 anos e 9 meses lá dentro, sem esperar nada de ninguém, eu também não, eu passando 6 anos e 9 meses lá dentro, também não ia esperar nada de ninguém cá fora, se eu não esperei lá dentro como é que eu vou esperar cá fora? Entende? Mas isso eu já tinha noção na minha cabeça que se o Estado, vai se o sistema não me ajudou lá dentro, lá fora também não me vai ajudar, é....

Mais rápido eles ajudam a pôr-me outra vez lá dentro, eu passei, eu passei a ser novamente um número entende? É o que eles querem é números, que se há mais números a entrar melhor para eles, é como agora, soltaram mil e tal presos, para eles é, para eles é como se fosse outra coisa do outro mundo, né? Mas soltaram mil e três presos mas quantos é que já foram voltar a entrar outra vez, está a entender o quê que eu tou a querer dizer? É que os números nunca são reais, é o que eu digo, os números, muitos números, olhando para dizer que só há onze mil presos em Portugal, agora que soltaram mil e tal, prontos, soltaram mi e tal, desde o ponto que soltaram mil e tal quantos é já voltaram a entrar outra vez? É que todos os dias ta a entrar gente, de norte a sul de Portugal, todos os dias vai vir entrar um preventivo, todos os dias ta a entrar alguém por multa, todos os dias, saíram mil e tal se calhar até agora já entraram

mais...mais seiscentos e tal, outra vez, por isso as contas estão iguais. É por causa disso, eu não espero nada, não espero nada memo.

P: Assim, para terminar só mais algumas questões. O quê que, que significado é que atribui à prisão?

R: Que significa é que atribui, é que atribui ànão tenho significado para isso, tristeza, é o significado que tenho para a prisão, tristeza, não tenho mais nada, uma escola, aquilo é uma fá, aquilo não é uma escola, aquilo é uma faculdades mesmo, para o mundo que eles estão a meter as pessoas lá dentro, aquilo é uma faculdade de criminosos, uma fábrica de fazer criminosos, isso é que é prontos, uma fábrica de fazer criminosos.... Entro lá por ter roubado um carro, saio de lá a aprender a ligar carros....pois, aí é que tá, entro lá por um nada, aprendeu a ligar um, um fiat punto com uma chave, com uma nicha, não sei se sabe o quê que é, pronto, vai uma colher de café tá a ver, sabe qual, sabe qual é que o carro o fiar punto, eu ligo um fiat punto com uma colher de café....prontos, é um carro bem antigo, e entrei lá agora se for preciso eu sei ligar, eu sei ligar o carro desses novos com um telemóvel, é a diferença, e com um cabo, é uma escola, é uma faculdade, aprendi, aprendi mais, a mais, aprendi mais, aprendi, ganhei mais contactos, hum..ganhei mil e uma coisas, ganhei contactos para mil e uma coisas, se eu antigamente andava aqui a roubar um plasma, a roubar uma máquina de café, hoje em dia eu tenho compradores pá tudo e mais alguma coisa, de A até Z, entende? Eu formei-me, vamos falar assim, eu por um lado formei me mais ainda.

P: E acha que existe algum preconceito face às pessoas que acabam na prisão?

R: Como sabe o preconceito há, há muito preconceito acerca da prisão, mas é normal né, pessoas que fazem mal, há pessoas que são bem, que estão inseridas na sociedade, na sociedade e que vêm a prisão como um castigo, e para elas todos os bandidos deviam estar lá.....né..... está a entender?

P:Então, as pessoas ex reclusos acabam por ter oportunidades de vida distintas das que não passaram por uma pena de prisão?

R: No fundo, sim, discriminado, mas é como eu digo, pá, há pessoas que estão na sociedade, são pessoas que trabalham e isso tudo, que nunca cometeram um crime, né, obviamente, hum...tipo uma pessoa que anda numa sociedade e só anda a cometer crimes e isso tudo, uma pessoa dessas vai querer essa pessoa entre outra vez, que ve, que venha preso porque não está a fazer bem à sociedade, entende? Ahh... isto é que é o mundo injusto, isto é o mundo injusto, é, é como lhe disse, se houvesse ajudas, se calhar para ajudar as pessoas que estão lá dentro, as outras pessoas cá fora se calhar já tinham outra opinião, muita, muita coisa, se calhar uma taxa de cem, de vá cem reclusos que saiam para a rua..hum... noven, vá noventa voltam todos outra vez a cometer crimes mas dez não, entende? Mas se houvesse uma taxa, uma taxa, imagine de... de cem reclusos que saem para a rua, quarenta vão, vão, quarenta vão voltar a ser, se os outros não voltassem, se calhar as pessoas iam ver, iam ver as coisas de outra maneira e iam querer ajudar mais. Não sei se fiz-me entender.

P:No fundo, está a dizer que é o próprio sistema que molda a ideia que as pessoas têm dos reclusos?

R: Sim, no fundo sim, só estão a por nos lá dentro, em vez de nos ajudarem, não, não, mas dizem a gente prendeu mais um criminoso, e depois os jornais, o telejornal, o telejornal...isso também ajuda muito a um preso, as notícias podem, podem ajudar a dizer ah aquele cometeu um assalto, e isso ajuda muito, imagine, se oeu cometi um crime, poderia vir a levar ah.. 3 anos por esse crime, vá, que é a pena mínima, mas como saiu nas comunicações sociais, como está a ser um caso mediático,, eles não tao a condenar o.. por o certo, eles tao a condenar por terem____, as pessoas querem que eu seja condenado, o Estado está a passar nas media e isso tudo, e está isso, Ah este passou, ah este tem de ser condenado, ah fez isto, fez aquilo, fez __-, fez assado, e aí os próprios juízes vão condenar mais derivado à opinião publica, entende.. isso tá tudo, isso é uma bola de neve. Eu também já nem sei, só sei é que eu agora quero é livrar-me disto e ir-me embora daqui, ir-me embora de Portugal, que Portugal já não dá para mim.

P: E então, onde é que se vê no futuro? Qual é a sua ambição?

R: A minha ambição é eu voltar para a Alemanha, ou voltar, ou ir para a Suíça, como disse, como disse antes, sair do país e ir para outro país, *whatever*, desde que seja longe de Portugal, Portugal não dá, para mim já não dá, com o registo criminal que eu tenho com tudo, porque imagine, eu já vi casos desses a acontecer, imagine se agora aqui à frente da minha porta é cometido um crime né, eu se vou passar ali, mas não fui eu, mas se a policia vê, apanha-me a mim ou uma testemunha diz Ah parece ele, eu vou ser condenado mesmo que não tenha sido eu a cometer o crime, eu vou ser condenando derivado ao meu passado, e esse é que é o meu grande medo aqui agora em Portugal, é eu, é eu estar a fazer a minha vida normal, e depois vir alguém, vir, vir porque sou parecido, porque sou parecido ou porque foi as mesmas maneiras de operar, as maneiras como os crimes são cometidos são idênticas, eles vão me buscar a mim para por no reconhecimento, ou vão me culpar a mim porque vão dizer que são as mesmas maneiras de operar, entende? Esse é que é o meu grande medo.

P:Tem medo de ser definido pelo passado?

R: Claro e não tar a ser punido pela coisa certa, uma coisa, imagine uma coisa que eu não fiz mas eles vão me condenar derivado ao meu passado, mas não fui eu que fiz. Eu já vi casos assim, amigos meus que estão lá dentro, que chegaram a cumprir pena e voltaram outra vez por causa de um reconhecimento que a senhora disse “Ah talvez foi ele”, e bastou para ir a tribunal e para ser condenado, Ah mas como você foi, mas como você já foi preso, você o seu passado, já cometeu crimes, já cometeu crimes idênticos, mais ou menos da mesma forma, foi você, e metem ele outra vez lá dentro. Esse é que é o meu grande medo nesta sociedade.

P:E em relação ao seu filho, qual é a sua expectativa?

R:O meu filho, dar uma vida melhor. A expectativa do meu filho é dar uma vida ao meu filho e para o meu filho não seguir as minhas pisadas, acima de tudo é isso, por causa disso também quero sair do país, para o meu filho não.....nao ouvir falar muito de mim e do tempo que eu estive em Portugal.

P:Mas tem receio?

R:Tenho, tenho, obviamente, porque eu já fiz muita coisa, já fiz, já fiz muita coisa, eu, eu sou muito conhecido, vamos falar assim, o meu nome, derivado a eu estar 6 anos e 9 meses preso e agora mais esta reclusão, o que eu já fiz dentro da cadeia, o que eu já perdi na rua, a pessoa que eu já fui na rua também, o meu nome aqui, hum..., eu se for o XXXX, eu dentro da cadeia sou conhecido como o XXXX, e basta vir aqui à minha zona e perguntar por mim que toda a gente me conhece, entende? É isso, é esse que é o meu medo, o meu filho ouvir o meu nome e as outras pessoas falarem de mim “Não, o teu pai era ganda gandulo, teu pai fez isto, o teu pai isto, o teu pai era assim”, e ai, eu..., vai ganhar um nome, né? Vai querer “Ah o meu pai era assim, o meu pai era maluco, ele isto”, e para ele isso pode vir a ser certo, e para mim esse é que é o meu maior medo, e eu não quero, se eu imigrar, se eu começar a , não basta imigrar, mas se eu começar a fazer a minha vida de maneira diferente e dizer assim, e se o meu filho ouvir essas coisas e dizer Oh pai eu ouvi falar de ti assim assim, e eu sim, o pai era assim assim, mas agora aconteceu isto e isto, e o pai mudou por causa disso que o pai estava a cometer, porque eu tive de mudar, se não ia parar sempre ao mesmo sitio, foi muito tempo fechado e isso eu consigo-lhe explicar a ele, mas se eu continuar na má vida o quê que eu vou explicar ao meu filho?

P: Então também tem algum receio que ele seja discriminado de alguma forma?

R: Sim, também tenho muito receio, e mesmo, mesmo agora na escola e isso tudo, as pessoas não sabem que tive preso que fiz tudo, é esse, a creche neste caso, também não sabem, tipo, sabem que eu sou o pai, sabem que ele tem um pai e isso tudo, mas pensam que eu tou cá em baixo e não lá em cima, não sabem que eu tive preso, etc. ou isto e aquilo. E também, também não quero muito dizer, não quero que saibam muito, entende? Que é para o meu filho não ser se calhar tratado de maneira diferente, eu tenho medo disso, dessa situação.

P:E se isso acontecer, como é que acha que vai gerir?

R: Vou ficar revoltado, vou ficar revoltado, porque o que eu fiz ta a afetar o meu filho, o crescimento do meu filho, as escolhas do meu filho, o que ele pode vir a fazer, e não deixarem, darem entraves, meterem uma parede, cada vez que ele tentar abrir uma porta fecham uma porta, entende? Esse é que é o meu medo, derivado ao meu passado. Deus queira que isso não aconteça.

P:Espero que não.

R: Não, também não vai acontecer que eu não vou deixar.

P:Tenho mais uma pergunta, é capaz de ser mais difícil mas eu vou perguntar, como é que percebe o significado da sua infância, que foi um bocadinho difícil, e adolescência, como já conversamos da outra vez para a sua vida atual?

R:Pois, como, que influência teve? Eu crescia revoltado, com tudo, com as condições e o com o que eu via as pessoas a fazerem à minha volta, eu cresci revoltado, e isso se calhar foi muito, foi muito por aí que eu me virei, essas, essas escolhas erradas todas que eu fiz, se calhar foi muito por revolta e e de não dar valor à vida, ver tudo à minha volta, nada vai me deter.

ANEXO F: dados do contacto exploratório:

Sujeito 1: Caracterização sociodemográfica:

- Mulher;
- 36 anos;
- Natural do Porto;
- Pena de 4 anos por tráfico de droga, cumprida no EP Santa Cruz do Bispo;
- À data dos contactos, estava em liberdade há cerca de um ano, vivendo com o seu filho de 19 anos em casa da sua mãe.

Dados recolhidos:

- Reconhece diferença entre o mundo prisional e o mundo exterior. No meio prisional, a realidade é definida pela violência e falsidade;
- Ocupou o seu tempo prisional, recontando o sofrimento causado pelo tempo- trabalhou, tirou o 12º ano e um curso de costura;
- Queixa-se da atuação do sistema prisional- despersonalização e discriminação – era tratada pelo número e não pelo nome;
- Pela pena alterou a perceção que tinha de si própria, tornando-se revoltada com a justiça, porém diz ter crescido com a pena, assumindo que esta foi uma provação de Deus;
- Saiu em abril de 2020- arranjou trabalho em Julho, mas sem contrato, tendo sido despedida em Novembro;
- À data do contacto estava desempregada, tendo já pedido o rendimento mínimo de reinserção, que na altura do contacto, ainda não tinha sido tramitado;
- Anda à procura de trabalho, mas tem muitas dificuldades, porque lhe pedem com bastante frequência o RC, sendo que uma vez partilhado o cadastro é excluída- denuncia discriminação laboral
- Está, à data do contacto, numa situação pior do que quando foi presa, assumindo estar numa posição de grande vulnerabilidade emocional e social;
- A sua reclusão é um facto conhecido no seu bairro, tendo sido bem aceite, não tendo problemas em partilhar o seu passado, não sentido vergonha. Porém reconhece que algumas pessoas comentam e ficam admiradas pelo seu passado criminal;
- Destaca a importância da família para a transição, sendo a sua mãe o seu grande apoio, provendo-lhe casa, comida e dinheiro;
- Assume o crime como um deslize e não como parte da sua identidade- define-se pela identidade social de mãe;

- Apesar de assumir não ter sido, nem ser, discriminada assume que existe preconceito face a pessoas previamente reclusas: “porque nós, ex-reclusas, perante a sociedade, somos vistas com outros olhos, e todas nós erramos e devemos ter uma oportunidade”

Sujeito 2- Caracterização sociodemográfica

- Homem
- 32 anos
- Natural do Porto
- Condenado a uma pena de 5 anos e 4 meses, cumprida no EP Paços de Ferreira
- À data do contacto, estava em liberdade há 10 meses

Dados recolhidos:

- Queixa-se do sistema prisional, contando ter sido violentado pelo staff, não vendo o seu bom comportamento recompensado. Relembra a violência do meio prisional, da qual se tentou afastar. Conta que teve de ser forte para “aguentar muita coisa lá dentro”;
- Diferencia a vida prisional da vida exterior;
- Não tinha expectativas para a saída, sendo que o seu único desejo era sair;
- A saída prisional não foi muito complicada, voltando para a sua casa com a sua mulher. Sentiu apenas algumas dificuldades iniciais, destacando dificuldades de se habituar à vida urbana, nomeadamente sentindo dificuldade em lidar com carros e trânsito, tendo dificuldades em andar na rua;
- Confessa que a saída foi facilitada por ter tido acesso a medidas de flexibilização da pena, nomeadamente por ter beneficiado de várias licenças de saída que o ajudaram a se ir “integrando aos poucos”;
- Expõe efeitos de institucionalização, destacando a dificuldade de se adaptar às mudanças e disrupção das rotinas, pois “uma pessoa estava habituada a ser fechada a certas horas, tinha limite, essas coisas todas”;
- À data do contacto estava empregado, assumindo não ter tido grandes dificuldades de reinserção laboral, trabalhando para um amigo;
- Destaca o trabalho como importante para a transição;

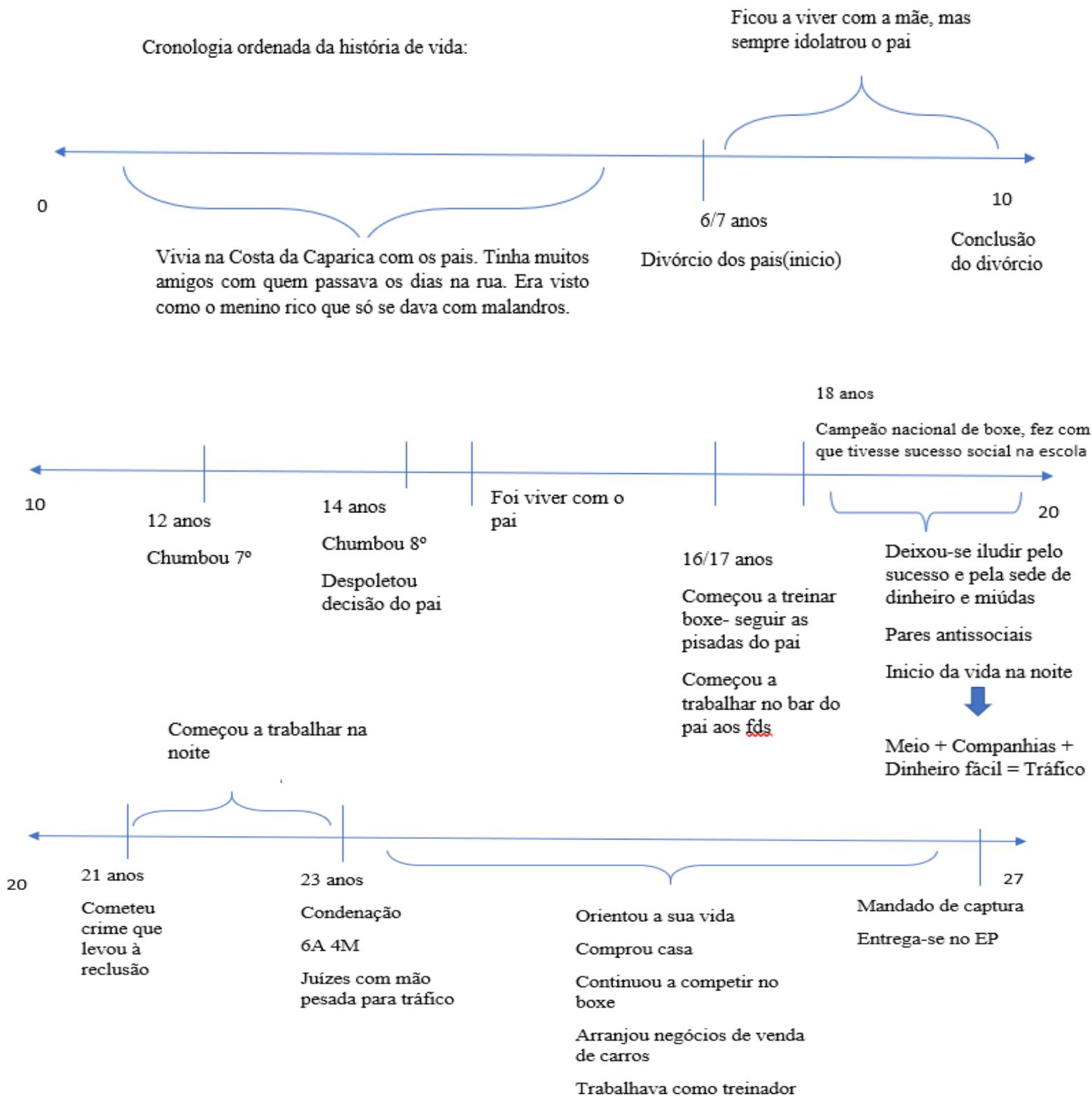
Conclusões dos dados primários:

- Reconhecimento da diferença entre o mundo prisional e o mundo exterior;
- Destaque das dificuldades da vida prisional- violência, injustiças e despersonalização;
- Queixa da atuação do sistema prisional e reinserção;
- As dificuldades de reinserção foram maiores nos primeiros meses;

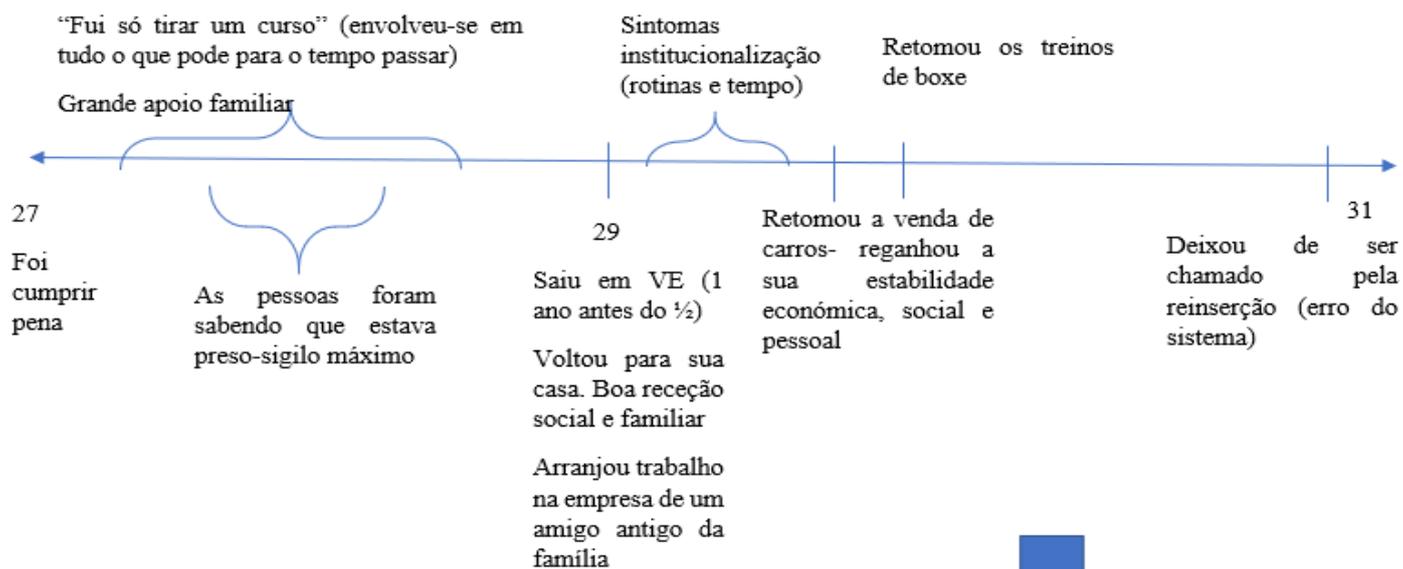
- Síndrome de institucionalização;
- Importância do trabalho e do refazer a vida antiga- maior destaque no sujeito do sexo masculino;
- Importância do apoio familiar, a nível emocional, financeiro e estrutural;
- O pedido do registo criminal limita as oportunidades laborais;
- Dependência dos apoios financeiros do estado;
- À saída o sujeito em transição sente-se vulnerável;
- Discriminação social- definição pela pena;
- Importância do filho- vista como má mãe e não tanto como má cidadã;

Anexo G: cronologia de vida de Artur

Cronologia ordenada da história de vida:



Não fala sobre a continuidade da atividade criminal, nem sobre a continuidade das relações que o conduziram ao tráfico



Destaca como mais importante:

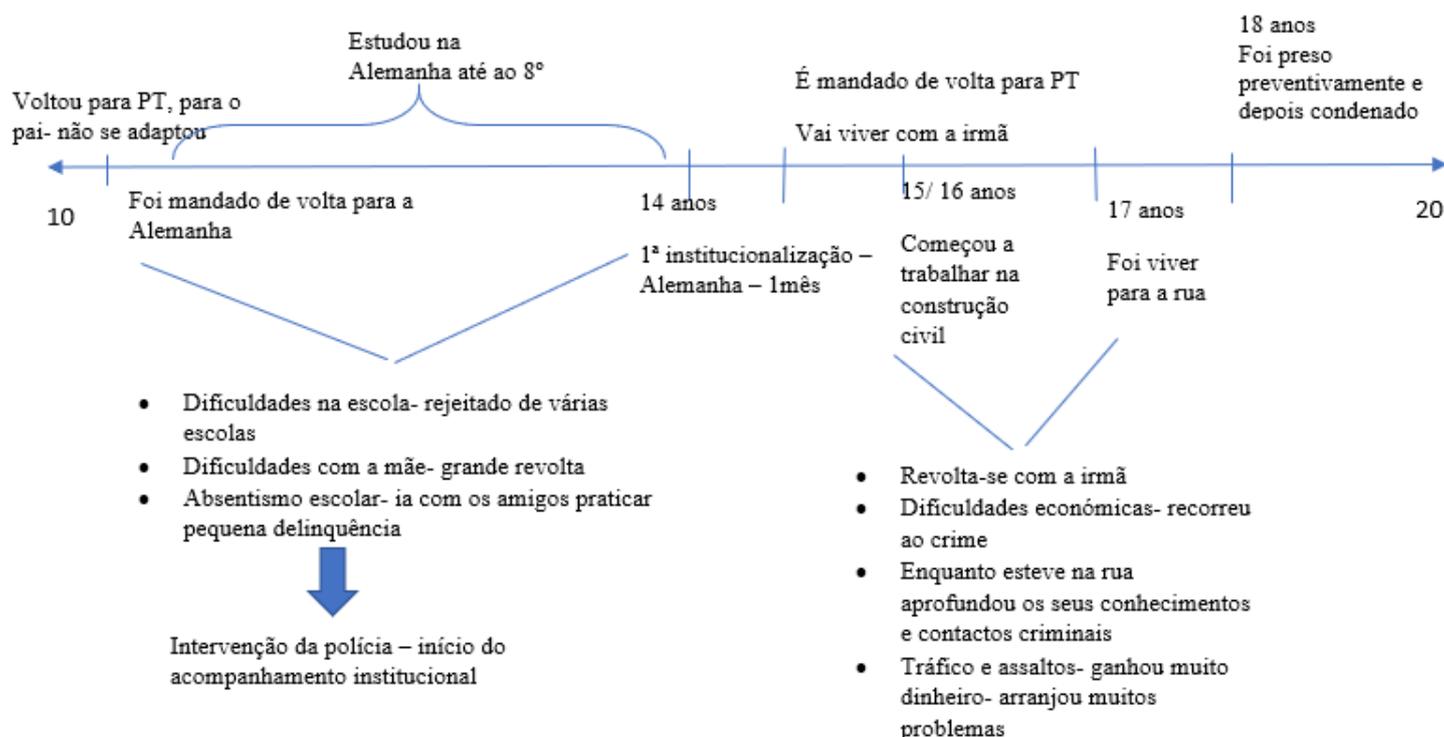
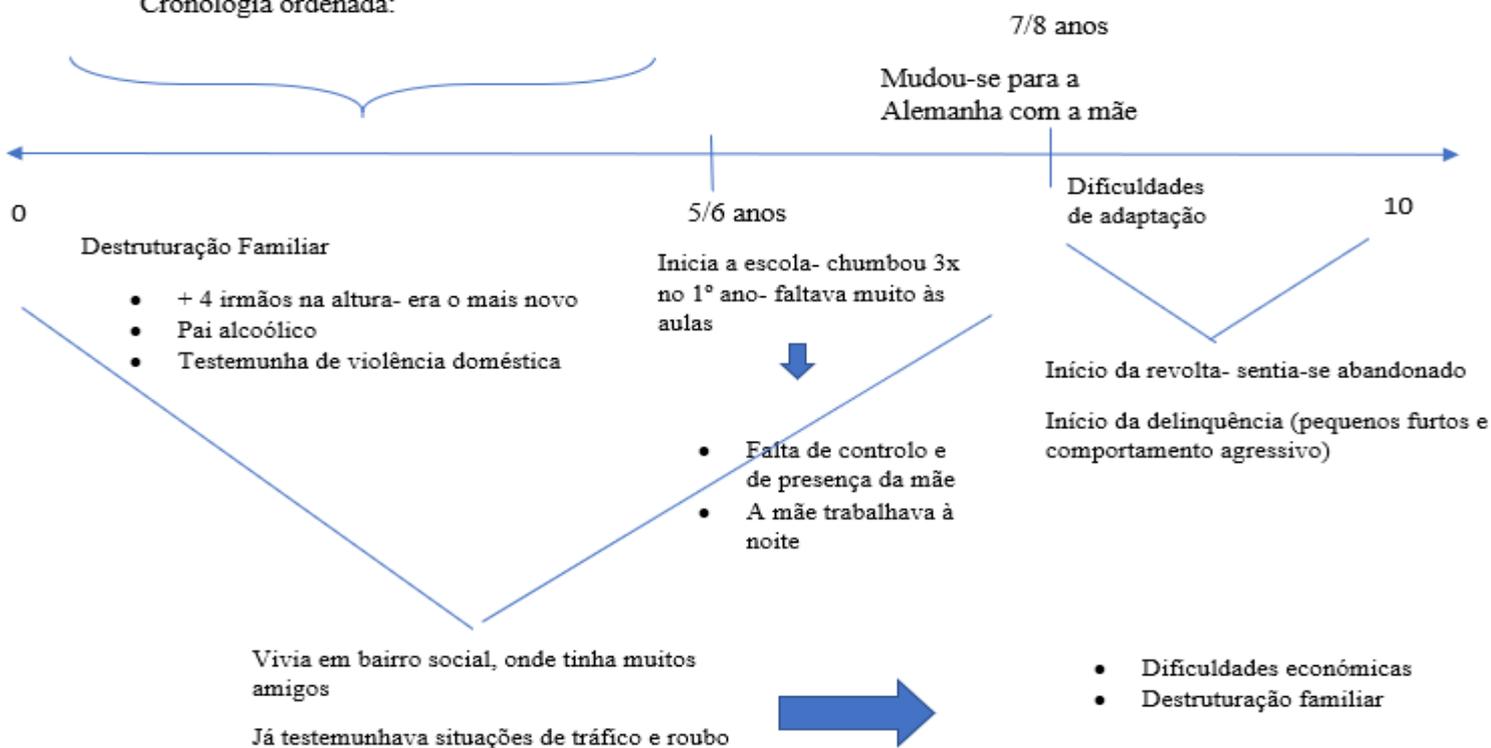
Trabalho

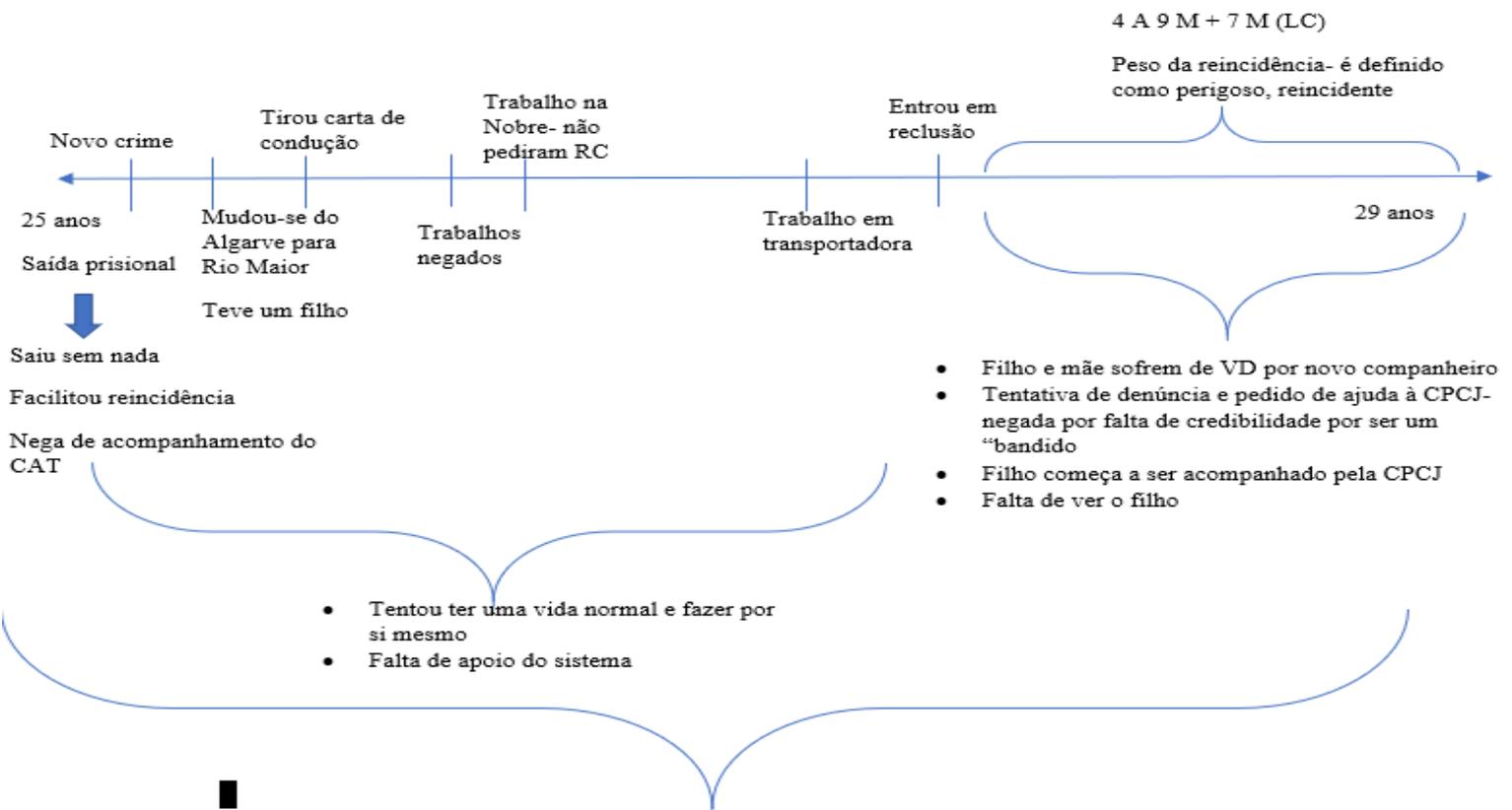
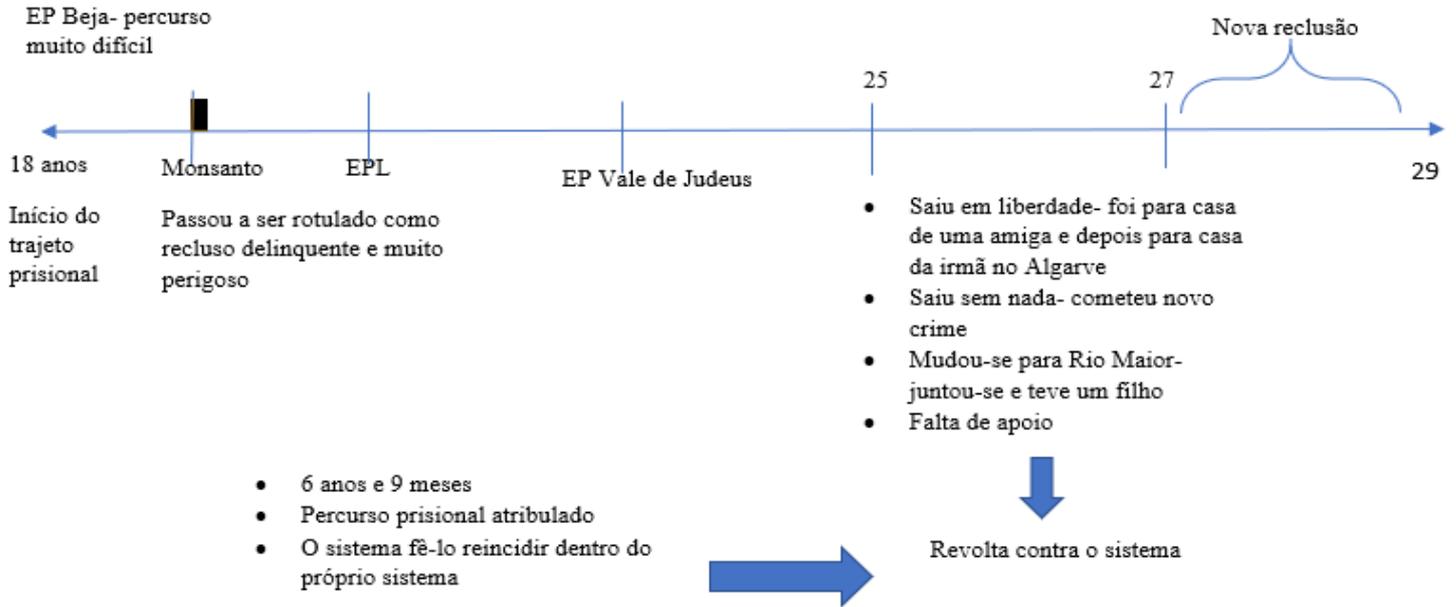
Apoio familiar

Reconstruir rotinas e novos horários

Anexo H: cronologia de vida de Bruno

Cronologia ordenada:





Impressão geral:

- "ou estou morto ou estou preso"
- Sofreu discriminação. Mantém o receio pelo filho

Anexo I: micro análise de Artur

Análise Palavra a Palavra:

Excerto 1: “não tinha uma ideia formada sobre o que era ser preso ou ser recluso”

- Não- negação, oposição, rejeição
- Tinha- posse, possessão, deter algo
- Ideia- pensamento, racionalidade, opinião, conhecimento
- Formada- educada, construída, assente
- Ser- natureza, vida, composição, realidade
- Preso- encurralado, sem saída, recluso, sem movimento, impotente
- Recluso- preso, castigado, condenado, número, falta de liberdade

Não sentia necessidade de pensar no que seria a realidade de alguém condenado.

Demonstra falta de interesse sobre a realidade prisional.

Excerto 2: “ eu hoje em dia não me sinto como um recluso por exemplo”

- Eu- o próprio, auto identificação e auto percepção
- Dia- luz, presente
- Não- oposição, rejeição, negação
- Me- sobre mim
- Sinto- sensação, emoção, pensar
- Ex- passado, antigo, ultrapassado
- Recluso- impotente, preso, encurralado, culpado, criminoso

No momento atual não se define pelo eu passado, não se vê como criminoso.

Distinção simbólica dos ex reclusos.

Excerto 3: “ eu não me sinto com o rótulo de ex recluso, não”

- Eu- o próprio, auto identidade, reconhecimento pessoal
- Não- negação, rejeição, oposição
- Me- eu, sobre mim
- Sinto- emoção, pensar, sensação
- Rótulo- etiqueta, , identificação, categorização/marca social
- Ex- passado, antigo, ultrapassado
- Recluso- culpado, criminoso, número, rejeitado, castigado, preso
- Não- rejeição, oposição, negação

Rejeita uma etiqueta externamente imposta de criminoso.

Não se define pela reclusão, não é definido socialmente por tal.

Apresenta uma categorização social de ex recluso, mostrando a não identificação.

Excerto 4: “eu cumpri uma pena de prisão por ter sido condenado a tal, não cumpri uma pena de prisão por ser um bandido”

- Eu- o próprio, autoidentidade, auto reconhecimento
- Cumpri- respeitei, fiz, assumi, preenchi
- Pena- prisão, castigo, culpa, condenação, crime
- Eu-autorreconhecimento
- Cumpri- levei, fiz, assumi
- Pena- penitencia, castigo, culpa
- Prisão- instituição, castigo, crime, culpa, falha pessoal
- Condenado- decisão, culpa, falta de poder, rejeição social
- Não- rejeição, negação, oposição
- Bandido- criminoso, rufia, mau, culpado

Evidencia claramente como é que se identifica, excluindo uma identificação com o mundo do crime.

Atribui um significado à prisão, esta serve para bandidos.

Mostra preconceito face à população que comete crimes.

Excerto 5: “ não tive muitas dificuldades em relação a isso [transição prisão liberdade], não saio perfeitamente normal, não saio não”

- Não- rejeição, oposição, negação
- Tive- possessão, passado
- Dificuldades- problemas, dúvidas, barreiras, complicações
- Não- negação, rejeição, oposição
- Saio- fim, termino, afastamento, abandono
- Perfeitamente- ótimo, espetacular
- Normal- regular, dentro do expectável, como antes, igual
- Não- negação
- Saio- afastamento, deixar para trás

Contradição- afinal teve dificuldades que não admitiu.

Negação do efeito prisional.

Sintomas de institucionalização.

Excerto 6: “ as pessoas assustam-se porque as pessoas não têm conhecimento, assustam, ia teve preso, uau”

- Pessoas- sociedade, população
- Assustam-se- medo, receio, hesitação, contra expectativa
- Pessoas- coletividade, sociedade, população
- Não- rejeição, oposição, negação
- Têm- possuir, deter, ser capaz de
- Conhecimento- saber, informação, educação, noção, interesse
- Assustam-se- medo, receio, hesitação, surpresa negativa
- Esteve- situação passada, realidade anterior
- Preso- sem liberdade, culpado, detido
- Uau- admiração, surpresa, espanto

De que pessoas fala?
Inclui-se nestas?

Pelo conhecimento
quebrar-se-á o medo
face a ex reclusos?

Relatórios de codificação

1- Microanálise de “eu cumpri uma pena de prisão por ter sido condenado a tal, não cumpri uma pena de prisão por ser um bandido”:

A utilização do termo pena de prisão parece ser usado pelo ator de forma algo dual, não estando esta apenas reservada para “bandidos”, mas sim também a pessoas condenadas a tal, não fazendo referência à ideia de crime. Parece que o autor se opõe, a nível da sua identidade pessoal e social, à categorização de bandido, não se reconhecendo como tal, não se assumindo como alguém criminoso ou desonesto, rejeitando auto definir-se assim. Reconhece ter cumprido pena de prisão por uma decisão externa, parecendo questionar essa decisão. A forma como coloca a pena de prisão parece evidenciar algum preconceito pessoal contra a população da mesma, pela criação da categoria “bandidos”.

2- Microanálise de “eu não me sinto com o rótulo de ex recluso”:

A utilização do termo rótulo parece simbolizar uma categorização social e não apenas uma identificação pessoal, assim ao não se sentir socialmente categorizado como alguém que cumpriu pena, não se vê como tal. Usa o termo ex recluso, mas nunca o termo criminoso, ou ex criminoso.

3- Microanálise de “as pessoas assustam-se porque as pessoas não têm conhecimento, as pessoas assustam-se, ia teve preso, uau”:

Destaca a ideia de que as pessoas têm receio de lidarem com alguém que esteja estado previamente recluso. Utiliza-se a justificação de falta de conhecimento, porém reconhece também que antes de ir preso não tinha particular interesse em ter conhecimento sobre a realidade prisional (remete ao excerto 1). Pode questionar-se que tipo de conhecimento poderia ser relevante, ou se tal será apenas

um reflexo da tendência do sistema prisional de funcionar numa lógica de pouca visibilidade, acabando por se impor como um tema taboo.

Propriedades a retirar dos excertos:

- Falta de identificação grupal com pessoas que tenham cumprido pena
- Preconceito social interiorizado face a prisão e seus residentes
- Existência de rotulo de ex recluso
- Atitude social face a ex reclusos

Questões a colocar para concluir a microanálise:

1- Quem é o ator que encontrei? Como é que se apresentou espontaneamente?

Foi encontrado por ter cumprido uma pena de prisão, mas raramente se apresenta como tal, apresentando-se sempre, eventualmente de forma inconsciente, como alguém superior, com estudos, conhecimentos, recursos e opiniões.

2- O que me disse o ator? Porquê que o disse?

Disse muita coisa, mas estive sempre mais interessado em dar a sua opinião do que em contar a sua história. Pelo comportamento não verbal esta atitude parece ter tido o intuito de impressionar.

3- De quem é que o ator se distingue?

Ligeiramente contraditório, mas evidenciou ter vontade de se distinguir de pessoas que cometem crimes (“esses bandidos”), da população pobre e desfavorecida. Parece muito arduamente querer dizer e mostrar que é superior e não é alguém de baixo estatuto e sem valor social.

Anexo J: micro análise de Bruno

Análise palavra a palavra

Excerto 1: “foi o sistema prisional, foi o que me estragou a vida toda”

- Foi- passado, finito, responsabilidade
- Sistema- ordem, poder, regras, conjunto ordenado, dominado e dominante
- Prisional- prisão, castigo, pena, crime, culpa
- Me- a mim, para mim
- Estragou- arruinou, destruiu, apodreceu, deu cabo, danificou
- Vida- existência, propósito, capacidade, possibilidade
- Toda- por completo, sem exceção

A experiência prisional danificou permanentemente a sua vida.

Excerto 2: “ eu cometi os crimes, paguei por isso”

- Eu- o próprio, autorreconhecimento
- Cometi- fiz, realizei, má ação, culpa, responsabilidade
- Crimes- ilegalidade, quebra da lei, condenação
- Paguei- troca comercial, dar o devido, soldar dívida, reconhecer dívida

O crime tem contrapartida, tem de ser soldado.

Reconhece a responsabilidade dos crimes e sua reparação.

Excerto 3: “(es) tava dado como um recluso delinquente e altamente perigoso, foi o meu rótulo”

- Estava- passado, situação passada, eu passado, definição passada
- Dado- jogo, definido
- Recluso- pessoa presa, impotente, criminoso, culpado
- Delinquente- antissocial, desviante, quebra da norma
- Altamente- muito, positivo, bastante
- Perigoso- medo, receio, risco, arriscado
- Foi- passado, atribuição passada
- Rótulo- etiqueta, identificação, marca, caracterização externa imposta

Ficou definido pelo sistema e pelos outros como um criminoso antissocial e com um risco para a sociedade.

Teve uma etiqueta imposta.

Excerto 4: “para eles só interessa aquilo que cometi, os crimes que eu cometi e o que eu fiz, de resto mais nada”

- Eles- os outros, sem identificação grupal, coletividade
- Só- apenas, nada mais
- Interessa- releva, conta, querer saber
- Aquilo- ideia de distancia temporal
- Cometi- fiz, realizei, ideia de má ação, culpa, responsabilidade
- Crimes- ilegalidade, quebra da lei, condenação
- Fiz- cometi, realizei
- Resto- o que fica, sobre, o restante

O sistema e a sociedade caracterizam-no pelos seus crimes.

As suas tentativas de se endireitar não tiveram o valor reconhecido.

Excerto 5: “essas pessoas estão inseridas na sociedade e são pessoas normais, eu não, eu tenho um RC grande”

- Essas- outras, ideia de distanciamento
- Pessoas- sociedades, outras, coletivo, população
- Inseridas- parte de, pertença
- Normais- dentro da norma, expectável, ordinário, aceites
- Eu- o próprio, reconhecimento pessoal
- Tenho- posse, detentor, assumir
- Registo- memória, lista, índice, definição, durável
- Criminal- quebra da lei, delinquente, perigoso
- Grande- maior, vasto

Aceita distinção das pessoas normais. Coloca-se à parte da sociedade devido ao seu RC. Aceita a exclusão social.

Excerto 6: “não quero que siga as minhas pisadas, cadeia, cadeia e mais cadeia e crime”

- Não- negação, oposição, rejeição
- Quero- vontade, desejo, ambição
- Siga- cumprir, repetir, seguinte
- Minhas- de mim, feito por mim
- Pisadas- rasto, caminho, registo do passado
- Cadeia- sistema, prisão, crime, castigo, pena
- Crime- ilegalidade, desvio, contra a norma, culpa

Reconhece a sua responsabilidade pelo seu trajeto.

Não vê no seu trajeto um caminho a seguir.

Não recomenda a vida do crime.

Excerto 7: “tristeza, é o significado que tenho para a prisão”

- Tristeza- reação emocional, sentimento, negatividade
- Significado- sinónimo, definição, sentido, atribuição
- Tenho- posse, detentor,
- Prisão- castigo, instituição, sistema, pena, condenação

Racionaliza o impacto da prisão na sua vida de forma emocional.

Associa a prisão a sentimentos negativos.

Relatórios de Codificação

1- Microanálise de “o sistema prisional, foi o que me estragou a vida toda”

A utilização da expressão a vida toda parece simbolizar que a prisão tem um efeito corpóreo para lá dos anos passados em reclusão. Não coloca um fim temporal no sistema prisional e sua punição, assumindo ser algo que vai afetar as suas possibilidades de existência.

2- Microanálise de “eu cometi os crimes, eu paguei por isso”

A utilização dos termo “eu cometi” evidencia um assumir da responsabilidade criminal, demonstrando a consciência da ilegalidade dos seus atos, assumindo a sua culpa. O uso do termo “paguei” é sintomático da crença de que o crime cria um dívida que cabe ao sujeito infrator soldar. Desta forma, evidenciou-se que o crime tem necessariamente dois atores principais: “o criminoso” e a sociedade/vítima afetada que deve ser reparada e compensada.

3-Microanálise de “ (es) tava dado como um recluso delinquente e altamente perigoso, foi o meu rótulo”

A utilização do termo “rótulo” evidencia consciência da existência de uma reação social ao seu comportamento, que molda a sua identidade social. A descrição feita do rótulo que lhe foi atribuído demonstra a compreensão da etiquetagem que sofreu, apresentando os reclusos como sujeitos delinquente e não dignos de confiança social.

4-Microanálise de “para eles só interessa aquilo que eu cometi, os crimes que eu cometi e o que eu fiz, de resto mais nada”

A utilização do “só” é sintomático da estigmatização face a alguém que cometeu crimes e que é definido por tal, revelando que a condenação criminal se sobrepõe a outros eventos de vida, e acima de tudo, às tentativas de melhorar e de abandonar a vida do crime. O sujeito vê a sua identidade crimina definida pelo crime, não tendo a oportunidade de ter outras formas de ser socialmente considerado. Evidencia-se que a condenação é sempre relevante a nível social.

5-Microanálise de “essas pessoas estão inseridas na sociedade e são pessoas normais, eu não, eu tenho um RC grande”

A utilização do termo “essas” demonstra que o sujeito se distancia, ou reconhece distanciamento das pessoas que chama de normais. O facto de referir “pessoas normais” evidencia que foi socializado para reconhecer como ordinário e desejável pertencer e ser membro reconhecido da sociedade, tal como que pessoas com registos de crime não são desejáveis e que não pertencem à sociedade. Reconhece que o seu cadastro o diferencia, revelando também que não se sente inserido socialmente ou reconhecido como parte integrante da sociedade “normal”.

Anexo L: tabela síntese dos dados das entrevistas narrativas

Categoria:	Artur	Bruno
Inserção prévia:	Positiva Conforto financeiro	Fraca Padrão transgeracional de desvantagens Institucionalização Rejeição escolar
Pena:	Ocupação do tempo Apoio familiar e jurídico Desvalorização da pena	Recluso Delinquente Extremamente Perigoso e Recluso Reincidente Economia Informal como sobrevivência Violência Crime como ofício
Transição:	Dificuldades iniciais Processo de adaptação	Falta de recursos monetários e apoio familiar Desorientação – reincidência (solução)
Estigma:	Reconhece e aceita Não internaliza- ambivalência Segredo e Partilha seletiva Protegido pelo seu estatuto socio económico e papéis convencionais Agrupamento com grupo de direitos dos reclusos	Reconhece, aceita e normaliza Internaliza- ambivalência emocional Segredo e Partilha seletiva- Impacto diferencial Reconhece a duração do estigma e a sua função de bode expiatório Marcas físicas
Reação social:	Boa receção familiar Extensa rede de contactos sociais normativos	Fraca rede e apoio familiar Extensa rede de contactos antissociais
Dificuldades:	Horários Perder algumas amigas Criar habituação à ideia da reclusão	Trabalho Habitação Problemas familiares Falta de recursos monetários Dificuldades de manter uma relação estável com o filho
Ferramentas para ultrapassar:	Apoio Redes sociais	Filho Trabalho Começar de novo e deixar Portugal

